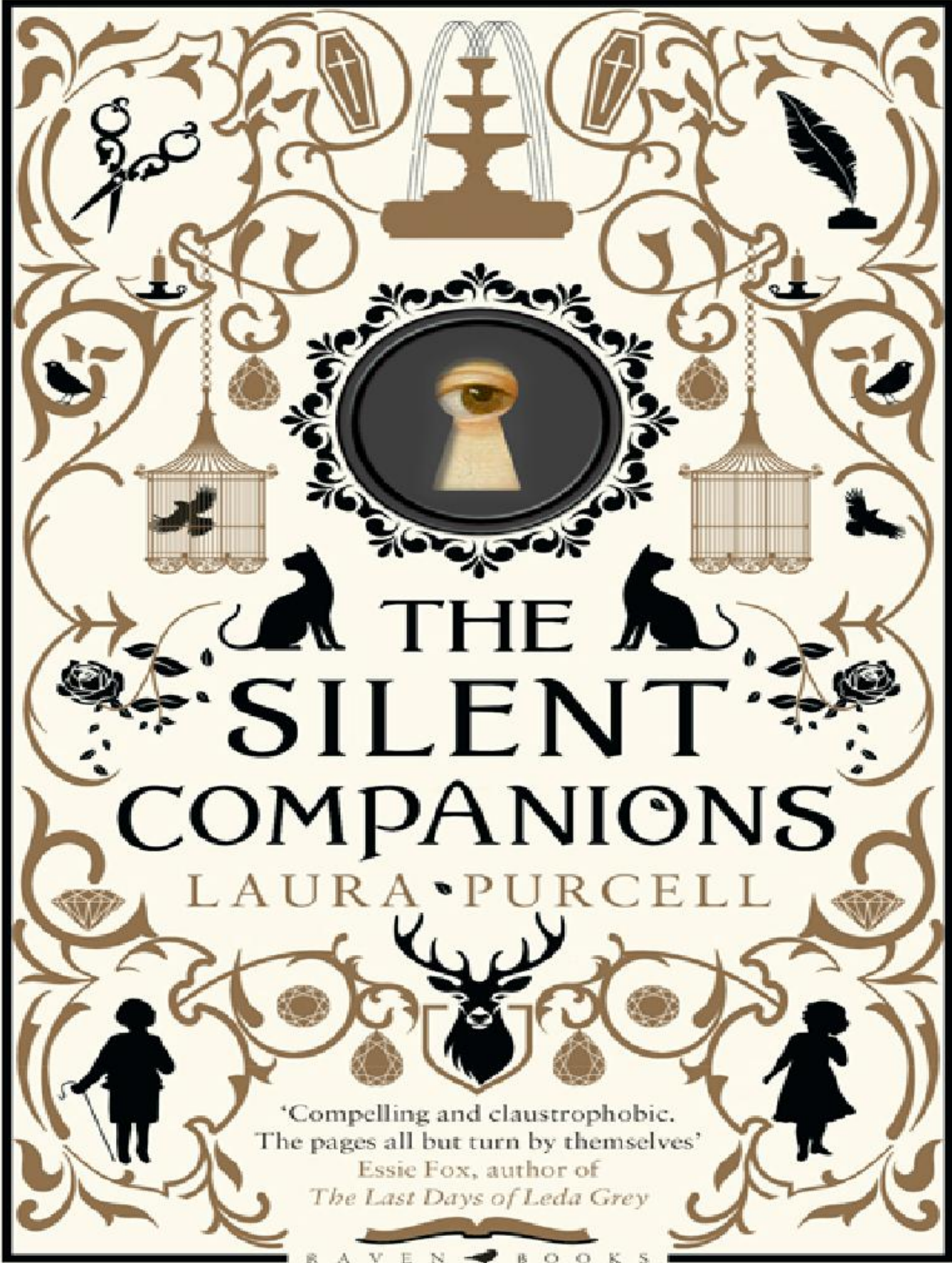




THE SILENT COMPANIONS

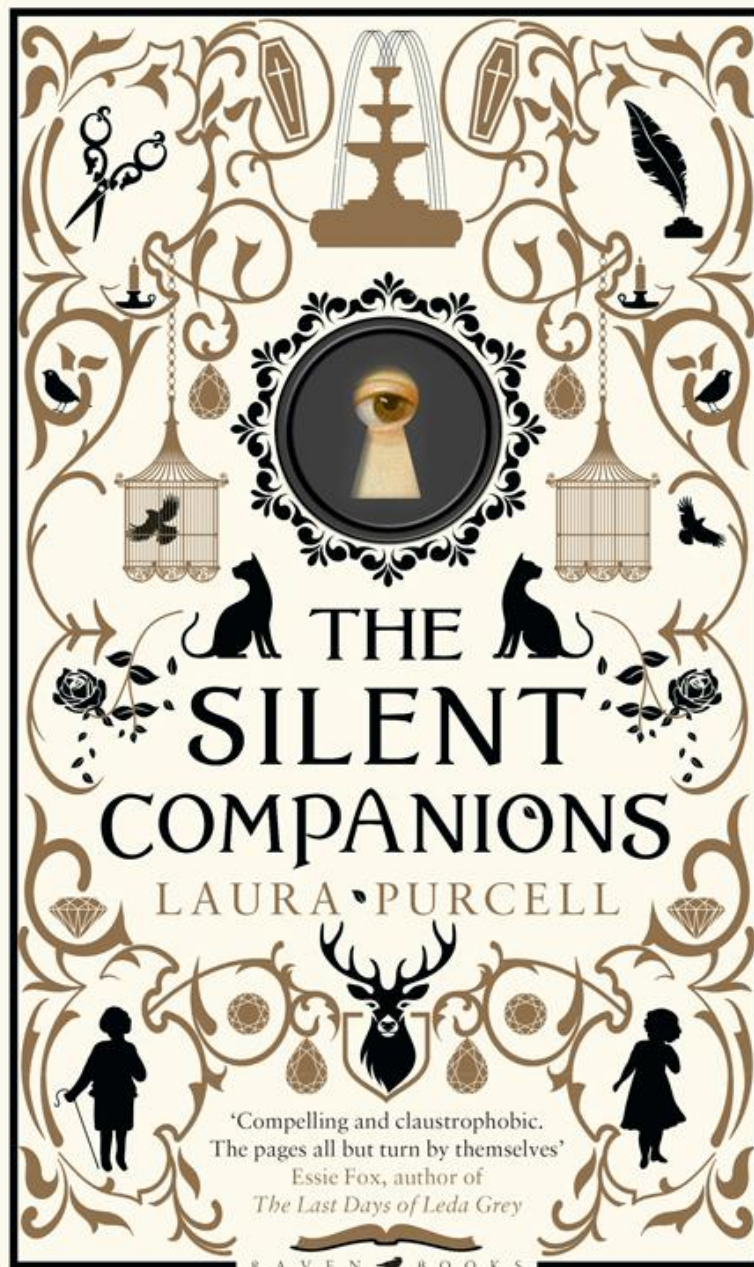
LAURA PURCELL

'Compelling and claustrophobic.
The pages all but turn by themselves'

Essie Fox, author of
The Last Days of Leda Grey

RAVEN BOOKS





THE
SILENT
COMPANIONS
LAURA PURCELL

'Compelling and claustrophobic.
The pages all but turn by themselves'
Essie Fox, author of
The Last Days of Leda Grey

RAVEN BOOKS

THE SILENT COMPANIONS

Para Julieta

THE SILENT COMPANIONS

LAURA PURCELL

R A V E N  B O O K S
LONDON • OXFORD • NEW YORK • NEW DELHI • SYDNEY

Conteúdo

Hospital São José

The Bridge, 1865

Hospital São José

The Bridge, 1865

A Ponte, 1635

The Bridge, 1865

A Ponte, 1635

The Bridge, 1865

A Ponte, 1635

The Bridge, 1865

A Ponte, 1635

The Bridge, 1865

Hospital São José

The Bridge, 1865

A Ponte, 1635

The Bridge, 1865

A Ponte, 1635

The Bridge, 1866

A Ponte, 1635

The Bridge, 1866

A Ponte, 1635

Londres, 1866

A Ponte, 1635

The Bridge, 1866

Hospital São José

The Bridge, 1866

Hospital São José

The Bridge, 1866

A Ponte, 1635

The Bridge, 1866

Hospital São José

Agradecimentos Uma

Nota sobre o Autor

HOSPITAL DE SÃO JOSEPH

O novo médico a pegou de surpresa. Não que houvesse algo incomum em sua chegada - os médicos iam e vinham com frequência. Mas este era jovem. Novo na profissão, assim como no lugar. Havia um brilho nele que fez seus olhos doerem.

'Essa é ela? Sra. Bainbridge? A **senhora** foi um belo toque. Ela não conseguia se lembrar da última vez que recebera um título. Tocou como uma melodia que ela só conseguia lembrar. Ele ergueu os olhos de suas anotações, concentrado nela. - Sra. Bainbridge, meu nome é Dr. Shepherd. Estou aqui para te ajudar. Para ter certeza de que estamos prestando a você o nível de atendimento su fi ciente. '

Cuidado . Ela queria se levantar de onde estava sentada na beira da cama, pegar o braço dele e guiá-lo gentilmente até a porta. Este lugar não era para inocentes. Ao lado da bruxa atarracada de meia-idade de um atendente, ele parecia tão vibrante, tão vivo. As paredes caiadas ainda não haviam sugado a cor de seu rosto ou embotado o tom de sua voz. Em seus olhos, ela viu o brilho de interesse. Isso a perturbou mais do que a carranca do atendente.

- Sra. Bainbridge? Voce entende?'

'Te disse.' O atendente fungou. - Você não receberá nada dela.

O médico suspirou. Colocando os papéis debaixo do braço, ele entrou na cela dela. 'Isso acontece. Frequentemente em casos de grande angústia. Às vezes, o choque é tão intenso que impossibilita o paciente de falar. Parece provável, não é?

Elas borbulharam, as palavras em seu peito. Suas costelas doeram e seus lábios formigaram com a força deles. Mas eles eram fantasmas, ecos de coisas que haviam sido. Ela nunca os experimentaria novamente.

Ele se inclinou para frente para que sua cabeça ficasse no nível dela. Ela estava perfeitamente ciente de seus olhos, grandes e sem piscar por trás dos óculos. Palestras em verde menta.

'Pode ser curado. Com tempo e paciência. Eu vi isso ser feito. '

O atendente respirou com desaprovação. - Não se aproxime, doutor. Ela é feroz, certo. Cuspiu na minha cara uma vez.

Com que firmeza ele a observou. Ele estava perto o suficiente para ela sentir o cheiro dele: sabonete carbólico, cravo. A memória tremeluziu como uma caixa de pólvora. Ela se recusou a deixar a faísca.

- Você não deseja se lembrar do que aconteceu com você. Mas você **pode** falar. A inalação de fumaça não foi ruim o suficiente para deixá-lo mudo.

- Ela não fala, doutor. Este não é um idiota. Sabe onde vão colocá-la se ela não estiver aqui.

- Mas ela sabe escrever? Ele olhou ao redor da sala. 'Por que não há nada aqui para ela escrever? Você não **tentou** se comunicar com ela? '

- Não confiaria nela com uma caneta.

- Então, uma lousa e giz. Você os encontrará em meu quarto. Ele enfiou a mão no bolso e entregou uma chave ao atendente. - Pegue-os. Agora, por favor.

Com o cenho franzido, o atendente pegou a chave e saiu pela porta. Eles estavam sozinhos. Ela sentiu seus olhos sobre ela - não duros, mas

desconfortável, como as cócegas de um inseto rastejando sobre sua perna. - A medicina está mudando, Sra. Bainbridge. Eu não sou um homem que vai dar

you receive electric shocks or immerse in cold baths. I want to help.' He inclined his head. - You must be sure of this. . . accusations were made against you. Some people suggest that you should be transferred to a safer place. Or that perhaps you don't belong in an asylum. **Accusations**. They never explained the basis of the accusation, just called you a murderer and, for a time, you lived in accordance with the reputation: playing cards; cooing to the nurses. But now she had her own private room and

medicação mais forte, era muito esforço fazer o papel. Ela prefere dormir. Esqueço.

- Estou aqui para decidir seu destino. Mas, para ajudá-lo, preciso que você **me** ajude . Eu preciso que você me diga o que aconteceu. '

Como se ele pudesse entender. Ela tinha visto coisas além da compreensão de seu cérebro pequeno e científico. Coisas que ele negaria eram possíveis até que eles se puseram ao lado dele e pressionaram suas mãos gastas e lascadas contra as dele.

Uma covinha apareceu em sua bochecha esquerda enquanto ele sorria. 'Eu vejo o que você está pensando. Todo paciente diz o mesmo, que não vou acreditar. Confesso que existem muitos delírios aqui, mas poucos são sem fundamento. Alguma experiência os formou. Mesmo que pareça extraordinário, gostaria de ouvir - o que você **acha que** aconteceu. Às vezes, o cérebro não consegue lidar com as informações que precisa processar. Isso dá sentido ao trauma de maneiras estranhas. Se eu conseguir ouvir o que sua mente diz, talvez consiga entender como funciona.

Ela sorriu de volta. Foi um sorriso desagradável; o que fez as enfermeiras se afastarem. Ele não vacilou.

- E talvez possamos usar sua situação em nosso favor. Quando ocorre um trauma, muitas vezes ajuda a vítima a anotá-lo. De uma forma desapegada. Como se tivesse acontecido com outra pessoa. ' A porta rangeu; o atendente voltou com o giz e a lousa nas mãos. O Dr. Shepherd os pegou e estendeu a mão para a cama, oferecendo os itens como um ramo de oliveira. - Então, Sra. Bainbridge. Você vai tentar por mim? Escreva algo.'

Hesitante, ela estendeu a mão e pegou o giz. Sentou-se estranhamente em sua mão. Depois de todo esse tempo, ela não conseguia se lembrar por como começar. Ela pressionou a ponta na lousa e desenhou uma linha vertical. Ele rangeu - um guincho terrível e agudo que fez seus dentes rangerem. Ela entrou em pânico, empurrou com muita força. O fim do giz quebrou.

'Eu realmente acho que um lápis seria mais fácil para ela. Olha, ela não é perigosa. Ela está simplesmente tentando fazer o que pedimos.

O atendente olhou furioso. - Por sua cabeça que seja, doutor. Vou trazer um mais tarde. '

Ela conseguiu raspar algumas cartas. Eles estavam fracos, mas ela estava com medo de usar a força novamente. Apenas visível na lousa estava um **Olá** trêmulo .

O Dr. Shepherd a recompensou com outro sorriso. 'É isso aí! Continue praticando. Você acha que poderia construir isso, Sra. Bainbridge, e fazer o que pedi? Escreva tudo que você lembra? '

Tão fácil quanto isso.

Ele era muito jovem. Muito fresco e cheio de esperança para perceber que haveria momentos em sua vida que ele gostaria de apagar - anos inteiros de momentos insuportáveis.

Ela os empurrou tão fundo que só conseguiu alcançar um ou dois. O suficiente para confirmar que ela não queria o resto. Sempre que ela tentou olhar para trás, viu **-los**. Seus rostos horríveis bloqueando o caminho para o passado.

Ela usou o punho da manga para limpar a lousa e escrever novamente.

Por quê?

Ele piscou por trás dos óculos. 'Bem . . . Por que você pensa?'

Cura.

'Está certo.' A covinha apareceu novamente. 'Imagine se pudéssemos curar você? Libertou você deste hospital?'

Deus o ame. **Não**.

'Não? Mas . . . Eu não entendi.'

- Já disse, doutor - disse a atendente com sua voz áspera e pegajosa. - Ela fez isso, tudo bem.

Ela dobrou as pernas para cima e deitou-se na cama. Sua cabeça latejava. Ela levou as mãos ao couro cabeludo e agarrou, tentando segurar as coisas no lugar. As cerdas formigaram em sua cabeça raspada. Cabelo crescendo, meses passando, preso.

Há quanto tempo? Um ano, ela supôs. Ela poderia fazer a eles, escrever a pergunta na lousa, mas temia aprender a verdade.

Certamente era hora de seu remédio, hora de amortecer o mundo? - Sra. Bainbridge? Sra. Bainbridge, você está bem?

Ela manteve os olhos fechados. Chega, chega. Quatro palavras e ela tinha escrito muito.

"Talvez eu a tenha pressionado demais por hoje", disse ele. Mas ele ainda pairava, uma presença inquietante ao lado de sua cama.

Isso tudo estava errado. Sua mente estava derretendo.

Finalmente, ela o ouviu se endireitar. Chaves tilintaram, uma porta se abriu com um rangido.

'Quem é o PROXIMO?'

A porta se fechou e abafou suas vozes. Suas palavras e passos diminuíram no corredor.

Ela estava sozinha, mas o isolamento não a confortava como antes. Ruídos que normalmente passavam despercebidos eram dolorosamente altos: o barulho de uma fechadura, risadas ao longe.

Frenética, ela enterrou o rosto sob o travesseiro e tentou esquecer.

A verdade. Ela não conseguia parar de pensar nisso durante as horas frias e cinzentas de silêncio.

Eles não recebiam jornais na enfermaria - pelo menos, não quando ela tinha permissão para entrar lá - mas os rumores

costumavam se infiltrar por baixo das portas e por rachaduras nas paredes. As mentiras dos jornalistas chegaram ao asilo muito antes dela. Desde que ela acordou neste lugar, ela recebeu um novo nome: **assassina** .

Outros pacientes, atendentes, até enfermeiras, quando pensavam que ninguém podia ouvir: torciam a boca e mostravam os dentes ao dizer isso, famintos. **Assassina** . Como se quisessem assustá-la. **Ela** .

Não era a injustiça que ela odiava, mas o barulho, as sílabas sibilando em seus ouvidos como ... **Não** .

Ela se mexeu na cama e abraçou os braços arrepiados com força, tentando se controlar. Até agora ela estava segura. Seguro atrás das paredes, seguro atrás de seu silêncio, seguro com as belas drogas que afogaram o passado. Mas o novo médico. . . Ele era o relógio sinalizando com um sinistro terrível que seu tempo havia acabado. **Talvez você não pertença a um asilo.**

O pânico subiu em espiral em seu peito.

De volta às mesmas três opções. Não diga nada e seja considerado culpado. Destino: a força. Não diga nada e, por algum milagre, seja absolvido. Destino: o mundo frio e cortante lá fora, nenhum remédio para ajudá-la a esquecer.

Restava apenas uma escolha - a verdade. Mas o que foi isso?

Olhando de volta para o passado, os únicos rostos que ela viu claramente foram os de seus pais. Ao redor deles, figuras sombrias se aglomeraram. Figuras cheias de ódio que a apavoraram e distorceram o curso de sua vida.

Mas ninguém acreditaria nisso.

A lua cheia brilhava em linhas prateadas através da janela no topo da parede, tocando sua cabeça. Ela ficou lá, assistindo, quando o pensamento veio a ela. Neste lugar de desgoverno, tudo estava de cabeça para baixo. A verdade era uma loucura, além do reino de qualquer imaginação saudável. E era por isso que a verdade era a única coisa garantida para mantê-la trancada a sete chaves.

Ela deslizou da cama para o chão. Estava frio e ligeiramente pegajoso. Não importa quantas vezes eles esfregassem, o cheiro de mijo pairava no ar. Ela se agachou ao lado da cama, finalmente de frente para a sombra volumosa do outro lado do quarto.

O Dr. Shepherd ordenou que fosse colocado ali: o primeiro item novo em uma paisagem imutável. Apenas uma mesa. Mas foi outro instrumento para abrir o cemitério e exumar tudo o que ela havia enterrado.

Com o pulso batendo forte no pescoço, ela rastejou pelo chão. De alguma forma, ela se sentiu mais segura, agachada embaixo dele, olhando para as pernas entalhadas. **Madeira** . Ela estremeceu.

Certamente não havia razão para ser cauteloso aqui. Certamente eles não poderiam pegar nenhum pedaço de madeira e. . . Não foi

possível. Mas então nada disso foi possível. Nada disso fazia o mínimo sentido. No entanto, **tinha** acontecido.

Lentamente, ela se levantou e examinou a superfície da mesa. O Dr. Shepherd deixou todos os implementos para ela: papel e um lápis grosso de ponta romba .

Ela puxou uma página em sua direção. Na escuridão, ela viu um vazio de branco, esperando por suas palavras. Ela engoliu a dor na garganta. Como ela poderia reviver isso? Como ela poderia fazer isso com eles, tudo de novo?

Ela olhou para a página em branco, tentando ver, em algum lugar em sua vasta extensão de nada, aquela outra mulher de muito tempo atrás.

A PONTE, 1865

Eu não estou morto

Elsie recitou as palavras enquanto sua carruagem deslizava por estradas rurais, levantando torrões de lama. As rodas fizeram um barulho úmido de sucção. ***Eu não estou morto*** Mas era difícil de acreditar, olhando pela janela salpicada de chuva para o fantasma de seu reflexo: pele pálida; bochechas cadavéricas; cachos eclipsados por gaze preta.

Lá fora, o céu era cinza-ferro, a monotonia quebrada apenas por corvos. Milha após milha e o cenário não mudou. Campos de restolho, árvores esqueléticas. ***Eles estão me enterrando*** , ela percebeu. ***Eles estão me enterrando junto com Rupert.***

Não era para ser assim. Eles deveriam estar de volta a Londres agora; a casa foi aberta, transbordando de vinho e velas. Nesta temporada, as tinturas vivas estavam na moda. Os salões estariam inundados de azulíneo, malva, magenta e verde parisiense. Ela deveria estar no centro de tudo: convidada para todas as festas enfeitadas com lantejoulas ; pendurado no braço do anfitrião em seu colete listrado; a primeira senhora acompanhada à sala de jantar. A nova noiva sempre ia primeiro.

Mas não uma viúva. Uma viúva fugiu da luz e se sepultou de tristeza. Ela se tornou uma sereia se afogando em crepe preto, como a Rainha. Elsie suspirou e olhou para o reflexo vazio de seus olhos. Ela deve ser uma esposa terrível, pois não ansiava por reclusão. Ficar em silêncio meditando sobre as virtudes de Rupert não ajudaria em sua dor.

Apenas distração poderia fazer isso. Ela queria ir ao teatro, subir e descer os ônibus barulhentos. Ela prefere estar em qualquer lugar do que sozinha nestes campos desolados.

Bem, não totalmente sozinho. Sarah estava sentada curvada nas almofadas em frente, examinando um volume de couro surrado. Sua boca larga se movia enquanto ela lia, sussurrando as palavras. Elsie já a desprezava. Aqueles olhos castanhos e bovinos que não continham nenhuma centelha de inteligência, as maçãs do rosto contraídas e o cabelo esguio que sempre escorria de seu chapéu. Ela tinha visto garotas de loja com mais requinte.

'Ela será sua companhia,' Rupert prometeu. - Apenas observe-a enquanto estou na ponte. Mostre a ela alguns pontos turísticos. A pobre menina não sai muito.

Ele não estava exagerando. Sua prima Sarah comia, respirava e piscava - ocasionalmente lia. Foi isso. Não houve iniciativa, nenhum desejo de melhorar sua posição. Ela havia se contentado em sua pequena rotina como companheira de uma velha aleijada até a morte da velha.

Como um bom primo, Rupert a acolheu. Mas era Elsie quem estava com ela agora.

Folhas amarelas em forma de leque descenderam dos castanheiros e pousaram no teto da carruagem. **Pat, pat**. Terra no caixão.

Só mais uma ou duas horas e o sol começaria a se pôr.

'Quanto tempo mais?'

Sarah ergueu os olhos da página com os olhos vidrados. 'Hmm?' 'Quão mais?'

'Até . . . ?'

Meu Deus. "Até chegarmos."

'Eu não sei. Nunca estive na Ponte. '

'O que? Você também não viu? Foi incompreensível. Para uma família antiga, os Bainbridges não se orgulhavam muito de sua origem ancestral. Mesmo Rupert, com a idade de 45 anos, não possuía nenhuma lembrança do lugar. Ele só parecia se lembrar de que possuía uma propriedade quando os advogados estavam ratificando seu contrato de casamento. 'Eu não posso acreditar nisso. Você não visitava mesmo quando era pequeno? '

'Não. Meus pais sempre falavam dos jardins, mas eu nunca os vi. Rupert não se interessou pelo lugar até. . . '

- Até que ele me conheceu - Elsie concluiu.

Ela engoliu as lágrimas. Eles estiveram tão perto, não estiveram, de criar uma vida perfeita juntos? Rupert subiu para deixar a propriedade pronta para a primavera e o herdeiro que chegaria para herdá-la. Mas agora ele a deixou, sem nenhuma experiência em administrar uma casa de campo, para lidar com o legado da família e uma criança iminente, sozinha. Ela se imaginou amamentando um bebê em uma sala de estar em decomposição com estofamento esfarrapado verde ervilha e um relógio na lareira envolto em teias de aranha.

Os cascos dos cavalos rangeram do lado de fora. As janelas começaram a embaçar. Elsie puxou a manga para baixo e esfregou-a no vidro. Imagens sombrias passaram pesadamente. Tudo estava coberto de vegetação e gasto. Restos de uma parede de tijolos cinzentos se projetavam da grama como lápides, enquanto trevos e samambaias enxameavam ao redor. A natureza estava ganhando espaço, reivindicando o espaço com amoreiras e musgo.

Como a estrada para a casa de Rupert poderia **estar** em tal estado? Ele era um empresário meticuloso, bom com números, equilibrado em seus livros. Então, por que ele deixaria uma de suas posses degenerar nessa bagunça?

A carruagem sacudiu e parou abruptamente. Peters praguejou de cima da caixa.

Sarah fechou o livro e o colocou de lado. 'O que está acontecendo?'

- Acho que estamos chegando perto. Inclinando-se para frente, ela olhou o mais longe que pôde. Uma leve névoa serpenteava do rio que corria ao longo da trilha e cobriu o horizonte.

Certamente eles estavam em Fayford agora? Parecia que eles estavam sacudindo por horas. Embarcar no trem em Londres no amanhecer borrado e cor de uísque parecia uma ocorrência da semana passada, não desta manhã.

Peters estalou o chicote. Os cavalos bufaram e se esforçaram em seus arreios, mas a carruagem apenas balançou.

'E agora?'

O chicote estalou novamente. Cascos espirraram na lama.

Knuckles bateu no telhado. 'Olá aí? Você vai ter que sair, senhora.

'Fora?' ela repetiu. 'Não podemos sair nesta sujeira!'

Peters saltou da caixa, aterrissando com um splat. Em alguns passos molhados ele estava na porta, abrindo-a. A névoa entrou e brincou ao redor do

limite. - Não tenho escolha, infelizmente, senhora. A roda está presa rapidamente. Tudo o que podemos fazer é puxá-lo e esperar que os cavalos façam o resto. Quanto menos peso na carruagem, melhor. '

- Certamente duas senhoras não pesam tanto?

"O suficiente para fazer a diferença", disse ele sem rodeios.

Elsie gemeu. A névoa pressionou contra sua bochecha, úmida como o hálito de um cachorro, carregando o cheiro de água e um cheiro forte de terra.

Sarah enfiou o livro e pegou as saias. Ela fez uma pausa, as anáguas levantadas acima dos tornozelos. - Depois de você, Sra. Bainbridge.

Em outras circunstâncias, Elsie ficaria satisfeita se Sarah concordasse com ela. Mas desta vez, ela preferia não ir primeiro. A névoa já havia se formado com uma velocidade surpreendente. Ela podia apenas ver a forma de Peters e sua mão, estendendo-se em sua direção. 'Os passos?' ela perguntou, sem muita esperança.

- Não consigo descer desse ângulo, senhora. Você terá que pular. É só um pouquinho. Eu vou pegar você.'

Toda a sua dignidade chegara a isso. Suspirando, ela fechou os olhos e saltou. A mão de Peters tocou sua cintura por um instante antes de colocá-la na lama.

- Agora você, senhorita.

Elsie cambaleou para longe da carruagem, não querendo que os pés grandes de Sarah pousassem em seu trem. Era como andar sobre pudim de arroz. Suas botas escorregaram e ficaram presas em ângulos estranhos. Ela não conseguia ver onde os colocava; a névoa flutuou até os joelhos, obscurecendo tudo abaixo. Talvez fosse melhor assim - ela não queria ver a bainha de seu novo vestido de bombazina cheia de sujeira.

Mais castanheiros apareceram em manchas através da névoa. Ela nunca tinha encontrado nada assim; não era amarelo e sulfuroso como um London Particular, não pendia, mas **se movia**. Conforme as nuvens prateadas e cinzas deslizaram para o lado, elas revelaram uma parede rachada pela linha de árvores. Tijolos haviam caído, deixando buracos como dentes faltando. No meio do caminho havia uma moldura de janela vazia e apodrecida. Ela tentou ver com clareza, mas as imagens se dissolveram enquanto a névoa deslizava de volta.

'Peters? O que é este edifício horrível? '

Um grito rasgou o ar úmido. Elsie girou, o coração batendo forte, mas apenas uma névoa branca encontrou seus olhos.

- Calma agora, senhorita. A voz de Peters. 'Você esta bem.'

Ela soltou a respiração e a observou se infiltrar na névoa. 'O que está acontecendo? Eu não posso te ver. Sarah caiu?'

'Não não. Eu a peguei a tempo. '

Provavelmente a maior emoção que a garota experimentou durante todo o ano. Uma brincadeira estava na ponta da língua, mas então ela ouviu outro som: mais baixo, mais insistente. Um gemido profundo e prolongado. Os cavalos também devem ter ouvido, pois puxaram os arreios.

'Peters? O que é que foi isso?'

O barulho veio novamente: baixo e triste. Ela não gostou. Ela não estava acostumada com esses sons country e névoas - nem queria estar. Levantando seu trem, ela cambaleou de volta para a carruagem. Ela se moveu muito rápido. Seu pé escorregou, o chão escorregou por baixo dela e as omoplatas bateram na lama.

Elsie deitou-se de costas, atordoada. O limo frio escorria pelo espaço entre a gola e o chapéu.

- Sra. Bainbridge? Onde você está?'

O golpe tirou o fôlego dela. Ela não se machucou - não se preocupava com o bebê, mas não conseguia encontrar sua voz. Ela olhou para o branco ondulante. A umidade encharcou seu vestido. Em algum lugar, em uma parte distante de seu cérebro, ela chorou sobre os danos em sua bombazina preta.

- Sra. Bainbridge?

Esse gemido veio mais uma vez, mais perto agora. A névoa se movia como um espírito inquieto acima dela. Ela sentiu uma forma sobre sua cabeça, uma presença. Ela resmungou debilmente.

- Sra. Bainbridge!

Elsie se encolheu ao vê-los, a centímetros de seu rosto: dois olhos sem alma. Um nariz molhado. Asas negras como um morcego. Ele a cheirou, então baixou. **Lowed**.

Uma vaca. Era apenas uma vaca, amarrada por uma corda puída. Sua voz voltou fluindo em uma maré de constrangimento. 'Xô! Vá embora, não tenho comida para você.'

Não se moveu. Ela se perguntou se poderia - não era uma criatura saudável. Um pescoço fibroso sustentava sua cabeça e moscas pairavam sobre suas costelas salientes. Pobre bruto.

'Aí está você!' Peters tirou a vaca do caminho com alguns chutes. 'O que aconteceu, senhora? Você está bem? Deixe-me ajudá-lo.'

Levou quatro tentativas antes que ele conseguisse levantá-la. O vestido dela saiu do pântano com um rasgo pegajoso. Arruinado.

Peters deu um sorriso torto. - Não se preocupe, senhora. Não parece um lugar onde você precisa se vestir bem, não é?

Ela olhou por cima do ombro dele, onde os últimos tentáculos de névoa se desviavam. Certamente não. Certamente a vila flutuando à vista não poderia ser Fayford?

Uma fileira de chalés em ruínas agachados sob as árvores, cada um com uma janela ou porta quebrada. Buracos nas paredes foram remendados às pressas com lama e esterco. O colmo quebrado fez uma tentativa patética de se estender sobre os telhados, mas estava salpicado de mofo.

- Não admira que tenhamos ficado presos. Peters apontou para a estrada que fluía antes dos chalés. Era pouco mais que um rio marrom. - Bem-vinda a Fayford, senhora.

- Não pode ser Fayford - disse ela.

O rosto pálido de Sarah apareceu ao lado deles. 'Eu acho que é!' ela respirou. "Oh, céus."

Elsie só conseguiu ficar boquiaberta. Já era ruim o suficiente ficar preso no campo, mas **aqui** ? Casar-se com Rupert pretendia elevá-la acima de sua posição, proporcionar-lhe aldeões bem alimentados e inquilinos humildes.

- Fiquem aí, senhoras - disse Peters. - Vou retirar esta roda enquanto a névoa está limpa. Ele caminhou de volta com cuidado sobre a lama.

Sarah se aproximou de Elsie. Pela primeira vez, Elsie estava feliz com sua presença. - Eu esperava passeios agradáveis pelo campo, Sra. Bainbridge, mas temo que teremos que ficar em casa neste inverno.

Dentro de casa . A palavra foi como uma chave girando em uma fechadura. Aquele sentimento antigo e preso desde a infância. Como ela poderia tirar Rupert da cabeça se ela tivesse que ficar dentro de casa?

Havia livros, ela supôs. Jogos de cartas. Não demoraria muito para que se tornassem tediosos.

- A Sra. Crabbly ensinou você a jogar gamão, Sarah? 'Ai sim. E então é claro. . . ' Ela congelou, olhos arregalados.

'Sarah? O que é isso?'

Ela balançou a cabeça para os chalés. Elsie se virou. Rostos sujos pairavam perto das janelas. Gente miserável, pior que a vaca.

- Eles devem ser meus inquilinos. Ela ergueu a mão, sentindo que deveria sinalizar para eles, mas sua coragem vacilou.

- Devíamos ... Sarah se contorceu. - Devemos tentar falar com eles? 'Não. Ficar longe.'

'Mas eles parecem tão miseráveis!'

Eles fizeram. Elsie pressionou seu cérebro em busca de maneiras de ajudar. Visitá-los com uma cesta e ler uma passagem da Bíblia? Isso era o que as mulheres ricas faziam, não era? De alguma forma, ela não achou que eles apreciariam o esforço.

Um cavalo relinchou. Ela ouviu uma maldição e se virou para ver a roda da carruagem explodir do pântano com um gorgolejo poderoso, espalhando lama sobre Peters.

- Bem - disse ele, lançando um olhar irônico para o vestido de Elsie. 'Que faz de nós dois.'

A carruagem avançou alguns passos. Atrás dele, Elsie viu as ruínas destruídas de uma igreja. Seu pináculo havia desaparecido, deixando apenas uma ponta de madeira irregular. A grama esparsa e amarela o cercava, repleta de lápides. Alguém os observou do portal lychgate.

Bolhas se formaram no estômago de Elsie. O bebê. Ela colocou uma das mãos no corpete enlameado e usou a outra para segurar o

braço de Sarah. 'Vamos. De volta à carruagem.

'Ai sim.' Sarah cambaleou para frente. 'Vamos para a casa o mais rápido possível!'

Elsie não conseguia compartilhar seu entusiasmo. Pois se esse ninho de rato fosse a aldeia, o que eles encontrariam na casa?

O rio sussurrava para eles; um som precipitado e desencarnado. Pedra salpicada de musgo formava uma ponte sobre a água - deve ser a própria ponte da qual a casa recebeu seu nome.

Não era como nenhuma das pontes de Londres. Em vez de arquitetura e engenharia modernas, Elsie viu arcos em ruínas provocados por espuma e spray. Um par de leões de pedra descoloridos balançava os postes de cada lado da água. Isso a fez pensar em pontes levadiças, a Torre de Londres - Portão do Traidor.

Mas este rio não era como o Tamisa; não era cinza ou marrom, mas claro. Ela semicerrou os olhos, seus olhos captando um lampejo abaixo da superfície. Formas escuras girando. Peixe?

Quando eles alcançaram o outro lado, uma velha guarita surgiu como se do nada. Peters diminuiu a velocidade da carruagem, mas ninguém saiu para cumprimentá-los. Elsie abaixou a janela, estremecendo com a sensação de sua manga úmida se movendo contra seu braço. - Continue, Peters.

'Lá!' gritou Sarah. "A casa está aí."

A estrada descia por uma série de colinas, onde o sol estava começando a se pôr. Bem no final, agachado em uma ferradura de árvores vermelhas e laranjeiras, estava A Ponte.

Elsie ergueu o véu. Ela viu um rebaixado edifício jacobino com três empenas no telhado, uma torre lanterna central e RedBrick chaminés aparecendo atrás. Ivy saiu pelos beirais e engolfou as torres em cada extremidade da casa. Parecia morto.

Tudo estava morto. Parterres estava prostrado sob o olhar desalmado das janelas, as sebes marrons e crivadas de buracos. As videiras sufocaram os canteiros de flores. Até os gramados eram amarelos e esparsos, como se o contágio se espalhasse lentamente pelo terreno. Apenas o cardo prosperou, suas pontas roxas ericando-se no meio do cascalho colorido.

A carruagem parou em uma varredura de cascalho, em frente à fonte que formava a peça central do terreno em decomposição. Antigamente, quando a pedra era branca e as figuras esculpidas de cachorros no topo eram novas, devia ser uma bela estrutura. Nenhuma água saltou dos jatos. Rachaduras se agitaram na bacia vazia.

Sarah recuou. "Eles estão todos querendo nos ver", disse ela. 'Todo o pessoal!'

O estômago de Elsie afundou. Ela estivera muito ocupada olhando para os jardins. Agora ela observou três mulheres vestidas de preto esperando do lado de fora da casa. Dois usavam bonés e aventais brancos, enquanto o terceiro estava com a cabeça descoberta, exibindo uma mecha de cabelo de ferro. Ao lado dela estava um homem rígido e de aparência formal.

Elsie olhou para suas saias. Eles foram remendados como um portão de ferro enferrujado. A lama tornava a bombazina pesada e a fazia agarrar-se aos joelhos. O que seus novos servos pensariam se a vissem em tal estado? Ela estaria mais arrumada e limpa com suas roupas de fábrica.

- Uma amante deve conhecer sua casa. Mas eu esperava não fazer isso endurecido na lama. '

Sem aviso, a porta da carruagem se abriu. Ela deu um pulo. Um jovem estava diante dela, sua figura esguia vestida em um terno preto.

'Oh Jolyon, é você. Obrigado Senhor.'

"Elsie? O que diabos aconteceu? ' Seu cabelo castanho claro estava penteado para trás, como se para realçar o desânimo escrito ali.

"Um acidente. A roda da carruagem emperrou e eu caí ... - Ela apontou para a saia. 'Eu não posso ver a casa assim. Mande-os de volta para dentro. ' Ele hesitou. Suas bochechas coraram ao lado de seus bigodes.

'Mas . . . isto

pareceria tão estranho. O que eu devo falar?'

'Eu não sei! Diga qualquer coisa a eles! ' Ela ouviu o som frágil de sua própria voz e se sentiu perigosamente perto das lágrimas. - Invente uma desculpa.

'Muito bem.' Jolyon fechou a porta e recuou. Ela o viu se virar, a brisa levantando uma mecha de cabelo em seu colarinho. - A Sra. Bainbridge está. . .

indisposto. Ela terá que ir direto para a cama. Ative o fogo e mande um chá.

Murmúrios soaram do lado de fora, mas então houve o barulho bem-vindo de pés caminhando de volta sobre o cascalho. Elsie deu um suspiro de alívio. Ela não precisava enfrentá-los - ainda não.

De todas as pessoas, Elsie achava os criados os mais críticos: ciúmes da posição de seu senhor, já que estava intimamente ligada à sua. A família de Rupert em Londres torceu o nariz para ela quando ela chegou da fábrica de fósforos. Sua confissão de que não tinha mantido uma empregada doméstica desde a morte de sua mãe selou seu desprezo. Apenas o respeito por Rupert e os olhares de advertência de Rupert os tornam civilizados.

Sarah se inclinou para frente. 'O que você vai fazer? Você precisará se trocar imediatamente, sem ser visto. E Rosie não está

aqui! '

Não. Rosie não estava disposta a deixar sua vida em Londres e seu salário para viver neste remanso. Elsie não podia culpá-la. E para ser honesta, ela estava secretamente aliviada. Ela nunca se sentiu confortável trocando na frente de sua criada, tendo mãos estranhas contra sua pele. Mas ela precisaria contratar outro logo, pelo menos para manter as aparências. Ela não queria ganhar a reputação de ser uma daquelas viúvas excêntricas que povoavam o interior.

- Acho que vou conseguir sem Rosie por enquanto.

O rosto de Sarah iluminou-se. - Posso ajudá-lo com os botões nas costas. Sou bom em botões. '

Bem, isso fez uma coisa.

Jolyon apareceu ao lado da porta, abriu-a novamente e estendeu a mão. "O pessoal está em segurança lá dentro. Venha agora, saia.

Ela desceu os degraus com dificuldade e caiu desajeitadamente com um borribo de pedras. Jolyon ergueu as sobrancelhas para o vestido dela. 'Deus do céu.'

Ela puxou a mão dela.

Enquanto ele ajudava Sarah a descer, ela examinou a casa. Não revelou nada. As cortinas foram fechadas nas janelas em uma tela preta implacável. Ivy se agitou contra a parede.

'Venha. Os baús que você enviou estão no seu quarto.

Eles subiram uma escada rasa até a porta aberta. Antes de cruzarem a soleira, um cheiro forte de mofo estendeu-se e forçou seu caminho pelas narinas de Elsie. Alguém tentou cobri-lo com uma nota mais suave e pulverulenta. Havia cheiros de uma gaveta de linho: lavanda e ervas verdes.

Jolyon caminhava rapidamente, como fazia em Londres, seus passos batendo no chão de pedra cinza cravejado de losangos. Elsie e Sarah ficaram atrás dele, ansiosas para dar uma olhada na casa.

A porta se abriu direto para o Grande Salão, uma caverna de esplendor antigo. Detalhes medievais se destacaram: uma armadura, palavras curtas exibidas em leques na parede e vigas do telhado roídas por vermes acima.

- Você sabia que Carlos I e sua rainha já ficaram aqui? perguntou Sarah. - Minha mãe me contou. Imagine-os atravessando este andar! ,

Elsie estava mais preocupada com o fogo ardendo em uma grade de ferro preta. Ela correu em direção a ele e estendeu as mãos enluvadas para as chamas. Ela estava acostumada com carvão; havia algo de enervante nessas toras crepitantes e no cheiro doce e profundo de sua fumaça. Isso a lembrou do negócio que eles usaram na fábrica de fósforos para fazer as talas. A maneira como se partiu sob a serra.

Ela desviou o olhar. De cada lado da fogueira havia duas portas pesadas de madeira, com relevo de ferro.

"Elsie." Jolyon parecia impaciente. - Vai haver um incêndio no seu quarto.

- Sim, mas eu ... Ela se virou e os músculos de seu rosto se endureceram como cera. Debaixo das escadas. Ela não tinha notado isso antes. Uma caixa longa e estreita estava em uma mesa no centro de um tapete oriental. 'É aquele . . . ? '

Jolyon baixou a cabeça. 'Sim. Ele estava na sala de estar no início. Mas a governanta me informa que é mais fácil manter este quarto arejado e fresco.

Claro: o cheiro de ervas. Elsie recuou, sentindo suas entranhas se curvarem. Ela queria se lembrar de Rupert sorrindo e elegante, como sempre fora, não como um boneco sem vida em exibição.

Ela pigarreou. 'Eu vejo. E pelo menos os vizinhos não terão que perambular pela casa quando vierem prestar suas homenagens. Aquela terrível apatia que se apoderou dela quando soube da morte de Rupert começou, mas ela o reprimiu. Ela não queria ser inundada pela dor ou amargura - ela apenas desejava fingir que isso nunca, jamais acontecera.

"Parece que não há muitos vizinhos." Jolyon se apoiou no corrimão. - Só o vigário veio até agora.

Como isso foi terrivelmente triste. Em Londres, os homens ficariam honrados em ver Rupert uma última vez. Ela lamentou, mais uma vez, que eles não o tivessem trazido de volta à cidade para um bom enterro, mas Jolyon havia dito que era impossível.

Sarah foi até o caixão e olhou para dentro. - Ele parece estar em paz. Caro homem, ele merece ser. ' Ela se virou para Elsie e estendeu a mão. - Venha, Sra. Bainbridge, e olhe.

'Não.'

'Está tudo bem. Venha. Vai te fazer bem ver como ele está sereno. Isso vai ajudar com a dor. '

Ela duvidava muito disso. 'Eu não quero.'

'Sra. Bainbridge-'

Uma tora explodiu na grade. Elsie gritou e saltou para a frente. Uma chuva de faíscas polvilhou suas saias e derreteu em cinzas antes de chegarem ao tapete. 'Bondade.' Ela colocou a mão no peito. - Esses velhos incêndios. Eu poderia ter sido incendiado. '

"Difícilmente." Jolyon passou os dedos pelos cabelos. - Precisamos levá-la para cima antes que os criados cheguem e ... Elsie? Elsie, você está me ouvindo?

O salto para longe do fogo tinha feito isso. Ela estava perto o suficiente para ver os picos do perfil de Rupert erguendo-se sobre o cetim branco: a ponta azul-acinzentada de um nariz; cílios; cachos de sal-e-pimenta cabelo. Era tarde demais para desviar o olhar. Ela avançou para frente, cada passo colocado com o cuidado que ela usaria para se aproximar de uma criança adormecida. Gradualmente, a parede alta do caixão recuou.

A respiração a deixou com pressa. Não era Rupert. Na verdade não. O que estava diante dela era uma imitação, tão fria e sem traços característicos como a efígie de uma pedra. Seu cabelo estava perfeitamente untado no lugar, sem nenhum traço dos cachos que sempre caíam sobre o olho esquerdo de Rupert. As veias rompidas que adornavam a bochecha de Rupert eram uma mera mancha cinza. Até o bigode parecia falso, sobressaindo da pele seca.

Como aquele bigode fez cócegas. Ela o sentiu novamente em sua bochecha, embaixo do nariz. O jeito que ela sempre ria quando ele a beijava. Rir foi o presente de Rupert. Parecia errado ficar ao redor dele solene e silencioso. Ele não teria querido isso.

Enquanto os olhos dela viajavam até o queixo e os pontos de barba por fazer que agora nunca mais cresceriam, ela notou pequenas manchas azuis na pele. Eles a lembravam da infância e das agulhas de costura, chupando com força um dedo.

Claro, eles eram farpas. Mas por que ele teria farpas no rosto?

"Elsie." A voz de Jolyon estava firme. "Precisamos subir. Haverá tempo suficiente para dizer adeus amanhã.

Ela assentiu e esfregou os olhos. Não foi difícil se afastar. Independentemente do que Sarah pensasse, olhar para um caixão não era nada como se despedir do marido. O tempo para isso havia passado com seu último suspiro. ~~Tudo~~ o que tinham no caixão era uma sombra pálida do homem que um dia fora Rupert Bainbridge.

Foram necessários dois lances de escada antes que eles ultrapassassem as vigas do Salão Principal e emergissem em um pequeno patamar. Apenas algumas lâmpadas foram acesas, brilhando em manchas e revelando papel de parede com floco de neve vermelho.

- Por aqui - disse Jolyon, virando à esquerda.

Nuvens de poeira subiram sob os pés de Elsie enquanto ela o seguia, suas saias úmidas batendo no carpete. O corredor transmitia um ar de esfarrapada grandeza. Sofás de tapeçaria se escondiam contra as paredes com bustos de mármore lascados pontilhados entre eles. Eles eram coisas horríveis, olhando para ela com expressões mortas, sombras rastejando sobre suas maçãs do rosto

e afundando nas órbitas de seus olhos. Ela não reconheceu nenhum como escritor ou filósofo famoso. Talvez eles fossem os proprietários anteriores da Ponte? Ela procurou em seus rostos impassíveis um vestígio de Rupert, mas não encontrou nenhum.

Jolyon fez uma curva para a direita, depois outra rapidamente para a esquerda. Eles se chocaram contra uma porta em arco. "Esta é a suíte de hóspedes", explicou ele. - Achei que você se sentiria confortável aqui, Srta. Bainbridge.

Sarah piscou. - Uma suíte só para mim?

'Sim, de fato.' Ele deu um sorriso tenso. - Sua caixa está aí. Vou dormir no corredor, perto da escada dos criados. ' Ele gesticulou com um movimento do braço. - A Sra. Bainbridge está em uma suíte espelhada na outra ala.

Elsie ergueu as sobrancelhas. Uma suíte de espelho. Foi esse o nível a que ela havia afundado? 'Que emocionante. Seremos como gêmeos. ' Ela tentou esconder a aspereza de sua voz, mas temeu não ter conseguido.

- Vou me acomodar - disse Sarah sem jeito. - Então irei ajudá-la a se vestir, Sra. Bainbridge.

- Leve o tempo que precisar - disse Jolyon. - Vou mostrar o quarto dela para minha irmã. Então desfrutaremos de um jantar tardio juntos.

'Obrigado.'

Agarrando o braço de Elsie, ele a marchou de volta pelo caminho por onde vieram. - Você não deve tratar Sarah como uma serva - grunhiu ele.

- Na verdade, não vou, porque ela não trabalha para ganhar a vida. Ela é uma solteirona aqui na minha instituição de caridade, não é?

- Ela era a única família que Bainbridge tinha.

Elsie balançou a cabeça. 'Isso não é verdade. **Eu** era a família de Rupert. **Eu** era seu parente mais próximo. '

- Ah, sim, você conseguiu convencê-lo disso.

- O que diabos você quer dizer?

Jolyon diminuiu a velocidade até parar. Ele olhou por cima do ombro, verificando se não havia criados vagando nas sombras. 'Sinto muito. Isso foi grosseiro da minha parte. Não é sua culpa. Mas eu pensei que Bainbridge e eu tínhamos concordado,

antes do casamento, exatamente o que aconteceria nesta situação. Foi um acordo de cavalheiros. Mas Bainbridge. . . '

A inquietação invadiu seu estômago. 'O que você está dizendo?'

'Ele não te contou? Bainbridge mudou seu testamento um mês antes de morrer. O advogado dele leu para mim.

'O que ele disse?'

- Ele deixou tudo para você. Tudo. A casa em Londres, The Bridge, sua parte na fábrica de fósforos. Ninguém mais se beneficia no

mínimo. '

Claro que sim. Um mês atrás - foi quando ela lhe contou sobre o bebê.

E pensar que depois de tudo que ela havia passado, ela conseguiu se casar com um homem atencioso, um homem prudente - e o perdeu. **Descuidado**, mamãe teria dito. **Assim como você, Elisabeth**.

'É estranho que ele mude seu testamento? Eu sou sua esposa, estou carregando seu filho. Certamente o arranjo é perfeitamente natural?

'Seria. Um ano ou dois depois e eu não teria nenhuma disputa com isso. 'Balançando a cabeça, ele seguiu pelo corredor.

Ela tentou acompanhar, incapaz de se concentrar no caminho que ele tomou; as paredes cor de vinho pareciam ondular como tecido. 'Eu não entendo. Rupert agiu como um anjo. Esta é a resposta às minhas orações. '

'Não não é. Pense, Elsie, pense! Como se parece? Um homem que todos pensavam ser um solteirão convicto casa-se com uma mulher dez anos mais nova e investe na fábrica do irmão dela. Ele muda sua vontade para torná-la a única beneficiária. Então, um mero mês depois, ele está morto. Um homem que parecia forte como um boi está morto e ninguém sabe como.

Cristais de geleira se formaram em seu peito. 'Não seja ridículo. Ninguém sugeriria ... '

- Oh, eles estão sugerindo isso, garanto. E sussurrando. Pense na fábrica de fósforos. Pense no meu bom nome! Eu tenho que navegar por esta tempestade de fofocas, sozinho. '

Ela tropeçou. Era por isso que Jolyon a queria no campo, por que ele se recusou a mover o corpo de Rupert de volta para Londres para o enterro: escândalo.

Ela se lembrou do último escândalo. Policiais com chapéus de ferro anotando depoimentos. Os sussurros que zumbiam em seu rastro como uma trilha de moscas e aqueles olhares famintos e pontiagudos. Anos disso. Levaria anos para desaparecer.

- Meu Deus, Jo. Quanto tempo o bebê e eu teremos que ficar neste lugar? '

Ele se encolheu. Pela primeira vez, ela percebeu a dor brilhando em seus olhos. - Droga, Elsie, o que há de errado com você? Estou lhe contando sobre uma mancha em nosso nome, na fábrica, e você só consegue pensar em quanto tempo ficará longe de Londres. Você pelo menos sente falta de Rupert?

Ela sentia falta dele como o ar. 'Você sabe que eu sei.'

- Bem, devo dizer que você faz um bom trabalho em esconder isso. Ele era um bom homem, um grande homem. Sem ele, teríamos perdido a fábrica. '

'Eu sei.'

Ele parou no final do corredor. 'Este é o seu quarto. Talvez, uma vez que você esteja acomodado lá dentro, você tenha a decência de sofrer.

- **Estou de** luto - rebateu ela. - Só faço isso de uma maneira diferente para você. Passando por ele, ela abriu a porta e bateu com força atrás de si.

Ela fechou os olhos e recostou-se, as palmas das mãos apoiadas na madeira, antes de exalar e afundar no chão. Jolyon sempre foi assim. Ela não deve levar a sério suas palavras. Doze anos mais novo que ela, ele sempre estivera livre para sentir, para chorar. Foi Elsie quem resistiu. E não era esse o ponto? Para manter o pequeno Jolyon na ignorância do que ela sofreu?

Depois de alguns minutos, ela se tornou dona de si mesma. Ela esfregou a testa e abriu os olhos. Uma sala limpa e iluminada estava diante dela com janelas de cada lado, uma voltada para o semicírculo de árvores avermelhadas que envolvia a casa e a outra dobrada na ala oeste, onde Sarah estava hospedada. Seu baú estava amontoado no canto. Um fogo crepitava na lareira e Elsie ficou aliviada ao ver um lavatório ao lado dele. Fios de vapor subiram do jarro. Água quente.

Ela ouviu a voz da mãe, clara em seu ouvido. **Garota tola, fazendo tanto barulho.**

Vamos lavar todos esses pensamentos ruins.

Ficando de pé, ela tirou as luvas e foi lavar o rosto. Seus olhos doloridos melhoraram instantaneamente e a toalha que usou para limpar a pele era maravilhosamente macia - quaisquer que fossem as falhas do lugar, ela não poderia culpar a governanta.

Uma pesada cama de dossel esculpida em jacarandá erguia-se contra a parede oposta. Lençóis creme bordados com flores espalhados

isto. Então veio a penteadeira, seu espelho de três peças envolto em tecido preto. Ela suspirou. Foi o primeiro espelho que ela viu desde que deixou a estação. É hora de avaliar os danos causados por sua queda na lama.

Colocando a toalha de volta na grade, ela se aproximou e sentou-se no banquinho. Ela puxou o material preto de lado. Era uma superstição tola: cobrir espelhos para impedir que os mortos ficassem presos. Nada foi segurado dentro do vidro, exceto três mulheres de cabelos loiros e olhos castanhos, cada uma em um estado lamentável. Seu véu de gaze esvoaçou na nuca como um corvo enredado. Cachos ondulados pelo vento cresciam em torno de sua testa e, apesar de sua breve lavagem, uma mancha de lama permaneceu em sua bochecha direita. Elsie esfregou até derreter. Graças a Deus ela se recusou a ver os criados.

Lentamente, ela estendeu os braços cansados para remover o chapéu e o boné e começou a longa tarefa de soltar o cabelo. Seus

dedos não eram tão ágeis como costumavam ser - ela havia se acostumado a ter Rosie fazendo isso. Mas Rosie e todos os confortos daquela vida passada estavam a quilômetros de distância.

Um alfinete se prendeu em um emaranhado e a fez ofegar. Ela baixou as mãos, irritada além da razão com este pequeno aborrecimento. **Como isso aconteceu?** ela perguntou às mulheres desgrenhadas diante dela. Eles não tiveram resposta.

O vidro aqui estava frio e áspero. Não continha a noiva bonita e sorridente que ela havia encarado há tão pouco tempo. Espontaneamente, uma cena surgiu em sua memória: Rupert, de pé atrás dela naquela primeira noite e escovando seus cabelos. Orgulho em seu rosto, lampejos do pincel prateado. Um sentimento de segurança e confiança, tão raro, enquanto ela considerava sua imagem invertida. Ela poderia tê-lo amado.

O casamento foi uma relação comercial, cimento para garantir o investimento de Rupert na fábrica de fósforos, mas naquela noite ela realmente olhou para o homem e percebeu que poderia aprender a amá-lo. Em tempo. Infelizmente, tempo era a única coisa que eles não tinham.

Uma batida na porta a fez
começar. 'Botões?' A voz de
Sarah.

'Sim. Entre, Sarah. '

Sarah havia trocado seu vestido de viagem por um vestido de noite que já tinha visto dias melhores. A tinta preta manchava em manchas irregulares. Ela dificilmente

parecia apresentável, mas pelo menos ela havia trançado o cabelo de rato. - Você escolheu um vestido? Eu poderia perguntar a uma das empregadas se há ferro de passar. . . '

'Não. Por favor, pegue uma camisola. Se Jolyon quisesse que ela sofresse, era o que ela faria. Ela agiria exatamente como ele, depois de mamãe. Isso o serviria. Ele veria como seria irritante e inútil tê-la chorando lá em cima.

O reflexo de Sarah torceu as mãos no espelho. 'Mas . . . jantar . . .

'Eu não vou descer. Não tenho apetite. '

- Mas ... mas não **posso** jantar sozinha com o Sr. Livingstone! O que as pessoas diriam? Mal nos conhecemos! '

Irritada, Elsie pôs-se de pé e foi procurar uma camisola para ela mesma. Sarah **tinha** sido **realmente** a companheira de uma dama? Ela deveria saber melhor do que ficar e discutir com sua senhora. 'Absurdo. Você deve ter falado com Jolyon no casamento.

- Não fui ao seu casamento. A Sra. Crabbly adoeceu. Você não se lembra? '

'Oh.' Elsie tirou um momento para tirar uma camisola de um baú e arranjar o rosto antes de se virar. 'Claro que não. Você terá que me perdoar. Aquele dia . . . ' Ela olhou para o algodão branco em suas mãos. "Tudo passou como um borrão feliz."

Renda Honiton, flor de laranjeira. Ela nunca tinha pensado em ser uma noiva. Deixamos de lado essas fantasias depois dos 25 anos . Para Elsie, a perspectiva parecia ainda menos provável. Ela perdeu a esperança de encontrar alguém em quem pudesse confiar, mas Rupert era diferente. Ele carregava algo no ar ao seu redor, uma aura inatamente boa.

"Eu entendo", disse Sarah. 'Agora venha aqui. Deixe-nos ver sobre esse vestido. '

Elsie preferia ter mudado sozinha, mas não havia escolha. Ela dificilmente poderia dizer ao primo de Rupert que tinha um gancho de botão - só prostitutas foram feitas para usá-lo.

Sarah trabalhou habilmente, os dedos movendo-se sobre os ombros de Elsie e descendo por sua cintura como as batidas mais leves da chuva. O vestido caiu sussurrando em suas mãos. - Um material tão bom. Espero que a lama saia. '

- Talvez você possa descer para mim. Deve haver uma copeira que o coloque no cobre sem pedir uma coroa.

Sarah acenou com a cabeça. Ela dobrou o vestido e o abraçou contra o peito. 'E.

. . o resto?' Ela lançou um olhar tímido para a gaiola de anáguas, molas de aço e aros que prendiam Elsie. - Você será capaz de ... ?

'Ai sim.' Constrangida, ela colocou as mãos nas fitas que prendiam sua crinolina. - Nem sempre tive empregada, sabe.

Foram o silêncio e a quietude de Sarah que fizeram a carne de Elsie arrepiar. Seus olhos fixaram-se na cintura de Elsie e se expandiram, mais escuros e estranhamente brilhantes.

"Sarah?"

Sarah se sacudiu. 'Sim. Muito bem. Estarei à caminho.'

Elsie olhou para seu corpo, confusa. O que fez Sarah olhar fixamente? Com um choque doloroso, ela percebeu: suas mãos. Ela tirou as luvas para lavar o rosto e revelou as mãos em toda a sua feiura rachada. Mãos endurecidas pelo trabalho, mãos de fábrica. Não as mãos de uma senhora.

Mas antes que Elsie pudesse dizer qualquer coisa em sua defesa, Sarah abriu a porta e saiu.

HOSPITAL DE SÃO JOSEPH

Ele apareceu durante a noite. Assim que ela levantou a cabeça do travesseiro e enxugou os olhos ásperos, ela viu. Estrangeiro. Errado.

Ela tropeçou para fora da cama, seus pés batendo contra o chão frio. Estava pendurado diante dela. Ela estreitou os olhos. Doeu olhar, muito brilhante, mas ela não ousou tirar o olhar. Amarelo. Castanho. Linhas e formas giratórias.

Chegou sem ela saber. Se ela desviasse o olhar, ele se moveria novamente? Embora mudo, parecia gritar, estalar dentro de sua cabeça.

Ela não podia voltar para a cama; ela tinha que mantê-lo sob controle. A luz do dia gotejava pelas janelas altas, nua e crua como as paredes. Suas vigas rastejaram pelo chão, depois passaram por ela. Por fim, a porta se abriu.

- Sra. Bainbridge.

Era o Dr. Shepherd.

Sem se virar, ela ergueu a mão trêmula e estendeu o dedo indicador.

'Oh. Você viu a pintura. ' O ar mudou quando ele chegou por seu ombro. - Espero que seja do seu agrado.

O silêncio se estendeu.

- Isso ilumina o lugar, não é? Achei que, como você não tem permissão para ir à enfermaria e ao pátio de exercícios com os outros pacientes, gostaria de um pouco de cor. ' Ele transferiu o seu

peso para o outro pé. 'Esta é a direção que nosso hospital está tomando. Não vamos mais sujeitar nossos pacientes a células sombrias. Este é um refúgio de recuperação. Deve haver coisas alegres e estimulantes. '

Ela viu agora o que o artista tentou capturar: uma cena de berçário. Uma sala iluminada pelo sol com uma mãe arrulhando sobre um berço. Seu vestido era como um narciso, seu cabelo como ouro fiado. Havia rosas brancas em um vaso, em cima da mesa ao lado do bebê.

'É isso. . . Isso a incomoda, Sra. Bainbridge? Ela assentiu.

'E por que isto?' Seus sapatos rangeram quando ele recuperou sua lousa. Embora o lápis fosse melhor para escrever sua história, o giz e a lousa tornaram a conversa mais fácil. Ele os colocou nas mãos dela. 'Conte-me.'

Novamente. Ele a estava golpeando, pedaço por pedaço. Esse era o seu plano, ela supôs. Para arrancar cada centímetro dela; outra confissão, outra memória até que ela se exaurisse.

Já vinham à noite: sonhos que na verdade eram flashes do passado. Paisagens de sangue, madeira e fogo. Ela não os queria. Quão longe no passado esquelético ela deveria mergulhar antes que ele a considerasse desequilibrada e a deixasse sozinha?

'Você não gosta da cor? Isso não anima seu espírito e o lembra de tempos melhores? '

Ela balançou a cabeça. **Tempos melhores** . Ele assumiu que ela tinha isso, em seu passado.

- Lamento ter causado sofrimento a você. Acredite em mim, eu pretendia apenas trazer prazer. ' Ele suspirou. 'Você vai se sentar? Vou providenciar para que a pintura seja removida assim que terminarmos.

Com o olhar fixo no chão, ela tropeçou de volta para a cama e sentou-se, segurando o giz e a lousa com tanta força como se fossem armas. Como se eles pudessem defendê-la.

'Não leve este pequeno revés a sério', disse ele. 'Estou satisfeito com o seu progresso. Eu li o que você escreveu. Vejo que você seguiu meu conselho e escreveu como se os eventos tivessem acontecido a outra pessoa. ' Ela não conseguia olhar para ele; ela estava intensamente ciente da pintura, pendurada lá. Suas pinceladas, sua moldura. Ele forçou uma risada. "A memória é complicada. São engraçados, não são, os detalhes de que você se lembra? Aquela vaca ...! '

Ela pegou o giz, ainda desajeitada. **A vaca não é engraçada.**

Ele abaixou a cabeça. 'Eu não quis dizer - me perdoe. Foi errado da minha parte rir. '

Sim .

Mas, na verdade, ela invejava aquela risada. Invejou o fato de que ele ainda **conseguia** rir.

Risos, conversas, música - todas essas coisas pareciam relíquias, atividades que seus ancestrais podem ter adotado, há muito tempo, mas não eram relevantes para ela.

Ela olhou de volta para a mesa.

- Você olha fixamente para a mesa. O que é que te perturba? ' Seus dedos tremiam enquanto ela escrevia.

Madeira .

'Madeira. Você não gosta de madeira?

A palavra conjurou outros sons: o whoosh de uma serra, uma porta se fechando.

'Interessante. Mais interessante. Claro, depois do incêndio e do seu ferimento. . . Talvez seja por isso? '

Ela piscou para ele.

- Talvez seja por isso que você não gosta de madeira. Porque te lembra do incêndio. Porque queima. '

O fogo?

Ele foi muito rápido. Ele estava vivendo a uma taxa três vezes maior que a velocidade de seu mundo submarino drogado. Era por isso que seus braços pareciam tão marcados, por que eles nunca a deixaram ver um espelho? Ela tinha estado em um incêndio?

- Mas é claro que pode haver outros motivos. Tenho examinado seu arquivo. ' Pela primeira vez, ela notou os papéis que ele carregava debaixo do braço. Ele os espalhou sobre a mesa: o passado dela exposto, exposto, como um corpo na laje de um necrotério. - Você cresceu, pelo que vejo, em uma fábrica de fósforos. Primeiro, era propriedade de seu pai e, após a morte dele, passou a ser custodiado até que você e seu irmão atingissem a maioridade. Imagino que você tenha visto muita madeira e fogo em uma fábrica de fósforos.

Isso também? Nada era sagrado - tudo deve ser dragado.

A dúvida floresceu em seu peito e ele deve ter percebido, pois disse: 'Espero que você compreenda que não é a curiosidade ociosa que leva à minha investigação. Tampouco é apenas um desejo de curá-lo - embora eu espere fazer isso também. Eu sou encarregado pelo hospital e pela polícia de escrever um

relatório.' Ele pegou dois papéis da mesa e se aproximou dela. - Quando você chegou pela primeira vez, não havia como interrogá-lo. Seus ferimentos foram muito graves. Ele mostrou a ela o primeiro item: um recorte de jornal com uma gravura. Dava uma impressão granulada de alguém atolado em bandagens, manchas escuras aparecendo onde o sangue havia vazado pelo linho. 'Mas agora que você está fisicamente, se não mentalmente, recuperado, tornou-se uma questão de certa importância estabelecer a causa do incêndio.'

Ele não estava insinuando. . . Aquela múmia da gravura não era **ela** ? O pânico se apoderou dela. O jornal tinha mais de um ano. Todo aquele tempo havia passado, mas ela se lembrava de pouco mais do que uma vaca e os rostos de figuras de madeira pintadas.

Ele se sentou ao lado dela na cama. Ela recuou. O calor de seu corpo, o cheiro dele - era tudo muito real.

'Os restos mortais de quatro corpos foram encontrados. Duas das mortes já haviam sido registradas. São esses outros dois que devemos explicar. ' Ele empurrou os óculos pelo nariz. "É provável que haja um inquérito. Dada a sua condição atual, provavelmente serei solicitado a falar em seu nome. Então você vê por que devo pressioná-lo para obter informações. Encontre a verdade. Eu quero ajudar.'

Ele continuou dizendo isso. A repetição só fazia com que soasse falso. Presumivelmente, o que ele realmente queria era estabelecer

sua carreira resolvendo o caso dela.

Mas mesmo que ela não confiasse nele, ele estava certo sobre uma coisa: deve haver uma declaração. Por mais doloroso que fosse, ela tinha que continuar e se lembrar do resto, ou poderia acabar pendurada na ponta de um laço.

A força não deve assustá-la. Deus sabia que havia pouco pelo que viver. Mas era o instinto, ela supôs, enterrado profundamente dentro dela, lutando como um animal feroz. Ela não queria morrer - apenas dormir, em segurança, aqui. Envolvido por paredes brancas e drogas.

Lascas de ouro cintilaram diante de seus olhos. Os óculos dele; ele estava se aproximando, olhando para o rosto dela. - Você pode não se lembrar de tudo ainda, mas tenho certeza de que podemos fazer isso entre nós - acorde a parte de sua mente que está adormecida.

Ela se afastou dele, fazendo a cama ranger. Colocando o giz contra a lousa, ela começou a escrever sem jeito. Squeak, squeak. Essa era sua voz agora, parecia: um som agudo e abrasivo, sem palavras.

Onde estava o fogo?

As sobrancelhas do Dr. Shepherd se ergueram. 'Você não se lembra do incêndio? Seu ferimento? '

Imagens vagas voltaram flutuando. Ela se lembrou de mil insetos doloridos roendo suas costas. Uma impressão estranha de enfermeiras, aromas medicinais. Tudo estava muito fundo - ela tinha camadas e mais camadas para descascar antes que pudesse alcançá-lo claramente.

Colocando uma das mãos em seu ombro, o Dr. Shepherd tirou a lousa de seus dedos. Ela pensou, por um instante, que ele seguraria sua mão. Mas então ela percebeu que ele estava mostrando a ela: mostrando a ela a pele brilhante e marmórea em seu pulso. Suavemente, ele dobrou a manga grossa de seu vestido. Manchas rosadas surgiram ao redor de seu cotovelo, deformadas, enrugadas como frutas velhas. Cicatrizes queimadas tão profundamente que nunca seriam apagadas. Sim, ela viu agora. Eles foram queimados. Como ela não percebeu antes?

'Esta', disse ele, pousando a mão dela de volta, 'esta fotografia foi tirada algumas semanas atrás. Você se lembra? '

Ela se lembrou do flash e da fumaça, a maneira como pareciam estourar em sua cabeça. Mas quando ele deslizou a fotografia para o colo dela, o rosto que olhava para trás era um estranho. Era uma mulher - pelo menos, o vestido listrado e o lenço amarrado no pescoço pareciam sugerir que era uma mulher - mas seu cabelo era atarracado, crescendo em tufo de um couro cabeludo mosqueado. A pele escura e acidentada se esticou sobre suas bochechas. Um olho caiu na pálpebra inferior.

Ela viu seu próprio nome escrito embaixo.

A PONTE, 1865

Elsie se endireitou com uma batida na porta, confusa com o que estava acontecendo. A tarde cinzenta se aprofundou no carvão de uma noite de outono. O fogo estava baixo na grelha. Apenas uma única vela tremeluzia na penteadeira, uma folha de cera dura enrolada do lado. A memória voltou a cair: ela estava presa no campo - e Rupert estava morto.

A batida veio novamente. Ela pegou suas luvas de renda e as calçou. - Entre - ela resmungou. Sua boca tinha gosto de mofo. Há quanto tempo ela dormia?

A porta se abriu. O metal bateu contra a louça e uma jovem baixinha, talvez com cerca de dezoito anos de idade, atravessou a soleira carregando uma bandeja.

'Senhora.' Ela colocou a bandeja sobre a penteadeira, acendeu o lampião a gás e acendeu com a vela.

Elsie piscou. Certamente era um truque de seus olhos - esta era realmente sua empregada? Ela estava suja da cozinha, a fuligem manchando seu avental grosso. Seu rosto não estava totalmente claro; ela tinha cílios longos e lábios grossos e rosados que teriam sido agradáveis se não tivessem uma expressão impertinente. Ela não usava boné. Seu cabelo escuro estava repartido ao meio de uma forma severa, em seguida, preso atrás das orelhas em um nó na parte de trás da cabeça.

Tal criatura passaria por empregada doméstica nesta parte do país? Se Elsie soubesse disso, ela não teria se preocupado com sua própria aparência antes.

"Senhora", disse a garota novamente. Tardamente, ela balançou uma reverência estranha. A bandeja sacudiu. - O Sr. Livingstone disse que você pode estar com fome.

'Oh.' Ela não sabia dizer se isso era verdade: a combinação de cheiros que emanava da bandeja a deixava faminta e nauseada em medidas iguais. 'Sim. Isso foi muito gentil da parte dele. Vou levar a bandeja aqui. ' Ela apoiou um travesseiro nas costas.

A garota avançou. Ela não tinha o andar cuidadoso dos criados em Londres; seu passo ousado fez correr a tigela e fez a sopa escorrer pela borda. Depositando a bandeja nas pernas de Elsie com um baque, ela deu um passo para trás e dobrou os joelhos em outra reverência.

Elsie não sabia se devia ficar ofendida ou divertida. A garota era claramente uma caipira. 'E você é . . . ? '

"Mabel Cousins. A empregada.' Ela tinha uma voz estranha; uma mistura entre um sotaque cockney e um sotaque country. 'Senhora.'

Ocorreu a Elsie que talvez Mabel não tivesse permissão para subir escadas. Eles podem ter ficado desesperados por um par de mãos e enviado qualquer um. Pela maneira como ela olhou a pilha de roupas de Elsie no chão e a gola de renda de sua camisola, você pensaria que ela nunca tinha visto algo tão caro em sua vida. 'Você é a empregada? A copeira?

Mabel encolheu os ombros. - Apenas a empregada. Eu e

Helen. Não tenho outros. - Bem, então isso a torna a empregada doméstica de todo o trabalho.

'Se você diz. Senhora. '

Elsie ajustou a bandeja em seu colo. O vapor subiu da superfície de uma sopa marrom-amarelada salpicada de ervas. Ao lado dele estava um prato de carne grelhada e uma substância protuberante de cor creme que parecia fricassé de frango. Ela estava com fome, mas a ideia de comida revirou seu estômago. Fazendo uma careta, ela pegou uma colher e a mergulhou na sopa.

Ela ficou surpresa ao ver Mabel ainda parada ali. O que diabos ela estava esperando? - Você pode ir, Mabel. Eu não preciso de mais nada. '

'Oh.' Pelo menos ela teve a graça de corar. Enxugando as mãos no avental, ela fez outra reverência desesperada. 'Desculpe. Senhora. A

Ponte

não tive nenhuma amante por quase quarenta anos. Não estamos acostumados.

Elsie baixou a colher e deixou a sopa deslizar de volta para a tigela. 'Sério? Tanto tempo? Que estranho. Eu quero saber porque?'

"Houve um bando de criados que morreram, eu acho. Nos velhos tempos. Afaste a família de morar aqui. Eu ouvi uma conversa na vila - algo sobre um esqueleto que eles desenterraram na época do Rei George. Um esqueleto no jardim! Imagine isso!'

Na verdade, havia tantos mortos naquele jardim que não era uma surpresa.

'De fato! Você cresceu na vila de Fayford, suponho?

A gargalhada de Mabel a fez pular. A empregada jogou a cabeça para trás como uma mulher comum em um teatro musical.

Isso não funcionaria - não funcionaria de forma alguma. - Estou te divertindo, Mabel? ela retrucou.

'Senhor te abençoe, senhora.' Mabel enxugou um olho com a ponta do avental. "Ninguém da aldeia trabalha aqui."

- E por que isso?

'Eles estão com medo do lugar. Dá a eles morbs. '

O peso se acomodou em torno de seu pescoço. Superstição? Premonição? Fosse o que fosse, ela não queria que Mabel visse. 'Bem, isso parece muito tolo. Era apenas um esqueleto. Não há nada a temer, não é? Mabel encolheu os ombros. - Isso é tudo, Mabel.

- Muito bom, senhora. Sem fazer uma reverência, ela se virou, apagou a lâmpada e saiu pela porta. Ela não se preocupou em fechá-la atrás dela.

'Mabel!' Elsie ligou. - Você apagou a luz por engano, não posso providenciar. . . '

Mas ela já podia ouvir os pés planos de Mabel descendo as escadas.

Ninguém veio fechar a porta ou retirar a comida. Desesperada, Elsie colocou sua bandeja de jantar intocada no chão e se recostou nos travesseiros.

Quando ela acordou, o quarto estava tão escuro quanto um véu que chora. O fogo havia expirado, deixando o ar frio. A mancha daquela maldita sopa ainda pairava no ar, fazendo seu estômago se contorcer. Como poderia a empregada apenas

deixá-lo lá para infeccionar e ficar sujo? Ela teria que falar com a governanta pela manhã.

Foi então que ela ouviu: um som áspero, como uma serra na madeira. Ela ficou rígida.

Ela realmente tinha ouvido isso? Os sentidos podem pregar peças no escuro. Mas então veio novamente. **Hiss** .

Ela não queria lidar com outro problema esta noite. Certamente se ela continuasse enrolada com os olhos fechados, o barulho iria embora? **Sibilo, sibilo** . Um som rítmico e abrasivo. **Sibilo, sibilo, sibilo** . O que **foi** ?

Ela puxou a coberta sobre a orelha até abafar o barulho. Por fim, ele parou. Sua cabeça tombou com o peso da exaustão. Provavelmente foi alguma bobagem tola; animais na floresta. Ela não reconheceria seus sons - ela sempre dormiu em uma cidade. Estava em silêncio agora, e ela poderia voltar a dormir. . .

Sibilo, sibilo . Ela começou, cada centímetro de seu corpo eletrizado. **Hiss** . Dentes contra madeira. Raspagem.

Cegamente, ela bateu sob o travesseiro em busca de sua caixa de fósforos. Não estava lá. Claro que não estava lá, ela ainda não havia desempacotado. Sua mão parecia vazia, vulnerável, sem a caixa. Ela tinha que ter cuidado, ela não devia entrar em pânico.

Quase caindo da cama, ela bateu no escuro por uma alavanca de gás, um isqueiro, qualquer coisa. Seus dedos encontraram apenas poças duras de cera onde a vela derreteu. **Sibilo, sibilo**.

A escuridão era absoluta - seus olhos se recusaram a se ajustar. Não era como Londres; não havia postes de rua do lado de fora. Ela foi forçada a avançar lentamente, batendo à frente. A perna da penteadeira, uma forma redonda e elástica - um aro de crinolina. Ela manobrou em torno dele, os ouvidos tensos para o som. A própria imobilidade parecia pesada - carregada, como se estivesse esperando.

Ela colocou a mão para baixo e a sentiu afundar em algo. Ela recuou e gritou. Houve um estrondo e o líquido vazou por sua camisola. Os odores de frango e carne anunciaram que ela se arrastou direto para a bandeja do jantar.

Sibilo, sibilo. Elsie se atirou para longe da bandeja. Preto, nada além de preto diante de seus olhos. Como ela poderia sair desta sala?

Finalmente, ela distinguiu um tom de cinza. Ela engatinhou em direção a ele e sentiu uma superfície sólida. A porta. Lutando para ficar de pé, ela bateu a maçaneta e abriu a porta.

Estava mais claro no corredor. Ela deu alguns passos para fora, afundando os pés no carpete empoeirado. Pequenas nuvens flutuaram enquanto ela se movia.

Não havia nada que sugerisse o que havia feito o barulho. Tudo estava parado. O luar caía pela torre da lanterna em barras de prata e os bustos de mármore brilhavam.

Sibilo, sibilo. Elsie foi na direção do som. Ela tinha que parar - ela nunca dormiria com aquela raquete. **Sibilo, sibilo**. Veio mais rápido, frenético. Seus pés acompanharam o passo quando passaram pela galeria, em direção às escadas. Ela tinha certeza: estava vindo de cima.

Os degraus levaram a um patamar estreito com paredes caiadas de branco. O andar superior da casa, tradicionalmente domínio dos criados. Ela seguiu o som por um corredor, passando pela torre da lanterna, até que o farol de luar se transformou em um brilho fraco. O piso macio deu lugar a ladrilhos frios sob os pés. Ela estremeceu, desejando ter trazido um manto ou cobertor com ela. Ela se sentia pequena, exposta em algodão e renda.

Ela parou para descansar e se orientar. À frente, um círculo amarelo fraco manchava a parede.

Sibilo, sibilo . O barulho estava próximo. Ela colocou um pé à frente - e sentiu algo roçar sua perna.

'Droga!' ela gritou. Ela cambaleou, quase perdendo o equilíbrio. 'Droga, droga.'

Pequenos cliques soaram nos ladrilhos. Ela não se atreveu a olhar para baixo e ver o que os fazia.

O ruído áspero e cortante estava por toda parte ao seu redor, como a voz de Deus. E logo abaixo, uma batida constante. Passos.

Uma orbe amarela flutuou na escuridão, flutuando em sua direção. Elsie se preparou, mal sabendo o que esperava.

O orbe estava se aproximando. A figura de uma mulher surgiu atrás dela, sua sombra se estendendo ao longo dos ladrilhos em seus calcanhares. Ela viu Elsie, engasgou - e eles mergulharam na escuridão mais uma vez.

Sibilo, sibilo . Mais uma vez, algo macio e quente varreu sua panturrilha. Desta vez, Elsie gritou.

- Sra. Bainbridge? Ouviu-se um som de tecido se rasgando e, em seguida, o clarão de um fósforo. O rosto de uma mulher apareceu em uma auréola cintilante. Ela já tinha passado da meia-idade e tinha rugas na pele. 'Me abençoe! É você, Sra. Bainbridge, a esta hora? Você me deu um susto. Eu apaguei minha vela imediatamente.'

Os lábios de Elsie se agitaram, tentando encontrar apoio. 'Eu vim . . . O som. . . ' Enquanto ela falava, começou de novo, aquele terrível **assobio, assobio** .

A mulher acenou com a cabeça. Seus olhos estavam líquidos e amarelados à luz das velas, como se suas íris nadassem em mel. - Vou mostrar o problema, senhora. Por favor siga-me.'

Ela se virou, levando a vela com ela. A escuridão era ainda mais assustadora depois de um momento de iluminação. Em sua fantasia cansada, Elsie imaginou um segundo par de passos caminhando atrás dela.

- Sou a governanta aqui, Sra. Bainbridge. Meu nome é Edna Holt. Eu esperava conhecê-lo em circunstâncias mais tradicionais, mas não posso evitar. A voz dela era gentil e respeitosa, sem o sotaque horrível da fala de Mabel. Elsie seguiu o som disso, uma corda amarrando-a a um mundo de realidade e servos, em vez da fantasmagoria que assolava sua imaginação. - Espero que você esteja um pouco melhor agora, senhora. Ouvi dizer que você não estava bem.

'Sim. Sim, tudo que eu precisava era dormir. Mas então ... O ruído áspero a interrompeu. Sibilou e arranhou quando a Sra. Holt parou no final do corredor, ao lado de uma escada de madeira.

O que poderia ser? A serra circular da fábrica emitiu um som vagamente semelhante, mas foi rápido, mais staccato. Isso foi prolongado. Como um rasgo lento, lento.

Algo deslizou sobre seus pés, fazendo cócegas em suas pernas ao passar. Ela engasgou. Uma forma pequena e escura subiu os degraus à frente. - Sra. Holt! Você não vê?' Duas fendas verdes brilhantes se materializaram ao lado da porta no topo da escada. A respiração de Elsie ficou presa na garganta. 'Deus tenha piedade.'

- Eu sei - disse a sra. Holt gentilmente. Mas ela não estava olhando para Elsie - seus olhos estavam fixos na porta. 'Eu sei, Jasper. Desça.'

As formas se encaixaram - Elsie viu um gatinho preto descendo as escadas correndo ao lado da Sra. Holt. Um **gato**. Ela nunca se sentiu tão tola.

- Acho que devem ser ratos, senhora. Ou possivelmente esquilos. Algo com dentes roendo. Eles levam o pobre Jasper até aqui, distraídos.

O gato caminhou em um círculo protetor ao redor deles, murmurando nas profundezas de sua garganta. Seu casaco e cauda balançavam contra suas saias.

- Bem - disse Elsie, recuperando o uso da voz -, precisamos chamar um homem lá para olhar. Um ninho logo é limpo. '

- Ah, senhora, mas esse é o problema. Com a mão livre, a sra. Holt tirou um molho de chaves do cinto e as ergueu. - O sótão foi fechado há anos, antes de eu ficar aqui. Nenhum desses encaixa na fechadura.

- Você quer me dizer que não há como obter acesso? A governanta balançou a cabeça. - Então, alguém deve levar um machado até a porta. Não posso permitir que essas criaturas se aninhem sem serem molestadas. Pense no que eles podem fazer com a estrutura do edifício! Ora, o lugar inteiro pode desabar em torno de nossas orelhas.

A vela dançou sob sua respiração. Ela não conseguiu distinguir a expressão da sra. Holt. - Não se preocupe, senhora. Eles não podem ter causado muitos estragos. Eu só os ouvi nas últimas semanas. Só, realmente, desde que o mestre desceu.

Ambos ficaram imóveis. Elsie de repente percebeu o corpo, três andares abaixo - talvez embaixo do mesmo local onde seus pés arqueavam para longe dos ladrilhos frios. Ela se abraçou. - E o que o Sr. Bainbridge disse sobre o assunto?

- Quase o mesmo que você, senhora. Ele iria escrever para Torbury St Jude por um homem. . . Não sei se ele já fez isso. '

Todas as cartas não enviadas, as palavras não ditas. É como se Rupert tivesse saído da festa no meio de uma dança. Ela sofria com a necessidade de ele vir e fazer tudo simples, para tirar o fardo de seus ombros.

- Bem, sra. Holt, vou dar uma olhada na biblioteca de manhã e ver o que encontro. Se não tiver sorte, escreverei sozinho. '

A governanta fez uma pausa. Quando a voz dela veio, era infinitamente mais suave; uma carícia verbal. - Muito bem, senhora. Agora é melhor eu te iluminar de volta para a cama. Amanhã será um dia longo e cansativo, só Deus sabe.

Elsie se perguntou por um momento o que ela queria dizer. Então, a compreensão explodiu sobre ela: eles estavam apenas esperando por sua chegada. Amanhã eles

iria enterrar Rupert.

Seus joelhos cederam. A mão livre da Sra. Holt passou rapidamente sob seu cotovelo. - Calma, senhora.

De repente, ela percebeu sua camisola, úmida de sopa e molho contra suas pernas, e a pequena língua do gato lambendo-a para limpá-la. Revoltante.

Ela pensou na bagunça que havia feito em seu quarto, depois na bagunça que fizera com Jolyon. Suas pálpebras ficaram insuportavelmente pesadas. - Acho que você está certa, sra. Holt. É melhor eu voltar para a cama. _____

O céu era de um azul frio e forte, sem nuvens. O vento forte mantinha as árvores em constante movimento. Um confete de folhas verdes, amarelas e marrons estava espalhado sobre os caminhos, rangendo enquanto as rodas da carruagem passavam por eles. Elsie ficou surpresa com a distância que conseguia ver, mesmo submersa sob o véu de lágrimas. Não havia manchas de fuligem no ar; nenhuma nuvem de fumaça de carvão ofuscou a luz. Isso a enervou.

- Sim, é o dia certo para Rupert. - Sarah suspirou. 'Ocupado e brilhante, assim como ele.' Seu rosto comprido e de cavalo parecia pior do que ontem, desbotado e com os olhos esbugalhados depois que ela ficou acordada a noite toda com o corpo de Rupert.

Elsie lamentou não ter vigiado ela mesma. No Salão Principal, bem na parte inferior da casa, ela não se incomodaria com o barulho de arranhões; Sarah não fez menção de ter ouvido. E Rupert merecia uma última vigília. Ela não pretendia menosprezá-lo, mas com o bebê na barriga, ela se tornou egoísta para seu próprio conforto. Sono, fogo e uma poltrona tornaram-se coisas vitais em sua vida.

Ela encostou a cabeça na janela. A terra parecia melhor ao sol. Ela avistou lariços e olmos crescendo entre os castanheiros e um esquilo galopando em seu caminho. Ele parou nas patas traseiras, observando a passagem do cortejo fúnebre, então disparou para o tronco mais próximo.

O homem das penas foi o primeiro, uma bandeja de plumas pretas equilibrada sobre sua cabeça. Em seguida veio o mudo com seu

cajado. Seu chapéu deixou um rastro de lágrimas abaixo de sua cintura.

- Você fez um bom show para ele. Elsie estendeu a mão e apertou a mão de Jolyon, ansiosa para remover a tensão entre eles. 'Sou grato.'

"Não é mais do que ele merecia."

O café de Rupert brilhou no carro funerário. Pobre Rupert, preso para sempre neste lugar sombrio. Vista para a eternidade por aquela igreja abismal com apenas meia torre. Quando se casaram, Elsie nunca duvidou que passariam a eternidade enterrados lado a lado. Ela pode ter que rever esse plano.

Quando as carruagens pararam, ela ficou aliviada ao ver que nenhum dos aldeões se aventurou a ir até as janelas, embora isso a tenha surpreendido. Em casa, um funeral era um espetáculo. Aqui não parecia uma ocorrência notável.

Jolyon pegou sua bengala. 'Está na hora.' Sua capa preta balançou quando ele desceu os degraus e ofereceu a mão, primeiro para Elsie e depois para Sarah.

Ela se sentiu frágil quando tocou o chão; tão leve quanto um dos galhos voando no cemitério. Ela não sabia como se comportar.

A mãe ficou histérica quando o pai morreu. Lembrando-se de seus soluços estremecedores, Elsie sentiu um fracasso instantâneo como esposa. Ela não conseguia chorar. Ela passou seus dias segurando o conhecimento da morte de Rupert à distância, como uma adaga contra sua garganta, com medo de deixá-la mergulhar e trazer consigo a compreensão. Suas únicas sensações eram dormência e náusea.

A maldita Sarah começou a chorar no momento em que foi instalada no outro braço de Jolyon. A visão de suas lágrimas encheu Elsie de uma raiva que ela não conseguia justificar.

- Sr. Livingstone. Sra. Bainbridge, Srta. Bainbridge. Minhas sinceras condolências.'

Elsie fez uma reverência perante o vigário. Através da rede de seu véu de lágrimas, ela distinguiu um jovem com cabelos loiros sujos. Ele tinha um nariz comprido e um queixo grande que sugeria uma boa educação, mas sua estola era suja e quase branca.

- Só tive o prazer de conhecer o Sr. Livingstone antes. Meu nome é Underwood. Richard Underwood. ' Uma voz gentil, cada letra enunciada. O que esse homem estava fazendo com a vida horrível de Fayford? Certamente suas conexões poderiam fazer melhor por ele? Como ele dobrou

com as mãos sobre um livro de orações e o segurou contra o estômago, Elsie notou buracos nas mangas de sua batina. 'Agora devo perguntar a vocês, senhoras, antes de começarmos, se vocês têm certeza de que se sentem à altura do serviço? Não há vergonha em descansar em casa. '

Sarah soltou uma nova explosão de lágrimas.

- Pronto, Srta. Bainbridge - disse Jolyon. - Você está ... você ... é como o Sr. Underwood diz. Você prefere ficar na carruagem? ' Ele olhou para Elsie em busca de ajuda. Ela quase sorriu. Ele queria uma irmã com sensibilidades mais aguçadas, não é?

O Sr. Underwood interveio. - Minha cara Srta. Bainbridge, console-se. Aqui está meu braço. ' Ele a separou de Jolyon com tanta delicadeza que Elsie se convenceu: ele deve ser um cavalheiro. Lentamente, ele guiou Sarah para longe. - Você pode sentar-se no vicariato até ser restaurado. Minha empregada vai buscar um chá para você. Sais? Você tem sais? '

Sarah deu uma resposta ofegante que Elsie não entendeu.

'Muito bom. Olha, apenas aqui. ' Sua casa era uma das choupanas desagradáveis que invadiam o cemitério - dificilmente uma casa digna de um vigário. Ela estava quase preocupada com Sarah sentada ali durante todo o serviço; parecia que você poderia pegar febre tifóide daquele lugar. - Ethel, vá buscar o banco. Você deve cuidar desta senhora por mim. Faça um chá doce para ela.

Uma bruxa ossuda sem dentes apareceu na porta. 'Mas é o último de-'

- Estou ciente disso, Ethel - disse ele bruscamente. - Agora faça o que estou pedindo. Resmungando, a mulher conduziu Sarah para dentro e fechou a porta. Mr. Underwood voltou para eles, aparentemente imperturbável.

- Foi muito gentil da sua parte, senhor. Obrigado ', disse Jolyon.

- Sem problema nenhum. Sra. Bainbridge, estamos seguros com você? 'Eu responderia pelos nervos dela com minha vida', respondeu Jolyon. Underwood a avaliou com interesse. Seus olhos estavam arregalados, mas

estranhamente encapuzado; eles espiaram, em vez de olharem. 'Muito bom. Agora, Sra. Bainbridge, irei até a porta da igreja e encontrarei o caixão. Isso vai primeiro, depois os enlutados vão atrás.

Ela assentiu. Era tudo o que ela podia fazer.

Os carregadores colocaram o caixão nos ombros e seguiram adiante. O vento passou por baixo da mortalha de veludo preto, agitando-a no tempo

com seus passos. O brasão Bainbridge ondulou em flashes: azul, ouro, azul, ouro e depois um machado.

Ela puxou o braço de Jolyon. 'Eu preciso sentar.' Lápides castigadas pelo tempo alinhavam-se no caminho para a porta da igreja:

inscrições em bruto. Três memoriais consecutivos traziam o nome de **John Smith**, com datas com apenas dois anos de diferença. Depois veio outro par, ao lado de uma roseira, ambos **Jane Price, 1859**.

Elsie manteve o olhar abaixado. Ela não queria ver os enlutados descendo de suas carruagens ou encontrar seu olhar de comiseração. Poucos meses antes, ela havia caminhado na outra direção, enfeitada com seda e murta com o repicar dos sinos do casamento atrás dela. Ela olhou para seu vestido branco e soube que a solteirona Srta. Livingstone se fora para sempre. Aqui estava a Sra. Bainbridge, uma nova criação, recém-nascida.

De cinzas a cinzas, poeira a poeira . Como a fortuna mudou rapidamente. A mulher que entrou na igreja depois desse café - quem era ela agora? Livingstone, Bainbridge? Talvez nenhum. Talvez ela não fosse uma pessoa que Elsie queria conhecer.

"Foi um serviço adorável." Um senhor gordo pegou a mão dela e pressionou-a contra o bigode. Ele cheirava a tabaco.

'Sim. Simplesmente - adorável - disse ela pela milésima vez. 'Obrigado por ter vindo. Por favor, você não quer um cartão comemorativo? Ela tirou a luva de suas mãos suadas e a substituiu por um pedaço de cartão com a borda preta . Então ela passou para o próximo.

Eles pareciam ridículos: aqueles homens da cidade com suas finas bandanas, vozes zurrando e charutos, amontoados em um cemitério dilapidado. **O** que eles devem pensar da residência familiar de Rupert e sua esposa de fábrica?

O sol havia desbotado para um disco de prímula, mas ela ainda desfilava para cima e para baixo na fila de estranhos, agradecendo a eles. Distribuindo a vida de Rupert, comprimida em um simples conjunto de fatos em um cartão monocromático.

*Em memória afetuosa de Rupert
Jonathan Bainbridge*

Que partiu desta vida em 3 de outubro de 1865 no quadragésimo quinto ano de idade

*Enterrado no cofre da família, Igreja All Souls, Fayford
MEMENTO MORI*

Jolyon fez sua parte, passando de grupo em grupo, aceitando suas condolências. Era **ele que** os convidados tinham vindo ver - poucos deles a conheciam. Eles realmente notariam se ela escapulisse? Talvez ela devesse ir e encontrar sua velha

companheira, a vaca faminta. Pelo menos aquela criatura miserável havia mostrado algum interesse por ela.

Ela ficou parada por um momento, olhando distraidamente através dos quadrados de rede de seu véu. Pássaros para os quais ela nem tinha um nome gritavam nas árvores além. Os gordos e curiosos que pareciam pombos londrinos, exceto que eram bege. Necrófagos negros e corajosos. Rooks? Jackdaws? Ravens? Ela nunca tinha realmente notado a diferença. Um que ela reconheceu - uma pega - chacoalhou para ela do portal. A faixa de cobalto em sua cauda apontava para a mais pobre das lápides: torta, devorada por líquen e cardo.

- Você está se perguntando sobre as lápides. A voz a fez estremecer. Ela se virou para ver o Sr. Underwood, discretamente parado ao seu lado. Suas mãos estavam enfiadas sob a sobrepeliz; ou ele estava com frio ou estava escondendo os buracos nas mangas.

'Sim, eu estava. Parece haver muitas coisas com os mesmos nomes.

Ele suspirou. 'Tem. E não importa o que eu diga aos meus paroquianos, continua a haver. As pessoas . . . Bem. Não preciso enfeitar para você, Sra. Bainbridge. Você vê como a aldeia é. O povo não tem esperança. Eles nem mesmo esperam que seus bebês vivam, então eles reutilizam nomes. Ali ', ele puxou a mão e gesticulou para Jane Price que ela vira antes. 'Aquelas duas meninas estavam vivas ao mesmo tempo. O mais velho estava doente e o bebê nasceu doente. Eles morreram com um mês de diferença.

'Que coisa terrível. Pobres meninas! Mas pelo menos seu povo se lembra deles com uma pedra.

"Um pequeno conforto."

'Você acha? Você já esteve em Londres, Sr. Underwood? Sua testa franzida. 'Em ocasião. Antes de anotar meus pedidos. ' - Então você deve ter visto os cemitérios? Eixos de vinte pés , um caixão empilhado sobre o outro, até a superfície. Horrível

lugares. Já ouvi falar de corpos sendo perturbados, até mesmo desmembrados, para dar lugar a novos cadáveres. Portanto, eu digo que é uma misericórdia ser colocado em seu próprio terreno sob uma pedra com um nome, mesmo que seja emprestada. Existem coisas muito piores que um pai pode fazer.

Ele olhou para ela, reavaliando-a. 'Para ter certeza.'

Ela julgou prudente mudar de assunto. 'Minha empregada me disse que um esqueleto foi descoberto em minha propriedade, anos atrás. Por acaso saberia se isso também está enterrado aqui, Sr. Underwood?

- Qual esqueleto seria esse?

Ela piscou. 'Eu não entendo você.'

'Houve . . . alguns ', ele admitiu. - Mas é uma casa muito velha, Sra. Bainbridge. Não há motivo para alarme. '

As palavras de Mabel fizeram mais sentido agora. Seria tolice as criadas ficarem longe da casa por causa de um único esqueleto, mas ela podia entender que elas poderiam ser desencorajadas por várias descobertas. Ninguém queria encontrar uma pilha de ossos durante o desempenho de suas funções.

- Não estou alarmado, apenas. . . surpreso. Meu falecido marido não sabia muito sobre a história da casa.

"É estranho. A propriedade foi deixada vazia durante e após a Guerra Civil. Então, com a Restauração, a família começou a voltar. Mas nunca por muito tempo. A família Bainbridge tinha o péssimo hábito de perder seus herdeiros, e a casa freqüentemente passava para segundos filhos que nunca voltaram para reivindicá-la.

'Que triste.'

"Os negócios os mantiveram afastados, suponho." Ele cruzou os braços. "Existem muitos registros em Torbury St Jude; Eu ficaria feliz em buscar alguns, se você tiver interesse?

Pelo que parecia, a história seria lida como um terrível centavo ruim. A última coisa que ela queria era uma história de morte e esqueletos. Mas o Sr. Underwood parecia tão sério ao oferecer que ela não teve coragem de rejeitá-lo. - Você é muito gentil.

Eles ficaram em silêncio, observando os túmulos. Nenhuma flor de estufa adornava o solo. Em vez disso, os cardos formigaram. Suas flores roxas estavam desaparecendo, transformando-se em garras de sementes finas.

- Talvez, Sra. Bainbridge, eu vá buscar seu primo para você - disse ele por fim. - Espero que ela se recupere.

'Sim. Espero que sim. Obrigado.' Ela inclinou a cabeça enquanto ele se afastava, sua franja loira saltando em torno de suas têmporas.

A pega tinha florescer. Ela olhou para o portão onde ficava, pensando na pequena Jane Price. Seu véu balançou com a brisa e deu a impressão de que ~~seus~~ túmulos estavam ondulando. Acenando para ela.

Elsie acordou de mau humor. Pela segunda noite, ela não dormiu bem. O **chiado** irritante recomeçou, embora tenha durado apenas uma hora. Depois que ele parou, ela ficou inquieta, brincando com sua mente por uma maneira de ajudar a aldeia e lembrando-se do pobre Rupert na cripta fria.

A cama era grande demais sem ele. Embora ela não fosse o tipo de esposa que dormia enrolada em torno do marido, havia algo reconfortante na presença de Rupert sob os lençóis e no rangido

ocasional que ele fazia ao se virar. Era como se ele a estivesse protegendo. Sem ele, o outro lado do colchão bocejou frio e sinistro. Tanto espaço, tanta oportunidade para algo mais entrar.

Sem qualquer ajuda das criadas, ela se vestiu e conseguiu prender o boné de viúva antes de descer as escadas.

As palavras do Sr. Underwood continuaram a perturbá-la. Deve haver algo que ela possa fazer por Fayford. Ela não tinha visto nenhuma das crianças, mas a julgar pelo estado da vaca, seriam pele e osso. Quem sabia que horror doméstico eles enfrentaram? No entanto, se seus pais tinham medo dos Bainbridges e de sua casa-esqueleto, ela dificilmente poderia irromper com sua cesta da boa vontade e um sorriso condescendente. Seria melhor

Motes dançou no ar à sua frente, fazendo-a tossir. Ela parou e olhou para os degraus. Suas saias pretas haviam escovado uma nuvem do material: um pó, ao contrário do pó comum. Denser. Ela se abaixou, prendendo uma partícula entre o polegar e o indicador. Os grãos eram bege e ásperos.

Ela levou os dedos ao nariz. Suas narinas se dilataram com aromas que a levaram de volta à fábrica. Algo afiado e limpo: linhaça. E por baixo disso um aroma mais profundo de nozes. Ela espirrou. Sim - era serragem.

Aqui?

Serragem, fósforo, o turbilhão da lâmina de corte. . .

Apressadamente, ela o afastou e tirou as saias, não querendo nenhum vestígio do material sobre ela.

Talvez fossem as vigas que sustentavam o teto; eles podem estar desmoronando, como tudo o mais na Ponte. Ela teria que perguntar à Sra. Holt mais tarde.

Enquanto ela se levantava, a escada balançava - ela ia desmaiar. Encostada no corrimão, ela desceu cambaleando os últimos degraus.

Respire, respire.

Às vezes acontecia assim; a menor coisa a faria recuar no tempo, ressuscitar memórias e reduzi-la ao estado de uma criança assustada.

Com o sangue rugindo em seus ouvidos, ela alcançou o Salão Principal e respirou fundo. Ela estava aqui agora, segura.

O passado já havia tirado o suficiente dela - ela não permitiria que ele tivesse seus anos de adulto também.

Ela pegou a porta à esquerda da lareira e entrou na sala de jantar. Jolyon e Sarah já estavam sentados a uma mesa de mogno, o brocado de ouro-dente-de-leão na parede lançando uma sombra doentia sobre sua pele. Eles tiraram os guardanapos do colo e se levantaram quando ela entrou.

'Aí está você.' Jolyon enxugou a boca. - Acho que começamos sem você. Não tínhamos certeza se você cairia. '

O relógio do avô soou.

- Devo continuar como de costume, suponho. A voz dela tremeu. Ela afundou na cadeira que Jolyon puxou para ela, bem a tempo.

Servos espreitavam ao lado do aparador - a empregada maltrapilha Mabel e uma mulher mais velha que devia ser Helen. Ela era uma coisa corpulenta e de aparência alegre, o rosto corado em um tom permanente de morango - sem dúvida o efeito de ficar em pé sobre água quente por muitos anos. Fiapos de cabelo ruivo escapavam de seu boné nas têmporas. Elsie calculou sua idade por volta dos quarenta.

Supervisionando as duas criadas estava um homem alto de cabelos grisalhos. Ele parecia como se nunca tivesse sorrido em sua vida.

Jolyon serviu café enquanto Helen servia ovos com manteiga e torradas com arenque, mas o cheiro de serragem havia revirado o estômago de Elsie. Ela pegou o garfo e brincou com a pilha instável de ovo.

- A senhorita Bainbridge estava me contando sobre seu tempo na casa do vigário. Jolyon ergueu as pontas do casaco e sentou-se ao lado dela.

Sarah corou até a raiz de seu cabelo esguio. - Não foi gentil da parte dele, Sra. Bainbridge, me receber assim? Quando ele estava tão ocupado? '

'Sim.'

"Ele me parece um tipo de homem superior", observou Jolyon. - Não foi criado para a igreja, acho. De qualquer forma, não uma igreja em Fayford.

- Não, ele não estava - Sarah balbuciou, animando-se com o assunto. 'Ele deixou uma família rica e uma herança para tentar fazer o bem.

Seu pai o cortou sem um centavo, mas ele tinha um pouco de seu próprio dinheiro. Ele o usou para ganhar a vida em Fayford. Você já ouviu falar de uma coisa tão nobre? Elsie colocou um pedaço de comida na boca e mastigou lentamente. isso foi

um erro - a textura do ovo a fez ter vontade de vomitar. - Você está bem, Sra. Bainbridge?

'Sim Sim.' Ela tocou um guardanapo na boca e discretamente cuspiu o ovo. 'Mas e voce? Você se recuperou de seu desmaio ontem?

'Sim, obrigado. Estou muito mais forte hoje. '

'Estou contente de ouvir isso. Imagino que você já tenha se cansado de funerais, depois da morte da Sra. Crabbly e de seus pais.

'Sim.' Sarah tomou um gole trêmulo de seu chá. - Embora eu não tenha ido ao enterro da Sra. Crabbly. Ela era terrivelmente antiquada assim. Ela teria revirado o túmulo se soubesse que havia uma

mulher presente em seu funeral. Mas meus pais. . . ' Ela olhou para o chá.

'Rupert não me falou muito sobre seus pais,' Elsie disse gentilmente. -

Bem, dificilmente posso dizer mais. Acho que Rupert os conhecia melhor do que eu. Eles me colocaram na casa da Sra. Crabbly quando eu tinha oito anos, para treinar como companheira. Nunca fomos ricos, sabe, do nosso lado da família. Algo a ver com uma discussão entre meu avô e seu pai. Então todos nós trabalhamos. Meus pais não tinham muito tempo para mim. ' Sarah tomou outro gole de chá, como se para lhe dar forças. - E então eles se foram. Não havia dinheiro para um funeral. Eu não poderia tê-los enterrado se Rupert não tivesse. . .

Ele sempre foi tão bom para mim. ' Sua voz engrossou. 'Eu gostaria . . . '

Envergonhada, Elsie pegou o garfo e desfiou o arenque. Ela estava começando a se arrepender de ter tratado a garota com tanta leviandade. Sarah pode ser chata

como valeta, mas ela tinha sofrido. 'Eu sinto muitíssimo.'

Jolyon pigarreou. - Nós entendemos, Srta. Bainbridge. Ele não encontrou os olhos de Elsie. 'Nós também perdemos nossos pais em uma idade jovem.'

Sarah balançou a cabeça, o cabelo escorregando do coque. - Não adianta ficar pensando nisso. Mas você pode ver por que eu estava tão grato ao Sr. Underwood e seu criado por cuidar de mim. Você sabia que o Sr. Underwood me deu o último gole de seu chá? Eu me senti péssimo pegando. Seus armários eram tão escassos. Apenas uma lasca de açúcar e absolutamente nada de leite!

'Leite!' Elsie espetou um pedaço de arenque triunfantemente. "Claro, essa é a resposta. É assim que posso ajudar a aldeia! Jolyon, você deve fazer perguntas. Eu vou adotar a vaca. '

Jolyon bufou em seu café. As criadas se mexeram ao lado do aparador. 'Que vaca?'

'A vaca que eu vi no meu caminho para cá. Pobre besta, parecia bastante acabado. Quanto mais penso nisso, mais acredito que ela estava me pedindo ajuda. Se eu comprar a vaca, posso trazê-la aqui para ficar bonita e gorda, e aí ela vai produzir leite. Podemos fazer queijo. E posso dar o leite e o queijo aos aldeões, de graça.

- Você é um ganso, Elsie. Ele colocou sua xícara na mesa. 'Por que não simplesmente chamar os aldeões com uma cesta?'

'Vai parecer menos condescendente desta forma. Você não acha? '

Jolyon ergueu as mãos. 'Não importa o que eu digo. Você tem certeza de fazer o que quiser. Mas você terá que chamar o Sr. Stilford, ou a Sra. Holt, para fazer suas perguntas. Estou voltando para Londres no trem desta tarde.

'Esta tarde!'

- Receio que sim. Falar aos cavalheiros no funeral me fez perceber como os negócios são urgentes.

'Mas . . . ' Como ele poderia abandoná-la, deixá-la sozinha com Sarah? 'Quando você estará de volta?'

- Acho que não por um bom tempo. Seus lábios se comprimiram; ela sentiu que havia coisas que ele não poderia dizer na frente de Sarah. - Sinto muito, Elsie. Mas tenho que voltar. Para a fábrica. '

E como ela poderia argumentar contra isso? Ela, que dera tanto por aquele lugar?

'Claro. É claro que eu entendo.'

Quando a carruagem de Jolyon partiu em meio ao cascalho, Elsie ficou desanimada. O lugar parecia ainda maior, mais vazio sem ele. Ela vagou pelo quarto e pela sala de estar, mas não encontrou nada para fazer.

Nuvens cinzentas borbulharam do lado de fora. O vento açoitou as árvores. Até a luz dentro da casa estava fraca e granulada. Tudo o que ela podia ouvir era o tique-taque do relógio, o gemido das paredes e uma empregada, escovando uma lareira em algum lugar do primeiro andar.

Ela não gostava de ficar sozinha nesta casa: ela sentia que ela estava olhando para ela. Sentindo seus movimentos dentro das paredes, enquanto sentia o bebê tremer dentro de sua barriga.

Não adiantou. Ela precisava de companhia, não importa o quão terrível. Depois de duas horas de tédio, ela caminhou pelo corredor marrom, passando pelos bustos de mármore horríveis, em direção ao quarto de Sarah.

Batendo uma vez, ela entrou e encontrou Sarah enrolada em sua cama com um livro e o gato da sra. Holt, Jasper. A sala era notavelmente parecida com a dela - apenas, como Jolyon havia dito, espelhada. As árvores balançando do lado de fora das janelas de Sarah eram um tesouro de ouro e bronze; O lado de Elsie tinha os cobre, os vermelhos queimados.

'Oh! Sra. Bainbridge. Eu não esperava por você. ' Sarah colocou uma marca em seu livro e se levantou, envergonhada. Jasper apenas a observou

- ele não perdeu seu lugar na cama. 'Eu sinto Muito. Você precisa de mim? ' 'Sim. Na verdade, vou explorar a casa. eu quero você para se juntar a mim. '

'Explorar?' Os olhos castanhos de Sarah se arregalaram. - Ora, estamos ... quero dizer. . . Suponho que a Sra. Holt não se importe?

- Sra. Holt? O que ela tem a ver com isso? Esta é **minha** casa. Eu posso fazer o que eu quiser. '

'Sim. Suponho que sim. Por um momento, a boca larga de Sarah cedeu. Talvez tenha ocorrido a ela, como ocorreu a Elsie, que ela havia sido expulsa da herança. Mas então um pensamento mais feliz pareceu inspirar Sarah, pois ela sorriu e disse: 'Esta casa pertenceu à minha família

por muito tempo. É a única parte deles que ainda tenho. Uma conexão. Eu gostaria de explorar muito. '

Elsie estendeu a mão enluvada. - Venha, então.

Sarah hesitou. Elsie lembrou-se de repente de expor suas mãos ásperas na noite em que chegaram pela primeira vez: palmas da cor e textura da pele de porco. Ela tentou não deixar a consciência transparecer em seu rosto.

'Do que você tem medo?'

Com um rápido suspiro, Sarah deu um passo à frente.

Eles começaram bem na parte inferior da casa. A ponte era, na verdade, muito maior do que eles haviam imaginado. Pareceu girar em si mesmo. Saindo do Salão Principal, em frente à lareira que Elsie tinha se aquecido na primeira noite, eles encontraram uma sala de estar com painéis de madeira escura até a altura dos ombros. O papel cinza-azulado cobria o resto das paredes; sua sombra lembrava Elsie de flores de milho mortas. Era uma sala fria, cheia de urnas de mármore e tapeçarias.

- Por que você se retiraria aqui? ela perguntou. - Aposto que há casas de trabalho decoradas com mais calor.

A sala de estar conectava-se a um amplo espaço rosa claro repleto de instrumentos. Uma harpa manchada encostou-se à janela, como se desejasse sair. Uma de suas cordas havia se quebrado. Elsie correu os olhos pelas cortinas rosadas que bloqueavam a luz do dia. O teto era recortado, como a cobertura branca em volta do topo de um bolo.

Sarah voou em direção ao piano de cauda, abriu-o e apertou uma tecla. Uma nuvem de poeira se ergueu com a nota. 'Eu posso tocar piano', disse ela. 'Apenas pequenos pedaços. A Sra. Crabbly gostava deles. Eu tocarei para você esta noite. '

Era uma prova de como Elsie se sentia deprimente que ela realmente esperava por isso.

Em seguida, veio uma sala de jogos, decorada em verde. Uma cabeça de veado empalhada assomava acima deles da parede, seus chifres lançando sombras como os galhos de uma árvore.

'Que macabro.' Elsie torceu o nariz.

'Você acha mesmo?' Sarah olhou para a cabeça montada. A pele estava suja. Cada cílio castanho claro foi cuidadosamente separado, revelando os mármore de ébano encerrados nas órbitas. 'Há beleza

iniciar. Normalmente, esse sujeito estaria apodrecendo, mas em vez disso ele está aqui, ainda majestoso. Preservado para sempre. '

- Preso na ponte pelo resto de seus dias? Eu não posso invejá-lo. ' O cervo marcou o fim da asa; não havia como escapar, a não ser pela sala de música e pela sala de estar. Quando eles voltaram para o Salão Principal, a empregada ruiva emergiu da porta de baeta verde em o lado dos servos.

"Helen!" A empregada parou bruscamente ao ouvir a voz de Elsie. 'Ele é Helen, não é?' Ela assentiu em silêncio e suas pernas se dobraram em uma reverência muito superior à de Mabel. - Helen, agora que o funeral acabou, quero que vire as fotos do segundo andar. E em qualquer outro lugar, por falar nisso. Miss Bainbridge e eu queremos ver os retratos. Você pode fazer isso por mim?'

'Sim,
senhora.'
'Excelente.'

Fazendo uma reverência novamente, Helen se virou e voltou pela porta de baeta. Eles ouviram seus passos através das paredes, subindo a escada em espiral. Elsie e Sarah subiram os degraus mais largos e acarpetados reservados para a família.

- Havia serragem aqui antes - disse Elsie, observando com atenção. - Parece que sumiu.

O primeiro andar começou bem, com uma sala cor de mel contígua a uma sala de bilhar na ala oeste. Mas, enquanto se dirigiam para a ala leste, Elsie sentiu um calafrio nauseante tomar conta dela. Algum sexto sentido disse a ela o que eles estavam prestes a ver.

- Oh, olhe, Sra. Bainbridge! Que querido! ' Sarah correu para frente, deixando-a encostada no batente da porta. - Olhe para o pequeno berçário!

Uma criança pode ter brincado lá ontem. Estava impecável. O fl or-modelado papel não mostrou sinais de idade e o tapete, um chintz brilhante de vermelho e amarelo, tinha sido batido e lavado. Um cavalo de balanço erguia-se orgulhoso e reluzente no centro da sala, pequenas manchas brancas nas garras. Sarah empurrou-o e riu enquanto ele batia nas rodas verdes.

Elsie olhou em volta. O cavalo não era o único brinquedo. Bonecos estavam dispostos em volta de uma mesa em miniatura preparada para o chá. No chão ao lado deles estava uma arca de Noé de madeira, completa com animais. Uma tela alta

sentou na frente da lareira. Dentro do alcance do calor havia um berço enfeitado com faixas de tecido de limão. Ele era unido por uma armação de cama de ferro coberta por uma colcha de retalhos para uma criança mais velha. Sua garganta fechou.

"Há uma sala de aula além", disse Sarah.

- Acho que já explorei o suficiente por hoje.

Ela voltou para a galeria e olhou para o Salão Principal. As bandeiras cinza e pretas dançaram diante de seus olhos. Querido Deus, ela não poderia fazer isso. Eles podem muito bem pedir a ela para ir para Oxford e fazer um exame. Ela não poderia ser uma mãe comum para um bebê comum.

Todos aqueles brinquedos, recordações da infância. Talvez fosse diferente se você crescesse feliz, com lembranças de seu pai embalando você no colo e de sua mãe beijando suas lágrimas. Mas para Elsie não havia nada além de medo. Medo pelo bebê. Medo **do** bebê.

Jolyon tinha ficado bem, ela se lembrou. Mas era mais fácil com Jolyon sendo um menino. E se o bebê de Rupert nascesse uma menina? Ela não poderia amar uma filha que se parecia com ela. Ela não suportava olhar em um espelho de seu passado sem vomitar.

- Sra. Bainbridge? Sarah rastejou para o lado dela. - Você não está bem? 'Não. Somente . . . cansado.'

- Vamos explorar novamente amanhã?

"Não resta muito para ver. A biblioteca e a sala de verão ficam no mesmo andar de nossos quartos, podemos ir a qualquer hora. E então há apenas. . . ' Sua sobranceira se apertou com a memória do sótão. Naquela noite e o som áspero logo atrás da porta, fora de alcance. O que **tinha** sido?

Ela não podia acreditar que eram ratos - não um barulho daqueles. Ela queria saber a verdade. Levantando a mão, ela puxou um alfinete de debaixo do boné. Dois cachos loiros caíram.

- Sra. Bainbridge?

- Você gostaria de me ver arrombar uma fechadura?

A passagem no terceiro andar parecia menos sinistra à luz do dia. Era um corredor diferente daquele em que ela se encolheu. Os ladrilhos holandeses revelaram sua cor cobre e estalaram sob suas botas. Ela

percebeu nuvens de umidade e pequenas rachaduras que ela não tinha visto nas paredes antes.

- Não acredito em você, Sra. Bainbridge. Você está zombando de mim. Você realmente não pode abrir uma fechadura. '

Elsie sorriu. 'Você verá. Eu sou uma mulher muito engenhosa. ' Ela girou o grampo de cabelo entre os dedos enluvados. Já fazia muito tempo que ela não fazia isso. Não havia portas trancadas na fábrica, atualmente.

Um tamborilar soou nas telhas atrás. Ela olhou em volta e viu Jasper, correndo para se juntar a eles.

- Oh, Deus o abençoe. Sarah parou para esperar. Quando Jasper se aproximou dela, ele roçou sua perna, fazendo seu vestido suspirar.

- Que sorte você é, Sarah. Você tem um amigo firme aí. ' Era estranho, mas ela não parecia capaz de atravessar aquele corredor sem o gato. Ele estava guardando algo? Ou sua chegada significava que a Sra. Holt estava por perto? Uma coisa era deixar Sarah vê-la arrombar uma fechadura; outra bem diferente é fazer isso antes da governanta. - Venha, então. Pressa. Devemos fazer isso enquanto a luz ainda está boa. '

Ela viu a porta no final do corredor; três degraus rasos subindo até uma barreira de madeira lascada. Não parecia resistente. Ela não viu como poderia conter um ninho de esquilos ou ratos. Certamente seus dentinhos vorazes já o teriam roído?

Ela estava prestes a subir os degraus quando Jasper passou por ela, miando. - Cara tolo! Ele parou diante da porta como tinha feito naquela noite, olhos verdes brilhando e miau. Ela se virou para Sarah. - Talvez seja bom tê-lo conosco. A Sra. Holt acha que pode haver algum tipo de roedor morando lá. Sarah estremeceu. 'Não tenha medo. Eles não podem te machucar. E o gato vai matá-los. '

'Eu não acho que posso assistir isso. Eu odeio ratos. '

'Muito bem. Você fica aqui, então, enquanto eu cuido da fechadura. Jasper e eu vamos passar. ' Ela fez uma pausa. Esperançosamente, ela não estava prestes a fazer uma das descobertas esqueléticas que o Sr. Underwood havia mencionado. - Devo confessar que estou curioso para ver que tipo de animal existe lá. Você não acreditaria no som estranho que eles fizeram.

'Oh! Mas eu ouvi isso à noite. É **daí** que vem? ' Sarah olhou para a porta com olhos arregalados. Algo em sua expressão fez

O estômago de Elsie se contrai. 'Poderia - poderia um animal **produzir** aquele som?' Jasper miou e arranhou a porta. Foi uma imitação maçante de

o **assobio que** ela ouviu à noite. Linhas brancas finas marcavam a madeira onde ele a preocupou ao longo do tempo. 'Jaspe. Venha embora. '

Ele olhou para ela, seus olhos esmeralda inescrutáveis, sua pata suspensa. Então ele golpeou a porta novamente. Ele rangeu entreaberto.

Sarah deu um passo para trás. 'Veja! Está aberto.'

Elsie não conseguia acreditar em sua sorte. "A Sra. Holt deve ter escrito para Torbury St. Jude pedindo um chaveiro. Não esperava que ela fosse tão rápida. Ela prendeu o grampo de cabelo de volta sob o boné. "Vou explorar."

Nenhuma criatura saiu da abertura - isso era um bom sinal. Subindo os degraus, ela parou ao lado de Jasper e olhou para

dentro. O ar estava parado e pesado. Não havia ratos, esquilos ou esqueletos; apenas baús e móveis antigos. A poeira cobriu cada superfície, espessa como veludo. - Sarah - ela gritou de volta. "É bastante seguro." Ela tossiu e depois espirrou. - Bastante empoeirado, mas seguro.

Ela empurrou a porta e a observou girar nas dobradiças com um gemido prolongado. Ela esperava que Jasper corresse na frente dela, mas em vez disso ele deu meia-volta e fugiu pelo caminho de onde vieram. Ela riu; tossiu novamente. 'Gatos. Eles são criaturas tão perversas, não são?'

Ela deu quatro passos para dentro da sala, sua batinha levantando uma nuvem de poeira. O sótão parecia como se o tempo tivesse parado por séculos. Teias de aranha enfeitavam os cantos, mas nenhum inseto se contorcia dentro deles; todos estavam mortos em casulos ou enrugados e secos. Na parede oposta caía um relógio que não funcionava mais. Seu rosto foi esmagado e as mãos penduradas em ângulos estranhos. Lençóis holandeses cobriam formas quadradas que poderiam ser retratos.

Ela caminhou até uma mesa ao lado da janela manchada. Estava repleto de livros de páginas amarelas. A poeira obscureceu os títulos. Com a ponta de um dedo, ela cutucou a pilha. Alguns volumes mais abaixo na pilha ainda tinham tampas limpas. Tratados de jardinagem de dois séculos atrás. Alguns blocos com capa de couro que pareciam diários. ***Culpeper's Complete Herbal*** e a ***Generall Historie of Plantes*** por Gerard. - Sarah, entre! Ela tentou não inalar muita poeira enquanto chamava. 'Não há ratos. Mas existem livros.'

O rosto comprido de Sarah apareceu, pairando ao lado da porta. 'Livros?'

- Sim, se você ainda consegue lê-los. Coisas velhas e mofadas! Acho que alguns deles estão aqui desde a Conquista Normanda, pelo menos.

Sarah caminhou para o lado dela. 'Oh! Meu Deus.' Reverentemente, ela pegou os volumes com a ponta dos dedos. Marés borraram algumas das páginas; outros eram amarelos e finos como casca de cebola. 'Recibos. Ingredientes. Uma lista de contas do ferrador. Oh, olhe isso! Dezesseis trinta e cinco! Você acredita nisso?' Ela soprou para limpar a poeira da capa. "" O Diário de Anne Bainbridge ". Dois volumes. Ora, ela deve ser uma de minhas ancestrais! '

- Não é muito interessante, se os diários dela estão apodrecendo aqui há duzentos anos - observou Elsie. Ela colocou um pé para fora e testou o piso. Ele rangeu, mas segurou. - Eu me pergunto o que pode haver sob esses lençóis? Ela jogou um para trás com um floreio. A poeira explodiu. Ambos engasgaram para respirar. Quando o ar clareou, revelou uma cadeira de balanço e uma pequena caixa que parecia uma loja de remédios ambulante de um médico. Elsie o

abriu. Garrafas de vidro transparente com rolhas de cortiça chacoalharam dentro. "Deve ter sido um boticário na família", disse ela. 'Os resíduos no fundo parecem ervas.'

Sarah se virou, segurando um livro contra o peito. 'Deixe-me ver.' Ela deu dois passos na direção de Elsie - então gritou.

Elsie deixou cair a garrafa que segurava. Ele se abriu e liberou um cheiro de mofo subterrâneo. 'O que? O que é isso?'

"Tem algo aí. . . Olhos. '

- Oh, não seja ridículo. . . ' Sua voz diminuiu enquanto ela seguia o olhar de Sarah.

Sarah estava certa. Olhos castanho-verdes espreitavam nas sombras no fundo da sala. Um lençol branco escondia a maior parte do rosto, mas ela podia ver as pupilas, apontadas para ela com um escrutínio não natural.

'Uma pintura. É apenas uma pintura, Sarah. Olha, ele não pisca. '

Elsie vasculhou a desordem, puxando e empurrando objetos para fora do caminho. A poeira empoeirou seu vestido cinza, saindo da bainha em fitas. Os olhos pintados brilharam conforme ela se aproximava, como se cumprimentasse um velho amigo.

Elsie agarrou a ponta do lençol que cobria o retrato e puxou-o para longe. O material se soltou ao se mover, finalmente se soltando com um som de rasgo.

'Oh!' Sarah chorou. 'Está . . . Está . . . '

Sou eu , Elsie pensou com horror.

Era uma menina, cerca de nove ou dez anos. Nariz de botão e lábios franzidos. Olhos que simultaneamente acenavam e desafiavam você a se aproximar. Ela estava olhando para o rosto da criança que tinha sido: a garota com sua juventude arrancada.

Como? Sua mente gaguejou e parou. O rosto diante de seus olhos era o dela, mas ela não sentia nenhuma afinidade com ele. **Vá embora** , ela queria gritar. **Vá embora, estou com medo de você.**

"Não é uma pintura", disse Sarah. 'Isto é - é pintado, mas não é uma tela. Parece ser autônomo. ' Ela largou o livro, empurrou para frente e enfiou a cabeça na parte de trás da figura. 'Ah não. É plano. Mas tem um suporte de madeira, entende?

O campo de visão de Elsie se expandiu. O rosto encolheu em proporção e ela viu a garota pintada por completo. Na altura da cintura, como uma criança de verdade, a figura representada estava vestida em seda verde oliva com acabamento em renda dourada. Um avental de tecido flutuou em torno de suas pernas. Ela não tinha cabelos loiros como Elsie; era marrom-avermelhado e empilhado em sua cabeça em uma espécie de pirâmide, com uma fita laranja e miçangas. Ela segurava uma cesta de rosas e ervas em sua cintura. A outra mão foi levantada,

pressionando uma flor branca contra seu coração. Ela não era deste século; talvez nem mesmo do último.

'Notável.' Sarah pousou a mão no contorno de um ombro. As cores tinham desbotado com o tempo e havia pequenos arranhões na madeira. 'É como se alguém tivesse recortado a figura de uma pintura e a montado em uma prancha de madeira.'

'É isso. . . Não te lembra ninguém? '

Sarah mordiscou o lábio inferior. 'Um pouco. Ao redor dos olhos. Deve ser um dos ancestrais Bainbridge. Não podemos nos surpreender se ela se parece um pouco com Rupert.'

"Rupert?" ela repetiu incrédula. Mas então ela viu: apenas um sussurro, rastejando através da pintura lascada. **Ela se parece comigo e com o Rupert.** Seu coração parou. Era assim que seu bebê seria?

Sarah passou a mão pela borda de madeira do braço. 'Ela é linda. Devemos levá-la para baixo. Vamos colocá-la no Salão Principal. Podemos ser capazes de erguê-la entre nós. Se nós - oh! ' Ela saltou para trás. Um caco de madeira empalou sua palma. "Ai."

'Venha aqui.' Com cuidado, Elsie segurou os dedos de Sarah entre os enluvados. - Cerre os dentes. Um dois três!

A farpa deslizou para fora. Gotas de sangue jorraram da marca da punção; Sarah o levou à boca e chupou.

"Essas antiguidades se desintegram", disse Elsie. 'Provavelmente melhor deixar a coisa onde está.'

- Oh, não, Sra. Bainbridge, por favor! Eu adoraria tê-la em casa. '

Elsie estremeceu. - Bem, talvez você deva pedir a um criado para movê-lo para você - disse ela com relutância. "Pele mais espessa."

Atrás deles, as tábuas do piso rangeram. 'Droga!'

Elsie se virou. Mabel, a empregada, estava encolhida ao lado da porta, com a saia aberta.

'Céu lá em cima, o que você está fazendo, Mabel?'

'Tain't nada **tenho** feito! O piso cedeu e engoliu meu pé! '

'Meu Deus!' Sarah correu para frente, seu próprio ferimento esquecido. 'Você está machucado? Você pode sentir o tornozelo? '

- Sim, posso sentir muito bem! Dói como o inferno. ' Mabel mordeu uma onda de dor. 'Senhorita.'

Segurando um braço cada, Elsie e Sarah colocaram os ombros sob as axilas de Mabel e a puxaram para fora. Um cheiro emergiu do buraco nas tábuas; algo cheirando a cinzas úmidas e decomposição.

Sentada no chão, Mabel estendeu a mão para cutucar seu tornozelo.

- Rasgado até a meia. Sorte que toda a perna sangrando não saiu. -

É melhor buscarmos a sra. Holt - disse Elsie. - Tenho certeza de que ela terá um cataplasma para colocar nele. O que quer que você estivesse fazendo, Mabel, esgueirando-se

atrás de nós?'

Mabel baixou o queixo sobre o peito. Ela parecia mais truculenta do que nunca. 'Não quis fazer mal. Esta porta não está aberta desde que vim aqui. Queria saber o que havia dentro. Aí ouvi a dona Sarah gritar, tipo. Achei que ela precisava de ajuda. Muito obrigado por isso - acrescentou ela amargamente.

"Estou muito grata", disse Sarah. - Venha aqui, vou enrolar o corte em sua saia. Continue empurrando até que possamos amarrá-lo com algumas bandagens. Ela se moveu com ternura, mas Mabel ainda gemia. 'Que estranho

que você deve entrar nesse momento! A Sra. Bainbridge e eu íamos buscá-lo. Queríamos sua ajuda para levar nossa nova descoberta para baixo.

'Que descoberta?' Sarah apontou para a figura de madeira. Mabel ergueu os olhos e recuou. 'Bleedin' heck. O que é isso?'

- Mabel - disse Elsie -, agradeço que você esteja ferida, mas isso não é desculpa para sua linguagem obscena. Lembre-se da empresa em que você está. '

- Desculpe, senhora - murmurou ela, embora não parecesse arrependida. - É que ... nunca vi nada assim antes. O que é isso, uma foto? '

'Não. Acreditamos que seja algum tipo de ornamento para o chão. Uma figura em pé. Não é uma estátua ou uma pintura, mas algo entre os dois.

'Eu não gosto disso.' Mabel apertou a mandíbula. - Me parece engraçado. Iria me dar arrepios, algo assim. '

- Besteira - disse Elsie. "Não é diferente dos retratos que estão pendurados no corredor."

- É sim - insistiu Mabel. 'É desagradável. Não gosto disso. '

A pele de Elsie se arrepiou. Ela mesma achou isso estranho, mas não estava disposta a admitir isso para um servo. 'Não é necessário que você goste. Você só precisa movê-lo para a Srta. Sarah e limpá-lo.

Mabel fez beicinho. Como se viesse em sua defesa, uma nova pulsação de sangue subiu ~~pelo corte~~ em seu tornozelo. - Não posso limpar agora, posso?

Elsie suspirou. - Acho melhor ir buscar Helen.

Helen olhou para a figura de madeira, as mãos plantadas nos quadris largos. Rugas apareceram ao lado de seus olhos enquanto ela apertava os olhos através da poeira. - Isso é novo, senhora?

'Novo?' Elsie ecoou. - Não, acho que é muito antigo.

- Não, senhora, quis dizer novo na casa. Tenho certeza de que o mestre tinha algo parecido.

Um espasmo nos músculos do ombro. Ouvir Rupert falar assim, como se ele ainda estivesse presente, ainda no comando aqui. 'Ele nunca mencionou tal objeto para mim. Não tínhamos um em Londres, e se ele encontrasse um aqui. . . Bem, eu não vi outro pela casa, viu?

Helen deu de ombros e pegou a figura. - Não posso dizer que sim, senhora. - Então o que o faz supor que o Sr. Bainbridge possuía um?

- Ele era um homem bom, Sr. Bainbridge - disse Helen enquanto manobrava a figura de madeira pelo buraco no chão e saía pela porta do sótão. - Nada de ares sobre ele. Ele costumava conversar comigo, quando eu estava tirando o pó na biblioteca. Um dia ele começa a me contar sobre figuras de Amsterdã, como esta. Disse que estava pesquisando em um livro.

Lá fora, no corredor, Elsie esmagou a crinolina contra a parede para abrir espaço. 'De fato? Não consigo imaginar por que esse tópico o interessaria. '

- Nem eu, senhora. Não perguntei, porque presumi que ele possuía um.

Rupert sempre possuiu uma mente ativa e questionadora. Foi isso que o levou à fábrica de fósforos de Livingstone. Ele amava a ideia de progresso e novas invenções. Ela não tinha percebido que ele estava interessado no passado também.

As palavras de Helen a fizeram se sentir melhor ao levar a estranha garota de madeira para baixo. Pode ser perturbador, mas é outro vínculo com Rupert. Ele próprio poderia ter se entusiasmado com a figura, se tivesse aberto o sótão.

- O Sr. Bainbridge disse o que eram essas figuras, Helen? - Chamou-os de companheiros. Companheiros silenciosos. '

Os lábios de Elsie se curvaram. Ela olhou para o corredor onde Sarah apoiava uma Mabel manca. - Você ouviu isso, Sarah? Helen chama de companheiro! A Sra. Crabbly poderia ter economizado seu dinheiro. Sua espécie foi substituída por estátuas de madeira. '

- Oh, como você é perverso! Sarah riu. "Eu adoraria ver um pedaço de almofada fofa de madeira, ler poesia, tocar piano e fazer mingau. Se fosse, eu mesmo compraria um. '

Helen puxou a manga para baixo sobre os nós dos dedos e colocou o companheiro debaixo do braço. Estava deitado horizontalmente, como se tivesse desmaiado.

- Por aqui - disse Elsie. - A Srta. Sarah quer no Salão Principal. Não muito perto do fogo, veja. Ela pode cumprimentar nossos convidados assim que eles chegarem.

- Convidados, senhora?

Ela fez uma careta. 'Você está certo. Suponho que não teremos nenhum por enquanto.

'Oh!' Sarah parou no corredor à frente deles. - Sra. Bainbridge, você se importaria de voltar? Sinto muitíssimo. . . Deixei um dos diários para trás. Com o acidente da pobre Mabel, esqueci de pegar o segundo volume. Eu adoraria ler a história de meu ancestral. '

Elsie olhou por cima do ombro. Ela não queria correr para cima e para baixo; ela já estava cansada pelo esforço do dia. 'Não pode esperar até mais tarde? Eu ... - ela parou, confusa. A porta do sótão estava fechada. Ela não tinha ouvido de perto. - Helen - repreendeu ela -, disse-lhe para deixar a porta do sótão aberta. Deus sabe que precisa de uma boa ventilação.

- Eu não fechei, senhora.

'Não fechou? O que você acha que é isso, então? Ela apontou para trás. Helen estufou as bochechas vermelhas. - Desculpe, senhora.

Não lembro

Fazendo.'

Onde a sra. Holt encontrou esses criados? - **Vou** abrir - suspirou ela - enquanto pego o livro da srta. Sarah.

'Muito obrigado, eu realmente aprecio isso. Se você pudesse deixar no meu quarto, eu ficaria muito grata ', Sarah gritou. - Pode haver um registro da visita de Carlos II Vou colocar Mabel na cama. E talvez você possa ver se a Sra. Holt ...

- Sim, sim, vou buscá-la também. Ela voltou com passos afiados e irritáveis, a crinolina quicando atrás dela. De que adiantava ser dona da casa se você tinha que fazer todo o trabalho sozinha?

Lembrando-se de como Jasper simplesmente abriu a porta, ela estendeu a mão enquanto se aproximava do sótão. Sua palma atingiu a madeira com força; seu ombro sacudiu para trás. Ela grunhiu e tentou novamente, usando um pouco mais de força. A porta não se mexeu. 'O que?' Ela estendeu a mão para a maçaneta; sacudiu-o de um lado para o outro. Não giraria. 'Condenação.'

Deve haver algo na trava que esteja emperrado - era por isso que ela havia travado antes. Eles precisariam de alguém para substituir o mecanismo ou talvez montar uma porta totalmente nova. Outro trabalho a ser feito.

Cansada, Elsie refez seus passos e começou a longa descida até o térreo. Realmente, ela não estava se sentindo totalmente bem. Deve ser isso

casa: o peso dela pressionando sobre ela. Depois de falar com a sra. Holt, ela iria se deitar.

Ela passou por Helen no Salão Principal, ajustando o companheiro ao lado da janela. "Pensei em colocá-la aqui", Helen sorriu, "para que ela pudesse ver." Ela inclinou a cabeça. - Parece um pouco com você, sim,

senhora. Na luz mais forte, a semelhança da menina de madeira com
Elsie **era** mais

pronunciado. Isso fez a pele de seu couro cabeludo formigar.

'Um pouco. Não é estranho?' Dando uma última olhada, ela cruzou para a ala oeste e desapareceu pela porta de baeta verde dos aposentos dos empregados.

Deste lado da parede, o ar estava denso com uma mistura de cheiros de sabão, cinzas e gordura queimada. Um emaranhado de paredes nuas e pedra serpenteava mais fundo na casa, o caminho apenas visível através da luz oleosa.

O quarto da Sra. Holt estava marcado como **Governanta** com letras brancas. Elsie bateu na porta - a segunda vez hoje que ela bateu para entrar em um quarto de sua própria casa.

'Entre.'

Ela se espremeu em uma sala com uma atmosfera que a lembrava de sopa de ervilha. Uma única lâmpada queimava sobre a mesa, lançando um brilho anêmico sobre os papéis e gavetas da sra. Holt. A governanta se virou em sua cadeira de madeira lisa e, vendo sua patroa, pôs-se de pé. - Ora, Sra. Bainbridge! Isso é inesperado. Por favor entre.'

Uma mesinha estava posta para o chá com xícaras azuis e brancas. Elsie sentou-se aliviada. Tinha vergonha de seu cansaço para pedir uma bebida, mas gostaria que a sra. Holt a oferecesse.

- Eu ia visitar você - confessou a sra. Holt enquanto arrumava os papéis sobre a mesa. - Acabamos de receber uma entrega de Torbury St. Jude e queria consultá-lo sobre os menus que preparei.

- Tenho certeza de que servirão perfeitamente bem. Viveremos muito sossegados, senhorita Sarah e eu, até o retorno do senhor Livingstone.

- Espero que sim, senhora. Mas isso não é motivo para não gostar da comida.

'Muito verdadeiro. Na verdade, Sra. Holt, enquanto estou aqui. . . Há um assunto que preciso discutir com você.

'Sim Madame?'

Era apenas a sra. Holt olhando para ela com aqueles olhos turvos e amarelos, então por que parecia uma luz furiosa incidindo sobre seu rosto? Ela engoliu em seco, sem saber como começar. Não havia nada para se envergonhar, ela se lembrou. Este bebê foi concebido honestamente, por mais desonesto que possa parecer. "Em breve precisaremos disso. . . pessoal extra. No entanto, Mabel me fez acreditar que nenhuma pessoa de Fayford consentirá em trabalhar nesta casa?

"Ah." As rugas no rosto da sra. Holt se aprofundaram. Elsie acenou com a cabeça para ela se sentar. "É uma situação muito estranha, senhora. Tem havido uma longa rixa entre a aldeia e a família - que

remonta, eu acho, até a Guerra Civil. Eles acreditam que uma de nossas damas era uma bruxa ou alguma outra coisa boba.

Elsie olhou para a toalha de mesa e suas pequenas coroas de flores bordadas. Quando Mabel disse que os aldeões tinham medo da casa, ela imaginou fantasmas e goblins, não uma bruxa. Mas todos sabiam que naquela época as mulheres podiam ser, e muitas vezes eram, acusadas de bruxaria para todos os tipos de coisas. - Você pelo menos tentou recrutar em Fayford, sra. Holt?

'Ai sim. Mas você vê que meu caso não foi ajudado pela família Roberts. Um deles era um laçao aqui por volta da virada do século e sofreu um acidente infeliz.

- O que você quer dizer com **acidente** ?

A Sra. Holt levou a mão ao peito e ajeitou um broche de camafeu. 'Ninguém sabe ao certo como isso aconteceu. A pobre alma caiu da galeria para o Salão Principal. Quebrou o pescoço, é claro. Uma grande tragédia. Mas alguns dos Roberts afirmam, mesmo agora, que ele foi empurrado.

'Por quem?'

- Bem, aquele mestre em particular perdeu a esposa pouco depois. Há uma história sobre o homem Roberts ser o admirador da esposa. . . Você sabe como são essas coisas. A Sra. Holt acenou com a mão. A carne sobre ele era como pele de frango. "Um marido ciumento, se vingando."

'Palavra minha, a aldeia parece cheia de histórias, e todas elas sobre nós.'

A Sra. Holt sorriu. - Povo do campo, senhora. Eles devem ter algo para manter as noites de inverno ocupadas. Mas não tenha medo. Tenho certeza que iremos

encontre excelentes trabalhadores em outro lugar, tanto para sua casa quanto para seu jardim. '

"Esperemos que sim." Pigarreando, ela continuou: 'Veja, tenho motivos para ser exigente em relação à minha equipe. Em breve haverá - quero dizer, na primavera - tenho motivos para esperar que possa haver. . . ' O calor subiu para seu rosto. Não havia maneira delicada de dizer isso.

- Você não quer dizer. . . Abençoe-me, Sra. Bainbridge, você está me dizendo que torceu o tornozelo?

Torceu o tornozelo . Ela não ouvia essa expressão há anos - uma frase comum, mas funcionou. 'Sim. O bebê deve chegar em maio. ' Foi perturbador ver as lágrimas brilharem nos olhos da velha senhora. Envergonhada, ela se apressou. - Vou precisar de babás e também de uma nova criada para mim. Pretendo ir a Torbury St Jude e visitar o cartório. Foi lá que você encontrou Mabel e Helen?

A Sra. Holt abriu a boca. Fechou. - Eu ... eu não tinha um grande salário para oferecer, senhora. E dada a natureza deserta da

propriedade, sem uma família residente ou oportunidade de progressão. . . ' Ela se retorceu na cadeira. - Achei melhor levar as meninas do asilo, senhora.

- O asilo - disse ela sem rodeios. Claro, isso explicava muito. - Suponho que eles não tiveram nenhum treinamento formal?

A Sra. Holt corou. - Helen fez isso.

- E como exatamente Helen deixou o serviço?

Mais uma vez, a Sra. Holt mexeu no broche. - Eu não investiguei isso.

- Devo dizer que estou surpreso que você possa considerar essas mulheres adequadas para trabalhar em minha casa! Você não sabia nada sobre seus personagens. Como você verificou se eles eram honestos? E como posso confiar neles perto do meu filho? Mabel é uma influência terrível. Ela deixou bandejas de comida estragando no meu quarto. A linguagem que ela usa, sua incapacidade de até mesmo fazer reverências - não posso arriscar que meu filho copie tal comportamento! '

'Eu só posso me desculpar. Vou falar com ela, senhora. Eles não estão acostumados a servir uma amante e talvez eu tenha sido muito mole com eles, no passado. Ela respirou fundo. - Mas achei a limpeza geral e a cozinha deles bastante satisfatórias.

'Eu gostaria de poder dizer o mesmo. A quantidade de poeira no corredor marrom é fenomenal. Eu até encontrei **serragem** , entre todas as coisas, nas escadas - de onde poderia ter vindo? Alguns dos tapetes parecem nunca ter sido batidos, o que não consigo compreender quando o quarto do bebê está em tão perfeito estado.

A cabeça da Sra. Holt se ergueu. 'A enfermaria?'

'Sim. Essa é uma sala que felizmente não terei necessidade de preparar. Está praticamente pronto para meu filho. '

A Sra. Holt olhou para ela estranhamente. "Talvez tenha havido alguma confusão. As meninas raramente vão para o berçário.

- Você está enganada, sra. Holt. Eles até escovaram o cavalo de balanço e organizaram festas para o chá das bonecas.

'Caro eu.' A Sra. Holt balançou a cabeça. 'Eu não fazia ideia. Helen disse-me que tinha medo daquele quarto. Tudo estava coberto com lençóis de poeira. '

- Não esta manhã. Venha, eu vou te mostrar. ' Ela ficou.

A Sra. Holt também se levantou, segurando as chaves penduradas em sua cintura. "Quase nunca vou lá", confessou. As escadas dos criados levam ao patamar do lado de fora. Se você não se importa?'

'De modo nenhum. Sou perfeitamente capaz de subir as escadas dos criados.

Elsie falou com bravura, mas tinha motivos para se arrepender. Não havia espaço para sua crinolina; emperrou e se projetou atrás dela em uma cauda robusta que ela arrastava passo a passo.

Eles emergiram no patamar que ela cruzou com Sarah naquele dia. Ela seguiu a Sra. Holt até a porta. Mais uma vez, aquele sentimento tenso e perturbado a manteve cativa. ***É apenas um berçário***, ela disse a si mesma.

Não há necessidade de chorar.

A Sra. Holt balançou as chaves na cintura e colocou uma na fechadura. Ele clicou enquanto os copos se moviam.

- Mas não estava trancado quando ... Não podia ser. Simplesmente não era possível.

O quarto arejado e perfeitamente cuidado havia morrido. Cortinas esfarrapadas cobriam as janelas, admitindo apenas faíscas de luz. As bonecas foram embora. A arca se foi. Restaram alguns baús de brinquedo, mas eles foram cobertos pela poeira de incontáveis anos. Ótimos lençóis brancos, como aqueles em

o sótão formava formas irregulares onde antes estavam o cavalo de balanço e a cama. A ferrugem manchava a tela de proteção e a armação de cama de ferro.

A Sra. Holt não falou.

- Eu ... não é ... As palavras enxamearam em sua boca, mas ela não conseguiu formar nenhuma delas. Como isso poderia ser? Caminhando até o berço, ela segurou o lençol. 'Bem aqui, estava o mais bonito. . . ' Ela engasgou. Enquanto o lençol deslizava para longe, um cheiro bolorento de cânfora subiu. O formato do berço resistiu, mas as delicadas cortinas estavam comidas e manchadas.

- Não achei que as meninas fossem incomodar muito - disse a sra. Holt com cuidado. 'É um lugar triste. Não é aberto, exceto para uma varredura a cada poucos meses, desde que os mais pequenos foram.

Elsie olhou para ela. O berçário tinha sido glorioso. Ela não poderia ter imaginado as coisas que tinha visto. Sarah também estava lá - ela empurrou o cavalo.

'O que - o que você disse? Os pequenos?

Chaves de metal tilintaram quando a Sra. Holt mudou de posição. 'Sim, Deus os abençoe.'

- De quem, pequeninos?

'O - o mestre e a senhora. Quer dizer, os pais do Mestre Rupert. Ele era o terceiro filho, ou pelo menos foi o que me disseram.

Elsie encostou-se no berço. Ele rangeu. - Você conheceu os pais de Rupert? Antes de morrerem?

- Sim, senhora. Eu fiz.' De repente, ela parecia mais velha e profundamente triste. "Trabalhei para eles em Londres. Eu era apenas uma garota, então. Vi Mestre Rupert ser entregue. ' Sua voz ficou rouca. - Ele ... ele foi o primeiro dos bebês a nascer longe da Ponte. Os outros morreram, disseram, antes da mudança. Esse foi o motivo pelo qual eles se mudaram para Londres. Ela desviou o olhar.

- Você pode imaginar como seria morar em uma casa onde perdeu um filho.

- Os outros bebês **morreram** ? Elsie olhou para o berço em decomposição e se sentiu mal. Ela lançou a borda e balançou, vazio. Deus, que herança para seu bebê: uma mãe nervosa e um berçário de morte. - Sra. Holt, não desejo incomodá-la. Mas ... - ela deu um passo hesitante em sua direção. - Você foi uma das últimas pessoas a ver meu marido vivo.

Ninguém me disse exatamente como ele morreu. Ele não escreveu que estava doente. Ele foi levado de repente?

A Sra. Holt retirou um lenço e enxugou os olhos. - Ah, senhora. Foi um choque para todos nós. Ele parecia saudável e saudável - talvez um pouco preocupado. Tive a impressão de que ele não estava dormindo. Mas ele não parecia querer morrer! '

'E depois . . . ? ' Ela prendeu a respiração.

- Helen o encontrou. Deu um grito que jamais esquecerei. Me gelou até os ossos.

'Mas **como** ? Como ele morreu?'

- Calma, senhora, não se preocupe. Pacificamente. Em sua cama, bem quente.

- Não é **minha** cama?

'Não não. O quarto ao lado. O legista achou que era seu coração. Eles podem desistir de repente, disse ele. Às vezes uma pessoa carrega um coração doentio toda a sua vida e eles nunca sabe até que - bem, **eles** . Nunca se sabe'

Então, o coração que era tão quente e gentil havia se queimado. Ela suspirou. 'Espero que não tenha havido muita dor. Eu vi farpas perto de seu pescoço. Você tem ideia de como eles chegaram lá?

A Sra. Holt estreitou os olhos. 'Lascas? Eu não sei, senhora. Às vezes, esses embalsamadores fazem coisas estranhas. Mas a respeito de como Helen o encontrou, não parecia que houve uma luta. Uma convulsão repentina, talvez. Seus olhos estavam abertos. ' Uma lágrima escorreu de seu olho e afluíu uma de suas rugas. - Eu vi seus olhos abertos, senhora, e os fechei para ele. Deus nos perdoe, que mundo este. '

"Um mundo cruel para os Bainbridges." Elsie pensou por um momento. - Mas Sra. Holt, você disse que estava presente quando Rupert nasceu em Londres. Como você veio parar aqui? '

Ela bateu levemente nos olhos e dobrou o lenço, olhando para ele. - Isso foi obra do mestre.

- Pai de Rupert?

'Sim.' Ela hesitou - Elsie pensou que estava escolhendo as palavras com cuidado. 'Ele gostava de mim. Eu o ajudei com a patroa. Ela estava mal, pobre amor. Nunca se recuperou realmente do parto. Somente

antes de perdê-la, ela tinha noções mais estranhas sobre este lugar. Costumava tagarelar sobre isso com uma espécie de. . . tristeza selvagem.'

'O que você quer dizer com noções estranhas?'

A Sra. Holt balançou a cabeça. 'Eu não sei. Não conseguia entender muito o sentido. Ela costumava falar muito sobre este berçário e o cavalo de balanço. Tudo sem sentido. Mas depois que ela foi embora, pensamentos sobre isso perturbaram o mestre também. É por isso que ele me pediu para vir. Disse que a esposa dele ficaria mais tranquila sabendo que alguém estava de olho na casa. O traço de um sorriso brincou nos cantos de sua boca entre parênteses. 'Eu não queria ir. Não queria deixar o pequeno Rupert justamente quando ele estava aprendendo a andar. Mas o mestre me convenceu, no final.

'Como?'

Ela riu. 'Bajulação. Bajulação e suborno, o que mais? Para uma garota tão jovem ser promovida a governanta - essa não é uma oportunidade que você rejeita. Não se você quiser manter sua mãe na velhice. Ele era um homem duro e estranho era o Sr. Bainbridge, mas ele disse a coisa mais curiosa. Permaneceu comigo desde então. "Aquela casa precisa de alguém jovem e puro", ele me disse. "Alguém bom. Sem amargura. Você deve ser o anjo dela, Edna. " Bobagem, não é? Mas isso me tocou. Sempre tentei, desde aquele dia. Tentei ser o anjo que ele pensava que eu era.

Elsie mordeu o lábio novamente. A pele estava quente e em carne viva. 'Não. Não é bobo. Mas por que Rupert não veio morar com você depois que seu pai morreu? Teria feito sentido para ele vir aqui.

"Eu teria gostado disso." A Sra. Holt olhou com carinho para a forma do cavalo de balanço em sua mortalha. - Mas a família materna o acolheu. Gente da cidade. Não tive tempo para passeios ao campo.

'Mas todo esse tempo! Eles nunca ficaram curiosos para ver a casa?'

- Bem, eles eram o povo de sua mãe. Eles sabiam sobre os outros pobres ácaros morrendo aqui, e como ela tagarelava sobre o lugar. Achei que ela não os perdoaria se trouxessem o filho de volta.

Parecia absurdo que ninguém tivesse tentado reivindicar a casa durante todo esse tempo. Nenhuma conexão oculta, removida quatro vezes. "É impressionante como uma família pode ser infeliz. Três filhos e nada resta.'

A Sra. Holt pigarreou. 'Exceto . . . '

Exceto seu próprio bebê. Ela colocou a mão na barriga. A náusea voltou.

- Tenho sido muito negligente, sra. Holt. Toda essa conversa sobre a família de Rupert me fez esquecer minha missão original. Vim

contar que Mabel machucou a perna. Ela estava me seguindo no sótão.

- O **sótão** , senhora?

'Sim. Há outra coisa que esqueci. Eu deveria te agradecer. Foi tão gentil de sua parte escrever depois que conversamos. Mas quem quer que você tenha entrado terá que voltar, receio. A porta está emperrada de novo.

A Sra. Holt a olhou como se ela tivesse brotado uma segunda cabeça. 'Eu não entendo. . . '

- A porta - repetiu Elsie. - A porta do sótão. Alguém veio de Torbury para abri-lo e ele ficou preso novamente. Preciso que você escreva outra carta para eles. '

- Mas ... mas não posso. Acho que deve haver algum engano ...

'Pelo amor de Deus, por quê? Por que você não pode trazer a pessoa de volta? ' A Sra. Holt se encolheu. 'Porque, senhora, eu nunca escrevi para Torbury

São Judas. '

A PONTE, 1635

Um dia fortuito para começar meu novo diário! Josiah chega em casa cedo e traz as melhores notícias.

Jane estava penteando o cabelo curto em volta da minha testa em cachos quando ouvi uma batida na ponte.

"Pare", eu disse. 'Ouço. É Josias. '

- Não, ainda não pode ser o mestre. Ele só vai voltar na semana que vem. - É sim - insisti. 'Eu estou certo disso.'

Ela me lançou o olhar com o qual estou acostumada. Sua mão se contraiu ao lado do corpo, como se ela desejasse fazer o velho sinal contra a bruxaria. Mas ela não disse uma palavra quando me levantei e corri do meu quarto para a sala de estar. Lá fora, a névoa havia se dissipado. Eu estiquei meus olhos para a janela, certa de que ainda podia ouvir: a batida do coração de meu marido. A cor se agitou na massa de nuvens. Pressionei minha testa no vidro para ver melhor. Sim. Um retângulo minúsculo ondulando em azul e amarelo, entrando e saindo da névoa. Nosso banner.

O som de batidas aumentou e se transformou em uma batida constante de cascos. 'Eu sabia!' Eu chorei, correndo de volta para o meu quarto. 'O arauto está abaixo.

Prepare-se. '

Jane saltou como uma corça. - Bem, me abençoe. Ela colocou uma gola de renda em volta dos meus ombros e puxou as mangas de linho. - É melhor eu ir avisá-los na cozinha. Quer que eu arrume seu cabelo, senhora?

'Não, não há tempo. Josiah quer falar comigo imediatamente. ' Seu olhar se desviou. - Quer dizer, espero que sim. Ele costuma fazer isso.

Embora eu faça o possível para esconder isso dela, Jane tem medo toda vez que meu dom se manifesta. Não posso negar que é estranho - sempre ouvi coisas, sempre senti coisas. Mas quando leio os pensamentos de Josias, não é feitiçaria - a menos que o amor seja um feitiço. Eu simplesmente o conheço por completo.

Não fiquei muito tempo depois de Jane ter saído do quarto. Verificando meu conjunto de fitas uma última vez, saí correndo pelo corredor e desci as escadas, levando-as aos pares. Ao passar pelo primeiro andar, gritei para dizer a Hetta que seu pai estava em casa. Eu deveria ter ido buscá-la pessoalmente, mas fui egoísta. Eu queria Josiah só para mim.

Mande os criados ateaem fogo na sala de jantar. A luz brincou nas tapeçarias e destacou os fios de ouro. Achei que Josias iria se refrescar após a viagem, então certifiquei-me de que houvesse vinho com especiarias e uma coleção de pequenos pratos para atender a sua preferência: pão, queijo, frios e uma bandeja de doces. Parecia mais atraente em nossa nova mesa de mogno. Mas quando meu marido entrou, as gotas de chuva caíram em seu gibão e sua capa de lã fumegando, ele não deu atenção à comida. Marchando direto para mim, ele colocou as mãos de cada lado da minha cintura e me levantou do chão.

'Muito bem, meu amor!' Ele me colocou no chão e me deu um beijo estalado. - Você consegue adivinhar por que voltei?

- São boas notícias do tribunal, aposto. Nunca vi você sorrir tão largo. ' Seus olhos brilharam. - Com bons motivos, Anne. Você realmente não consegue adivinhar? ' Eu balancei minha cabeça. 'Ele está vindo. O rei está chegando. ' Devo ter ficado pálido, pois sua risada explodiu. - **Agora** não, querida. Você terá muito tempo para se preparar. O rei e a rainha vão parar aqui para uma noite em seu progresso de verão. '

Por um momento, só consegui segurar sua mão enluvada. 'Bendito Deus. Isto é . . . notável. Que honra. É tudo pelo que trabalhamos. Como, como você conseguiu isso? '

Seriam as pétalas de crisântemo que coloquei no vinho para dar sorte? As folhas de louro sob seu travesseiro por intuição? Enquanto Josias tenta criar nossa família na corte, estou trabalhando também, ocupado em minha despensa. Eu, de todas as pessoas, nunca subestimarei a força das plantas.

Rindo mais uma vez, ele tirou as luvas e se sentou à mesa. - Conseguimos isso juntos, Anne. Eu disse que esta casa é apenas o começo.

Ele **tem** me disse. Desde que juntamos o dinheiro para construir uma grande propriedade rural, Josiah insiste que The Bridge será a nossa construção. Eu não tinha ideia de que isso aconteceria tão cedo.

Ele pegou um pedaço de pão e o mordeu. 'Nós fizemos nosso nome agora. Este ano eles ficam uma noite, mas quem sabe do próximo ano? Se eu obtiver um título. . . Talvez sejamos convidados para o Natal na corte. Talvez a rainha goste de você e lhe ofereça um lugar na casa dela.

Em todas as minhas visões mais selvagens, nunca imaginei isso. - Enquanto o rei o tiver em consideração, não tenho mais nada a desejar.

- Não controle seus sonhos, Anne! Ele pegou uma garrafa de vinho. 'Não há como dizer o quão longe podemos subir. Vamos derrubar os meninos - mostre que rapazes finos e robustos nós temos. Eles iriam tornar os noivos reis do Bedchamber ou Gentleman Ushers, um dia.

- É provável que ele os considerasse?

'Quem pode dizer? Não há limite para o sucesso que uma família com título pode alcançar. Com as conexões de minha mãe e suas habilidades, faremos uma reputação para nós mesmos. Olhe para os Villiers! '

"Não", eu disse bruscamente. 'Não, não seremos como os Villiers.' Ele fez uma pausa em sua refeição, olhando para mim. Tentei sorrir, mas era muito pequeno. - Lembre-se do que aconteceu ao duque.

Ele jogou o pedaço de pão de volta no prato. Migalhas presas em sua barba. - Não se preocupe, Anne, não pretendo me tornar o

próximo duque de Buckingham. Duvido que tenha existido um tolo mais vaidoso e irresponsável na Inglaterra. Tudo o que quero dizer é que ele estabeleceu o padrão. Ele nasceu como ninguém e, quando encontrou o fim, era mais rico do que o próprio rei. Tudo é possível. E me parece que é nosso dever conseguir o que pudermos para nossos meninos.

- Vou escrever para contar a eles imediatamente. E vão exigir roupas novas! Só Deus sabe o quanto eles cresceram. Precisamos medi-los novamente. '

Josiah riu.

'Eu poderia escrever uma mascara para eles se apresentarem diante da Rainha!' Sempre desejei experimentar o teatro e a ostentação de uma mascarada da corte. Dizem que a própria Rainha dança neles, com os trajes mais luxuosos.

- Sim, posso ver nosso James entrando no palco para recitar um poema. 'E Hetta - ela será a ninfa que ... '

Josiah pigarreou. Ele tomou outro gole rápido de vinho antes de dizer: 'Ainda não decidi o quanto quero que Henrietta Maria desempenhe nesta visita.'

Meu estômago se contraiu, como sempre acontece quando as pessoas mencionam minha filha. Josiah nunca a chama por seu apelido, Hetta; é sempre formal, sempre Henrietta Maria com ele.

'O que você quer dizer? Certamente ela estará envolvida tanto quanto os meninos?

'Enquanto ainda estamos tateando o nosso caminho com o casal real, estabelecendo tudo para impressionar. . . Seria melhor não chamar a atenção para sua pequena ... aberração.

A culpa nauseante tomou conta de mim. Disse a mim mesma para não explodir, para não responder muito rapidamente. Mas é claro que sim. - Não há nada de errado com ela!

- Você sabe que isso não é verdade.

O pânico se apoderou de mim como urtigas; Eu tinha certeza que de alguma forma ele veria através de mim. Veja a verdade. "Não entendo por que isso afetaria o papel dela na visita. Ela é nossa filha. Ela merece todas as vantagens para seu futuro, assim como para os meninos.

- Vou pensar sobre isso. Rápido como uma nuvem muda em um dia de vento, seu humor mudou. A sombra do desejo escureceu seus olhos. - Chega por enquanto. Venha, sente-se comigo. Senhor, Anne, senti sua falta.

Na primeira chance que apareceu, corri para ver Lizzy. Ela já foi minha babá e cuidou de todos os meus filhos. Ela esteve presente em todos os momentos significativos da minha vida. Queria que ela

compartilhasse minha alegria por isso, o auge de nossa conquista. Mas ela só me deixou muito infeliz.

Encontrei Lizzy e Hetta examinando livros na sala de aula. **Sala de aula**, eu chamo - na verdade, parecia mais um covil de fadas do que um assento

de aprender quando entrei. Plantas em vasos cobriam todas as superfícies. Os cestos transbordavam de hera e pervinca, arrastando sua folhagem sobre as estantes. O pardal de estimação de Hetta pulou em sua gaiola e vibrou uma música. Não é um ambiente sóbrio ou reflexivo, mas Hetta se recusa a cuidar de seus estudos se não houver vegetação ao seu redor.

Hoje ela estava lendo **Complete Herbal de Culpeper**, seu livro favorito. Não pode ser coincidência seu interesse pelo mundo natural? Não com aqueles olhos: castanhos, verdes e amarelos misturados como uma tisana; ou com aquele cabelo, corando em todas as tonalidades do outono.

Lizzy se levantou imediatamente para me cumprimentar, mas Hetta apenas ofereceu aquele meio sorriso tímido que nunca chega aos olhos dela. Isso não é culpa dela, é claro - é minha. Uma medida incorreta, uma palavra tropeçada. Ela não é responsável por meus erros.

"Hetta, querida", eu disse. - Talvez você possa ir fazer um desenho? Mamãe precisa falar com Lizzy. '

Obedientemente, ela trotou para o assento da janela. Tirando o papel e o lápis, ela se sentou, olhando para uma página em branco.

"Ela vai desenhar flores", adivinhou Lizzy com uma risada. 'Sempre floresce.' Ela se sentou mais uma vez em sua cadeira de balanço, ajustando a partlet preta em volta dos ombros. 'Olha para ela! Você não vê um pouco mais de Mary em seu rosto todos os dias?

Era isso que eu queria, com certeza. Mas é estranho ver as feições da minha irmã morta nessa garota tímida e silenciosa. Maria sempre foi cheia de vida.

"É uma semelhança notável, de fato."

- Mas você queria falar comigo em sigilo? Que notícias? '

Eu finalmente deixei o sorriso aparecer no meu rosto. 'Oh, Lizzy, tenho notícias **maravilhosas**. Eu sou a mulher mais feliz do mundo. '

Ela sorriu, como sempre faz quando estou feliz. 'O que é isso, criança? Não pode ser . . . ' Seus olhos dispararam para meu estômago. 'Não não Isso. Um milagre é o suficiente. '

'Não!' Eu dei um tapinha nos vincos do meu corpete. 'Muito melhor. Josiah está em casa. Ele me disse para me preparar. O Rei e a Rainha estão chegando no verão! Vindo aqui!'

O sorriso esmaeceu em seus lábios. 'Aqui? O rei e a rainha?

'Sim!' Perto da janela, Hetta começou a desenhar, a cabeça inclinada para o lado. Abaixei minha voz. 'Como agora, Lizzy? Por

que você olha

infeliz?'

Ela apertou minha mão; seus velhos dedos ossudos pressionaram os meus. 'Oh, estou feliz por **você**, querida. Pelo menos, eu acho. . . ' Ela balançou a cabeça grisalha. - Posso contar a verdade?

'Sempre.'

'Eu não acho que eles serão bem recebidos na aldeia.'

A aldeia: não tinha pensado nisso. Os homens empalhados e precisos de Fayford com suas roupas de tabuleiro de xadrez. Eu não me entusiasmei com eles. Quando compramos este terreno para construir a ponte, chamei os trabalhadores com unguentos para as mãos rachadas. Eles se afastaram de mim com aversão. Eles desconfiam de minha habilidade com plantas, olham para mim de soslaio, e por isso me mantive afastado desde então. Com um talento como o meu, devo tomar cuidado. Acusações espúrias podem prejudicar muito mais do que meu orgulho.

- Os aldeões podem ser atrevidos com a pequena nobreza, Lizzy, mas certamente por seu rei ...?

- Eles não. Eles não têm respeito pelo rei. Você não se perguntou por que eles não aceitam nossa família? O mestre serve a um rei que drenou os pântanos, e todos esperam que ele logo busque mais dinheiro para o navio.

'Que vergonha! Esse imposto não se aplica a nós. Não somos um distrito costeiro. '

" Dinheiro de navio **interior** ." Lizzy encolheu os ombros infeliz. 'Foi proposto. Você pode imaginar? Tenho medo de pensar na cena na aldeia se isso acontecer. Eles vão jogar vegetais em Sua Majestade quando ele passar.

'Eles não ousariam! Pare com isso, Lizzy, você está me assustando.

'Eu apenas falo a verdade.'

- Nesse caso, terei de encontrar uma maneira de trazer o tribunal aqui sem que eles passem por Fayford. Mas, realmente, não consigo ver por que deveria. É a aldeia do rei. **Seu** país. ' O lápis de Hetta parou. Eu respirei e tudo começou novamente. - Não prevejo o rei Carlos exigindo mais dinheiro para o navio, Lizzy. Ele não pode ser muito pobre de bolso. Josiah estava me contando sobre o novo teto a ser pintado na Banqueting House e o projeto de construção da Rainha em Greenwich.

- Ah, sim - disse ela sombriamente. 'Ele vai gastar dinheiro com suas viagens. É isso que deixa as pessoas com tanta raiva. '

Eu olhei para ela de novo. - Você parece concordar com os puritanos de Fayford, Lizzy.

'Eu não posso dizer que gosto da ideia daqueles membros da realeza estourando aqui. Você sabe - sussurrou ela - que ela é uma megera papista.

'Lizzy!' Hetta ergueu os olhos. Abaixei minha cabeça e baixei minha voz novamente. "A rainha pode ser católica, mas não é uma megera. Você não deve dizer essas coisas. Devo lembrar a você que o nome de minha filha é em homenagem à rainha Henrietta Maria?

- Não gosto disso - repetiu Lizzy. - Ela em sua casa, entoando seus feitiços papais e absurdos. Especialmente com a criança tão suscetível.

'O que você quer dizer? Hetta não é simples; apenas mudo. Ela não vai vender sua alma ao papa só porque vê uma bela rainha católica.

'Mesmo assim. Uma criança inocente, na mesma casa! E o rei! Ora, você sabe o que as pessoas disseram sobre ele e o duque de Buckingham.

'Eu não vejo que fofoca-'

'Quem poderia suportar isso? Um papista e um sodomita sob o mesmo teto que nossa preciosa menina.

'O suficiente!' Eu me levantei tão de repente que minha cadeira guinchou. Hetta congelou, a ponta do lápis tremendo no papel. - Segure sua língua, Lizzy - sibilei. 'Eu não vou permitir, não em minha casa. Ele é o seu rei. Você vai falar dele com respeito. '

O rosto de Lizzy se fechou: 'Sim, senhora.'

Eu tinha feito isso de novo. Eu a tratei como uma amiga e depois a coloquei de volta no papel de serva. Sempre faço isso e sei que ela se ressentida. Mas o que mais eu poderia dizer?

Dependemos do rei. Josiah tem sangue excelente - sua mãe era uma condessa viúva antes de se casar com seu pai sem título - mas apenas a generosidade do rei pode estabelecer o nome Bainbridge. Só o rei pode dar ao meu marido o título de cavaleiro que ele tanto anseia. Não posso, não **posso** permitir que alguém de minha casa espalhe traição vil. Só no ano passado ouvi falar de um homem que teve as orelhas cortadas por criticar a família real. Lizzy iria querer que eu relaxasse e deixasse isso acontecer com ela?

Haviam dois.

Elsie olhou de um para o outro, em busca de uma pista em seus rostos de madeira inescrutáveis. Um sorrindo seu sorriso conhecedor de garotinha ; o segundo, o intruso, um menino vestido para trabalhar nos campos. Ele olhou para a direita, encostado no cajado de um pastor. Cabelo preto desgrenhado por baixo do boné, emoldurando um rosto sombrio e fulvo.

'Quem é Você?' ela se perguntou em voz alta, como se ele pudesse responder.

Havia algo de desagradável no menino. Ele parecia indigno de confiança, rebelde.

'De onde você veio?'

Talvez Helen o tivesse encontrado no sótão? Mas não - o sótão estava totalmente fechado. Não foi? Sua mente vacilou. Depois do estranho assunto com o berçário, ela não tinha certeza de nada.

Ela piscou rapidamente, esperando que um movimento rápido das pálpebras mostrasse que o menino cigano havia partido e apenas a menina com as flores parada ao lado da janela. Mas não adiantou: ele ficou parado.

Perturbada, ela deu as costas e caminhou em direção à escada. Ela ainda não mencionaria esse novo companheiro a ninguém - não até ter certeza. Ela já tinha feito papel de boba na frente da sra. Holt.

Talvez fosse a dor que a fazia ver coisas? A tristeza agia estranhamente na mente - as pessoas sempre diziam isso. Mas depois de tudo que ela suportou,

não parecia provável que a morte de Rupert fosse o peso para desequilibrá-la.

Suas saias estufaram enquanto ela subia as escadas; ela os ignorou, ignorou a pátina de serragem que varreram. Ela não pensaria no passado, apenas na tarefa em mãos: ela iria à biblioteca e escreveria para um homem consertar o sótão.

A biblioteca ficava no segundo andar, o primeiro cômodo do corredor se ramificando de sua suíte para os fundos da casa. Elsie não se preocupou em entrar antes. Para ela, uma biblioteca era o domínio dos homens, saturada de tabaco e pensamentos profundos.

Não houve reclamação com esta porta; ela abriu suavemente, deslizando sobre o tapete gasto sem uma trava. Ela colocou um pé além da soleira e estremeceu. Foi como passar pela porta de uma tumba. E, assim como uma tumba, a biblioteca estava escura e rançosa, contaminada com o cheiro de folhagem.

Caminhando pelo tapete até um trio de janelas, ela empurrou as cortinas que iam até o chão , tossindo enquanto a poeira caía das sanefas. Uma luz perolada penetrava. As árvores lá fora pareciam mais irregulares do que antes; manchas de sua folhagem em

chamas haviam se apagado e caído no cascalho. Os canteiros de flores estavam cheios de cardos. O inverno estava chegando rápido.

Ela se voltou para a porta. Ainda entreaberta - era um bom sinal. Ela não estava ficando louca. Quanto aos calafrios, a causa deles era clara: uma fogueira vazia bocejava à sua direita, exalando rajadas de ar frio enquanto o vento soprava pela chaminé.

Agora que as cortinas estavam abertas, ela viu que o quarto não estava como ela esperava. **Biblioteca** era um nome pretensioso para o que era apenas uma câmara rasa, curvada em uma das extremidades, com talvez cinco ou seis estantes de livros ao longo da parede. Uma escrivaninha polida e pesadamente construída ficava em uma alcova, de frente para o fogo, com uma lâmpada de sombra verde pendurada sobre o espaço de escrita.

Ela se aproximou e se sentou. A cadeira parecia celestial, aliviando o nag em suas costas e membros.

Ela olhou para a escrivaninha. O tinteiro estava aberto, as penas de uma pena aparecendo no topo. **Rupert**. Ele teria sentado aqui, a caneta pronta para

sua mão esquerda. Suas pernas tocaram esta cadeira de couro rangente e escorregadia, mas nada de seu calor permaneceu.

Ela sentia muita falta dele. Sentia sua falta e o odiava. Como ele poderia abandoná-la? Ele deveria ser seu salvador, sua recompensa, o homem rico que invadiu a fábrica e se apaixonou abaixo de sua posição. Ela não poderia enfrentar os dias que viriam sem ele. Ela não conseguia criar um filho e lidar com todas as memórias que a despertavam. Ela **precisava** dele.

As lágrimas turvaram seus olhos enquanto ela tateava por uma gaveta após a outra, abrindo-as. Os corredores gemeram e as alças de metal chacoalharam. Ela precisava se manter ocupada, precisava escrever para alguém sobre o buraco no sótão. Havia um trabalho sério a ser feito antes que um bebê pudesse morar na Ponte.

Feixes de papel esvoaçaram das gavetas. Ela teria que passar por cada um e descobrir o quão longe os planos de Rupert haviam progredido. O horrível berçário seria completamente reformado - isso ela sabia. Ela pode até movê-lo; ela odiava pensar em seu próprio bebê no quarto onde os irmãos de Rupert morreram. Eles tinham espaço suficiente para um berçário diurno e um berçário noturno, para não mencionar ...

Suas mãos pararam.

Algo piscou para ela do fundo de uma gaveta. Ela se inclinou mais perto. Lá, novamente - minúsculos brilhos espalhados pelo forro verde. Ela enfiou a mão e fechou os dedos em torno de uma bolsa de veludo. Parecia pesado. Ela puxou-o e largou-o com um baque surdo na mesa.

A bolsa parecia velha, mas não gasta; adornado, em vez de comido pelo tempo. Ele foi projetado para ser fechado com cordão, mas um rolo de papel enrolado mantinha a boca aberta. Elsie não hesitou: ela virou a bolsa e derramou seu conteúdo na mesa.

O deslumbramento a fez recuar na cadeira. Um riacho da cor do arco-íris ondulou em uma espiral. Ela estendeu o dedo para tocá-lo; sentiu a solidez das joias através de suas luvas. - Não pode ser - ela engasgou, pegando-o. Mas era: um colar pingando diamantes.

As joias captaram a luz de uma centena de ângulos diferentes, brilhando como fogo branco. Brilhantes congelaram a corrente até o centro, onde pedras cortadas em marquise formavam um arco cintilante. Dele pendiam três enormes gotas de pêra, cada uma parecendo mais cara do que a própria casa.

Hipnotizada, ela colocou o colar de volta na mesa e olhou para ele. A corrente parecia antiga, mas os diamantes eram perfeitos. Ela não conseguia ver uma única nuvem; apenas os flocos brancos e quentes que derreteram nas bordas.

Mas o pergaminho. O que estava no pergaminho? Ela puxou o papel e o alisou.

Minha querida esposa,

Como um mágico, eu agito minha varinha e - veja! Veja o que chegou do cofre do banco em Torbury St Jude!

Posso imaginar a expressão em seu rosto quando você abrir este pacote. Você não percebeu que estava se casando em uma família com herança, não é? Os diamantes Bainbridge foram herdados por gerações. Diz a lenda que eles foram retirados do rio na linha de pesca do escudeiro! Meu pai os trancou quando minha mãe morreu e eu não os vi desde então. Como ficarão bem em volta do seu lindo pescoço! Eu só gostaria de tê-los buscado a tempo para o casamento.

Descobri que há mais trabalho a fazer na The Bridge do que prevíamos. Além dos custos de redecação e jardinagem - que são substanciais - agora temo que precisaremos contratar um caçador de ratos. Nas últimas noites, fui acordado por um som terrível vindo do sótão. A governanta não está com a chave e, embora tenha tentado arrombar a fechadura, só consegui me machucar. Depois de escrever para você, devo chamar um chaveiro e descobrir o que está lá. Se o gato não matar os vermes, devo contratar outro homem.

Tenha certeza de que não vou permitir que você coloque um pé dentro de casa até que seja totalmente digno de você e de nosso querido pequeno estranho. Sinto saudades de vocês dois e aguardo com muita impaciência sua próxima carta.

*Para sempre teu,
Rupert*

Suas mãos não paravam de tremer. O papel estremeceu descontroladamente. De repente, ele se rasgou e ela começou a chorar.

Não quero nada mais do que a promessa da primavera. O tempo estava ruim durante toda a Quaresma e então a igreja inundou na Páscoa. Josiah escreve que o tribunal suspendeu suas festividades até o Pentecostes. Na verdade, não posso culpá-los. Parecem mais noites sombrias de novembro do que dias de primavera. Só Deus sabe o que farei se as coisas não melhorarem até agosto. Se o rei não puder caçar na floresta e a rainha não puder desfrutar dos campos de lazer, será um desastre.

Esta tarde, pude sair para os jardins formais pela primeira vez em semanas. O sol brilhava, mas não havia cotovia, nem botões pegajosos nas árvores. Minha Hetta trabalhava em sua horta onde cultivava ervas. Ela parecia encantadora em seu chapéu de palha, concentrada em seu trabalho, sua pequena tesoura cortando as cabeças mortas - **recorte, recorte** - e liberando seus aromas terrosos. Eu a observei com prazer. Na sombra ela parecia um lírio; sua pele pálida e as veias finas ao lado de seus olhos. Uma garota tão frágil e delicada: minha irmã Mary trabalhada em porcelana.

Tentei não deixar o cheiro das ervas mexer com minha memória, mas não consegui controlar. Fechei os olhos e voltei para aquela noite, aquela tisana produzida sob a lua cheia. De volta ao meu próprio rosto sombrio refletido no fundo de uma xícara. A culpa perdura, como o cheiro de maçãs caídas apodrecendo em um pomar. Pode ter sido errado da minha parte interferir na ordem natural das coisas, mas não posso me arrepender - não posso me arrepender **dela** .

Harris cuidava do jardim de nós de joelhos, aparando os arbustos com precisão e limpando o cascalho colorido. Os ventos fortes o espalharam fora do padrão, então eu o fiz redesenhar as torções. Pedi novas formas nas sebes, ou pelo menos no parterre - anjos e fl eur-de- lis para uma filha da França - mas ele duvida que consiga treiná-los antes de agosto.

"Compre arbustos crescidos , então", eu disse. - E corte-os.

Ele parecia achar isso divertido. No entanto, ele prometeu fazer o melhor nesse trimestre. Quanto às minhas necessidades de plantio, ele não tem esperança.

"Rosas e lírios não crescem juntos", disse ele, tirando a sujeira de debaixo das unhas tortas. - Eles não combinam.

'Eu sei disso. Não precisamos que eles cresçam **juntos** , mas os dois devem estar no jardim. Uma rosa para o rei da Inglaterra, um

lírio para a princesa da França.

- Um lírio, talvez eu consiga. Os bulbos gostam de ser profundos, frios e sombreados. Embora me dê muito mais deste tempo úmido e eles vão respingar. - E quanto às nossas roseiras? Eu exigi. 'Eles não prosperam isso ano?'

Ele abriu os braços com um suspiro irritante, como se não fosse seu trabalho fazer essas coisas funcionarem. - Sol pleno, senhora. Eles precisam de pleno sol e solo drenado para florescer. Encontre um pouco disso para mim e separarei suas rosas.

Eu estava com medo de perder a paciência, então coloquei minhas mãos nos quadris e olhei para Hetta. Ela parou de trabalhar e ficou parada no solo, olhando para as colinas verdes como se esperasse por algo. Pequenas flores brancas serpenteavam por seus sapatos; galhos rebeldes pareciam alcançá-la e abraçá-la.

"Hetta", chamei. - Dê um passo para trás, querida, você vai rasgar seu vestido.

Ela obedeceu, mas não olhou para mim. Ao lado dela, ouvi a pequena tesoura **cortando, cortando**. Não cortando nada. Cortando o ar.

'Quanto aos cardos', disse Harris, 'não posso deixar você fazer isso. Eles são uma erva daninha, senhora. Assuma o controle de todo o jardim, dê-lhes meia chance.

"O cardo é o símbolo da Escócia. O símbolo dos reis Stuart. "É uma erva daninha", ele repetiu. 'Invasivo. Devorando. Isso se arrepia. ' eu peguei

frio repentino. Afinal de contas, o tempo não estava tão clemente. 'Se vocês

deve plantá-los em algum lugar, fazê-lo no canteiro da pequena senhorita. Acontecer, causará menos danos lá. '

Tive que confessar que ele estava certo - sobre o dano, quero dizer. Pode ser que **ele** não consiga controlar a propagação de uma erva daninha, mas sei que minha Hetta pode. Não vi uma única planta que ela não consiga cultivar ou domesticar, desde o caroço de pedra e groselhas que crescem na horta até o coltsfoot e matricária que ela cria para nossas dores e sofrimentos. Ensinei ela a plantar, mas ela me superou. Ela me ultrapassou de longe com apenas oito anos de idade.

Às vezes acho que é a tisana correndo em suas veias que faz com que suas flores desabrochem. Ela herdou de Maria mais do que apenas sua aparência, pois foi minha irmã mais velha que visitou as mulheres sábias em segredo e me instruiu em seus caminhos.

"Hetta. Hetta, meu amor. ' Peguei minhas saias e abri caminho entre os galhos não podados até o lado dela. Ela não voltou os olhos para mim até que coloquei minha mão em seu ombro. "Eu tenho um favor a implorar." Ignorando a sujeira, me agachei até o nível dela. - Você cultivaria cardo para mim em seu canteiro?

Ela piscou. Sua cabeça inclinada para o lado como se ela não entendesse. Eu hesitei. Josias não me permitiu falar da visita real antes de Hetta, mas ele a subestima. Como costumo dizer, ela é apenas muda, não uma pobre natural. Ela ouve outras conversas. Ela deve ter uma ideia do que está acontecendo.

- O motivo de eu perguntar é que o rei e a rainha estão vindo para ficar. O cardo é um dos símbolos do rei, entende?

Ela assentiu. O coto rosado e disforme de sua língua se moveu e um som saiu de sua garganta; não gosto de discurso, mais um balido.

Eu me senti vazio por dentro. Olhar para aquela língua é como olhar para um vestido que manchei ou uma carta que apaguei. Mais uma vez, ouvi as palavras de Josias: **sua aberração**. Maria nunca teria cometido tal erro.

Instigado pela culpa, eu disse: 'Na verdade, querida, pode ser que você possa me ajudar a me preparar de mais de uma maneira. O jantar que sirvo ao rei deve ser muito bom. Vou precisar de alecrim, sálvia e tomilho para temperar. Manjerição e talvez um pouco de salsa também. Cebola, marmelo, nabo, 'eu

contei-os nos meus dedos. 'Você acha que conseguiria fazer crescer tudo isso?'

Um sorriso surgiu em seu rosto e meu coração se ergueu. Com o sorriso de Hetta, você não precisa de palavras: ele te cativa com os lábios arrepiados e covinhas suaves. Como as pessoas podem sussurrar que é um demônio que a mantém muda? Como eles podem pensar isso?

'Boa.' Eu toquei sua bochecha. O cheiro dela, tão doce e fl oral, e a sensação de sua pele, sedosa como pétalas. 'Boa menina. Anote o que precisa e o Sr. Harris vai buscar.

Pelo menos agora ela estará envolvida na glória do dia, não importa o que Josias ordene.

Suas palavras me perseguem: **sua aberração**. Enquanto estou na minha despensa, tentando esmagar meu remorso com pilão e almofariz, vejo de novo: aquela língua. A expressão de Josias.

Eu acho que ele sabe.

Ele nunca temeu meu poder antes. Ele pegará ervas e cervejas para dar sorte sem questionar. Mas quando ele olha para Hetta, é como se ele não visse uma flor - apenas o solo sujo abaixo. Como se visse minhas mãos, grossas e pegajosas de sujeira.

A PONTE, 1865

O dia estava claro e fresco como uma maçã quando a carruagem voltou da cidade, cheia de pacotes. Lascas de céu pervinca apareciam por entre os galhos nus das árvores.

'Eles são tão lindos. Posso vê-los mais uma vez?' Sarah estendeu a mão enfaixada. Uma sugestão de sangue aflorou à superfície. Embora ela tivesse se cortado no companheiro uma semana atrás e a ferida fosse pequena, não mostrava sinais de cura.

Elsie passou o pacote. 'Tome cuidado, ou vamos precisar voltar e limpá-los novamente.'

- Não vou colocar meu curativo perto das joias. Veja, eu só preciso dessa mão para desembrulhá-los. ' Sarah alisou o material e suspirou como uma garota apaixonada. 'Nunca soube que tínhamos diamantes na família.'

Depois de uma limpeza e polimento na joalheria em Torbury St Jude, o colar de diamantes brilhava mais brilhante do que nunca. As gotas de pera brilharam em canela, depois em branco, depois em azul, enquanto a luz entrava pela janela da carruagem.

Elsie desviou o rosto. Sempre que ela olha para o colar, ela pensa na carta de Rupert, sua voz querida vindo do além-túmulo. ***Tenha certeza de que não vou permitir que você coloque um pé dentro de casa até que seja totalmente digno de você.*** Se ele soubesse.

"Rupert escreveu que eles estavam trancados em um cofre de banco até ele chegar à ponte."

'Eu não me pergunto isso.' Sarah molhou os lábios. 'Quando penso em meus ancestrais usando este colar. . . Talvez até Anne Bainbridge, cujo diário estou lendo! Esses diamantes podem ter tocado sua pele, movido com ela. É quase maravilhoso demais para compreender. '

Os ancestrais novamente. Cada vez que Sarah os mencionava, Elsie sentia outra pontada de culpa. A menina havia perdido sua família e agora aqui estava a viúva de seu primo, roubando sua herança. Se Elsie tivesse encontrado os diamantes por acidente, ***talvez*** ela tivesse deixado Sarah pegá-los. Mas a carta de Rupert deixou claro o que ele queria. Ela nunca poderia dar seu último presente para ela.

- Mas, Sra. Bainbridge, você não poderá usar diamantes até que seu ano de luto termine! Que pena. Eu gostaria muito de vê-los todos os dias. '

- Estou grato por você **poder** vê-los. Depois daquele episódio com a sra. Holt, comecei a temer que tivesse ficado louco.

- Você não está ficando louco. Sarah embrulhou o pacote novamente. - Algum dos lojistas a tratou como uma louca hoje?

"Felizmente, não." Elsie teve de admitir que a viagem animou seu ânimo. Em meio à agitação de Torbury St Jude, as barracas do mercado, os amoladores de faca e os táxis que iam e voltavam da estação, era difícil pensar em assuntos sombrios. Ela havia visitado um carpinteiro, um construtor e um carpinteiro para discutir seus planos para a casa. Então, com o período de semi-luto de Sarah se aproximando rapidamente, eles foram encomendar novos vestidos para ela em tons de lavanda e cinza. Elsie permaneceria de preto - mas isso não a impediu de encomendar alguns vestidos novos para caber em sua barriga crescente.

"Passei minha vida com uma pessoa idosa", continuou Sarah. 'Acredite em mim, eu conheço os sinais de uma mente começando a divagar.'

'Eles incluem fazer pedidos imprudentes de reformas na casa e gastar uma fortuna em vestidos novos?'

'Não, de fato! Se você está enlouquecendo - disse Sarah, verificando sua mão machucada -, então eu também estou.

Incapaz de se conter, Elsie estendeu a mão e agarrou o pulso de Sarah. - Você **os** viu? Você viu as bonecas e os animais no berçário?

'Sim. Eles eram lindos! Não há como isso acontecer. . . ' Encrenca franziu a testa. 'Eu não entendo. Tudo parece algum

piada monstruosa. Mas a sra. Holt não é o tipo de mulher que se diverte dessa maneira. Talvez tenha havido um mal-entendido? Ela o levou para outra sala?

- Isso é pouco provável. Por que haveria dois berçários, um um espelho horrível do outro?

- Temos suítes com espelho - observou Sarah. Distraidamente, ela mastigou a mecha de cabelo pendurada ao lado de sua boca.

Fayford parecia melhor ao sol. A estrada de lama havia secado e se tornado uma trilha esburacada. Alguns dos aldeões se aventuraram fora de suas casas. Elsie acenou para eles. Eles puxaram os topos em reconhecimento, mas ela notou que eles empurraram seus filhos magricelas de volta para dentro, como se fosse azar de ter seus olhos pousados neles. Com todas as suas superstições, eles provavelmente pensaram que as viúvas espalham má sorte.

'Sarah, e o segundo companheiro? Você também o viu? - O menino cigano. Sim eu te disse.'

'Você está certo?'

'Claro. São dois. ' Mas como?

Eles estavam na ponte agora, cercados por leões de pedra. Elsie estremeceu involuntariamente ao cruzar a água. - Terei de falar com Helen. Mas presumi que ela me contaria se encontrasse outro. Nunca conheci essas criadas desleixadas.

A guarita passou por eles e eles começaram a descer as colinas em direção à Ponte. Acima, as nuvens se moviam rapidamente, lançando sombras sobre a grama. Os jardineiros que ela contratou estavam fora. Alguns podavam arbustos, enquanto outros se ajoelhavam nos canteiros, arrancando flores mortas.

Os cavalos pararam diante da casa. Pela janela, ela viu as silhuetas dos companheiros esperando no Salão Principal. Dois companheiros.

O mordomo que nunca sorria, o Sr. Stilford, abriu a porta da carruagem e desceu os degraus com um **clunk, clunk** eficiente. Assim que tocaram o cascalho, ele se virou e falou com Peters. - Você encontrará uma nova carga quando conduzir os cavalos, sr. Peters. Parece que eles têm um companheiro. '

Negociando cuidadosamente a passagem de sua crinolina, Elsie tropeçou ao lado dele no cascalho. 'Uma companhia?'

- Sua vaca chegou, senhora.

Ela quase havia esquecido. Dançando de volta para a carruagem, ela deu a mão a Sarah e puxou-a para fora. "É a vaca, Sarah. Minha pequena vaca adotada. Teremos uma tarde alegre para acomodá-la. ' Ela estava feliz por não ser forçada a voltar para casa. - Leve as caixas para dentro, sim? ela perguntou a Stilford. 'Nós vamos vê-la.'

Com uma das mãos segurando Sarah e a outra segurando suas saias, ela passou pela sujeira espalhada e pelas ferramentas deixadas pelos jardineiros até o estábulo atrás da casa. Era uma ferradura de edifícios decrepitos de tijolos. Tinta descascada em cachos das portas verdes. Um relógio foi montado no telhado, mas seus ponteiros pararam em um quarto para as dez. Até o cata-vento ao lado dele enferrujou e parou no leste.

A vaca não parecia deslocada ao lado desses objetos abandonados. Ela ficou ao lado do homem que segurava sua corda, sua grande cabeça negra pendurada em desânimo.

'Oh!' A voz de Sarah disparou. - Mr. Underwood a trouxe. Na verdade, era o Sr. Underwood: Elsie não o reconheceu a princípio.

Ele estava vestido de maneira diferente: uma combinação de calça e paletó de tweed, claramente de segunda mão, pendurada em seu corpo alto. Um chapéu de aba larga e coroa baixa esmagava a franja sobre a testa.

- Sra. Bainbridge. Senhorita Bainbridge. ' Ele apertou suas mãos. 'Um prazer. Acredito que a senhorita Bainbridge se recuperou de seu desmaio desde que nos vimos pela última vez.

As bochechas de Sarah brilharam. 'Ai sim. Muito, muito recuperado.' Quando ele sorriu, ela soltou uma risadinha absurda.

Então foi assim.

- Mas parece que você machucou a mão?

Sarah tocou a bandagem. 'Sim. Só um arranhão. Quão gentil, quão gentil de sua parte notar!'

- Devo agradecê-lo por acompanhar minha pupila até a ponte - interrompeu Elsie. - Querida. Ela nem mesmo levantou a cabeça para olhar para nós. O pobre animal parecia não esperar nada mais do que miséria futura. 'Vamos alimentá-la e torná-la saudável em nenhum momento. E ela vai precisar de um nome.

- Betsy - sugeriu Sarah. "Ou Daisy."

- Pelo amor de Deus, tenha um pouco de imaginação. Algo mais poético. ' "Ela não parece muito poética no momento", observou Underwood. 'Pelo contrário! Ela é uma alma angustiada saindo do purgatório

em uma vaca-céu perfeito - se isso não é uma coisa blasfema de se dizer, Sr. Underwood.

Um sorriso fez cócegas em seus lábios. - Ela é a Beatriz de Dante, então?

Elsie não sabia quem era, mas gostou do som do nome. - Beatrice, a vaca.

- Bem, espero que as expectativas dela sejam tão grandes quanto o nome dela.

Peters veio e pegou a corda da mão de Underwood. Estalando suavemente a língua, ele encorajou Beatrice a segui-lo até uma baia. Ela saiu cambaleando, seus cascos crescidos escorregando nas pedras.

"Fiquei muito satisfeito", disse Underwood, "quando a sra. Holt me contou sobre o seu plano de levar a vaca. Normalmente, os moradores relutam em lidar com a casa grande. Mas, com o inverno chegando, eles finalmente perceberam o sentido disso. 'Eu acho que sim! Ofereci um belo preço por um saco de ossos. Assim que ela disse as palavras, ela se arrependeu. Ela soou como

o pai dela.

- Eu sei, Sra. Bainbridge. Você foi muito bom em sugerir a troca, estou bem ciente disso. ~~Você não deve~~ interpretar mal as pequenas excentricidades deles. Os pobres podem ficar muito orgulhosos. '

Elsie pensou nas garotas dos fósforos, nos dedos ávidos do pai. "Não em Londres", disse ela.

Elsie levou o Sr. Underwood para o primeiro andar. Ela sentiu que seria benéfico trazer um vigário para perto do berçário. Sua presença pode ser banida.

. . o que quer que fosse. O que quer que estivesse fazendo ela e Sarah verem coisas que não existiam.

Com Mabel deitada, a casa estava cada vez mais desgastada. Elsie encontrou um salpico de lascas de madeira no patamar e riscos longos e profundos no chão, como se objetos pesados tivessem sido arrastados por ele. Felizmente, a sala permaneceu apresentável, agradavelmente aquecida pelo sol da tarde.

Elsie gesticulou para um sofá forrado com seda de narciso claro e pediu a Underwood que se sentasse. Ela tocou uma campainha pedindo chá, sem muitas esperanças de sucesso.

- Um quarto encantador, Sra. Bainbridge. Gosto muito das borboletas emolduradas. Mas quem são nossos amigos? '

Ela seguiu seu olhar. 'Oh!'

De pé de cada lado do fogo que se apagava estavam os companheiros. Mas eles não eram justos. . . Ela não os tinha visto no Salão Principal? A menina parecia docemente apologética, pressionando a rosa branca contra ela

peito como se implorasse por indulgência. Mas não o menino; seus olhos malignos encontraram os dela com um desafio direto .

Sarah mudou-se para ocupar uma cadeira em frente ao Sr. Underwood. - Nós os encontramos no sótão alguns dias atrás. São itens curiosos, não são? Nossa criada deve ter trazido eles para cima.

Mas por que Helen faria isso? Ela fez os arranhões no chão ao puxá-los?

- É uma arte muito inteligente - respondeu Underwood. - Quase parecem que vão falar.

Sarah deu uma risadinha. Elsie tentou rir, mas saiu em um chiado tenso. 'Eu **faço** fi nd me um pouco solitário, batendo em torno deste lugar de idade. Essas figuras são meus convidados até que eu tenha permissão para convidar os verdadeiros. Mas se algum dia eu lhe contar que eles começaram a falar comigo, Sr. Underwood, dou-lhe permissão para me mandar para Bedlam.

Ele sorriu gentilmente. - Lamento saber que você está sozinho. Sempre ficaremos felizes em vê-lo na igreja. Venha no domingo. '

Inesperadamente, sua garganta se fechou com lágrimas. Ela olhou para suas mãos. Pela primeira vez em sua viuvez, ela sentiu que poderia gritar e uivar como mamãe. 'Eu devo. Atrevo-me a dizer que parece estranho não ter vindo antes, mas não o senti. . . Eu não era igual a isso. Mas tive algum encorajamento hoje. Os aldeões pareciam quase amigáveis quando passamos de carro.

'Mas é claro. É tudo graças a - erm - Beatrice. Conteí a todos sobre seu plano de alimentá-la e passar o leite adiante. Ela não tem estado saudável o suficiente para produzir há muitos anos. Manteiga e leite

farão uma grande diferença na vida dos moradores. Principalmente as crianças.

'Para ter certeza. Eu faria mais se pudesse. Eu empregaria as pessoas. Você sabe por que eles não funcionam para minha família? São apenas os esqueletos de que falamos? A Sra. Holt disse que também houve um acidente com um laçao, anos atrás?

'Bem . . . ' Ele fez uma pausa, os dedos se contraindo em seu lábio. "Parece ser uma mistura de contos populares e superstições. Esqueci completamente de buscar os registros que mencionei, Sra. Bainbridge, mas lembro que houve alguma bobagem sobre uma suspeita de bruxa.

Sarah se inclinou para a frente com interesse. 'Esse pode ser o diário que estou lendo! Anne Bainbridge, minha ancestral. Ela tinha talento com ervas e preparava bebidas para dar sorte. Ela parecia pensar que tinha um poder. Os aldeões realmente acreditavam que ela era uma bruxa?

O Sr. Underwood suspirou. - É muito provável, Srta. Bainbridge. As pessoas não eram racionais naquela época. E sua família não teve sorte com seus criados. Vários morreram em acidentes e, claro, a aldeia quer alguém para culpar. . . ' Ele ergueu as mãos. 'É assim que os boatos nascem. Mas tenho esperança de que, com a educação, possamos erradicar a superstição na próxima geração. Devo admitir, Sra. Bainbridge, ser um radical triplo em minhas idéias. Acredito que toda criança deve receber educação, independentemente de suas circunstâncias. Eles deveriam receber as ferramentas de que precisam neste mundo. '

'Eu não poderia concordar mais.' Ela se lembrou do pequeno Jolyon com seu ábaco, a língua de fora em concentração. Isso criou um nó doloroso em seu peito. - Talvez você deva abrir uma escola aqui?

O sorriso iluminando seu rosto era tão amplo e genuíno que por um momento ela viu porque Sarah o admirava. 'Você me ajudaria?'

'Quando eu puder. A senhorita Bainbridge estaria mais preparada para a tarefa. Ela estará fora do luto em menos de um mês. Ela pode fazer muitas coisas que não seriam apropriadas para uma viúva.

- Ah, sim, deixe-me ajudar, Sr. Underwood! Sarah bateu palmas. Sua bandagem abafou o som. 'Eu acho que é uma ideia maravilhosa. A Sra. Crabbly deixou-me um pequeno legado e farei uma doação. Devemos ajudar as crianças. '

De repente, as lápides estavam diante de seus olhos novamente. Enterrado com um nome emprestado. Essas pobres meninas. . . Ela não iria manter tudo de

O dinheiro de Rupert para seu próprio bebê. Havia outras crianças: desprotegidas, vulneráveis.

O pensamento a deixou enjoada. Um gosto amargo enchia sua boca. Ela se levantou abruptamente. As coisas tremeluziram, tornaram-se incertas e inconstantes. 'Você poderia . . . Por favor, dê-me licença? Eu devo . . . vá ver depois daquele chá.'

Com o canto do olho, ela teve um vislumbre do primeiro companheiro. Nunca tinha se parecido tanto com ela. Seu próprio rosto, olhando para ela.

Ela teve que sair correndo do quarto antes de vomitar.

Uma grade de madeira delimitava a galeria, isolando a queda para o Salão Principal. Elsie teve que dar a volta ao redor da praça para chegar ao banheiro. Normalmente, isso não era uma dificuldade, mas a náusea tornava a distância tremenda. Ela estendeu a mão e usou o corrimão para se apoiar. Ele rangeu. Ela pensou no laçao que a sra. Holt mencionou, tombando para a morte, e retirou a mão.

Uma tábua de chão gemeu na galeria. Helen estava correndo em sua direção da direção oposta, suas bochechas vermelhas como maçãs. As tiras de seu boné estavam desamarradas e balançavam sobre os ombros.

Elsie prendeu a respiração. 'Helen? Onde está a bandeja do chá?'

- A Sra. Holt está fazendo isso, senhora. Helen correu os últimos passos, seu queixo balançando sobre a gola do vestido. - Espero que me perdoe, mas queria falar com você. . . sozinho.'

Nesse momento, Sarah deu uma risadinha de dentro da sala. O rosto do companheiro voltou a sua mente.

- Helen, traga-me um penico. ~~Rapidamente.~~

Assim que Elsie expulsou seu fardo e bebeu um copo d'água, ela percebeu o que estava acontecendo ao seu redor. Helen a sentou no baeta gasto da mesa de bilhar com os pés pendurados na beirada. Na porta ao lado, na sala de estar, ela podia ouvir colheres tilintando na porcelana. A Sra. Holt deve ter finalmente servido chá.

- Eu disse à sra. Holt que precisava ficar com você um pouco, no caso. . . caso você vá novamente. ' Helen falou em um sussurro, seus olhos continuamente

correndo para a parede. - Não tenho muito tempo, senhora. Posso falar com você agora?'

Elsie mal estava com humor para lidar com a equipe, mas Helen a salvou de vômitos e desmaios no corredor. Ela devia a ela um ouvido aberto, pelo menos.

- Sim, posso poupar um momento. Por favor continue.'

'EU . . . ' Helen parou, perplexa. Ela olhou para baixo e começou a brincar com o avental. - Não sei bem como começar, senhora.

Somente . . . A Sra. Holt me disse que você esteve no quarto das crianças.

Calor subindo por seu couro cabeludo. 'Sim.'

'Você fez . . . ' Outra torção do avental. - Você viu alguma coisa, senhora?

Elsie agarrou a borda da mesa de bilhar. Uma piada, certo? A Sra. Holt deixou escapar sua reação ao quarto do bebê e a empregada estava brincando com ela.

A governanta da casa de Rupert em Londres tentara enganar Elsie para que servisse o jantar já às duas horas, para fazê-la parecer comum na frente dos convidados. Os criados sabiam que ela só tinha dinheiro para trocar - ou **dinheiro para comprar** , como o chamavam. Sem procriação, eles pensaram que seu jogo era justo.

- O que, exatamente, você esperava que eu visse lá?

Ela esperou pela descrição que fizera à sra. Holt sobre o berço e os brinquedos. Mas, em vez disso, Helen disse: "Escrevendo".

' **Escrevendo?** '

Helen deixou cair o avental. 'Eu não deveria ter dito nada. Por favor, senhora, esqueça que falei.

'Ter **você** visto escrevendo no berçário, Helen?

Ela fez um movimento frenético para silenciar. - Não deixe a sra. Holt ouvir você. Ela odeia qualquer coisa assim. Até comprou um gato preto para provar que superstições não fazem sentido. Mas desde que o mestre desceu, algo aconteceu. . . estranho, aqui. '

Se ela estava atuando, ela era boa. Ela tinha as mãos nervosas de uma mulher nervosa.

Elsie escolheu as palavras seguintes com cuidado. - Acho que você encontrou o Sr. Bainbridge, Helen. Depois que ele morreu? É natural que você se sinta tonto após uma morte na casa. Possivelmente . . . '

Helen abanou a cabeça. - Pensei nisso, senhora, quando Mabel nem percebeu. E pensei como há cânfora suficiente para matar um gato naquele berçário, então a fumaça pode estar me deixando tonta. Mas o mestre. .

. ele também viu. '

Elsie cambaleou na beira da mesa. 'Escrita?'

'Não . . . não exatamente. Só eu vejo a escrita, na poeira. Como um dedo fez isso. Mas o Mestre era diferente. Ele viu os alfabetos de madeira, dispostos em uma palavra. '

'Que palavra, Helen? Você conseguiu ler?

'Ai sim. A Sra. Holt me ensinou minhas letras. Mesmo agora, um toque de orgulho. - Mabel ainda não conhece o dela.

- Não importa, qual foi a palavra? O que disse? '

Helen fez uma careta. ' **Mãe** . Dizia **mãe** .

Não estou tão organizado para a visita real quanto gostaria, com a neve - **neve!** - em Pentecostes, o que impedia qualquer viagem. Essa terrível geada destruiu a maioria das minhas plantas. Todos precisarão ser semeados novamente ou substituídos por flores crescidas . Graças a Deus, as estufas de Londres conseguiram nos enviar rosas e lírios! Ore a Deus para que possamos mantê-los vivos nos próximos três meses. Outra pequena misericórdia foi a sobrevivência do canteiro de ervas de Hetta. Esses pequenos ramos verdes têm se mostrado mais resistentes do que a maioria e os caules cinza-azulados do cardo prosperam.

Minha ansiedade aumenta com as esperanças crescentes de Josiah. Ele já está traçando planos para uma nova ala da casa. Esta manhã ele entrou em meus aposentos enquanto eu me vestia, carregando um pacote embrulhado em seda.

'O que é isso?' Eu perguntei seu reflexo no espelho. Tive a sensação de algo frio atrás de mim, algo brilhante como o gelo.

- É um presente, minha senhora. Ele colocou a mão no meu ombro. - Você consegue adivinhar?

'É uma joia para usar quando o rei e a rainha visitam. UMA . . . colar?' Ele deu uma risadinha. - Minha pequena profetisa.

Ele começou a desembulhar o pacote. Eu apertei os olhos, sem ver, mas sentindo suas mãos em minha garganta. O colar tilintou e tocou minha clavícula. Afiado, frio. Era como uma faixa de neve.

"Abra os olhos", Josiah riu. - Lizzy, puxe a cortina, sua patroa está meio cega.

Eu ouvi a cortina fechar atrás de mim e lentamente rolei minhas pálpebras abertas.

Eu havia previsto o objeto, mas não a qualidade. Diamantes rodearam meu pescoço e caíram em meu peito. A forma era um arco com três gotas de pêra. Cada pedra bem definida, pura como água. O colar pode ter pertencido à própria rainha.

'Josiah. . . '

Tive um vislumbre de seu rosto no espelho. Ele brilhava de orgulho. - Isso vai ficar com nossos ancestrais, Annie. Para a esposa de James e a esposa de seu filho depois disso. Toda grande família precisa de uma herança. Esses serão os diamantes Bainbridge. '

Meus lábios se separaram. Estava na ponta da língua dizer que já tinha as joias da mãe dele, mas havia um peso, um formigamento na

atmosfera que me alertou contra isso. 'Eles são muito bonitos. Nós podemos

. . . ' Eu lancei um olhar para Lizzy e baixei minha voz. - Podemos pagar, querida?

Ele franziu a testa. 'Por que você se preocuparia com uma coisa dessas? Os aluguéis de solstício de verão chegarão em breve.

Aluguéis que havíamos pago desde o último trimestre, eu me lembrei.

'Claro.' Os diamantes pesavam em meu peito. Quando os movi contra minha pele, eles estavam dolorosamente frios. 'Perdoe-me, é apenas. .

. Nunca tive nada tão bom! Na verdade, estou com um pouco de medo.

Eu não pude deixar de me lembrar de como Maria falou de diamantes, muitos anos

atrás.

"Eles afastam o mau-olhado", ela me disse. - Proteja você da magia mais negra.

Foi por isso que Josias os colocou no meu pescoço? Ele suspeitou que minha despensa abrigava mais do que simples ervas?

Sentindo-me enjoado, toquei minha garganta e olhei seu reflexo no espelho.

Suas bochechas se ergueram enquanto ele sorria. - Você deve se acostumar com as melhores joias, minha senhora, pois será adequado para sua posição como minha esposa. Eu gostaria de ver esses diamantes em sua pessoa todos os dias. '

Uma pitada de gelo de diamantes em sua voz. Não apenas um desejo: um comando.

Atrás dele, Lizzy estava na janela. Uma mão enrugada repousava em sua clavícula, como se ela também sentisse o frio passando por sua pele.

Engoli. Os diamantes se moveram. - Como desejar, meu ~~meu~~ senhor.

Hoje fiz uma viagem a Torbury St Jude. O tempo não está quente, mas pelo menos está mais seco. As águas da inundação baixaram e as estradas estão transitáveis. Nós viajamos entre as lojas na carruagem, pois restos de poças oleavam as ruas e o vento açoitava as vielas com mais violência.

- Estou com a nova fralda - disse a Jane, checando a lista com os dedos. "A prata está sendo polida. Os vestidos devem chegar de Londres no próximo mês.

'A Sra. Dawson parecia escandalizada por você não ter feito o pedido na loja dela, senhora,' Jane disse.

Ela fez, pobre querida. Mas o que ela esperava? Este não é um baile country. O **Rei** e a **Rainha** , sobre minha alma! Eles vão esperar

veludo cortado da moda, a renda mais requintada.

"Não posso me preocupar com a Sra. Dawson no momento", eu disse. - Haverá tempo suficiente para ela mais tarde. Por enquanto, estou apenas preocupado em agradar à rainha Henrietta Maria.

- Senhora, a rainha não pode deixar de ficar satisfeita com toda aquela decoração sofisticada em seu quarto e as melhorias que você fez. É o suficiente para fazer a cabeça dela girar.

Eu sorri, orgulhoso. - Parece ótimo para **nós**, Jane. Mas ela é a rainha. Ela cresceu no Château de Saint-Germain-en-Laye. Será necessário um grande esforço para impressioná-la. Ela gosta de curiosidades, coisas estranhas que ninguém mais viu. Eu olhei pela janela. O opressivo céu leitoso fazia nossa pequena cidade parecer realmente desolada. Nosso cavalo ergueu a cauda e despejou uma carga nas pedras. Suspirei. - Onde vou encontrar coisas exóticas como **essa** em Torbury St. Jude?

- Pode ser que chegue aqui, senhora. Ouvi falar de um estabelecimento no mercado.

Virei-me para ver a loja que Jane indicou à esquerda. Era um lugar pequeno, afastado da fileira irregular e irregular de edifícios que

alinhava a rua. O andar inferior era de tijolo; a parte superior consistia em vigas velhas e gesso.

'Aguarde!' Liguei. Os cavalos pararam. Quando o barulho de seus cascos cessou, ouvi a placa da loja gemendo ao vento. Não consegui distinguir a imagem, mas pensei ter visto as palavras **Bens de fantasia** pintadas acima da janela gradeada. 'Jane, eu não conheço este lugar. Há quanto tempo está aí? '

Ela sorriu. - Achei que você soubesse de tudo, senhora.

Eu deixei seu atrevimento passar. Na verdade, percebi uma estranheza na loja que não consegui expressar em palavras. Eu sabia que não poderia dirigir sem entrar. Havia algo importante, algo ali. . .

Só me senti assim uma vez: foi naquele dia gelado de janeiro, uns nove anos atrás, quando abri o velho livro de couro de Mary e recitei suas palavras sobre o purê de ervas em minha despensa. Era a sensação exata: a apreensão, a certeza.

"Vamos entrar." Eu bati no telhado. O lacaio saltou e tentou abrir a porta. Ele não queria ceder. Coloquei meus dedos na maçaneta e tentei ajudá-lo, mas era como se o vento fosse uma mão de ferro empurrando contra mim. Barrando minha passagem.

Esforçando-me com todas as minhas forças, eu empurrei de volta. A porta cedeu, abrindo-se com tanta força que bateu de volta na carroceria. Eu caí nos braços do lacaio.

- Você está bem, senhora?

Fiquei envergonhado, mas ileso. Minhas saias estavam muito desordenadas; o vento os agarrou e arrancou uma fita do meu cabelo. Eu o observei voar para o esquecimento cinza do céu. 'Estou perfeitamente bem. Jane, você precisará levar meu braço até a porta.'

Eu estava grato pela robustez de Jane e sua cintura grossa e caipira. Devemos ter parecido um par estranho, de cabeça baixa, lutando contra o vento; Jane em seu kirtle verde sujo e eu esvoaçante em cetim e renda.

O vento fez instrumentos de tudo que tocou. Por trás veio o tilintar do arreio dos cavalos, chamando-nos de volta; à frente, a placa rangeu ao balançar. Seu gemido ficava mais alto a cada passo, até que finalmente não consegui ouvir mais os cavalos.

Jane abriu a porta da loja com um de seus ombros largos, fazendo um sino tocar. - Você primeiro, senhora. Ela praticamente me empurrou - eu não dei atenção, pois estava feliz com o abrigo.

Um homem baixo e careca saltou quando entramos. Um colete marrom muito usado esticado sobre seu estômago. Ele tinha olhos pequenos e quentes - olhos de porco, pensei - que estremeciam ao nos ver. - Bom dia, senhoras. Você me deu um grande susto.

'Eu peço desculpas. Nós estávamos um pouco atraídos.' - Está ventando muito?

Jane bateu a porta atrás de nós. O sino tocou novamente. 'Breezy? É adequado soprar um vendaval!

'De fato?' Ele sorriu, parecia recuperar a compostura. - Nesse caso, imagino que você precise de um refresco. Deixe-me buscar o vinho e as ameixas com açúcar. Cada cliente é tratado como uma duquesa nesta loja.'

Acima de seu ombro esquerdo pendia um espelho de ouro ornamentado, entalhado com querubins e flores. Minha reflexão me encarou de volta, completamente desgrenhada. Não me sentia muito como uma duquesa.

Enquanto ele buscava nosso vinho, tivemos tempo para olhar ao redor. A loja era muito maior do que parecia do lado de fora, mas as curiosidades enchiam cada centímetro dela. Caixas empoeiradas penduradas nas paredes com displays de cristal e pedra espreitando sob o vidro escuro. Estranhos pássaros empalhados de climas estrangeiros nos olhavam com raiva, suas penas tingidas de cores vivas. Suspenso no teto estava um esqueleto que eu nunca tinha visto antes - alguma criatura monstruosa com um grande chifre, como um unicórnio, só que se projetava do nariz. Até o ar tinha um gosto incomum, quente com especiarias.

"Obrigado", eu disse, pegando minha taça de vinho com o dono da loja. Percebi que ele tremia em sua mão. - Estou surpreso por não termos encontrado sua loja antes. Você é novo em Torbury St Jude?

'Acabei de chegar.' Ele ofereceu a bandeja de ameixas açucaradas. Jane foi rápida ao agarrar um e enfiá-lo inteiro na boca. 'Meu nome é Samuels. Passei meus dias viajando pelo mundo, senhora, e agora estou aqui, com todas as raridades expostas a você.

Era um bom vinho. Outra importação, suspeitei.

Corri meus dedos por um armário e puxei uma aba de veludo presa à gaveta. Ela se abriu. Filas e mais filas de ovos de pássaros estão diante de mim

olhos: azuis, salpicados, alguns minúsculos, um do tamanho de uma maçã. Joias da natureza. Nem mesmo os diamantes da corte podiam rivalizar com tesouros raros e delicados como esses. 'Na fé, deve ser difícil separar-se de sua coleção. Cada item não é uma lembrança de sua jornada? '

"Há algumas memórias que não queremos guardar." Seu rosto endureceu por um momento. "Além disso, gosto de compartilhar o que descobri. As pessoas sempre querem uma curiosidade para mostrar aos amigos. '

Com cuidado, peguei uma ameixa com açúcar. Seus grânulos grudaram em meus dedos. - Confesso que estou aqui para tal missão. Em agosto, receberemos alguns convidados ilustres.

'Ah! Por aqui então, senhora. Eu vou te mostrar o marfim. Peças requintadas além de qualquer comparação. Qualquer convidado vai desmaiar. '

Eu coloquei a ameixa na boca e o segui.

Foi uma meia hora vertiginosa, escolhendo e escolhendo do baú do tesouro do mundo. Encontrei tulipas secas montadas em molduras e um canhão mecânico que disparou. Eu me empolguei, confesso. Fiquei muito envergonhado quando me virei e, à luz fraca das velas, vi outro cliente esperando.

'Oh!' Eu chorei. 'Ore, me perdoe.' Eu me virei para o Sr. Samuels. - Isso deve bastar por enquanto, estou impedindo você de trabalhar.

Seus pequenos olhos seguiram os meus. Por um momento, pensei que ele estava com medo. Então ele riu.

Percebi meu erro: não era um cliente parado no canto, mas um quadro, pintado para parecer uma pessoa. Funcionou tão esplendidamente que você não notaria que era uma obra de arte, à primeira vista. O assunto era uma mulher com a mão no quadril. Sombras foram pintadas em seu rosto nos ângulos exatos que a luz atingiria da janela da loja.

"Você correu na minha frente", disse o sr. Samuels. "Eu estava indo para isso." Ele caminhou até o objeto. Eu podia ver, pela luz da janela, gotas de suor brotavam em sua testa. 'Essas falsificações podem enganar o melhor de nós. Você sabe o significado de **trompe l'oeil** ? '

- Um truque de olho?

"Precisamente. Um engano divertido. Venha aqui. ' Ele apontou para o ombro do recorte. Seu dedo pairou a alguns centímetros de distância da madeira. - Está vendo as bordas chanfradas? Eles impedem que pareça plano. Eu espiei

na parte de trás, ainda surpreso ao descobrir que não era sólido. Ela não era real e, no entanto, senti que não podia tocá-la, não podia encontrar seus olhos. - Tenho mais desses para mostrar a você. Crianças carregando frutas. Empregadas domésticas e varredores. Uma senhora com seu alaúde.

- De onde eles são?

"Eles me foram dados em Amsterdã. Eles os chamam de "companheiros silenciosos". ' Ele pigarreou. - Esses holandeses, senhora, adoram seus pequenos engodos. Não são apenas pelas tulipas que eles são loucos. Eles têm caixas de perspectiva e comida de mentira - até mesmo casas de bonecas mais bonitas do que o palácio de um duque.

Eu me virei para Jane. "Eles são um bom esporte, não são? Posso imaginar os convidados vindo por essas pranchas com um pequeno grito. Um momento de choque, depois risos e conversa.

'Não sei se Sua Majestade gostaria de ficar chocada,' disse Jane. O Sr. Samuels olhou para mim com um novo respeito. - Sua majestade, você diz?

A rainha?'

Eu corei de novo, desta vez com prazer. 'Sim. Estamos muito honrados. Então você vê por que é importante que eu escolha— '

Ele estendeu a mão. Os dedos eram gordos como salsichas e marcados pelo tempo. - Sim, sim - interrompeu ele -, você deve ter o melhor de tudo. Posso recomendar humildemente esses itens? ' Mais uma vez, ele gesticulou para a figura, mas não deixou que sua mão tocasse nela. Deduzi que o item era caro, até muito precioso para tocar.

"Eles são diferentes de tudo que eu já vi antes. Eu certamente irei considerá-los. '

'O que há para considerar, querida senhora? Eles são perfeitos para agradar a Sua Majestade. Havia um apelo em sua voz, em seus olhos. Talvez os negócios não estivessem indo tão bem quanto ele esperava.

"Eu já peguei uma quantidade de mercadorias", disse eu, tentando calcular meus gastos. Algo tão raro com certeza iria além da minha bolsa? - Seria adequado consultar meu marido antes ...

- Mas seu senhor só o aconselhará como eu. Duvido que algum homem na Inglaterra tenha visto algo assim.

Pensei em Josias, em como ele ansiava pelo reconhecimento do rei. 'Podemos desejar um ou dois. . . '

'Mas o efeito será diminuído. Venha, vou deixar você levar toda a coleção.'

Normalmente, eu desconfiaria de uma pessoa desesperada para vender seus produtos, mas queria os estranhos brinquedos do Sr. Samuels. Eles estavam me chamando, me observando, me atraindo para levá-los com seus olhos pintados.

'Eu não tenho certeza se. . .'

'Por um preço especial.' Ele sorriu. - Eu prometo a você, não há método melhor para surpreender a rainha. Ela nunca vai esquecer os companheiros.'

Comprei todos eles.

A PONTE, 1865

"Seus olhos se moveram."

'O que?' A caneta de Elsie deu um solavanco e respingou na página. Arruinada: sua carta ao construtor estava arruinada. 'O que você quer, Mabel?'

Depois de duas semanas descansando na cama, Mabel voltou a tirar o pó e outras tarefas leves. Elsie estava inclinada a pensar que ela poderia administrar muito mais. Ela jogou até sua desgraça, arrastando-se como uma criança com um pé torto.

Hoje ela estava na porta aberta da biblioteca, sua postura torta, favorecendo a perna ilesa. Sua mão direita segurava um pano sujo e havia uma mancha de fuligem em seu nariz.

'A coisa. Seus olhos se moveram e olharam diretamente para mim.'

Elsie largou a caneta. 'Que coisa?' ela perguntou. Mas ela já sabia. Era como se ela tivesse passado as últimas quinze dias apenas esperando que isso acontecesse.

"A coisa de
madeira." 'O
companheiro?'

'É isso aí.' O suor salpicou a linha fina de cabelo que aparecia sob o boné de Mabel. Sua garganta trabalhou. - Não vou limpar mais. Seus olhos se moveram.'

Palavras formadas em sua mente; mil observações cortantes. Ela não conseguiu pronunciar um só deles. - O menino cigano?

Mabel balançou a cabeça. "O outro."

'Mostre-me.'

Eles desceram as escadas em silêncio, tensos, como marionetes. O vento soprava pelas rachaduras do piso e as folhas batiam nas janelas. Atrás da casa, Beatrice deu um baixo pesaroso.

Helen ficou esperando no Salão Principal, os nós dos dedos cerrados em torno de um espanador.

- Você os moveu de novo - disse Elsie, olhando para os arranhões no chão. 'Por que você continua movendo eles?'

" **Não** os movemos", gritou Mabel.

Ambos os companheiros ficaram ao lado da lareira. Não **era** algo diferente sobre o menino, mas ela não podia colocar seu dedo sobre ele. Ele a olhou com altivez, olhando para a esquerda. Ele a estava provocando, desafiando-a a notar uma mudança.

Alguma coisa . . . O ângulo de seu rosto. . . Ela afastou o pensamento. Não houve mudança. As pinturas **não** mudaram, era uma fantasia ridícula.

A menina era exatamente como Elsie se lembrava dela: a rosa branca pressionada contra o peito; seu sorriso malicioso e a seda verde-oliva. Seus olhos castanho-verdes ainda carregavam o mesmo calor de expressão - eles não haviam se movido.

Ela soltou a respiração. - Você não aprecia boa arte, Mabel. A habilidade de um pintor é fazer com que os olhos pareçam estar

sobre você, não importa onde você esteja. Passe pelos retratos no andar de cima. A mesma coisa vai acontecer. '

'Eu não estava andando. Não moveu um músculo. Eu fiquei parado, bem ali, e eles **deslizaram** . '

Era horrível demais para imaginar. Ela **não** iria imaginar, nem acreditar em mais nenhuma das histórias ridículas desses criados. - Helen viu?

- Não, senhora - resmungou Helen. Ela torceu o espanador. 'Mas . . . ' - Deixe-me adivinhar: você encontrou a escrita?

'Não. Eu senti . . . estranho. Como se alguém estivesse me observando.

- Todos nós nos sentimos assim, Helen. Provavelmente foi Jasper. '

Ela se afastou dos companheiros. - Acho melhor Mabel ir para a cama. Ela claramente ainda está doente. E já que estamos aqui, Helen, eu prefiro que você

coloque o menino de volta onde quer que o tenha encontrado. Dona Sarah só pediu para a menina aparecer.

- Vou colocá-lo no porão, se quiser, senhora. Ainda não consigo entrar no sótão.

- Sim, eu estava escrevendo para Torbury St. Jude para que alguém abrisse o sótão quando Mabel deu início a essa loucura. Você colocou o cigano no porão e eu voltarei à minha carta. ' Ela estava indo para as escadas quando a voz de Mabel a deteve.

- E quanto a outro?

- A dona Sarah quer a companheira, Mabel. Peça a Helen que limpe se isso te assusta.

'Não.' Mabel apontou o dedo sujo de fuligem . 'Aquele.'

No tapete oriental, onde o caixão de Rupert estava, estava um terceiro companheiro.

Uma velha sentada em uma cadeira. Era pior do que o menino cigano; não apenas zombeteiro, mas decididamente malévolo. Ela usava uma touca branca e uma touca preta. Apoiada em seus braços estava uma criança parecida com uma boneca , anormalmente rígida e com o rosto inexpressivo.

'De onde veio isso? Por quê . . . por que alguém pintaria tal coisa? Essa cara!' Suas palavras ecoaram pelo corredor e ricochetearam nela.

Helen estremeceu.

'Coloque-o **afastado** , Helen. Onde diabos você o encontrou? '

Os lábios de Helen tremeram. - Aqui, senhora. Bem aqui, esta manhã.

Soube desde o momento em que acordei que este seria um dia de conflito: estava escrito no ar abafado. Ameias de nuvens apagaram a luz e uma tensão silenciosa pairou sobre os jardins. Estava opressivamente quente. Eu desejei o dia todo que as nuvens se quebrassem e aliviassem minha dor de cabeça, mas elas ainda olham para mim, preparadas. Nada do lado de fora se move; não há brisa.

Se for assim quando o rei e a rainha chegarem, estaremos todos suando e zangados. Como podemos parecer elegantes em nossos lindos vestidos, com o suor escorrendo de nossos rostos? Ninguém terá fome de um cisne assado. Oh, se apenas esse tempo cedesse!

Josiah me deixou melancólico com a visita. Ele veio falar comigo logo após o jantar e mandou as criadas embora.

"Preciso falar com você", disse ele. A postura de sua mandíbula, as rugas em sua testa, falavam por ele.

"Você decidiu sobre Hetta", eu disse.

'Sim.' Ele passou a mão pelo comprimento de sua barba. - Annie, você não vai gostar do que tenho a dizer.

- Então não diga isso. Mude sua mente.'

Ele suspirou. 'Não posso. É o melhor. Henrietta Maria pode comparecer à festa. Ela trabalhou duro o suficiente para isso. Mas quanto ao resto dos entretenimentos. . . A resposta é não.'

Minhas mãos se enrolaram em punhos. Eu sabia que deveria escolher minhas próximas palavras com cuidado, mas não era dona de minhas emoções. Essa sensação quente e formigante brotou dentro de mim e empurrou as lágrimas em meus olhos.

"Ela é jovem", ele continuou. 'Não tenho certeza se seria adequado, mesmo se -'

"Você tem vergonha dela", eu disse.

Ele hesitou por um instante. Foi o suficiente. 'Eu tenho pena dela. . . '

'Ela é um milagre! As parteiras disseram que eu nunca teria outro filho, não depois de Charles. E ainda assim aqui está ela. Sua única filha, Josiah.

Um milagre.'

'Estou ciente disso. Ninguém pensou que você fosse capaz de carregar outro. Talvez seja por isso que ela a tem. . . suas dificuldades.'

Por trás de suas palavras, ouvi a acusação que está sempre fervendo sob a superfície: é minha culpa que a língua de Hetta não

tenha crescido. Meu útero não conseguiu criar uma criança completa. Havia algo faltando; ou em mim, ou na mistura.

'Ela é tocada por Deus!' Eu chorei. Ele olhou para mim. Apenas um olhar e acendeu minha raiva. 'Você acha que não? Você pensa o outro jeito? '

Ele ergueu as mãos em sinal de rendição. Ele estava se cansando de mim. 'Acalme-se. Claro que não acho que Henrietta Maria tenha um demônio. Você está falando histericamente.

'Eu não sou. Você está escondendo minha filha! '

- Todos vão vê-la no banquete, Anne. Não vou **escondê-la**, mas devo protegê-la. ' Ele começou a andar pela sala, o couro de suas botas rangendo enquanto ele caminhava. 'Vamos apresentá-la à sociedade lentamente. Ela ainda não está pronta. Ela é muito selvagem, muito feminina. Nós a permitimos e a deixamos correr pela casa à sua maneira. Mas isso deve parar agora. Ela será instruída. '

'Instruído?'

- Nas maneiras da corte. Não há tempo para treiná-la antes da visita. Não podemos cometer um erro. Nenhum! Não ouse imaginar as consequências. Você me veria banido da corte, pelos erros de Henrietta Maria? Tudo deve correr perfeitamente. '

Meu temperamento se desgastou sob o rangido, rangido de suas botas. Pois não ouvi couro rangendo: ouvi árvores na noite, agitando os braços acima de uma figura encapuzada colhendo ervas; uma moagem de pilão e almofariz

juntos; mistério e tentação nas palavras de um antigo feitiço. - Você parece sugerir que nossa filha não é perfeita.

- Você sabe que ela não é.

Isso me deixou sem fôlego. Como Josias pôde dizer uma coisa dessas, de seu próprio filho? Acho que nunca o odiei como naquele momento. "Essa notícia vai partir o coração dela", eu disse a ele.

- Então direi a ela, se você não gostar. Onde ela está agora?' 'No Jardim.'

Fui até a janela, querendo vê-la em paz antes que ele destruísse suas esperanças. Tudo lá fora parecia estranho. As plantas brilhavam com um brilho anormal sob o céu tempestuoso. Minhas novas cercas-vivas -de-lis foram transformadas em lanças verdes vivas; as rosas, coágulos de sangue. Atrás deles, minha Hetta estava ajoelhada no chão, cuidando de suas ervas. Seus tornozelos apareciam, manchados de verde. Eu não me importei com isso. Seu rosto estava cheio de luz, apesar das nuvens. Ela parecia feliz; ela sorriu enquanto acenava com a cabeça e inclinava a cabeça para cima. . .

'Que é aquele?' A voz de Josiah retumbou por cima do meu ombro.

Amaldiçoei sob minha respiração. - É aquele menino cigano de novo. É hora de ele ter uma boa surra. Eu o avisei para ficar longe. '

'Vejo? Você vê, agora? ' Ele gesticulou para fora da janela. 'Brincando com ciganos! É exatamente disso que estou falando. '

Eu me virei, com raiva demais para contradizê-lo. "Eu vou cuidar disso", eu disse, e saí da sala.

Meus pés batiam forte na escada. Maldito seja aquele cigano e sua impudência, maldito seja ele por fazer o pai da pobre Hetta pensar mal dela!

Eu irrompi nos jardins. O ar parecia um hálito viciado. Eu não poderia imaginar que as plantas não prosperassem; até o solo estava pálido, seco e rachado.

Lizzy não estava à vista. O que ela pretendia, deixando Hetta desacompanhada daquela maneira?

'Hetta! Esse menino está incomodando você?

Ela se levantou de um salto e veio pegar minha mão. Sua palma estava suja, mas sem suor. A umidade que me exauria e os jardins não a tocava.

'O que está acontecendo?'

Ela sorriu, lentamente. Suas pálpebras tremeram e percebi que ela estava olhando para os meus diamantes. Uma pequena mão estendida, alcançando meu pescoço.

- Agora não, Hetta. Suas mãos estão sujas. Você pode olhar meu colar mais tarde. ' Eu a empurrei para longe e olhei para o menino. Ele se manteve firme, moleque doentio que era. 'Como por você . . . Você não deveria estar aqui. Você sabe bem disso. Este é o seu último aviso. '

Tardamente, ele tirou o boné da cabeça. - Por favor, senhora. Só vim em busca de trabalho. '

"Ciganos não funcionam ..." comecei, mas Hetta puxou meu braço. Ela me deu um dos sinais que fizemos entre nós. **Horse** . - Ele roubou meu cavalo?

Ela balançou a cabeça com veemência. Seus lábios se enrugaram de frustração, como sempre acontece quando ela não consegue se fazer entender. **Cavalo**.

Garoto. Cavalo.

O menino se contorceu. Ele falou com ela em sua linguagem cigana. Parecia infernal; todas as línguas, como algo demoníaco. Mas ela parecia entendê-lo, pois assentiu e grunhiu.

"Senhorita Henrietta Maria. . . ' Ele olhou para mim, olhos negros como breu. - A senhorita acha que você me deixaria trabalhar aqui. Com os cavalos. '

Eu me perguntei como ele sabia disso; como ele ousou presumir que entendia Hetta quando eu não. - Não o deixaria a menos de cem metros dos meus cavalos - zombei. - Você iria roubá-los.

Hetta largou minha mão.

- Por favor, senhora. Por favor. Meu povo é bom com cavalos. Agora que o seu administrador nos livrou do comum, o que faremos? Como vou comer? '

Eu pausei. Ele realmente parecia lamentável, encolhido ali todo esfarrapado. Hetta sinalizou para mim novamente. **Nada** .

"Eu sei que eles não têm nada, Hetta. Não é minha culpa.' Não, não era isso. **Rapaz** . **Nada** .

- Não roubamos nada - disse ele suavemente. Seus olhos brilharam e por um instante eu o invejei. Que comunhão ele compartilhou com minha filha - **minha** criação? Eu não o queria perto dela. - Em todos os anos em que vivemos neste comum para o verão, não roubamos nada de você.

- Pode ser. Mas terei os cavalos do rei em meu estábulo. Você entende? Como posso arriscar isso? O que ele diria se um cigano pegasse seu cavalo? Ele responsabilizaria meu marido. Isso nos arruinaria. '

Hetta estendeu as mãos.

"Você vai precisar de mãos extras", disse ele. - Para a visita do rei. Muitas mãos estáveis. Você perderá seus pés '.

- Então vamos contratar homens. Não é um menino cigano.

Hetta bateu o pé. Para minha surpresa, ela colocou as mãos na minha perna e me empurrou.

Meu temperamento explodiu. Eu não estava mais nos jardins da Ponte, mas em casa, anos atrás. Mary estava correndo para a bandeja de doces, empurrando-me para o lado. Rindo enquanto eu caía. A fúria queimou em minha mão.

O barulho da nossa pele se conectando era mais alto do que qualquer choro. Eu suspirei. Minha marca de mão estava vermelha na bochecha de Hetta. Eu nunca bati nela antes.

Jamais esquecerei a dor - a paixão quase semelhante ao ódio - queimando em seus olhos. 'Oh, Hetta! Por favor, me perdoe. Eu não queria - você não deveria me bater! Você está sendo tão obstinado hoje. '

Furtivamente, meus olhos procuraram a janela. Graças a Deus, Josias não estava lá. Ele não viu minha filha agir como a garota que ele a acusava de ser.

- Não tive a intenção de causar problemas, senhora. O menino colocou o boné de volta. 'Tudo que eu queria era trabalhar. Eu vou indo agora. Adeus, senhorita Henrietta Maria.

Um som saiu dos lábios de Hetta: um barulho terrível, como um animal sofrendo. Ela correu atrás dele e agarrou seu casaco. Não posso dizer o que se passou entre eles. Ele falou resignadamente naquela língua pagã e ela respondeu com sinais de mão que eu nunca tinha visto antes. Por fim, ela o deixou ir.

Hetta voltou-se para seu canteiro de ervas e começou a cortar os cardos. Ela não olhou para mim, mas eu vi seu perfil. O ressentimento havia sumido de seu rosto. Tudo o que era vital se foi, deixando nada além de tristeza.

Meu coração apertou no meu peito. Ela nem sabia que foi banida da máscara. Eu a observei se abaixar no chão e regar o alecrim com suas lágrimas. Manchas escuras apareceram no solo ressecado, infiltrando-se lentamente nas raízes.

Nenhum coração de mãe poderia resistir a essa visão. Já seria ruim o suficiente com uma criança comum, chorando e soluçando. Mas observar minha pobre garota muda, tão quieta em sua miséria, quebrou minha resolução como um galho tenro sob o peso de um pombo-florestal.

- Espere - gritei. O menino cigano parou. Arrisquei outra olhada na janela - limpa. 'Esperar.'

A PONTE, 1865

'Mabel? Mabel, posso entrar? Elsie abriu a porta.

Com o sótão lacrado e a casa vazia, as criadas passaram a dormir nos quartos de hóspedes da ala oeste, no terceiro andar. Eram aposentos modestos, mas agradáveis. Tapete azul cobria o chão. Pequenas estampas penduradas nas paredes, dando um toque caseiro. Um lavatório e uma banheira de hidromassagem amontoados ao lado do fogo. Era um lugar bom e confortável para uma garota acostumada à austeridade de um asilo, melhor do que qualquer quarto de empregada, mas Mabel ficou rígida na cama com as cobertas puxadas até o queixo. Seu rosto estava tenso, assombrado.

"Mabel?"

- Oh, é você, senhora! ela exclamou. Suas pupilas voltaram ao tamanho normal. 'Desculpe. Eu fiquei confuso e pensei que você estava. . . Eu cochilei. '

'Perdão. Eu não tive a intenção de assustar você. ' Elsie empoleirou-se em um canto da cama. 'Como você está se sentindo?'

Mabel fez uma careta. Ela passou a mão pelo cabelo escuro e despenteado. - Fiquei agitado, senhora. Não me importo de dizer a você, isso me deu arrepios.

- Devo admitir que também me senti um pouco estranho. Ela olhou para baixo. **Estranho** era um eufemismo. Desvendado, aberto, exposto: eram palavras mais precisas. O medo empurrava muito para fora de uma pessoa - ela havia se esquecido disso. - Acho que vou chamar o médico. Seu corte no tornozelo pode ter infeccionado.

- Não é uma infecção que me deixa esquisito. Eu **vi**. '

- Não tenho dúvidas de que sim. Ela fez uma pausa. Uma memória fluiu de volta em fogo líquido. Ela viu de novo: os olhos vermelhos e os lábios secos e abertos. - Minha mãe, Mabel, teve tifo. Você ouviu falar?'

Mabel inclinou a cabeça.

'Pobre mulher. Como ela assou. Uma vez, senti sua cabeça e pensei ... ' Sua voz falhou. - Achei que ela estava queimando viva. De dentro.' As pernas de Mabel estremeceram sob a roupa de cama. - Já era ruim estar tão doente do corpo. Mas ela foi atormentada mais na mente, pelas coisas que ela viu. Não vou entrar em detalhes. A doença pintou demônios ao redor da sala. Ela os viu claros como o dia, mas eles não estavam lá. Fiquei sentado ao lado

dela o tempo todo. Nada disso estava lá. No entanto, para ela era muito, muito real.

- Não estou ficando louco, senhora. Não estou com febre. '

'Não.' Ela cruzou as mãos e tentou se recompor. A imagem de sua mãe permaneceu queimada atrás de seus olhos. - Mas gostaria de ter certeza, apenas para garantir. Até que tenhamos certeza, Helen fará suas tarefas e Sarah poderá ajudar quando necessário.

- Não posso ficar aqui sentado sem fazer nada, senhora. Sozinho, pensando nessas **coisas** .

Elsie pensou por um momento. A generosidade da sra. Holt deve ser contagiosa, pois a primeira ideia que ela teve foi tão generosa que a surpreendeu.

Ela deveria dar a Mabel a chance de se tornar algo melhor do que uma garota de trabalho?

Ela ainda estava preocupada em colocar Mabel perto de uma criança. Mas talvez, se Elsie investisse tempo agora, ela pudesse melhorar a empregada antes que o bebê chegasse. Educação - foi o que o Sr. Underwood disse, não foi?

Ela respirou fundo e mergulhou. 'Bem, enquanto você se recupera, gostaria de treinar em algum trabalho mais suave? Algo menos extenuante?

- Tipo o quê, senhora?

Era como mover limalhas enferrujadas para a boca, mas ela conseguiu: conseguiu colocar seu sorriso mais doce e dizer: 'Estou precisando de uma criada.'

- O quê, senhora?

- A empregada de uma senhora. Alguém para fazer meu cabelo. Traga meu café da manhã, prepare meu banho. Lavar e remendar também serão necessários. Diga-me, **você** tirou aquela lama do meu vestido de bombazina no dia em que cheguei?

'Sim, senhora. Era sujo como um chiqueiro.

Ela deixou isso passar. 'Boa. Isso mostra que você tem aptidão. Você gostaria de treinar, Mabel? Isso o colocará em um bom lugar para o futuro. Uma garota com habilidades nem sempre precisará ficar na Ponte. '

Os cílios de Mabel balançaram para cima e para baixo. - Cuidar de todas as suas roupas e coisas elegantes? Seu colar de diamantes?

'Sim.'

"A empregada de uma dama", Mabel repetiu maravilhada. - Esse é um **deles** , não é? O tipo chique de que Helen fala?

"O papel é o de um servo superior, sim. Muito mais alto do que sua posição atual. '

Mabel sorriu, todos os traços de medo evaporaram. - Tudo bem, então, senhora. Eu vou fazer isso.'

HOSPITAL DE SÃO JOSEPH

Essas drogas eram mais fortes do que as anteriores. Ela os sentiu sugar sua corrente sanguínea enquanto descia pesadamente pelo corredor ao lado do Dr. Shepherd.

Formas e rostos derreteram sob seus olhos. Para onde quer que ela se virasse, havia mandíbulas frouxas e bocas molhadas de idiotas. Eles gritaram como bruxas, surgindo em sua visão, em seguida, girando para longe novamente. Fantasmas horríveis assombrando o lugar com tanta certeza quanto o fedor de mijo.

- É muito benéfico, você não acha? ele perguntou. 'Caminhar faz o sangue fluir. Não vejo razão para você não desfrutar dos mesmos benefícios que os outros pacientes, sob minha supervisão. Afinal, nada foi provado contra você.

Outra de suas prescrições "úteis". Foi mais uma penitência do que um tratamento. A prisão nunca foi o verdadeiro castigo: foram as pessoas com quem você estava preso. Os lunáticos eram os piores; tagarelando, gritando, gemendo. Alguns nem conseguiam controlar a bexiga. É por isso que ela jogou o jantar na velha e deu à enfermeira um olho roxo junto com o prato. Não foi nada pessoal. A única maneira de obter privacidade e um sono tranquilo era ser classificado como "perigoso". Significava a cela escura e acolchoada por alguns dias, mas também um medicamento mais forte. Um comércio justo, ela pensou.

- Mas devo tomar cuidado para não te cansar muito. Eu esperava que pudéssemos ter uma conversinha quando voltarmos ao seu quarto com a lousa, Sra. Bainbridge. Se for agradável? '

Agradável? Ela tinha a noção de que essas maneiras eram um artifício dele, construído para despertar o lado social e refinado de seu caráter. Se ainda houvesse um.

Aromas serviram como marcos. Mingau queimado disse a ela que eles estavam perto do refeitório; sabão, água fria e medo sinalizaram os banheiros. Quando sentiu o cheiro de roupa de cama mofada e sentiu seus pés rangendo contra o assoalho, ela soube que estava de volta à sua cela. Era quase como voltar para casa.

O mundo estava nebuloso quando ela caiu na cama. Paredes brancas ondularam. O Dr. Shepherd ofereceu-lhe a lousa e o giz. Quando ela tentou pegá-los, suas mãos pareceram vacilar diante de seus olhos, desaceleradas pelas drogas.

- Fique deitada se precisar, Sra. Bainbridge. Contanto que você possa escrever, pode escolher qualquer posição que escolher. '

Não havia escolha sobre isso - ela não tinha energia para se levantar. 'Vários desenvolvimentos interessantes ocorreram em sua história. Eu

gostaria de me concentrar em um no momento. Você escreveu que sua mãe morreu de tifo. Seu pai, eu acho, faleceu antes dela? Ela assentiu. - E como ele morreu?

O rosto do pai tentou se manifestar diante dela, mas ela não o deixou. Ela fechou os olhos com força.

- Sra. Bainbridge? Você se lembra de como ele morreu? O giz raspou enquanto ela escrevia:

Não .

Ele pigarreou. - Achei que fosse esse o caso. Veja, Sra. Bainbridge, eu sou da opinião de que seu silêncio atual não foi simplesmente provocado pelo incêndio em The Bridge. Eu acredito que isso vem crescendo há um bom tempo. Na verdade, acredito que a doença começou com seu pai.

Seus olhos se abriram. Ela virou a cabeça no travesseiro e olhou para sua forma vacilante.

'Sim. Lamento dizer que a maneira como seu pai morreu foi muito angustiante. Ocorreu menos de dois meses após o nascimento do seu irmão. Ela o ouviu farfalhar o papel, embora não pudesse se concentrar com clareza. "A polícia estava envolvida. Você mesmo fez uma declaração. ' Uma pausa. - Devo ... devo ler para você?

Era como se ele tivesse congelado cada gota de sangue em suas veias. Ela não podia se mover, ela apenas piscou, mas ele pareceu tomar isso como assentimento.

"" Elisabeth Livingstone, da fábrica de fósforos de Livingstone, Bow, Londres. Doze anos de idade. Eu sou a filha do falecido. Tenho ajudado os trabalhadores da fábrica desde que era menina. Na tarde de 2 de agosto, por volta das três horas, eu estava amarrando feixes de talas quando percebi um incêndio no chão da fábrica. Era um pequeno incêndio, localizado ao lado da serra circular. Não vi como o incêndio começou. Sabendo do perigo de incêndio em uma fábrica, corri para apagá-lo, mas não tinha manta nem areia para me ajudar. Tentei vencer as chamas com as mãos e me machuquei. Não acredito que gritei 'Fogo'. Outro trabalhador pode ter feito isso. Pouco depois, vi o falecido correndo em minha direção com um balde d'água. A água espirrou do balde e ele deve ter escorregado. Eu estava cuidando do meu ferimento. Ouvi um som parecido com o rangido de um sapato, depois um clangor. Eu olhei para cima e percebi que o falecido havia caído na serra circular.

""

Ele deixou passar um momento de respeito. Como ela desejou que ele não fizesse - no silêncio ela ouviu de novo, aquele som terrível.

- É um verdadeiro horror para qualquer pessoa testemunhar, creio eu - disse ele por fim. - Muito menos uma garota de doze anos.

Ele não tinha ideia.

O Dr. Shepherd começou a andar. Ela ficou aliviada: o ritmo de seus passos substituiu o rugido em seus ouvidos.

- Pela sua história, deduzo que esse evento desequilibrou um pouco sua mãe - como deve ser. Você se lembra?

Ela assentiu.

- Ela estava talvez ... quase ... louca de tristeza?

Ah, mãe, leal até o fim. Como ela o amava. Ela o via no seu pior, mas ainda assim o amava - o amava muito mais do que ela amava Elsie.

Outro aceno de cabeça.

- E não acha, Sra. Bainbridge, que a mesma circunstância infeliz pode tê-la afetado de maneira semelhante? Que pode ter havido uma tendência, dentro de sua família? Não se esqueça, você também sofreu uma perda terrível. E mais se seguiram.

A ironia era que ela **não** tinha perdido a cabeça completamente. Cada sentimento, tudo que era bom e puro em seu mundo tinha sido mutilado, e ela ainda era mais forte do que aqueles desgraçados se mijando no corredor. Ela sabia disso.

"A loucura, como a chamamos, se manifesta de muitas maneiras. As pessoas nem sempre choram e gritam como você diz que sua mãe fez. Mas parece que ocorre em famílias, tenho observado, principalmente na linha feminina. Histeria - útero a útero. Sangue doente sairá. Não há como se esconder disso, infelizmente.

Lentamente, ela deixou a lousa e o giz caírem de suas mãos.

Ela podia sentir o passado roubando-se sobre ela, a maneira como um rio sobe suas margens na chuva; gradualmente lambendo seu queixo, enchendo sua boca.

Não há como se esconder disso, receio.

Ele estava certo sobre isso. Agora que ela havia começado a contar sua história, não havia como esconder.

A PONTE, 1865

O Advento trouxe consigo um declínio decisivo no clima. A névoa rondava as colinas e embaçava as janelas. Cada vez que a porta da frente se abria, o vento soprava com o cheiro cinza-prata da chuva. Mas Elsie havia prometido ao sr. Underwood que voltaria a frequentar os serviços religiosos, e você não poderia quebrar uma promessa a um vigário, especialmente perto do Natal.

Em outubro, no funeral de Rupert, ela mal havia notado o estado da Igreja de Almas. Concentrando-se na terrível presença do caixão e no corpo preso lá dentro, Elsie deixou que seus arredores se transformassem em nada. Mas agora ela viu a estrutura tomar uma forma sólida ao seu redor. Foi horrível. Frio, úmido e precisando urgentemente de conserto.

O banco da família ficava na frente. Elsie e Sarah se atrasaram um pouco e tiveram que passar por fileiras de aldeões maltrapilhos para ocupar seus lugares. Todos os desgraçados olharam, mas nenhum encontrou os olhos de Elsie; eles lançavam olhares furtivos e de lado por baixo dos cílios. Talvez eles ainda considerassem uma viúva má sorte.

Felizmente, o banco de Bainbridge foi construído e protegido na parte de trás com madeira. Buracos perfuraram a estrutura - ela teve que tirar o pó do assento antes de ousar se sentar nele.

- Verme - sussurrou Sarah, franzindo o nariz.

A porta do banco se fechou ao lado deles. Elsie estremeceu. Trancado em um cercado de madeira com os vermes - não era muito diferente de ser enterrado vivo.

Os vermes não eram o único desconforto. Teias de aranha atavam os arcos e havia um gotejamento implacável do telhado vazando. Embora os azevinhos dos jardins da Ponte decorassem os parapeitos das janelas, o lugar parecia sombrio, longe de ser festivo. Ele carregava um cheiro mineral, liso e úmido.

Sarah parecia enjoada enquanto examinava os arredores. Ela ainda usava uma bandagem na mão. O boticário de Torbury St Jude disse que o corte não estava infectado, mas Elsie tinha suas dúvidas. Já fazia quase dois meses. Certamente a ferida deveria formar uma crosta, pelo menos?

- Você está um pouco sem cor, Sarah?

'Sim . . . É esta igreja. Quando penso em meu pobre primo Rupert, descansando para sempre em tal lugar!'

Elsie não conseguiu responder pelas lágrimas.

Quando ela era jovem, ela gostava de ir à igreja. Era um lugar onde ela podia andar em uma atmosfera mais elevada e respirar um ar mais elevado. Mas em algum momento - deve ter sido por volta da época em que o pai morreu - seus sentimentos mudaram. Church se tornou uma lupa gigante focada em seu rosto com uma multidão de pessoas espiando. Hoje não foi muito diferente. Os pobres de Fayford podiam não olhá-la nos olhos, mas estavam alertas à sua presença, como cães farejando sangue.

Eles seguiram a rotina usual: hinos; uma leitura do evangelho; Os pensamentos do Sr. Underwood; o acendimento da vela do Advento. No final, Sarah tremia de frio. Elsie ouviu sua voz estremecer com as palavras de 'Rock of Ages'. Ela estendeu o braço, com a intenção de colocá-lo em volta dos ombros de Sarah, quando uma pontada na boca do estômago a interrompeu.

Sarah olhou para ela com olhos arregalados. - Sra. Bainbridge?

Ela colocou a mão no corpete e o sentiu novamente sob os botões: algo dentro, chutando para trás.

'É o bebê?' 'Sim.

Acelera. '

Sarah sorriu. Sem pedir permissão, ela colocou a palma da mão na barriga de Elsie.

Uma sensação curiosa: o calor de Sarah na superfície da pele; a criança empurrando para trás o lado molhado e escorregadio de dentro. Horrível, na verdade. Um Bainbridge do lado de fora, um trancado atrás da carne, e ela estava

não mais do que uma barreira fina, uma parede através da qual eles poderiam se comunicar.

Ela olhou para o crepe preto de seu vestido e para a mão enluvada de Sarah, cinza contra ela. Ela teve a estranha sensação de que não era seu estômago - não mais. Era apenas uma concha. **Ela** era uma concha, e outro corpo, um corpo estranho, crescia por dentro.

Elsie decidiu voltar para a ponte. O movimento, ela pensou, faria seu sangue fluir e dissiparia a sensação peculiar de invasão. Helen concordou em acompanhá-la. Sarah estava meio morta de frio e a perna de Mabel não conseguia carregá-la tanto, então eles pegaram a carruagem com a Sra. Holt.

A chuva caía durante o serviço religioso, deixando as calçadas escorregadias de estanho coberto de folhas mortas. Os caracóis saíram da vegetação rasteira para esticar o pescoço. Uma ou duas vezes Elsie teve que dar um passo para o lado bruscamente na grama molhada para evitar esmagá-los.

- Caramba, senhora, Mabel terá que trocar de roupa assim que você voltar - disse Helen. - Não convém que você pegue um resfriado, não em sua condição.

- Obrigado, Helen, vou garantir que ela faça. Seus tornozelos estavam frios e dormentes. Outro par de meias estragado. Ela apenas rezou para que seu crepe não murchasse com o ar úmido.

Suas botas batiam em um ritmo discordante enquanto cruzavam a ponte com os leões de pedra. Um vapor fino e branco subiu do rio. Isso a fez pensar na fábrica de fósforos. Se fechasse os olhos, poderia imaginar o cheiro de fósforo a assombrando. Ela detestava aquele odor, mas de alguma forma precisava dele; estava preso em casa, em Jolyon.

O que Jolyon estaria fazendo agora? Fazer os preparativos para as novas garotas nas salas de mergulho, talvez, e se preparar para deixar o local no Natal. Assim que ele voltasse para a ponte, ela iria se sentir ela mesma novamente. Este interlúdio sem ele a perturbou. Não era natural estar separado dele.

Helen pigarreou. 'Senhora?' - Sim, Helen?

- Posso perguntar uma coisa?

Elsie abaixou a cabeça para evitar os dedos pingando de um galho. 'Muito bem.'

- O que aconteceu com suas mãos, senhora? - O que você quer dizer?

'Suas mãos. Eu nunca vi você tirar as luvas. Eu pensei que talvez. . talvez você os machuque? '

Eles formigavam e latejavam sob suas luvas de renda preta: ecos das próprias mãos de Helen; caloso, com inchaço nas articulações e manchas na pele. - Você está certa, Helen. Houve um acidente. Eles foram queimados. '

Helen assobiou entre os dentes. 'Isso é má sorte. Você não pode ter muito cuidado com o fogo, senhora. Conheci uma mulher em Torbury St Jude, uma vez. O vestido de sua filhinha iluminou uma vela e ela pegou fogo.

Elsie sentiu o frio invadindo seus ossos. - Está muito mais longe agora?

'Não muito. Mais duas curvas e você verá os jardins. Helen enxugou a umidade do rosto com as costas da mão. O ar frio e úmido só fez sua pele vermelha parecer mais rosada. 'Mas enquanto estamos aqui, senhora, eu me perguntei. . . você voltou para o berçário? '

'Certamente não. Não tive ocasião de ir lá. 'Oh.' Uma breve pausa. - Senhora, posso perguntar outra coisa? - Meu Deus, pensei que fosse uma caminhada, não uma inquisição.

- Desculpe, senhora. Só eu me perguntei se teríamos mais ajuda quando o bebê nascesse. Com Mabel sendo promovida e todas as influências extras e tal, não terei tempo para recuperar o fôlego.

Ou faça tantas perguntas.

- Naturalmente, vou contratar enfermeiras para cuidar do bebê no Lady Day. Tenho outras despesas por enquanto. '

Eles devem estar se aproximando agora; ela podia ouvir o som de tesouras sendo cortadas nos jardins.

Esperançosamente, eles conseguiriam entrar antes de outro ataque de chuva. As nuvens estavam se formando, prontas para atacar. Com o sol brilhando atrás deles, eles brilhavam, cinza metálico.

"É melhor mandarmos os jardineiros passar o dia em casa", disse ela. 'Eles vão ficar muito molhados trabalhando com este tempo.'

Helen ergueu as sobrancelhas. - Não achei que os jardineiros tivessem vindo hoje.

'Claro que eles vieram, você não pode ouvi-los? Ouço.'

Helen abanou a cabeça.

- Eles estão cortando flores ou aparando as sebes. Você realmente não consegue ouvir? ' O som estava ficando mais alto, como uma lâmina contra uma pedra de amolar. **Recorte, recorte** . Elsie parou de andar e colocou a mão no braço de Helen, forçando-a a parar. 'Lá.'

Helen piscou. Ela parecia completamente estúpida. Elsie nunca tinha visto um olhar mais estúpido - ela se perguntou se Helen o praticava.

'Deixa pra lá.'

Assim como Helen prometeu, mais duas voltas trouxeram os jardins à vista. A folhagem perene mostrou vívida contra o fundo do céu. Elsie avistou um corvo pulando entre as sebes moribundas, mas nenhum jardineiro. Eles devem estar trabalhando do outro lado.

- Espero que não fique muito abatida neste Natal, senhora - disse Helen. 'O que com o pobre mestre e tudo. . . O primeiro Natal é sempre difícil. '

'Sim.'

'Mestre era apenas alguns anos mais velho do que eu. Parece tão cruel. . . '

De todos os criados, foi Helen quem mais mencionou Rupert. Talvez fosse, como ela disse, a semelhança em suas idades, ou o fato de que ela havia encontrado o corpo dele.

- Você soa como se gostasse do seu mestre, Helen. Estou contente de ouvir isso.'

Ela deu um sorriso tímido . 'Ele sempre falou gentilmente comigo. Achei gentil da parte dele notar sua equipe.

Deus sabia que os londrinos não mereciam sua atenção. Ingratos rancorosos, eles eram, apesar de toda a sua eficiência.

- E então - continuou Helen - ele me contava pequenas coisas sobre seu dia. Como ler aquele livro e encontrar as cartas na creche.

O berçário novamente. Elsie estremeceu quando uma gota de chuva caiu de um galho e escorreu por suas costas. - Você deve desistir dessa fantasia, Helen. Já me disse que o Sr. Bainbridge presumiu que as cartas foram deixadas assim pelo ocupante anterior. **Ele** não achou que fosse um fantasma.

"Não", ela admitiu. - Mas ele não sabia que eu os arrumei na semana anterior e coloquei todos em uma caixa. E ele nunca viu a escrita na poeira. **Mãe**, dizia, naquele dia. Normalmente é uma frase inteira. 'Elsie não queria ouvir essa frase, mas Helen obviamente iria contar a ela. " **Mamãe me machucou**, está escrito."

Ela não conseguiu responder.

Eles estavam se aproximando da casa. Elsie contornou as sebes salpicadas de orvalho. Eles exalavam um cheiro verde musgoso. Ela ainda podia ouvir aquela tesoura implacável, e o som começou a irritar seus nervos.

Quando chegaram ao nível da fonte de pedra, Helen piou novamente. - O que você acha que é então, senhora? Escrevendo para mim? '

- É Mabel - rebateu ela, irritada. - Brincando com você. Ela escreve e finge que não consegue ver. Nada poderia ser mais simples. '

'Mabel? Mas ela não consegue nem ler o próprio nome, senhora, muito menos ...

O final da frase de Helen desapareceu em um suspiro.

Elsie se virou para encará-la. 'O que? O que é isso?' As rosas haviam fugido das bochechas de Helen. Até seus lábios estavam pálidos. - Você não está bem?

Helen estendeu o dedo, apontando.

Elsie não queria ver. Ela não queria que seus olhos seguissem a direção daquele dedo, mas eles **iriam** vagar, lentamente, sem sua vontade, treinados por algum instinto fatal.

A garota de madeira ficou olhando pela janela da sala de jogos. Sombras como gravetos obscureceram seu rosto. Chifres - eles eram chifres. Ela foi colocada diretamente sob a cabeça do cervo. Mas não foi isso que chamou a atenção de Elsie: foi a janela à esquerda.

O retângulo com uma mão enlameada impressa no vidro. - Talvez os jardineiros. . . '

'Não.' Helen engoliu em seco. "Olha, a marca está do lado de dentro."

Era difícil respirar. O bebê estava se mexendo, dando cambalhotas no estômago. Ainda assim, o ar vibrou com o som dessas malditas tesouras: **corte, corte.**

Elsie se sacudiu. **Uma montanha saindo de um pequeno morro** - é o que mamãe diria. Mabel, ou mesmo a própria Helen, poderiam ter deixado a marca por acidente.

'Absurdo. Você não pode ver se a impressão está por dentro ou por fora daqui.

Elsie avançou com mais determinação do que sentia. A voz de Helen implorou que ela parasse, mas ela não podia mudar de curso agora. Seus pés se moveram sem ela - ela foi deixada para trás.

Outro passo e a impressão enlameada balançou mais perto, entrando em foco. Muito pequeno. Não poderia ser um jardineiro. Esta era a mão de uma criança.

Ela parou um pouco antes da janela, tão perto que sua respiração embaçou o vidro. Quando clareou, ela viu seu próprio rosto refletido para trás, sobrepondo-se às feições de madeira do companheiro. Só que não era seu rosto - não realmente. Estava pálido e empenado, feio de medo.

Tremendo, Elsie estendeu a luva e colocou a palma contra a mão de lama. Helen estava certa. A impressão veio do outro lado.

'Senhora? Você pode ver isso? Existe escrita? '

Ela abriu a boca para responder quando uma piscada, um pequeno movimento atrás do vidro, chamou sua atenção. Ela recuou.

'Senhora? Você está bem?'

Ela conseguiu acenar com a cabeça; ela não conseguia falar.

O companheiro não olhou ~~mais para~~ o terreno. Ela olhou, morta e sem piscar, direto para a alma de Elsie.

Mabel não estava mentindo. Seus olhos **se moveram** .

As correntes de ar fluíam pelo corredor marrom. As sombras balançaram no papel de parede do floco enquanto as lâmpadas de gás se acendiam com um rugido. Elsie se aninhou em seu xale, encolhendo-se contra o ombro de Sarah. Ela nunca se sentiu tão dominada, tão **engolida** como se sentia nesta casa.

- Este aqui - disse Sarah. Ela estendeu o dedo e deixou a ponta pairar alguns centímetros de distância da pintura. 'Você vê? Atrás das saias

da mulher? Era uma peça barroca, próxima ao estilo de Vermeer.

Uma mulher loira rechonchuda com olhos cansados estava sentada

diante de uma gaiola. Ela estendeu a mão para um pardal

empoleirado lá dentro. A luz os atingiu pela esquerda, caindo em cheio em seu rosto. Ela era bonita, embora um pouco papada. Fitas

de coral enfiadas em seu cabelo, ecoando o tom do manto

fornado de pele sobre os ombros. Saias creme de manteiga caíram

de sua cintura, e agarrando-se a elas estava uma menina. Uma

garota fada com aquela aparência estranha de marionete que

prevalece entre as crianças nos primeiros retratos. Ela não

olha para o pardal, mas olha, atentamente, para o rosto da senhora.

A vertigem tomou conta dela. 'É **ela** . Sarah, é ela. É a mesma garota que o companheiro. '

Hiss .

Os dedos de Elsie agarraram a manga de Sarah, enrugando o tecido lilás. 'Você escuta . . .? '

- Os construtores - disse Sarah suavemente.

Elsie engoliu em seco. O ar invadiu seus pulmões, azedado pelo gosto de tinta. Claro, não era o som que vinha à noite, tão remanescente de uma serra - era uma serra **real** . Decoradores de verdade, prontos para deixar sua casa apresentável. 'Claro. Eu esqueci.'

Sarah voltou para a foto. - Achei que ela também se parecia com a companheira. Talvez um pouco mais jovem. Mas aqui está a coisa realmente interessante. Olhe a escrita na moldura. '

- Dezesesseis e meia - leu Elsie.

'Sim. E o nome. **Anne Bainbridge com sua filha Henrietta Maria** . '

"Henrietta Maria."

- Mas eles a chamavam de Hetta. 'Como você sabe?'

'Ela é uma de minhas ancestrais! Hetta, o menino cigano, os companheiros - estão todos no diário que encontramos no sótão. A pobre Hetta estava muda. Sua mãe não deveria ter mais filhos, mas ela tomou algumas ervas e Hetta nasceu sem uma língua adequada. Pobre garota! Você sabe como era naquela época, eles pensavam que crianças afetadas eram amaldiçoadas. Ela foi deixada de fora de tudo. Apenas uma garota doce e solitária. . .

Não **posso** acreditar - quero dizer, mesmo supondo que seus olhos se moveram. . . 'Eles se moveram.'

'Bem.' As sobancelhas de Sarah se juntaram. Ela nunca tinha rido - Elsie era eternamente grata por isso. Sarah enfrentou o problema como se fosse uma soma complicada que precisava ser resolvida. "E se a figura de madeira estiver canalizando o espírito desta Henrietta Maria Bainbridge? Isso significa que ela quer nos machucar? Eu não posso acreditar nisso.' Ela balançou a cabeça. 'Hetta só quer alguém para cuidar dela. Um amigo. Ela estava tão sozinha. Eu sei como é isso. '

Elsie estremeceu. 'É a isso que chegamos agora? Falar de fantasmas e possessão de espíritos?

'Você não acredita nos espíritos?' Sarah parecia surpresa. Elsie poderia muito bem ter dito que não acreditava em cores. - Posso garantir que são reais, Sra. Bainbridge. Eu os vi. Um mesmerista visitou a Sra. Crabbly, e uma médium, para entrar em contato com seu marido morto. Todas as velhas ricas fazem isso em Londres. É bastante seguro. É uma ciência. Não há nada a temer. '

Então por que seu pulso batia tão forte? 'Eu **estou com** medo. Tenho medo da companheira cigana e da mulher com o filho no colo. Há algo errado com eles. Eles sentem . . . errado.'

'Talvez o que você viu no vidro foi a mão de Hetta, estendendo-se para nós? Devíamos tentar fazer contato com ela. Eu li um livro sobre sessões espíritas. Eu tentei convocar meus pais uma vez— '

Elsie gemeu. 'Em nome de Deus, não! Você deve parar de falar como se fosse uma criança de verdade. Mande a sra. Holt trancá-la no porão com todos os outros, pelo amor de Deus!

'Não é tão tolo quanto parece. Não **era** uma criança real. Esta foto e o diário provam isso. Estou tentando me lembrar do que aconteceu na última entrada do diário que li. . . O marido de Anne deu a ela seu colar de diamantes, eu me lembro disso. Você sabia que foi encomendado especialmente para a visita de Carlos I?

"Isso dificilmente é relevante agora."

- Não, suponho que não. . . Ah, sim, a pobre Hetta foi proibida de comparecer à mascarada da corte! O pai dela temia que ela o envergonhasse.

Elsie respirou fundo e tentou esconder sua irritação. - Duvido que um espírito se dê ao trabalho de nos assombrar por causa de uma mascarada da corte que ela perdeu há duzentos anos.

- Não - disse Sarah pensativa. 'Deve haver algo mais. Terei que terminar de ler o diário. Se ao menos eu tivesse pego o segundo volume antes de a porta do sótão emperrar!

- O homem está trabalhando na porta agora. Quando ele terminar, vamos buscar o livro e ver se encontramos uma pista.

Havia um caminho a seguir, ela só tinha que manter seu terror sob controle por mais um tempo. Em duas semanas, seria Natal. Seus novos vestidos chegariam e Jolyon desceria. Ele trazia pudim de ameixa, laranjas cravejadas de cravo, pacotes embrulhados em

fita colorida; todo o calor e vibração que faltava. Tudo ficaria bem quando Jolyon chegasse, ela disse a si mesma.

Então ela ouviu o grito.

'Mabel! Parece a Mabel. '

Eles caíram pelo corredor até a Galeria das Lanternas. A Sra. Holt e Helen galoparam escada acima para encontrá-los. Helen ainda tinha um avental molhado e um batedor de madeira na mão. Ela o empunhava como uma arma.

- Sra. Bainbridge! Senhorita Bainbridge. Qual é o problema?' A Sra. Holt parecia chocada.

"Não sabemos", disse Sarah. - Achamos que é Mabel, lá em cima.

Seus pés bateram nos degraus. Elsie estava sem fôlego e com o corpete cortado sob os braços, mas ela conseguiu se equilibrar primeiro. Ela deu três passos antes de colidir com uma forma que se lançava na direção oposta.

'Mabel! Mabel! ' A garota parecia quase selvagem. Lágrimas escorreram por seu rosto. Elsie segurou seus ombros e a segurou firme. 'O que aconteceu?'

'Como você pode? Como você pode?' Seus punhos bateram contra o peito de Elsie. 'Como você pode ser tão mau? Oh, oh! '

'O que? Do que você está falando?'

'Você sabe! Você sabe!' Os joelhos de Mabel cederam; ela desabou no chão. 'Não foi engraçado. Eu estava com tanto medo. . . '

'Ela começou a soluçar.

Elsie a soltou e olhou impotente de Sarah para a Sra. Holt e depois para Helen. - Helen, você pode tentar obter um pouco de bom senso com ela?

Helen colocou seu batedor no chão. Hesitante, ela colocou a mão no ombro de Mabel. - Calma, agora. O que aconteceu? Não foi. . . ' Ela baixou a voz para um sussurro. - Você viu outro?

- Ela ... ela ... Mabel mal conseguia falar. - **Ela** deve ter colocado no meu quarto. Sabe que eu odeio eles! Tudo parte de alguma - alguma piada! '

Espinhos dispararam para cima e para baixo na pele de Elsie. - O que há no seu quarto, Mabel?

'Como se você não soubesse! Uma daquelas **coisas** ! '

Ela olhou para Sarah. 'Não. Aquilo não pode ser. A Sra. Holt trancou todos os companheiros no porão. Eu a vi fazer isso. '

'Esse não. Eu nunca vi isso antes. '

O sangue bateu em seus ouvidos. 'Não. Não, eu não vou acreditar nisso. '

Rígida de determinação, Elsie caminhou pelo corredor. Ela veria com seus próprios olhos. Ela provaria que eles estavam errados.

A porta se abriu com facilidade, revelando a cama estreita de Mabel, o lavatório e as gravuras na parede.

Ele estava na banheira.

Uma mulher corpulenta escovando os cabelos. Seu kirtle era da cor de pepinos em conserva. Ela usava mangas de linho sujas e um avental que ia até os tornozelos. Sua expressão brincou enquanto ela passava a escova nas pontas de seu cabelo castanho ondulado, a outra mão alisando atrás. Era um olhar sedutor, mas de alguma forma hostil.

- Vá em frente - grasnou Elsie. Ela estava tonta com o senso de sua própria bravata. - Mova-se se for fazer isso. Mova-se, maldito, mova-se! '

Os olhos permaneceram imóveis. Mas ela ouviu, bem no limite de sua consciência, o som de cerdas rasgando o cabelo seco. O perfume de rosas se avolumou, espesso e sufocante. De repente, estava muito quente.

Sua mente não agüentaria. Girando, ela bateu a porta e correu de volta para o corredor. Suas pernas se recusaram a se mover com sua

velocidade normal. Ela estava lenta agora, com o peso do bebê. Vulnerável.

Os outros estavam esperando no patamar. Eles persuadiram Mabel a se sentar em uma cadeira e ela estava com o rosto seco e muito pálido.

- Estava trancado - disse a sra. Holt. - Juro que estava trancado. A Sra. Bainbridge não tem a chave, Mabel. Só não entendo como isso aconteceu. '

"Mabel." Elsie tentou manter a voz firme, mas era uma coisa estranha e violenta, fora de seu controle. 'Todos vocês. Eu quero que você pense, com muito cuidado. Quem esteve na casa? Tivemos comerciantes e operários. Jardineiros. Eu quero que você faça uma lista. Alguém, em algum lugar, por qualquer motivo, está pregando uma peça em nós. Colocando impressões de mãos nas janelas e. . . ' Ela franziu a testa, distraída por um brilho de luz. - Mabel, você está usando meus diamantes?

A cor iluminou as bochechas da empregada. - Eu estava esquentando, senhora. É isso que Helen diz que eles fazem, nas casas chiques. Não é, Helen? Aqueça as pérolas da senhora. '

- Aquecendo-os? Sarah chorou. 'Uma história provável! A Sra. Bainbridge nem mesmo pode usá-los durante o luto.

Elsie tinha cavalgado uma crista de ansiedade o dia todo. Ele teve que quebrar. A raiva cintilou em seu medo e ela o agarrou com as duas mãos. 'Tire-os!' ela gritou. - Tire-os de uma vez! Novas lágrimas jorrando, Mabel agarrou-se à nuca, mas seu cabelo estava emaranhado na corrente. - Se você não tirá-los neste minuto, vou mandá-lo para fora desta casa!

Helen interveio com suas mãos firmes e esfoladas. Ela abriu o fecho e puxou o colar. Fios do cabelo escuro de Mabel ainda estavam presos à corrente.

- Não quis fazer mal - murmurou Mabel, balançando-se. 'Não queria fazer mal, não merecia nenhuma maldita coisa no meu quarto.'

Houve um estrondo, então um grito ecoou na ala leste.

Os olhos de Elsie encontraram os de Sarah. - Parece que eles arrombaram a porta do sótão - sussurrou ela. - Vá buscar a segunda parte desse diário.

Sarah foi imediatamente.

A Sra. Holt andava de um lado para o outro, apertando as mãos. 'Meu caro, meu caro. Que tarefa difícil! E a roupa nem mesmo terminada. . . '

Elsie olhou para Mabel, tremendo nos braços de Helen. Ela se sentiu mais calma agora; um pouco envergonhado de suas palavras duras. 'Olha, Mabel, o que quer que você pense, eu não coloquei

aquele companheiro no seu quarto. Estou começando a odiá-los tanto quanto você. '

Mabel ergueu os olhos para ela, mas não conseguiu ler a expressão.

Sarah voltou correndo, sem fôlego e de mãos vazias. Ela parecia esquisita. Pálido, tremendo como um chicote.

'Sarah, o que é? O livro sumiu?

- Não, está lá, mas ela não fez. . . ' Ela engoliu em seco. - Ela não queria que eu pegasse. Eu podia sentir que a pobre alma não queria que eu lesse. '

'Do que você está falando?'

- Ela estava lá. O queixo de Sarah tremeu. "Hetta estava no sótão."

Estava frio o suficiente para nevar, mas Peters e Stilford suavam enquanto estavam no quintal, balançando as pontas dos machados repetidamente, **thunk** , **thunk**. Pedaco por pedaco, pedaco por pedaco, a madeira lascou-se, primeiro marrom e depois branca como uma larva, fibrosa e mais difícil de cortar. Peters descansou por um

momento, uma mão em seu quadril. Uma miscelânea de partes do corpo estava amontoadas diante dele: cabeças de madeira, mãos de madeira decepadas.

Elsie se aninhou perto da porta da cozinha com Sarah e as servas, vestindo sua capa mais pesada. Ela desejou ser um homem. Se ela tivesse força para pegar um machado, ela o faria; cortar o rosto daquele menino cigano em pedaços. Ela pensou na serra circular na fábrica de fósforos, talas recém-cortadas caindo de seus dentes na calha. Um arrepio percorreu seu corpo.

- Parece uma pena - lamentou Sarah. 'Eles são antiguidades! Minha ancestral Anne Bainbridge comprou-os em dezesseis e trinta e cinco. Não poderíamos pelo menos ter tentado vendê-los?

'Quem pagaria um bom dinheiro para ter um monte de bonecas dando arrepios neles?' Mabel chorou. - Eles teriam que ser tocados na cabeça, senhora.

Sarah mordeu os lábios. Ela estava infeliz e isso deixou Elsie desconfortável. Por direito, os companheiros pertenciam a um descendente de sangue Bainbridge - não um intruso, um mero Bainbridge por casamento. Ela estava destruindo a herança de Sarah. Mas o que mais ela deveria fazer? Eles estão surgindo por toda a casa como caixas eletrônicos , assustando a vida de todos eles?

- A lenha extra será útil para o inverno - acrescentou a sra. Holt.

A pele de Elsie coçou. 'Não. Não quero queimá-los dentro de casa. Eu não acho que seria. . . sensato.'

- Posso dar aos aldeões então, senhora? Em Fayford?

O machado assobiou no ar novamente, seguido pelo estalo de madeira caindo.

- Talvez seja melhor simplesmente queimá-los aqui, no quintal.

A Sra. Holt não respondeu, mas Elsie ouviu seu pequeno estalo de desaprovação.

Ela estava sendo tola? Parecia bobo, agora os companheiros jaziam desmembrados nas pedras - uma reação nervosa de uma mulher extenuada. No entanto, os cavalos estavam inquietos, as orelhas achatadas, o branco dos olhos girando. A vaca Beatrice estava bem recuada em seu estábulo, lambendo outro torrão de feno de sua rede. Os animais sabiam. Os animais sempre sentiram essas coisas.

- Certo, então - Peters ofegou. A transpiração correu para seus olhos. 'Último.'

Todos se viraram para olhar para aquele que Sarah chamava de Hetta. Equilibrada, silenciosa e sozinha, ela olhou para os restos mortais massacrados de seus companheiros; seu sorriso sereno, a rosa branca contra o peito.

Elsie achou que não conseguiria ver Peters cortar este último. Como seria ver os traços daquele rosto, tão parecidos com os dela na infância, fraturados? O passado foi amputado, depois incendiou-se.

Peters deu um passo à frente.

'Não!' Foi Sarah. 'Não por favor. Nós não podemos! Não Hetta. Ela já sofreu o suficiente.

Elsie desviou a cabeça para que a lateral de seu gorro escondesse Sarah e o companheiro de vista. - Precisamos, Sarah. Há algo sobre essas coisas, algo. . . errado.'

'Como você sabe que está errado? Você só sabe que isso te assusta. ' A mão de uma criança na janela, o deslizar daqueles olhos. . .

'Sim, isso me assusta. Isso é motivo suficiente. O que você acha que isso está fazendo com o meu bebê, tendo todos esses pulos e sustos?

"Mas Hetta é minha ancestral. Já li sobre ela, sinto que a conheço. ' A voz de Sarah passou de súplica a desespero. - E se ela estiver tentando entrar em contato conosco? Se ela está me pedindo para corrigir uma injustiça? Não posso falhar com ela! "Eles disseram isso, não é? Que os assassinados não podiam descansar, mas vagaram, buscando justiça. Elsie sabia com certeza que era um absurdo. Deve ser aquela velha Sra. Crabbly, colocando ideias na cabeça de Sarah. Mesmerismo, de fato!

- Srta. Sarah - disse a Sra. Holt -, se me permite a ousadia de dizer isso. . . Moro nesta casa desde que era jovem. Nunca tivemos fantasmas! '

Helen fungou.

- Mas você não é parente de Hetta! Havia uma energia fanática em Sarah. - Ela não tentaria entrar em contato com **você** . Somos iguais, ela e eu. Por favor, deixe-me ficar com ela. Pelo menos até eu terminar o diário. '

Um som veio da pilha de companheiros - um rangido seco, como vigas se acomodando. Ela teve que decidir. Logo escureceria.

- Faça isso - sussurrou Mabel. 'Hackie ela e queime os buggers para o inferno.' A Sra. Holt se virou. 'Mabel!'

Elsie suspirou. O mundo estava cheio delas, do passado e do presente: garotinhas tristes e solitárias. **Ela já sofreu o suficiente** . Sarah estava falando

sobre Hetta ou sobre ela mesma?

Elsie já havia levado a casa de Sarah e seu colar de diamantes. Não havia dúvida do que Rupert gostaria que ela fizesse agora.

- Sarah pode ficar com Hetta, se for tão importante para ela. Mas preste atenção, quero mantê-lo trancado no sótão, não na minha casa, nem perto do meu bebê.

- Oh, obrigado, obrigado, Sra. Bainbridge! Sarah gritou. 'Eu sei que você está fazendo a coisa certa.' Um círculo vermelho brilhou em cada bochecha. Seus olhos brilhavam como gelo.

- No sótão, entendeu?

'Sim Sim. Vou mantê-la no sótão, isso não é problema nenhum.

Sarah agarrou Hetta como se a estivesse arrebatando das garras da morte. Ela segurou o lado pintado contra o corpo, mas não conseguiu manobrá-lo com a mão ruim.

- Quem vai me ajudar a levá-la para cima? Mabel e Helen recuaram.

'Pelo amor de Deus!' exclamou a sra. Holt. Ela balançou as chaves e destrancou a porta da cozinha. - Venha, senhorita Sarah. Minhas garotas ficaram com medo de suas próprias sombras. '

Assim que entraram, Elsie tirou uma caixa de fósforos do bolso. Peters estendeu a mão, mas ela balançou a cabeça. Ela queria colocar o fogo sozinha.

- Já era hora também - sussurrou Mabel.

Elsie se aproximou da pilha de lenha. O vento aumentou e seu véu ondulou atrás dela como fumaça escura. Ela teve uma visão de si mesma, parada ali, negra e solene.

Os companheiros eram um quebra-cabeça de peças: o cabelo do cigano, escarpado; aquele bebê horrendo e rígido, partido ao meio. Eles não podiam assustá-la agora. Tirando um palito de fósforo, ela o arranhou ao longo da lixa.

Uma faísca, uma chama azul, depois a chama laranja. O calor arrepiou suas luvas. Ela observou a luz balançar na brisa, sentindo o poder em seus dedos, pronta para liberar com um único movimento. Ela já podia sentir o cheiro da fumaça.

- Faça isso, senhora - pediu
Helen. Ela deixou o fósforo
cair.

Madeira rachou e a pilha explodiu em chamas. Um olho a observou por baixo de uma centelha de chama. Ele derreteu, sangrando pela bochecha, as cores escorrendo.

Achei que tinha feito a coisa certa. Achei que estava tudo bem.

O menino cigano, que se autodenomina Merripen, está estabelecido nos estábulos. Ele fez um voto solene de não deixar as portas destrancadas ou encorajar seus parentes ladrões. Eu sei como essas pessoas são.

Desde que cedi a sua amiga, Hetta sempre foi doce e leve, subindo e descendo as escadas correndo com seus spaniels correndo atrás dela, cortando trechos de ervas para a cozinha e maravilhada com meus diamantes. Fiquei surpreso com sua alegria, mas também estava orgulhoso dela. Achei que ela tivesse superado sua decepção como uma dama. Achei que era o suficiente para ela ter sua amiga empregada. **Como Josiah a administrou bem**, disse a mim mesmo. Como eu saberia? Como poderia sonhar que ele nem havia contado a ela?

Tudo começou quando os meninos chegaram. O tempo estava abafado, desconfortavelmente fechado. Durante toda a manhã, os pegas tagarelaram, gargalhando seus segredos. Mas meus filhos estavam de bom humor, caindo da carruagem com as pernas desajeitadas, batendo nos ombros uns dos outros.

James liderou o caminho para o Salão Principal. Henry elevou-se sobre ele. Ele cresceu este ano, alto e magro como um júnco, como uma das mudas de Hetta. E Charles—! Nunca posso acreditar que Charles saiu do meu corpo. Ele é largo, robusto e construído com a força de um mastim. Não admira que ele tenha causado tantos danos; não admira que a parteira disse.

. . Mas isso não importa agora.

Estávamos cheios de abraços, cheios de novidades. O jantar passou em um borrão feliz e estridente e Hetta estava sorrindo, sorrindo o tempo todo. Depois de comermos, ela mostrou aos irmãos os preparativos para a mascarada: alçapões e alavancas; plataformas feitas para se parecerem com nuvens. Ela tentou uma pirueta e James a puxou para seus braços, fazendo-a voar em torno do cenário pintado de um céu azul.

Foi então que outro homem chegou da loja do Sr. Samuels com caixas.

'Mais!' Josiah fingiu estar escandalizado, mas vi que ele ficou satisfeito com cada escolha que fez.

"Vamos surpreender a Rainha com nossas curiosidades", eu disse. "A ponte será a maior obra-prima que ela já viu."

Desta vez eram as pessoas falsificadas - as figuras de madeira que o Sr. Samuels chamava de seus companheiros. Que maravilhas eles são! A senhora da loja estava lá, e muito mais: uma criança adormecida; uma senhora com seu alaúde; um cavalheiro com uma doxy no colo.

'Sangue de Deus! Você já viu algo parecido?' Charles se aproximou e tocou um com sua mão gorda. "Uma pessoa saiu de

um retrato!"

Hetta deu um grito agudo e alto de prazer, como um cachorro quando vê seu dono. Ela saltou para o lado de Charles e olhou para as figuras, maravilha estampada em seu rosto. Enquanto os meninos tagarelavam, ela ziguezagueava pelas tábuas, dedilhando as pontas.

"Olá", Henry disse. - Henrietta Maria está brincando de esconde-esconde.

Então foi isso que fizemos o dia todo enquanto os criados trabalhavam para deixar a casa perfeita: corriam como crianças, colocando os companheiros nos lugares mais estranhos, tentando fazer um ao outro pular.

"Eles precisam parecer reais", eu disse. 'Eu quero que as pessoas venham até eles e comecem. Quero que o rei esbarre em um companheiro e implore seu perdão!'

Encontramos mil cantos e recantos na casa, mil cantos para posicioná-los corretamente. Quando a luz caiu, as figuras de madeira me observaram de seus esconderijos e pareceram sorrir maliciosamente, cúmplices. Eles prometeram dar à Rainha a maior surpresa de sua vida.

'Será um triunfo', Josiah riu. "A coisa toda foi um triunfo."

Já era tarde, mas nenhum de nós poderia se contentar com uma hora tranquila de leitura antes do jantar; estávamos febris, muito tensos. Em menos de 48 horas, a realeza estaria em nossa casa. O lugar já estava ganhando vida de uma forma que nunca havia acontecido antes. Tínhamos nos preparado tanto quanto podíamos. Agora não havia nada a fazer a não ser esperar.

'Quando ensaiamos a mascarada?' James disse, pálido e ansioso à luz das velas. 'Eu pratiquei os passos que você me enviou, mas prefiro fazê-lo aqui.'

"Amanhã", eu disse a ele. "Os jogadores vêm amanhã."

" **O triunfo do amor platônico**. Parece muito bem, não é? Henry acariciou a renda em seus punhos. - Não que possamos rivalizar com as peças do sr. Jones de alguma forma, mas tenho certeza de que a rainha ficará satisfeita. Você dança, Charles?

Os três meninos explodiram em gargalhadas. Só vi Charles dançar duas vezes desde que era um garotinho: não é uma performance destinada a inspirar orgulho materno. Ele não tem noção de tempo ou graça, e sua figura robusta o torna mais cômico.

Charles aceitou a zombaria, embora fingisse estar carrancudo e sacudiu o punho para o irmão. - Oh, você não gostaria de ver? Mas não desejo assustar a rainha. Eu me vanglorio e faço meu discurso, só isso. E que discurso!'

Eu estava tão ocupado rindo com os meninos que não notei Hetta se esgueirando até onde Josiah estava sentado na cadeira diante do

fogo. Foi só quando o ouvi falar que me virei para vê-la ao lado do braço da poltrona, puxando sua manga.

'Sim, Henrietta Maria? O que é isso?' Ela piscou seus olhos grandes, verdes estilhaçados com ouro e castanhos na fogueira. 'Bem? O que é que você quer?'

Eu deveria saber então. Eu deveria ter prestado atenção nas sombras correndo sobre seu rosto e no silêncio estranho e assustador. Mas eu apenas fiquei sentado lá, mudo, e os observei; observou Hetta apontar para o peito, os olhos vivos de expectativa.

'Como agora?' Charles ligou. - Fala, pequena

Hetta! Os meninos piaram novamente.

- Deixe-a em paz, Charles! Eu rebati, mas isso só os fez rir mais. Eles estavam tão animados, acredito que teriam rido

a própria morte.

- É só uma brincadeira, mãe.

"Realmente não consigo entender o que Henrietta Maria está tentando comunicar", disse Josiah. - Anne, você tem alguma ideia?

Lentamente, com cuidado, Hetta ficou na ponta dos pés e fez uma pirueta perfeita, os braços arqueados acima da cabeça de tartaruga. Ela parecia um sonho, como uma cortesã francesa dançando balé. Eu não sabia que ela sabia dançar assim. Mas a visão não me encheu de prazer ou orgulho de mãe. Eu vi a luz em seu rosto, e a carranca de culpa no rosto de Josias, e todas as peças encaixadas no lugar.

'Ela quer saber sua parte!' Henry baliu. - Que papel Henrietta Maria terá na mascarada, padre?

Não, pensei. **Não assim**. **Não na frente de seus irmãos**. Mas Josias fez isso de qualquer maneira. Ele girou a bebida em seu copo e disse, muito baixinho: 'Henrietta Maria não estará no baile.'

Ela caiu para trás sobre os pés. Não consegui olhar para o rosto dela. Olhei para o abismo entre as toras do fogo, desejando que eles me engolissem.

- Nem mesmo uma pequena parte? A voz de Charles - muito alta, muito jovial. - Tenho certeza de que podemos colocá-la em algum lugar. Não é uma parte falada, veja!

James e Henry gargalharam.

"Ela é muito jovem", disse Josiah. "Ela ainda é muito jovem para essas coisas. Ela vai festejar conosco e depois vai para a cama.

Os meninos estavam ausentes há muito tempo: não reconheceram o aviso na voz do pai. Bêbados de seu próprio humor, eles lançaram ideias.

- Faça dela um cupido.

'O amor é cego, então por que não silencioso?' - Faça com que ela atue no antimasco.

'O quê, como um demônio? Eles têm diabos minúsculos? '

- Ah, sim, eles são os mais ferozes. O Sr. Jones sempre os faz explodir em uma nuvem de fumaça.

- Ele não faz isso com os anões da Rainha?

- Sim, mas sempre faltam bons anões. Vista uma garota e pinte uma barba, é o que eu digo.

'Heigh-ho! Vamos colocá-la no zoológico! Sua Majestade gosta de colecionar pessoas estranhas e curiosas.

- Garanto que ninguém é mais curioso do que minha irmã.

'O suficiente!' A bebida derramou do copo de Josiah quando ele se sentou para a frente na cadeira. "Chega, todos vocês." Seu rosnado cortou a conversa, através da minha pele. 'O que é essa conversa velha? Achei que você tivesse se tornado um homem.

Os meninos baixaram a cabeça,
castigados. 'Nós estávamos
apenas-'

"Não importa, Henry. O Rei e a Rainha estarão aqui em breve, você entende? Não permitirei que meus filhos se comportem como idiotas.

"Não, padre."

- Já disse que Henrietta Maria não ficará para o entretenimento e ponto final.

Eu poderia ter suportado se ela tivesse batido o pé, se ela tivesse chorado, ou me empurrado como ela tentou fazer aquela vez no jardim. Mas ela não fez nada. Ela caiu de joelhos ao lado do fogo e cruzou as mãos no colo. Ela não soluçou. Ela não se mexeu. Ela olhou para o fogo, como eu havia feito, fixando-se em algo dentro de suas profundezas.

Todos foram para a cama, mas nem Lizzy nem eu conseguimos mover Hetta. Não podíamos fazê-la olhar para nós. Ela poderia ter se transformado em uma das tábuas de madeira, apesar de toda a expressão em seu rosto em branco.

- Seus diamantes? Lizzy sugeriu.

Coloquei-os sobre a garganta ~~delgada~~ de Hetta, sem sucesso. Eles simplesmente cintilaram contra sua pele, vermelho e laranja por sua vez.

Tivemos que deixá-la ali, vendo as toras se transformarem em pilhas de cinzas. Minha filha, sozinha no escuro com as chamas morrendo.

Eu não consigo dormir. Meus ouvidos estão cheios de melodias que não desaparecem, tocando indefinidamente. Quando fecho os olhos, vejo cetim champanhe, tafetá escarlate e laços com pontas de ouro . Meu

corpo parece que ainda está dançando. Eu sei que meu coração está. Josias estava certo: foi um triunfo.

Eles chegaram um pouco depois do meio-dia, com seus arautos e senhores de armas abrindo caminho. Uma visão magnífica: uma faixa brilhante de cavalos, armaduras e riquezas, serpenteando ao lado do rio e sobre as colinas.

Nenhum puritano de Fayford interferiu na cavalgada, mas também não saiu para aplaudir. Eu tinha planejado isso. Contratei gente comum de Torbury St. Jude para agitar estandartes e dar o endereço de lealdade. Eles fizeram isso com crédito.

Barcaças no rio explodiram como uma fanfarra quando o casal real cruzou a ponte. Gralhas se espalharam diante do barulho de cascos. A fonte transbordava de vinho, vermelho rubi, derramando-se da boca do cão de pedra para tamborilar na bacia.

Achei o Rei mais baixo do que esperava e esguio também; quase delicado. Vestido todo de preto, ele tinha uma barba pontuda e olhos sonolentos. Ele parecia mais velho do que realmente era. Em seu pescoço brilhava o único relevo de cor em seu traje sóbrio: uma gola de renda prateada, delicada e fina como uma teia de aranha.

E ela! Achei que fosse desmaiar ao ver a figura el fi gura da rainha pular de seu cavalo. Ela era deslumbrante, brilhante e totalmente contagiosa; rindo, cantando, falando o dia todo. Seu cabelo brilhava como azeviche, seus olhos escuros dançavam. Lizzy a chama de feiticeira papista e talvez ela seja, por um momento em sua companhia enfeitiça os sentidos.

Festejamos em mesas de cavalete no Salão Principal. Ovos de codorna, salmão, cristas de galo, batata-doce, tâmaras, alcachofras colocadas em pratos de ouro; tudo perfeitamente temperado com ervas de Hetta. Eu não tinha percebido até então o quão duro ela havia trabalhado.

Ela tem sido muito solene, muito correta em seu comportamento desde a noite em que Josiah a proibiu de ir à festa. Durante todo o banquete, ela ficou olhando com uma expressão curiosa enquanto os cortesãos comiam e fofocavam. Eu esperava que ela risse, tentasse tocar os cachos saltitantes das mulheres, mas ela não o fez. Ela simplesmente inclinou a cabeça como seu pardal de estimação e observou. Eu gostaria de poder decifrar o emaranhado de seus pensamentos. Eu gostaria que eu, como nosso Criador, pudesse ler a mente da garota que fiz. Como posso ouvir Josias, mas não ela?

Ela não parecia gostar da festa - com sua língua pequena e deformada, a comida raramente é uma grande fonte de prazer para ela. No entanto, quando Lizzy veio para levá-la para a cama, uma expressão muito rara tomou posse de suas feições. Ela saiu com um sorriso torto

no rosto - mas que sorriso! Foi uma rajada de ar frio, não seu raio de sol usual.

Não me incomodou muito, então, pensar nela lá em cima. Como uma mulher sem coração, eu estava me divertindo muito para notar. Mas agora a imagem me faz chorar: a garota silenciosa sentada com seu pardal de estimação enquanto gritos de riso e notas musicais chegam até ela de baixo. Pobre criança. Não deveria ter sido ela, abandonada como uma leprosa: deveria ter sido eu.

Eu só queria ter uma filha, uma companheira para preencher o vazio deixado por minha irmã Mary. Eu a queria com tanta fome que não me importava como a gerei. Era **eu** quem queimou a minha fingertips com a feitiçaria; Eu que preparei o rascunho e tomei o poder de Deus em minhas próprias mãos. Por que Hetta deveria ser punido por minha ganância?

Ela sentia falta dos acrobatas na Galeria das Lanternas, dos acrobatas dançando nos fios acima do Salão Principal em seus trajes cintilantes. Ela não viu os fogos de artifício saltarem para o céu e explodirem sobre os jardins. Ela não pôde se juntar aos gritos e surpresa enquanto nossos companheiros silenciosos faziam os convidados pularem, repetidamente. Mas talvez seja bom que ela tenha perdido a mascarada.

Não percebi, até o início da apresentação, como a casa havia se transformado em um vale pagão cheio de ninfas e sátiros. Minha carruagem de conchas deslizou para o palco no Salão Principal e eu executei minha dança com os diamantes brilhando em meu pescoço. Sereias desfilavam em vestidos diáfanos, cantando seu canto de sereia. Pétalas caíram da galeria. O ar estava denso com água laranja ardente. O que Lizzy teria pensado, se ela tivesse visto, não importa os puritanos de Fayford!

Talvez **seja** perverso, talvez esteja errado, esta corte de luxo sem fim. Mas, oh, é inebriante! E agora que testemunhei isso, não sei como vou viver sem isso.

Meus olhos estão pesados depois de tanto escrever. Cada vez que começo a flutuar, vejo o antimasco: os mágicos do mal e seus asseclas saltitando de uma caverna de fogo. Criaturas horríveis: homens estranhos e atrofiados com cabeças crescidas. Cacarejos vagando pela fumaça laranja. Se adormecer com essas imagens, terei sonhos horríveis.

Fiquei chocado com as aberrações da Rainha; Eu possuo-o. Eu não tinha visto coisas assim antes, coisas não naturais e de alguma forma obscenas. Eu diria que não deveriam existir, não deveriam **existir**, mas então me lembro de Hetta

e estou com vergonha. Pois as pessoas dizem que o mesmo diabo que as desfigura atrofiou a língua da minha filha.

Quem pode comparar Hetta com uma daquelas criaturas amaldiçoadas? Eles não são bonitos; eles são estranhos e desequilibrados. Especialmente aquele que nunca desmascarou, mas assombrava as danças com seu rosto vermelho malicioso, saltando, como um inseto de muitas patas , e assustando meus convidados. Eu o vejo quando fecho meus olhos; movendo-se rapidamente, girando em torno dos dançarinos, seu corpo curto engolido por nuvens de fumaça.

Bancos externos de nuvens estão se formando, espectros cinza contra o preto. Acho que finalmente vamos chover. O trovão ronda as árvores e, à distância, na direção de Fayford, vejo uma bifurcação de relâmpago no céu. Se chover muito, talvez o tribunal não consiga sair. Talvez possamos mantê-los.

O trovão estala lá fora. Minha imaginação febril ouve um grito, surgindo da noite. No entanto, não há nada, nem mesmo uma raposa fora da minha janela.

Um raio inunda a sala com luz branca. Vejo meu rosto no vidro, fugindo, com medo. - Hetta não se parece em nada com as aberrações - sussurro para ela, antes de apagar a vela. - Ela **não se** parece em **nada** com eles.

Sarah estava sentada ao piano, tocando desajeitadamente melodias festivas com uma das mãos. A janela atrás dela estava aberta, deixando entrar o ar gelado. Seus dedos tremiam nas teclas.

- Feche a janela, Sarah. Você parece com frio.

Seu olhar subiu acima do topo do piano. 'Eu gosto do ar. Gosto de me sentir como se fosse. . . lado de fora.' Algumas notas discordantes soaram. Ela olhou de volta para as chaves.

Então Sarah também sentiu: essa pressão estranha; o calor abafado e enjoativo que infundiu a casa. O cheiro também. Desde a fogueira, Elsie não conseguia tirar o cheiro de queimado de suas narinas. Isso a lembrou do bebê de madeira, cortado em dois, sem raiva ou mágoa em seus olhos - apenas aquele vazio terrível e assustador.

Ela suspirou e voltou a embrulhar o presente de Jolyon. Pelo menos seu querido filho chegaria em breve com notícias de Londres, o mundo racional. O que ele faria com as melhorias dela na Ponte? Novo papel surgiu no viveiro: um fundo cor de milho com pássaros e galhos à moda oriental. A sala de estar tinha painéis novos, cravejados de rodela douradas. O melhor de tudo ela arranhou para que os jardineiros colocassem grandes árvores de fogo em vasos ao redor do terreno e as amarrassem com lanternas. Como um menino, Jolyon tinha olhado rodada de olhos nas vitrines no Natal, hipnotizada por velas e brinquedos mecânicos. Agora ela

finalmente tinha dinheiro de sobra para frivolidades. Ela ia dar a ele o Natal que ele merecia.

Ela estava ajustando uma fita quando uma nota alta soou no piano, ecoando até o teto moldado. Ele permaneceu por si mesmo, patético e frágil, antes de morrer.

- Sra. Bainbridge - sussurrou Sarah. - Sra. Bainbridge, olhe.

Ela congelou. Suas mãos suadas deixavam suas luvas pegajosas no papel de embrulho. Centímetro por centímetro, ela ergueu os olhos, preparando-se para algo terrível.

Era um pardal. Apenas um pequeno pardal empoleirado na tampa do piano. Ele inclinou a cabeça de um lado para o outro, observando-os. Minúsculos olhos negros dispararam acima de seu bico.

'Ele é lindo.' Ela manteve a voz baixa, tentando não assustar o pássaro. 'Melhor não deixar Jasper vê-lo.'

Sarah sorriu. - Você ainda tem migalhas? Podemos colocá-los ao longo do piano para ele recolher.

Elsie olhou para a mesa lateral. O prato estava salpicado de grãos de bolo, talvez uma dúzia ou mais. 'Eu faço. Mas não quero me levantar e assustá-lo.'

O pardal saltou para a frente. Puxando suas asas, ele estufou o peito e separou o bico delicado, pronto para cantar.

Naquele instante, três pancadas caíram na porta da frente. Rápido como um dardo, o pardal voou pela janela aberta. Uma única pena marrom caiu no piano.

- Quem pode ser? Elsie foi até a janela e tentou espiar em volta da massa de tijolos da ala leste. Ela podia apenas vislumbrar o caminho - sem carruagens.

'Eu acho que . . . ' Sarah começou hesitante: "Acho que pode ser o Sr. Underwood".

- Sr. Underwood? Não me lembro de tê-lo convidado. '

'Não.' Sarah fechou a tampa do piano sobre as teclas. 'Não, você não fez. Sinto muitíssimo, Sra. Bainbridge. Fui eu. Eu o convidei. '

'Oh. Eu vejo.'

'É só isso . . . '

- Você deve ter mencionado isso. Ela se sentiu perdida. De alguma forma - ela não tinha certeza de como - ela foi insultada. 'Eu não estou preparado para

receber convidados.'

- Mas não o convidei como hóspede. Sarah se levantou e nervosamente começou a alisar o cabelo. 'Mais como um. . . orientador.'

Outro trio de pancadas, mais rápido desta vez. - O que você quer dizer?

- Quero perguntar a ele sobre Hetta.

O medo balançou em seu estômago. 'Sarah-'

"Achei que talvez ele soubesse o que fazer. A Igreja fez exorcismos, no passado. '

Exorcismo . A palavra era gutural, muito fundo na garganta. Dizer isso em voz alta era como engasgar, como começar a falar em línguas demoníacas. O que Sarah estava **pensando** ?

- Você não vai mesmo pedir a ele para realizar algum tipo de ritual?

'Não! Oh, não, não acho que Hetta precise ser **banida** ou algo assim. Eu simplesmente quero seu conselho. '

A campainha da casa tocou.

'Claramente, ninguém vai atender a porta', disse Elsie. - É melhor eu mesmo fazer isso.

Ela ficou aliviada por ter uma desculpa para sair da sala e escapar da expressão intensa de Sarah. Pelo menos o Sr. Underwood a esclareceria. Ele era um homem de fé, mas não, ela pensou, superstições.

O Salão Principal estava sujo e frio. O fogo, embora aceso, não puxou bem. Nenhuma luz cintilou nas espadas cerimoniais ou na armadura; eles eram opacos, cinza-estanho. O ar entrou pela porta da frente aberta. Underwood estava na soleira, segurando uma caixa comprida.

- Bom dia, Sra. Bainbridge. Perdoe a intrusão. Toquei a campainha, mas a porta estava entreaberta e encontrei isto caído no degrau. '

'Será meu vestido novo! Esperei isso de Torbury St. Jude a semana toda.

- Bem a tempo para o Natal. Que sorte. ' Ele entrou e colocou a caixa no tapete oriental para ela. Ela se ajoelhou - uma tarefa nada fácil hoje em dia, com o estômago embrulhando - e passou a mão pelo pacote. Não havia etiqueta, nem etiqueta, apenas uma fita verde-oliva e dourada.

O Sr. Underwood tirou o chapéu. Tinha achatado seu cabelo loiro contra o couro cabeludo. 'Eu me pergunto, a senhorita Bainbridge está em casa? Eu recebi um

nota dela, pedindo para falar comigo. Devo dizer que fiquei alarmado. Sua mensagem soou. . . confuso.'

"Ela está na sala de música." Elsie olhou para o pacote. Ela tinha vontade de confessar tudo: contar a ele sobre as farpas no pescoço de Rupert; a enfermaria; o sótão; a impressão da mão; os olhos. Mas falar dessas coisas os tornava uma farsa. Você não poderia explicar o medo; você só podia sentir isso, rugindo através do silêncio e ainda batendo em seu coração. - Sinto que devo avisá-lo, Sr. Underwood, que a Srta. Bainbridge deseja discutir suas crenças. Eles são . . . não convencional. Ela costumava trabalhar para uma senhora muito velha e muito fantasiosa. Suponho que ela fazia parte de algum círculo espiritualista. '

"Ah."

- Espero que você me apoie quando digo que sou - cauteloso - com relação a essas coisas.

'Absolutamente. Embora a Igreja não negue a existência de espíritos, é fortemente contra a intromissão nesse campo. Considere a Bruxa de Endor e a maldição sobre o Rei Saul por consultar uma médium. '

Isso veio a ela em fragmentos da memória da escola dominical : o rei Saul, desesperado pelo conselho de seu profeta Samuel, implorando à mulher que o ressuscitasse. ***Por que me inquietaste, para me educar?***

A lembrança perturbadora era que ela havia conseguido. A coisa foi possível.

Elsie pigarreou. - Você deve entender que Sarah é particularmente suscetível a esses falsos mesmeristas e médiuns. Seus pais morreram quando ela era jovem. Sem família, ela é vulnerável. . . Posso confiar em você para tentar dissuadi-la desses métodos precipitados? Com gentileza? ' - Você tem minha palavra. Ela ergueu os olhos de onde estava ajoelhada no chão. Ele a olhou suavemente - quase, ela temeu, ternamente. 'É como eu uma vez disse a você: eu quero ensinar Fayford e erradicar as superstições

como isso.'

- Tenho pensado, Sr. Underwood, em Fayford. Meu irmão virá de Londres para o feriado. Se você pudesse recomendar algumas garotas prováveis da aldeia, poderia persuadi-lo a aceitá-las de volta como aprendizes. O salário não é alto, mas todos os nossos filhos vão à escola - pelo menos duas horas por dia. Eles terão emprego, comida e um teto sobre suas cabeças. Um seco, sem goteiras. Roupas adequadas.

E no final de seu mandato, eles terão aprendido um ofício. O que você disse?

"Eu digo que é o melhor presente que eu poderia receber." Um sorriso beatífico iluminou seu rosto. - Na verdade, já consigo pensar em algumas crianças adequadas. Os pais deles não podem se opor à sua fábrica. É dessa casa que eles temem. O que me lembra.' Ele tirou um pacote de papel pardo, amarrado com barbante, do bolso interno. - Registros da cidade. Uma leitura bastante árida, receio, mas algumas coisas podem interessá-lo.

Ela olhou para o barbante, bem entrelaçado. Seu peito parecia o mesmo. **É dessa casa que eles temem.** Ela estava começando a pensar que eles tinham razão. O maço de papel pode fornecer respostas, mas, novamente, pode dizer a ela coisas que ela não deseja saber.

- Que gentileza de sua parte lembrar. Talvez você possa deixar na sala de música quando falar com Sarah? Vou sentar lá mais tarde e examiná-lo. '

Ele estendeu a mão. 'Venha comigo. Vamos persuadir a srta. Bainbridge a desistir dessas fantasias juntos. Entre nós, tenho certeza de que podemos fazê-la ver sentido.

Ela hesitou. 'Obrigado. Mas . . . Já tentei com Sarah. Acho que seria melhor se ela falasse com você sozinha, sem minha interferência. Afinal, esses assuntos espirituais requerem um certo grau de confidencialidade. '

Ele deixou cair a mão e colocou-a atrás das costas. 'Sim. Claro. Muito sábio de sua parte observar, Sra. Bainbridge. Ele olhou por cima do ombro. 'Esta é a sala de música?'

'Essa é a sala de estar. Atravesse e vire à direita. Não tem como não encontrar. Duvido que você já tenha visto uma câmara tão rosa.

Ele esboçou uma reverência. 'Obrigado. Vou deixar você abrir seu pacote. '

Ela o observou se afastar, as pontas de seu casaco puído balançando no ritmo de seus passos.

Mudando as pernas, ela ficou em uma posição mais confortável e se preparou para abrir a caixa. Um novo vestido poderia ser a distração de que ela precisava. Este seria seu vestido mais bonito - sua roupa de Natal.

Foi difícil desamarrar o arco com as mãos enluvadas, mas ela conseguiu. Seus dedos encontraram as bordas da tampa, suadas com

antecipação. Crêpe e bombazina, trançados com seda. Três peças, com borlas e franjas. Ela mal podia esperar para ver. Ela puxou a tampa da caixa.

Gritou.

Fitas de material preto estavam amontoadas com folhas mortas. Os cardos se eriçaram, grudentos e coagulados de sangue. No meio de tudo isso havia algo preto, branco e peludo, pontilhado de moscas. Ela distinguiu pedaços de carne mutilada, osso. Veias como novelos de seda vermelha. Depois, as orelhas caídas, os olhos fechados. O sangue manchava o pelo da testa. A cabeça de uma vaca.

A cabeça de Beatrice.

O fedor ficou preso em sua garganta e a fez engasgar. Ela caiu de costas e se arrastou para longe, as mãos rangendo contra o chão. Ela ia ficar doente. Ela ia ficar doente, mas não conseguia tirar os olhos da caixa. **Beatrice. Pobre Beatrice.**

Sua cabeça colidiu com um objeto duro. Em pânico total, ela se virou. Hetta estava atrás dela, ainda sorrindo, a rosa pressionada contra o peito.

'Não não.'

Arremessando-se para a frente, ela mandou Hetta caindo ruidosamente no chão. Ela encontrou seus pés - suas pernas estavam geladas, mas de alguma forma ela os forçou a subir as escadas, dois de cada vez. Suas saias ficaram presas em seus tornozelos. Ela tropeçou, tropeçou e se levantou novamente. Ela não tinha ideia para onde estava indo, apenas que ela deveria escalar, escalar - para o telhado se ela precisasse. Coloque o máximo de distância possível entre ela e aquela visão horrível. . .

Vagamente, ela ouviu o Sr. Underwood entrar no Salão Principal e chamar seu nome. Em seguida, o som estrangulado do choque de Sarah. Mas ela não conseguia parar. Aquele cheiro de rosas: estava seguindo ela, ficando mais e mais espesso a cada passo -

Ela parou um degrau antes do patamar. Barrando o caminho havia outra face plana de madeira. Um novo companheiro, mas um que ela reconheceu.

Um bigode parecido com uma escova de aço pendia sobre sua borda. O óleo de macassar alisou o cabelo, uma única mecha caindo sobre o olho esquerdo. Veias quebradas ondularam na bochecha. E os olhos. . . A expressão de tormento nos olhos fez seu sangue gelar.

"Rupert."

Não poderia ser. Ela fechou os olhos - se ela olhasse por mais tempo, ela ficaria louca. Mas ainda assim ela viu; sentiu, perto de seu rosto. Chegando perto.

'Não não.'

Ela deu dois passos para trás. A cauda do vestido enrolava-se nos tornozelos como uma corda. Em pânico, ela bateu os pés e pisou no ar.

Três batidas violentas. Então havia apenas preto.

A PONTE, 1635

Esta manhã, ouvi um homem gritar pela primeira vez na minha vida. Não é um som que desejo ouvir de novo: gutural, vergonhoso, viajando pelo pátio do estábulo e subindo pela torre da lanterna.

Acordei suando gelo. Josiah estava deitado na cama ao meu lado, olhando para o teto com o mesmo horror que senti em toda a minha pele. A memória caiu com um golpe nauseante: o rei e a rainha. Não poderia ser - por favor, Deus Todo-Poderoso - não poderia ser que algum mal lhes tivesse acontecido?

O barulho terrível veio de fora. Isso fez os cães latirem. Eu me lancei para fora da cama e corri para a janela. Gotas de chuva mancharam o vidro, eu não conseguia ver claramente. Uma névoa transparente pairava no ar após a tempestade da noite anterior. Poças fumegavam com o calor da manhã.

'O que é isso?' Josiah exigiu.

A resposta não veio de mim - veio daquele lugar onde os sonhos ninham, onde o conhecimento chega plenamente formado. 'Alguém está morto. A vida saiu desta casa.'

Ele se levantou em um instante, a colcha jogada para trás e seus pés descalços batendo nas tábuas. Eu o vi pegar sua espada antes de correr para o corredor.

Não éramos os únicos acordados. Convidados circulavam em suas roupas de dormir, com os olhos turvos e os cabelos emaranhados da noite anterior. Assim que os viu, Josias assumiu um ar calmo.

'Não se assuste. Ore, volte para suas camas. Eu irei e encontrarei a causa deste distúrbio.'

Eles murmuraram, esfregando os olhos. Por mais cansados que parecessem, não pareciam inclinados a obedecê-lo.

Segui Josias descendo um lance de escada, desesperado para ver as crianças seguras. Encontrei-os reunidos do lado de fora do berçário com Lizzy, todos pálidos como a morte. O pardal de Hetta guinchou por dentro. Cabelos levantados na nuca. Mary uma vez me disse que os pardais carregam as almas dos mortos.

"Não sabemos o que é essa comoção", disse eu. - Seu pai foi cuidar disso.

'Amante?' Lizzy tentou chamar minha atenção, mas eu não olhei para ela. Um olhar e eu sabia que deveria perder o controle da minha compostura.

- Agora não, Lizzy.

Devo parecer a cada centímetro a amante, no comando. Eu virei minhas costas para ela para encarar as crianças. Apesar de sua noite precoce, Hetta parecia mais exausta do que os meninos. Eu senti sua testa. Ela estava queimando.

- Volte para a cama - ordenei. - Todos vocês, voltem para a cama.

Os meninos gemeram. Eu não dei atenção a eles; não conseguia parar de discutir com eles. Uma energia estranha mexeu comigo, uma espécie de excitação nauseante, e voltei por onde vim, com a intenção de tranquilizar os convidados.

Crackling sob todos os medos em minha mente era aquele que eu poderia nomear: a praga. Houve temperaturas sufocantes e relatos de doenças em Londres. Agora meu filho estava pegando fogo e com febre. Rezei a Deus para que não fosse a praga.

Perdemos Maria para uma doença de suor. As pessoas me disseram que foi uma morte gentil e rápida, mas não viram. Se minha irmã morreu gentilmente, não me atrevo a imaginar crueldade.

Ela estava bem pela manhã. No entanto, enquanto nos vestíamos, senti pela primeira vez: a sensação de mau presságio em que passei a confiar acima de meus outros sentidos. Nossos olhos se encontraram e eu sabia que Mary também sentia. Ao meio-dia ela estava na cama.

Tudo começou com arrepios. Então veio o calor, abrasando sua pele, escorrendo dela em riachos de suor. Antes que a noite tivesse passado, seu queixo estava amarrado. Se foi. Morto com apenas 20 anos.

Meus pés descalços esmagaram os juncos no chão. Assolado pelas lembranças de Maria, não notei Jane subindo as escadas correndo. Eu colidi com ela e nós dois caímos para trás, piscando, perplexos.

- Oh, senhora, me perdoe. Ela não se parecia consigo mesma. Ela tinha acordado antes de nós, eu percebi. Ela estava acordada e com seus deveres antes do grito soar.

'Jane! Jane, conte-me o que aconteceu. Ela desfez-se em lágrimas.

Eu o torci pedaço por pedaço. Não precisei descer aos estábulos para cheirar o sangue e ver as moscas por mim mesmo; estava tudo brilhando nas pupilas de seus olhos.

Havia um cavalo morto nas baías. Não apenas morto - mutilado. Sua cauda foi cortada e pregada fora da porta, sua crina atacada com uma tesoura frenética. O cavalariaço encontrou uma porção de lacerações arranhadas na pele, como um registro que você pode fazer em uma árvore.

'Qual cavalo, Jane?'

'Oh. . . m-amante!' ela soluçou.

- Não é minha égua cinza?

Jane abanou a cabeça. Eu vi um vislumbre da verdade brilhando de volta em suas bochechas molhadas. "P-pior."

'Não. Você não está dizendo. . .

' "O cavalo da Rainha!" ela chorou.

Minhas pernas cederam; Eu caí contra a parede e então deslizei para baixo, direto para o chão. - Mas quem iria. . . Puritanos? '

- Não sei, senhora, não sei. Mark disse que faltou alguém nos estábulos.

'Who?'

'Um menino. Um menino cigano. Abençoe-me se eu soubesse que tínhamos um! O que ele estava pensando, enfrentando uma bestanojenta e suja como aquela?'

Meu sangue congelou. Merripen. Merripen tinha feito isso.

Eu não sei como. Não sei onde um menino de nove ou dez anos encontraria forças para esse ato infernal. De onde, em sua mente jovem, viria tal desejo horrível?

O cavalo da Rainha! Da **Rainha** !

Minha cabeça se divide em agonia. É minha culpa, minha. Estamos arruinados. O tribunal nunca mais vai voltar aqui. Josiah. . .

Querido Deus. Josias vai descobrir. Ele saberá o que eu fiz, que destruí a ambição de sua vida com meu capricho tolo. Um casamento pode suportar isso? Pode meu coração?

Deus me perdoe por minha maldade. Eu gostaria que **tivesse** sido uma praga.

A PONTE, 1866

Elsie acordou com três explosões de dor. O primeiro nas costas, descendo até as coxas. A outra bateu em seu crânio, no topo em direção à coroa, onde então irradiou em seu rosto. Ela sentiu o lábio inchado onde o dente perfurou a pele.

Mas esses ferimentos não eram nada comparados ao terceiro: as garras rasgando em sua barriga.

Eles começaram suavemente, puxando seus acordes internos, constantemente construindo o ritmo até que ela gritou. Quem quer que a tenha amamentado pressionou um líquido amargo e de cheiro azedo em seus lábios. Ela sentiu uma torrente escaldante de sangue entre as pernas e caiu para trás, exausta.

Ela dormia sem sonhos. Algo pairou no limite de sua consciência - como um necrófago paira sobre um animal agonizante, esperando para atacar - mas não atingiu.

Ela foi apanhada em um caleidoscópio em constante mutação : ela sentiu o cheiro forte de pele suja e sangue pegajoso; provei aloés e óleo de rícino; ouviu a voz de Jolyon e outra que ela não reconheceu. Ela apenas reuniu algumas frases, mas foram suficientes.

'Madeira? **Dentro** dela? '

- Lá dentro com o bebê. Pobrezinho foi estilhaçado. Eu nunca vi nada parecido.'

O bebê .

Estava faltando. Amputado. Ela não podia sentir seus movimentos ou as bolhas dentro.

Eu não sou mais dois. Estou sozinho.

O Natal deve ter vindo e ido embora, pois, quando ela se arrastou para fora da névoa em uma manhã sombria, Sarah estava sentada na sala, vestida de maneira sóbria, comendo uma coleção de carnes frias que pareciam sobras. Mabel remexeu no guarda-roupa, usando o novo uniforme que Elsie se lembrava de ter comprado para sua caixa de Natal.

Sua boca tinha um gosto horrível. Ela gemeu. "Minha tônica. Me dê . . . ' **Drogas** . Ela não se importou com o quê; ópio, morfina, cloral.

Sarah se assustou com o som de sua voz. Enxugando a boca com um guardanapo, ela correu para a cama e pegou a mão de Elsie. Ela havia perdido peso, fazendo seu rosto parecer mais comprido e mais parecido com um cavalo do que nunca. Havia sombras ao

redor das órbitas dos olhos, as íris brilhando com lágrimas não derramadas.

- Tônica - disse Elsie novamente. Sua respiração rangia em seu peito. Em outro momento, a dor aumentaria ao encontrá-la; ela o sentiu crescendo, reunindo sua força.

Sarah balançou a cabeça. 'O médico disse para não dar muito.'

'O médico! Ele não sentiu nada assim. '

'Ele diz que você deve comer. Posso te dar pão e água ou chá de carne. .

.

'Eu não estou com fome.' Sua língua ansiava pelo gosto adstringente do ópio; sua cabeça implorou por sono. Estava doendo agora, revirando objetos irregulares e tentando transformá-los em memórias. Ela queria chorar - mas não, isso doeria mais. 'Pelo amor de Deus, dê-me a tônica.'

'O médico-'

"O médico é um homem. Ele não pode compreender esta dor. ' As lágrimas derramaram nas faces pálidas de Sarah. Ela apertou a mão de Elsie para

difícil que doeu. - Oh, Sra. Bainbridge. Eu sinto muito. Teria sido um pouco do Rupert, não é?

A dor voltou, mas não em seu estômago. 'Cadê? Onde está meu bebê?'

"Com o pai dele. Mr. Underwood foi muito gentil. Ele batizou o pequeno estranho e colocou-o para descansar no cofre da família. Ele não era

suposto. Será nosso segredo. '

Um pouco estranho. Crescido em segredo, enterrado em segredo, sempre no escuro. Elsie sentiu sua boca abrir como uma ferida - úmida, em carne viva. 'Mas então - eu nunca vou vê-lo!'

- Queríamos esperar por você, mas você estava muito doente. Não podíamos demorar mais. ' Sarah mudou. Seu espartilho rangeu. - Posso dizer como ele era. Ele era muito pequeno. Guloseima. Só podíamos dizer que ele era um menino.

'E. . . estilhaçado? -

Quem te disse isso?

'Então **é** verdade! Eu pensei, eu esperava, que tinha sonhado com Jolyon dizendo isso. Sarah, como ele poderia. . . '

Sarah balançou a cabeça. - Não sei dizer como. Nem mesmo o médico pode dizer. Eu só sei o que vi. '

'O que . . . você viu?'

Ela desviou o olhar. - Por favor, Sra. Bainbridge, não desejo falar nisso. Não me faça.'

'É meu **filho** . '

- A pele dele tinha lascas - sussurrou Sarah, fechando os olhos. 'Por toda parte.' As fotos tentaram se formar, mas Elsie não permitiu, não

conseguiu suportar
eles. 'O nome dele. O que eles o batizaram? '
"Edgar Rupert."

' **Edgar!** '

Sarah piscou para ela. - Isso foi ... foi errado? O Sr. Livingstone disse que era o nome do seu pai.

'Sim.' Ela afundou de volta no travesseiro, nauseada. 'Isso foi.'

Mabel fechou o guarda-roupa. Pressionando-se contra as paredes, ela deslizou ao redor da sala e através da porta.

- Jolyon ficou muito zangado?

'Bravo? Deus a abençoe, Sra. Bainbridge, por que ele estaria com raiva? Ele não demonstrou nada além de preocupação.'

Sem dúvida, isso era verdade, mas ele lamentaria essa oportunidade perdida tão amargamente quanto Elsie. Ela tinha perdido o herdeiro, o futuro de seus negócios, o perdeu em um momento de - o quê? **Não, mãe, não é descuido** . Algo pior, algo escondido no fundo de sua mente. . .

- Beatrice - ofegou ela. "Beatrice." A mão de Sarah ficou rígida sob a dela. - Oh Sarah, diga-me que imaginei.

'Não posso. Pobre criatura. O vestido . . . Sra. Bainbridge, o que aconteceu? Você não saiu da minha vista por dez minutos.

'Foi entregue. Sr. Underwood. . . Ele disse que o encontrou no degrau da frente.

'Sim, ele me disse. Mas como então você estava no topo da escada?

Um dedo frio cruzou seu coração. 'Oh Deus. Você viu isso? Ainda está aí? O que você fez com isso?'

'Sussurro.' Sarah tentou manter as mãos firmes, mas também tremia. - Você quer dizer Hetta?

'Não. Rupert.'

Sarah deixou cair as mãos com um grito. " **Rupert?** "

"Havia um dele." Ela fechou os olhos, tentando afastar a memória, mas não adiantou. - Um companheiro de Rupert, Sarah. Ele olhou .

. . Oh Deus, ele parecia péssimo. '

'Não! Não, você deve estar enganada, Sra. Bainbridge. Isso não está em casa. Ninguém viu isso.'

"Estava bem no primeiro degrau."

'Bom Deus.' Os lábios de Sarah tremeram, murchando pétalas de rosa prontas para cair. - Nunca quis dizer ... sinto muito, Sra. Bainbridge. Você sabe, não é, que eu nunca colocaria Hetta no Salão Principal? Ela estava no sótão, eu prometo. Ela estava trancada no sótão, não entendo como. . . ' Ela ficou em silêncio. Os músculos se contraíram em seu rosto, como se ela estivesse lutando contra uma emoção. "A verdade é que aconteceu no diário. O diário de Anne. Um cavalo foi mutilado, logo depois que ela comprou os companheiros. E estou começando a pensar

que talvez. . . talvez Anne fosse uma bruxa, afinal. Ela escreve sobre as poções que usou para conceber Hetta. . . Talvez seja isso que Hetta está tentando fazer: nos avisar sobre o poder de sua mãe.

Elsie fechou os olhos. Cada centímetro dela latejava. Ela estava começando a desejar nunca ter acordado. O sono era simples, seguro. - Sarah, você mencionou algo disso a Jolyon? Ou com o Sr. Underwood?

'Sim.' De repente, seu tom endureceu. - Eu disse ao seu irmão e implorei ao Sr. Underwood que fizesse um exorcismo. Eles não iriam acreditar em mim. Eles conversaram e depois me mandaram ver o médico.

'O que ele disse?'

'Oh, ele me deu um remédio bestial. Ele estava mais preocupado com isso. ' Sarah ergueu a mão, ainda enfaixada. "A pele ficou branca e macia ao redor do corte. Ele acha que está infectado.

Uma infecção que faz Sarah ver as coisas. Os médicos sempre tinham alguma explicação, mas esta era insuficiente. Elsie não teve infecção - nem as criadas. Como ele poderia racionalizar o que **eles** viram?

- O pior é que eles querem nos separar - gritou Sarah! O Sr. Livingstone vai levá-lo de volta a Londres no final do mês.

'Londres?' Os olhos de Elsie se abriram. Agora, Londres parecia tão distante quanto o paraíso.

'Para convalescer. Ele diz que uma mudança de cenário será benéfica. 'Mas e voce?'

Sarah estava lutando para conter as lágrimas. - Os cavalheiros dizem que estou nervoso. Eles acham que a viagem seria muito estimulante para mim e é melhor eu descansar aqui. Sem você.'

Elsie zombou. 'Descansar? Nesta casa?'

'Eu costumava adorar esta casa, pensei que era onde eu pertencia. Até . . . ' Sarah encontrou seus olhos, implorando. - Não sei o que fazer, Sra. Bainbridge. Você estará em Londres enquanto eu estiver aqui, sozinho, com. . .

O que quer que seja. Quaisquer **que** sejam. Me diga o que fazer. 'Queime isto. Queime Hetta. '

Sarah hesitou. - Como você queimou os outros? 'Sim.'

- Você **os** queimou depois que levei Hetta para dentro? 'Claro.'

As mãos de Sarah estavam em seu cabelo, puxando-o distraidamente para fora dos grampos. - Você tem **certeza de** que os queimou?

'Claro que tenho certeza! Peters e as criadas ficaram me observando. 'Bom Deus.'

'O que? Sarah? O que é isso?'

- Eles estão de volta, Sra. Bainbridge. Sua voz falhou. "Os companheiros estão todos de volta à casa."

Acho que nunca houve uma vergonha como a nossa. Mal consigo respirar por causa do desânimo que se apodera do meu espírito, a culpa que não consigo apagar.

Repetidamente, aquela manhã circula em minha mente. Lembro-me do silêncio chocado ao redor; como os cortesãos não eram mais alegres, mas graves, severos como juízes. Eu ouço a humilhação soando estridente dentro da minha cabeça enquanto a Rainha soluçava. Ela amava aquele cavalo. Claro que demos a ela minha égua, mas como ela era insuficiente em comparação com a criatura de sangue excelente que ela havia perdido. Parecia o cavalo de uma pobre mulher. Eles partiram com uma guarda dupla, deixando-nos sozinhos na Ponte. Sozinho, com a provocação ecoante de nosso fracasso.

Minha desgraça é dupla. Fracassei não só com meu rei, mas também com meu senhor e marido, a esperança mais cara do meu coração. Ele não estava ciente de minha traição - pelo menos, não da natureza dela. Ele veio até mim logo depois que eles saíram e agarrou minhas mãos. Quando ele olhou para o meu rosto, vi que o dele estava contraído e tremendo, como se os próprios músculos tremessem de medo.

- Anne, você precisa me contar a verdade. Eu não conseguia falar.
- Sei que nunca mencionamos isso, mas devemos agora. A hora chegou.'

Minha mente culpada voou direto para Merripen. 'Josiah. . . '

'Eu sei que você sempre viu coisas. Coisas percebidas, antes de chegarem. Essas tisanas que você me deu. . . Eu pensei que era um presente de Deus. Mas .

. . Diga-me
verdadeiramente.
'É o seguinte?'

Ele teve dificuldade em empurrar as palavras garganta acima. 'Você teve um filha. Disseram que era impossível dar à luz outro filho, mas você tinha uma filha. Levantei-me mais rápido no tribunal do que qualquer outro homem de minha posição. Eram ervas? Ou . . ? '

Sei que corei, consciente de minha transgressão, de aproximar um pouco minhas saias da chama do pecado. - Como você pode me perguntar uma coisa dessas?

'Eu sei que você não faria aquele ato horrível, aquele ato perverso nos estábulos,' ele correu apressadamente. 'Mas você acha que pode ter acidentalmente

. . . ' Ele olhou para meus diamantes. Eles piscaram quando eu engoli. 'Eu não sei. É possível que alguma força negra esteja de olho em você?

'Josiah!' Eu chorei.

- Responda-me Anne. Pois eu olhei para aquele animal e não posso acreditar que seja obra de mãos humanas. '

Então eu disse a ele. Eu disse a ele a verdade dolorosa e miserável: que foi a estupidez de sua esposa, não sua astúcia, que trouxe um demônio sobre ele.

Ele não falou mais comigo desde então.

Não consigo reunir forças para chorar. Eu não me ressinto de seu ódio. Nada pode queimar mais quente do que o desprezo que sinto por mim mesmo. Eu arranquei meus diamantes cintilantes, com vergonha de pensar quanto meu pobre Josiah gastou, quanto ele investiu em mim.

Ele está confinado ao país agora; ele não pode mostrar seu rosto no tribunal. Seus conhecidos não respondem mais às suas cartas. Ele não tem nada a fazer a não ser pisar como um urso enjaulado, atirar em nossas perdizes e brigar com os aldeões enquanto nos preparamos para a colheita. Eles não querem trabalhar nossa terra depois do que aconteceu. Eles temem que os ciganos nos tenham amaldiçoado.

Queira Deus que os servos não sigam o exemplo. Por enquanto, eles parecem se importar em ficar e se deleitar com a fofoca, mas quando tudo estiver dito e feito, apenas Lizzy pode ser confiável para permanecer conosco. Não que Lizzy esteja **muito** contente - cada olhar dela me reprova por manter Merripen em segredo dela. Querida Lizzy, ela nunca pode aceitar que eu sou uma senhora crescida. Ela não percebe quantos segredos meu coração traidor pode guardar.

A casa fica em silêncio como um túmulo. Sem convidados, sem decoradores, nem mesmo meus filhos para alegrar a escuridão. Anos atrás, colocamos os meninos em famílias nobres para que aprendessem a administrar vastas propriedades. Eles estão de volta com eles agora, mas não creio que os parentes de Josias estejam preparados para mantê-los por muito mais tempo. É um risco estar aliado a nós.

Mesmo Hetta não é o conforto que ela era antes. Enquanto eu me sentei no Salão Principal hoje, foi de partir o coração vê-la pulando aqueles recortes de madeira , como se as perspectivas de nossa casa e nossa família não tivessem se transformado em fumaça ao seu redor.

Passei quase nove anos da minha vida ansiando apenas pelo sorriso dela, mas hoje não aguentei.

Eu a observei, brincando como ela faz por horas com as placas pintadas, e desencadeei a torrente perversa de meus pensamentos. Achei que seria feliz hoje, não fosse por ela e sua amiga cigana. Eu deveria estar a serviço da própria rainha, mas Hetta era a razão - a única razão - para que ninguém mais na Ponte sorrisse hoje.

'Como você pode?' Eu explodi. 'Como você se atreve a sorrir e andar assim? Você sabe o que aconteceu.'

Ela inclinou a cabeça para um dos companheiros, como se ele tivesse falado. Então ela continuou jogando.

Minha raiva aumentou. Deus me perdoe, eu sei que foi errado, eu sei que ela é apenas uma criança. Mas eu não pude evitar. 'Me escute! Você não entende o que isso significa para nós? '

Ela deve fazer. Mas parece que ela não compreende totalmente. Talvez ela **não possa** .

'Merripen!' Eu chorei, empurrado até o fim da minha resistência. - Seu amigo Merripen fez isso conosco!

O sorriso sumiu de seu rosto, rápido como uma cortina caindo.

'Ele matou o cavalo da Rainha', eu disse, 'porque retiramos o povo dele do campo. Ele deixou seu pai muito infeliz.'

Ela olhou para o companheiro mais próximo e depois para mim.

'Você me fez empregar aquele pagão e agora ele nos arruinou, nos arruinou para sempre!'

Eu não pude ler sua expressão. Ela abriu a boca e, por um momento selvagem, achei que ela realmente ia falar. Então ela correu

de mim.

Eu ouvi seus pés batendo na escada tão rápido quanto a chuva, tão rápido quanto minhas lágrimas caíram. Eu deslizei na minha cadeira, me sentindo um patife.

Hetta foi a única que restou que não me odiava. E agora eu a afastei.

Em algum lugar distante, trovões ribombam. Não sei quanto tempo fiquei aqui lamentando meu destino, implorando por forças para continuar. Mas a tempestade deve ter se aproximado, pois a luz ficou nublada e o corredor caiu em uma escuridão amarelada e acinzentada . Gotas de chuva atingem a janela. Um companheiro, o varredor, me observa.

Seu olhar tornou-se vergonhoso, degradante; como se ela conhecesse todos os segredos da minha alma.

Ordenei que eles fossem devolvidos ao Sr. Samuels logo de manhã. Todos os objetos ~~finos~~, ~~retornados~~. Não suporto mais ter seu tesouro em minha casa. Eu odeio cada parte disso.

Uma coisa muito curiosa aconteceu hoje. Minha carroça voltou de Torbury St. Jude com meus servos, mas as mercadorias ainda estavam amarradas.

'O que é isso?' Eu lati. - Eu disse para você deixar isso com o Sr. Samuels. "Eu sei", disse nosso homem Mark, "e sinto muito, senhora, mas não foi lá.'

Eu olhei para Jane. 'O que ele quer dizer? O Sr. Samuels recusou-se a receber a entrega?

- Não - disse ela com voz trêmula. 'Não não Isso.' Linhas de confusão franziram sua testa. - A loja ... não estava lá.

Como poderia ser? Uma loja tão cheia e bem abastecida só em junho passado! 'O que? A loja está vazia? '

- Não, senhora. Sua voz estava alta agora, perto das lágrimas. '**Não estava lá** . A loja. Devemos ter subido e descido uma dúzia de vezes, mas eu juro. . . É como se nunca tivesse existido. '

Eu só pude ficar boquiaberta com ela. A garota de cabeça dura ! Nunca ouvi nada parecido. Ela mesma entrou na loja comigo. As lojas não desaparecem simplesmente!

Talvez ela esteja doente; certamente há algo errado com ela, pois ela está tremendo desde que eles voltaram.

Devo ir à cidade para resolver o negócio sozinho, e logo. Até então, estou preso com nossos companheiros infelizes. Cubro seus rostos com lençóis, mas sei que eles estão lá, observando. Como se soubessem o que aconteceu. Como se isso os divertisse.

A PONTE, 1866

"Meus diamantes. Onde estão meus diamantes? ' Elsie vasculhou sua caixa de joias, espalhando correntes e pérolas pela penteadeira.

"Elsie." Jolyon parecia cansado. Ele se encostou na coluna da cama. 'Deixe isso. Você precisa descansar.'

- Mas não consigo encontrar meus diamantes. "Eles vão aparecer."

'Rupert queria que eu os tivesse.' Ela cavou mais rápido. Ela tinha perdido Rupert. Ela havia perdido o bebê. Ela não perderia os diamantes também.

"Elsie."

- Não estou sendo histérico, Jo. Rupert também ouviu. Ele me escreveu uma carta, mas eu não posso ... - Ela remexeu nos pertences espalhados sobre a penteadeira. Ninguém o limpou durante sua doença. A superfície estava coberta por uma poeira grossa bege. - Não consigo encontrar agora.

'Você precisa se acalmar. Isso não é você falando. Você esteve muito doente. '

Doente . Uma palavra ridiculamente inadequada. 'Este não é um distúrbio nervoso. A madeira dentro de mim! E Sara viu os companheiros - sussurrou ela. - Ela também os viu.

- Isso não é típico de você, Elsie. Você não é uma garota neurótica. '

- Então por que você não me faz a cortesia de acreditar em mim? Sem aviso, ela começou a chorar.

Jolyon veio para o lado dela na penteadeira e colocou a mão em seu ombro, trazendo com ele seu cheiro familiar de folhas de louro e limão. Seus dedos tremeram em sua clavícula. Claro, ele não estava acostumado a vê-la chorar. Todos esses anos ela escondeu sua tristeza dele, manteve-se firme, forte. Mas agora uma câmara dentro dela havia sido destrancada e ela não poderia lacrá-la novamente.

'O que você está me pedindo para aceitar, querida. . . É impossível. Você vê isso, não é?

Tudo estava muito bem para ele. Seu terno passado, sua gravata e sapatos brilhantes proclamavam seu lugar em um mundo de ordem e bom senso, números e negócios. Ele não sabia o que era fermentar aqui com um medo malicioso e sem nome.

- Não estou culpando você - continuou Jolyon. - Não acho que você tenha inventado. Pobre coração, você foi cruelmente

enganado.

Ela olhou para ele. - O que você quer dizer com enganado?

'Considere isso. Uma pessoa poderia matar uma vaca e entregá-la à sua porta sem nenhuma testemunha? **Alguém** deve ter visto algo. Peters não percebeu que Beatrice estava faltando? E os jardineiros? E onde estavam as empregadas, todo esse tempo? Por que eles não atenderam a porta? '

'Você não pensa . . . '

Um pensamento estava se formando, reunindo memórias como um cataplasma atraindo sujeira. **As criadas** .

Ele tirou a mão do ombro dela e passou pelo cabelo. - Para ser honesto com você, acho que as criadas estavam brincando. Talvez eles não quisessem que fosse tão longe.

'Não . . . eles não.'

- Você se livrou de todos os empregados da fábrica depois que mamãe morreu - disse ele gentilmente. - Você não está acostumado a gerenciar essas pessoas. Seria muito simples para as criadas moverem as coisas, manter escondidas as tábuas falsas sobressalentes. Escreva na poeira. Considerar. Eles poderiam ter orquestrado cada movimento. '

Era horrível demais para acreditar. 'Mas . . . porque?'

Ele encolheu os ombros. - Eles se ressentem de você. Sua própria presença na casa. Antes seu trabalho era fácil e descuidado. Agora, com uma amante e a perspectiva de um bebê. . . Sem dúvida, a princípio acharam divertido, mas ultrapassaram o limite.

Duas mulheres **poderiam** representar tal rancor? Matar uma vaca e rasgar um vestido só para se vingar dela? Elsie lutou para imaginar. E ainda . . .

Mabel pegou a carruagem da igreja para casa naquele domingo antes do Natal, não foi? Ela teve muito tempo para configurar Hetta e colocar a marca da mão no vidro. Foi Mabel quem veio correndo para dizer que os olhos de Hetta haviam se movido, Mabel que gritou sobre a companheira em sua banheira. Ela mesma poderia ter colocado no banho.

- Não, isso não explica. Eu vi coisas, Jolyon. Eu vi um par de olhos se mexer e ouvi aquele no banho, escovando o cabelo! '

'Você fez?' ele perguntou suavemente. - Ou alguém plantou essa ideia em sua mente? Você esteve doente e sofrendo, muito aberto a sugestões. Talvez as empregadas apenas o tenham alertado. Eles sabiam que sua imaginação assustada forneceria o resto.

Ela experimentou uma sensação de aperto no peito ao se lembrar de Mabel, parada ao lado do guarda-roupa, parecendo culpada enquanto Elsie e Sarah choravam por causa do bebê.

Ela olhou para Jolyon, seu querido rosto, turvo através de seus olhos marejados. 'Mas . . . Eu criei Mabel. '

- E ela o traiu, meu pobre amor. Eu apostaria que ela pegou seus diamantes também. Ela tem a chave da caixa, não tem?

Seu menino inteligente. Nada passou por ele. Ele tinha ficado mais forte do que ela, mais perspicaz do que ela. E aqui estava ela, uma completa idiota, pensando que ela ajudara os necessitados. Ela só os ajudou a roubá-la.

Ela cobriu os olhos com as mãos. - Oh, Jo, fui uma idiota. Você vai me perdoar? '

Ele colocou os braços em volta dela e puxou-a para si. A cabeça dela descansou em seu peito. Quão alto ele era agora. 'Perdoar você? Ganso! Por que eu tenho que **te** perdoar ? '

Ela escondeu o rosto no colete dele e não respondeu.

Suas caixas estavam todas embaladas e amarradas, prontas para serem carregadas na carruagem. Os servos de rosto tenso estavam agrupados ao redor deles no Salão Principal. Elsie passou e agradeceu a Deus por estar indo embora: deixando aquele lugar horrível e todas as coisas horríveis que aconteceram aqui. Saindo dos companheiros.

Eles encararam a parede, como crianças encurraladas por não aprenderem as lições. Mabel os havia posicionado assim? Elsie não teve coragem de olhar para Mabel, pensar em Mabel. Ela se sentia mal só de compartilhar o mesmo espaço que ela.

Trêmula, ela foi até o espelho e arrumou seu chapéu e véu sobre o quepe de viúva. O rosto refletido abaixo da aba estava deformado, tenso de pavor. Ela se sentiu péssima. Seu corpo estava em estado de fl uxó. Seios delicados pressionavam com força contra o espartilho, confusos se deveriam amadurecer ou desmaiar. E o tempo todo seu bebê estava encasulado em uma igreja abandonada, levando um nome que não era o seu.

Foi culpa de Mabel. Culpa de Helen. A Sra. Holt deve compartilhar a culpa por não supervisioná-los. Ou talvez ela também estivesse rindo da manga de Elsie.

As farpas . Esse pensamento infernal girava e girava em sua cabeça como o pião de uma criança. Não combinou com o resto. Assustá-la e fazê-la pular - isso era uma coisa. Mas se intrometer com um bebê por nascer. . . Ela sabia que as criadas não fariam isso.

O que em nome de Deus havia acontecido com ela?

Os passos de Jolyon soaram nas bandeiras. Ela não se virou, mas o ouviu calçar as luvas. - Você encontrou os diamantes da minha irmã, sra. Holt?

- Não, senhor, receio que não. Tenho certeza que eles vão aparecer. 'Eles não vão.' Ele respirou fundo. -

Mabel os levou. Mabel engasgou. 'Eu nunca fiz!'
Elsie se virou, sua fúria saltando como uma chama. 'Oh, você fez. Eu já vi você com eles uma vez, lembra?'
"Eu estava esquentando eles."
"Sem permissão."
- Diga-me, Mabel - disse Jolyon. Ele estava calmo, no controle. - Quem mais tem acesso à caixa de joias da minha irmã? Além de você? '
Os olhos de Mabel desviaram-se para a porta. - Miss Sarah?
A boca de Sarah se abriu, mas Elsie não a deixou falar. - Eu confio em Miss Sarah.
- Tenho certeza de que é tudo um engano - acalmou a sra. Holt. 'Eu tenho certeza-'
Jolyon levantou a mão, impedindo-a. - **Tenho** certeza de que suas criadas andam pregando peças à patroa. Todo esse absurdo sobre

companheiros ! Mabel tem acesso à cozinha, não tem? Acesso às maiores facas? '

A Sra. Holt piscou. 'Senhor, você não está sugerindo a vaca-'
- Você ficou barty. Mabel ergueu o queixo, mas estava inchada. Elsie podia ver seus lábios tremendo e o alarme esticando seus olhos. - Se você acha que roubei os diamantes e matei a vaca, você perdeu o juízo. Senhor.'

Jolyon deu a ela um olhar longo e duro. 'Eu tenho? Veremos.' Ele colocou o chapéu na cabeça. Isso o fez parecer mais alto, mais imponente. - A Sra. Bainbridge e eu voltaremos na Páscoa. Se os diamantes não tiverem sido localizados até lá, relatarei minhas suspeitas à polícia.

'Mas eu não sei onde eles estão!'
'Por favor senhor.' A Sra. Holt torceu as mãos. 'Mabel trabalha aqui há mais de dois anos. Eu não posso acreditar que ela é uma ladra. '
Jolyon suavizou seu tom. - Cara sra. Holt, você confia demais. Você não viu o que estava acontecendo debaixo do seu nariz. Acho que você e eu precisamos sentar e discutir a contratação de mais alguns. . . servos adequados. '

'Mas-'
'Não se assuste. Seu emprego é seguro. '
'Caro eu. Querido, querido eu. ' A garganta da Sra. Holt tremia convulsivamente. Velha atrapalhada e tola, pensou Elsie. Se ela tivesse supervisionado suas criadas da maneira adequada, se ela tivesse **considerado** que tipo de garota estava contratando em primeiro lugar, todo esse desagrado poderia ter sido evitado. O bebê de Elsie ainda pode estar vivo.

Jolyon pegou uma mala, seu nível de expressão, imperturbável. - Conforte-se, sra. Holt. Voltaremos a conversar quando eu voltar de Londres. Nesse ínterim, a senhorita Bainbridge estará encarregada de você. Ele passou sua mala para Peters e saiu com o homem para supervisionar o carregamento da carruagem.

Sarah avançou. Ela mal conseguia olhar para Elsie. - Sra. Bainbridge. . . Isso tudo é uma bagunça. EU-

'Silêncio. Você não deveria saber. Ambos nos deixamos levar pelo medo e pela tristeza. Nenhum de nós suspeitou das criadas.

Ela mordeu o lábio. 'Você . . . Você realmente acredita que eles fizeram tudo? Até o último pedaço?

Elsie engoliu em seco. - Jolyon acredita e eu confio nele.

'Mas no diário-'

'O suficiente. Não suporto mais falar sobre isso. Volte ao seu diário e ao estudo da casa da família. Você mal notará que eu parti.

Sarah tremeu por um momento. Então ela se inclinou para frente e a beijou na bochecha. 'Deus acelere sua jornada. Lamento muito, Sra. Bainbridge.

'Bem. Suponho que você possa me chamar de Elsie agora.

Só quando Elsie se acomodou em sua cadeira, acenando adeus a Sarah, é que ela viu: outro rosto, decidido a partir. No segundo andar, olhando pela janela que pertencia ao seu próprio quarto, estava uma companheira.

Este ela conhecia. Anne Bainbridge. Inconfundível: as mesmas fitas de coral do retrato em seu cabelo; as mesmas bochechas rechonchudas. Seu vestido amarelo esvoaçava e ondulava onde seus braços estavam, cruzados sobre o peito. E ali, pintado em sua garganta, estava um colar. Um arco brilhante apoiando três diamantes em forma de gota .

Os diamantes de Elsie.

O aniversário de Hetta. De acordo com meu costume, fui à Igreja de Almas para agradecer pela filha que eles disseram que nunca viria.

Eu digo que estou agradecendo. Mas no fundo, eu me pergunto. Estou louvando a Deus ou cumprindo uma penitência? Cada vez que entro na igreja, sinto uma culpa incômoda em mim. Quando eu oro, há duas vozes dentro da minha cabeça, tagarelando uma sobre a outra. Um chora **obrigado** ; o outro **me perdoe** .

Hoje eu senti, mais poderoso do que nunca, o peso da desaprovação de Deus me pressionando enquanto eu entrava na igreja deserta e me sentava. Uma força amorosa mas triste, insuportavelmente pesada.

Os santos olharam para mim dos velhos vitrais remanescentes do reinado da Rainha Mary. Eles pareciam balançar a cabeça. Eu apertei minhas mãos com mais força. E quando fechei os olhos, as palavras me vieram em uma torrente: **Como você ousa?**

Minhas pálpebras se abriram. De repente, me senti muito pequeno. Mas mesmo quando caí de joelhos, a voz veio novamente. **Como você ousa?** Meu olhar voou para a frente da igreja, para a cruz, elevando-se diante do altar.

Quem é você para criar uma vida onde eu a recusei?

Soube então que era uma resposta às minhas orações, às noites que passei de joelhos perguntando por que nossa família sofreu tal humilhação: a culpa foi minha.

E eu vejo isso agora. Deus tem um plano para cada um de nós que Ele cria. Seu plano para Josias era brilhante, colocado no centro da corte. Mas esse plano não levou em conta um fator: Hetta.

Hetta fez amizade com a cigana e eu, novamente fraco, cedi às suas exigências. Meu pecado é tão grande que mudou o caminho da minha vida.

Essa ideia me assombrou todo o caminho para casa. Enquanto eu caminhava entre as folhas rodopiantes, enquanto provava o almíscar do final de outubro no ar, eu ficava me perguntando por que tinha feito isso. Tive três meninos. Três! Minha mãe teria dado o braço direito por apenas um. Mas eu queria uma garota. Outra Maria para se sentar comigo e caminhar comigo, um espelho da minha própria infância surgindo aos meus pés. E por mais errado que seja, ainda a quero.

Quando voltei para The Bridge, fui direto para o berçário. Lizzy estava sentada em sua cadeira de balanço sob as trepadeiras, cerzindo uma das meias rasgadas de Hetta.

Meu filho usava o vestido de seda verde-oliva que encomendei para a visita real. Ela fica bem, trazendo o tom acobreado ao cabelo. Ela me deixou beijá-la, mas não consegui mantê-la por mais de um momento. Assim que meus lábios encontraram sua bochecha, ela partiu novamente, correndo entre seus companheiros.

Isso me machucou. Coloquei minha alma em perigo, paguei o preço do meu futuro - e recebo um pequeno beijo.

Sentei pesadamente ao lado de Lizzy. 'Espero que não seja estranho para Hetta passar tanto tempo com essas pranchas. Ela nunca foi uma criatura comum e agora. . . '

'Não não.' Lizzy cortou um fio. - Não se preocupe com isso. É natural que ela se dedique às coisas, não ter amigos da sua idade. Ela não precisa falar com os conselhos.

Hetta não é como eu. Isso não é culpa dela, é claro, mas cada diferença que encontro é uma pequena lasca no sonho que tive com minha filha. A confidente próxima, que deveria ser o repositório de todos os meus segredos, não pode confiar em nada dela. Ela não está à vontade comigo. Não sou para ela o que sou para os meninos.

Talvez seja parte da minha punição. Um cheque à minha arrogância. Com ervas e palavras antigas posso criar uma filha, mas não posso fazer com que ela me ame.

- Lembre-se - continuou Lizzy, virando a meia -, quando você tinha a idade de Hetta, podia andar por aí com a pobre Mary. Deus tenha a alma dela. '

- E depois disso, sempre tive com você para conversar, minha querida Lizzy.

Ela sorriu para mim, suas gengivas velhas pontilhadas de preto. - Embora houvesse alguns que achavam isso inadequado, não havia, por causa da minha posição? Como vê, não há nada de estranho em Hetta brincar de esconde-esconde com gente de madeira. Ela começou um novo ponto. 'O que eu **faço** fi nd estranho é o Sr. Samuels, desaparecendo tão repentinamente assim. Você não encontrou nenhum vestígio dele na cidade?

Eu balancei minha cabeça. Mark e Jane estavam certos: a loja simplesmente não existe. Não consigo ver como isso aconteceu, mas aconteceu. Até mesmo aquele homem e suas instalações fugiram de nós. Estou preso com meu tesouro amaldiçoado.

Lizzy suspirou. 'Um mistério. Achei que talvez houvesse notícias de Samuels, quando o mestre partiu tão rápido.

Eu me virei para encará-la. - Josiah foi embora? 'Sim. Você não sabia? '

"Eu estava na igreja."

'Oh.' Sem olhar para mim, ela enfiou a linha na agulha. - Ele saiu há cerca de uma hora.

Um presságio me atingiu, tão forte e cortante quanto o vento soprando sobre as colinas. 'Rápido?'

'Sim.' Ela franziu os lábios. - ~~Tão~~ rápido como se os cães do inferno estivessem em sua cola.

Eu esperei no Salão Principal. O dia se perdeu rapidamente. Nuvens índigo se ruborizaram enquanto o sol se afastava. Os melros cantaram até a luz se extinguir, então as corujas começaram a chorar.

Por fim, o cascalho rangeu. Ouvi vozes no pátio do estábulo e passos pesados. Momentos depois, Josiah entrou pela porta, salpicado de lama.

Eu voei para ele. 'Josiah, o que é? O que aconteceu?'

Seu olhar estava reservado. Ele tirou minhas mãos de sua capa e as manteve à distância. "O menino foi encontrado."

- Merripen?

'Sim. Foi nosso próprio homem, nosso próprio Mark, que o encontrou. 'Graças a Deus.'

"Finalmente, tenho algumas notícias para enviar ao rei."

Que alívio abençoado imaginar aquele espírito maligno capturado e algemado! Nunca imaginei que o diabo comeria com uma criança tão pequena. Lembrei-me dos olhos de Merripen, escuros e fulgurantes como um braseiro de piche em chamas, e fiquei gelado.

Tolamente, pensei que isso seria o fim; que Josiah e eu poderíamos continuar como antes. Mas ele soltou minhas mãos e tirou a capa, afastando-se de mim ao dizer: 'O menino será confinado em Torbury St. Jude esta noite e tentado amanhã. Eu irei comparecer. '

'Amanhã é o Dia de Todos os Santos.'

"Depois de amanhã", disse ele, irritado.

Eu sabia que deveria deixar isso aí; parabeneze-o e fuja de sua vista. Mas uma inquietação crua em minha alma me obrigou a deixar escapar: 'O que vai acontecer com ele?'

Ele me olhou fixamente. Sua barba pontuda fazia sua boca parecer zombeteira, de alguma forma cruel. "Isso vai depender do veredicto."

Culpado . Deve ser culpado. Josias não os deixará encontrar mais nada. Sua reputação está em jogo. Se ele não puder pegar e punir o vilão que ofendeu a Rainha em sua própria casa, sua vergonha não terá fim.

Minha garganta ficou apertada, apertada o suficiente para me sufocar. Lembrei-me do homem que teve as orelhas cortadas. - A

morte de um traidor, então? Eles vão realmente conceder isso a um menino? '

Sua risada me fez pular. Não havia alegria nisso. 'Um menino! Um menino humano pode fazer **isso** com um animal? Oh não, minha senhora. Guarde minhas palavras, ele está possuído por um demônio.

- Na verdade, ele deve estar. Naquela idade! ' Ele é apenas um pouco mais velho que minha Hetta. Eu o imaginei, tão baixo sob o cadafalso. Quão grossa a corda se acumularia em volta de seu pequeno pescoço, quão liso e plano seu pequeno estômago ficaria sob a lâmina. Uma criança pendurada, desenhada e esquartejada. - Você espera que o rei mostre misericórdia?

'Misericórdia?' Ele cuspiu a palavra como uma coisa vomitada. 'Será que **você** estender misericórdia ao fim fi?

Eu gaguejei. 'Não . . . Eu não sei. Ações tão perversas não podem ficar sem controle, e ainda assim. . . Algo dentro de você não hesita nisso? Você não acha que a execução de uma criança pesará sobre sua alma? '

"De jeito nenhum." Seus olhos brilharam. Não gostei do fio de aço em sua voz. ' **Eu** não sou responsável por isso. A única pessoa responsável é **você** . '

Isso me atingiu como um golpe no rosto.

' **Você** deixá-lo para os estábulos, **você** colocar o cavalo em seu caminho. Isso não teria acontecido se não fosse por você. ' Seu brilho me prendeu no lugar. - Se alguém tem o sangue daquele menino nas mãos, é você, Anne, e só você.

LONDRES, 1866

A mudança na textura do ar foi notável. Enquanto a carruagem rodava por ruas familiares, a poluição desceu em uma névoa cor de tabaco. Sujeira preta salpicou as janelas. Elsie sentiu o cheiro penetrante de enxofre em sua língua muito antes de invadir suas narinas.

Logo a fábrica se materializou: uma chaminé alta fluindo com fumaça e atrás dela fileiras de frontões inclinados, como as barbatanas dorsais de tubarões. Corrimãos de ferro cercavam o pátio. Através dos trilhos, Elsie avistou uma carroça entregando lenha para as talas. Um menino, um de seus vendedores, saiu do prédio e passou pelos cavalos com uma bandeja balançando na cintura. A mercadoria parecia muito maior do que o próprio menino.

Um homem abriu os portões e eles entraram no complexo da fábrica. Elsie ouviu metal retinir atrás dela, trancando-a. Depois da Ponte, isso parecia outro mundo. Estrangeiro. Ela olhou com olhos de um estranho para o lugar que um dia fora sua casa. Pelas janelas embaçadas da fábrica, ela podia ver a máquina de corte brilhando como uma faca de feno enquanto se movia para frente e para trás; faíscas dos fósforos petulantes que não cooperariam. As lascas de luz machucaram seus olhos. Ela teve que desviar o olhar.

- Certo - disse Jolyon quando eles pararam no quintal. - Deixe-nos levá-lo para os aposentos e descansar. Você deve estar exausto depois dessa viagem. '

- Mas e as garotas de Fayford? Quando a carroça chegar, eles precisarão ser acomodados e ensinados a fazer o que devem fazer. '

- Miss Baxter cuidará de tudo isso. Quem você acha que anda atrás dos aprendizes desde que você se casou?

Isso a irritou, ser suplantada. Isso era dela. Ela poderia se casar e se mudar, mas nunca desistiria da fábrica - ela sempre seria a senhora aqui. Deus sabia que ela havia conquistado esse título. - Bem, a srta. Baxter pode cuidar deles hoje, pois estou realmente cansado. Mas assim que eu tiver descansado, vou começar a ajudar novamente. '

Jolyon mordeu o lábio.

"Isso vai me beneficiar", explicou ela. "Preciso estar onde haja barulho, agitação e vida. Na ponte, sinto-me como um pedaço de taxidermia debaixo de uma redoma de vidro.

'Veremos. Mas primeiro uma xícara de chá e deitar. Ela não podia argumentar contra isso.

Firmemente presa no braço de Jolyon, ela desceu da carruagem e virou à esquerda, passando pelas salas de mergulho e galpões de secagem, em direção a uma pequena casa de tijolos cinza comandando o lado oeste do pátio. Mulheres empoeiradas e desgrenhadas com franjas faltando nas franjas dos xales acenaram com a cabeça em reconhecimento quando ela passou. Um fino vapor branco, com alho e pestilento, subiu de seus ombros.

- As janelas precisam de uma esfrega - disse ela a Jolyon, enquanto observava a casa. - Veja o que acontece quando eu o deixo sozinho. Tenho medo de pensar em que tipo de covil de solteiro estou entrando.

Ele sorriu. - Você vai descobrir do mesmo jeito. O mesmo de sempre. A porta da frente rangeu quando a governanta de Jolyon abriu para eles. A Sra. Figgis tinha uma figura rechonchuda e um rosto de pudim - nenhum traço de maçãs do rosto sob os grandes poros de sua pele. Seu seio pesado foi antes dela. Elsie se perguntou como seu avental se esticava sobre ele. Ela

tentou não olhar quando ela entrou em sua antiga casa.

A Sra. Figgis era uma nova personalidade, contratada depois do casamento de Elsie para fazer aquelas tarefas femininas das quais ela sempre cuidou. Elsie ficou satisfeita ao ver como a mulher agiu gentil e maternal, conduzindo-os para a sala, onde o fogo já estava fervendo, sob as brasas antes que ela saísse correndo para buscar a bandeja de chá.

Foi uma estranha reversão da chegada de Elsie à Ponte. Ela encontrou a lareira limpa. Os peitoris das janelas também. Isso não era pouca coisa para um servo que trabalhava na nuvem amarela de uma fábrica. Pó fino - não exatamente poeira nem areia - entrou em tudo, mesmo sob suas unhas e dentro de seu nariz.

"Estou corrigido", disse ela enquanto tirava o chapéu e se sentava diante do fogo. - Você está sendo extremamente bem cuidado.

'De fato, eu sou. A Sra. Figgis é um tesouro. Não, é claro - acrescentou ele rapidamente, colocando o chapéu em uma mesa e pegando o de Elsie dela - que ela compensa por ter você por perto.

'Adulador. Eu não acredito em uma palavra. '

Inclinando-se para trás, ela olhou ao redor na sala. Jolyon estava certo - era tudo a mesma coisa. Papel de parede desbotado com um padrão repetido de buquês de rosas, alguns enfeites bem escolhidos nas prateleiras e antimacassares de crochê pendurados nas costas das cadeiras. O cheiro químico usual da fábrica, intensificado por sua ausência. O quarto era o mesmo. Apenas Elsie havia mudado.

Ela não pôde deixar de notar como tudo era pequeno, depois da Ponte: as cadeiras muito juntas, o fogo fraco e insu ficiente. Como se ela tivesse ficado muito grande para ser contida em tal lugar.

A Sra. Figgis trouxe o chá com um pouco de pão e manteiga, antes de deixá-los a sós com muito tato. Elsie levou a xícara aos lábios. Havia um chip faltando na borda.

- Quero que você tome uma gota de láudano e durma o resto do dia. - Jolyon disse a ela. Ele pegou uma fatia de pão. "Amanhã farei perguntas sobre o seu tratamento."

Ela quase deixou cair sua xícara. - Eu fui a um médico na Ponte. Ele disse que eu estava bem o suficiente para viajar.

- Mas essa não é uma recuperação total, é?

- Admito que ainda estou fraco, Jo, mas não preciso de mais do que descanso e uma taça de vinho por dia.

- Você teve um choque nervoso. Não adianta deixar esses episódios passarem despercebidos. Os médicos têm hoje em dia todo tipo de terapia que pode acalmá-lo - inalações de vapor, banhos de assento frios .

Ela tomou um gole de chá, mas estava azedo em sua boca e doeu quando o engoliu. "Achei que tivéssemos concordado. Eu não estava . . . Foi tudo um

piada horrível. '

'Sim.' Jolyon mastigou o pão com manteiga, evitando propositalmente os olhos dela. 'Eu não estou sugerindo o contrário. Mas ainda assim é um duro golpe para os nervos. E junto com todo o resto - Rupert passando, tão de repente, assim. '

'Jolyon-'

'E agora veja o que aconteceu! A perda de seu filho. Não seria natural se **não o** sacudisse. Não há vergonha, você sabe, em receber ajuda. Só uma coisinha para acalmar seus nervos, reanimar seu espírito.

'Eu sei disso.' Ela pousou a xícara no pires. "Mas é totalmente desnecessário. Por favor, não desperdice seu dinheiro. Lidei com coisas assim toda a minha vida. ' Ele abriu a boca para falar, mas ela foi a primeira a falar. 'Isso é o que acontece comigo, Jo. Eu confio nas pessoas e elas abusam dessa confiança. É hora de me recompor e aprender com isso. ' Ela percebeu que estava tremendo. Apressadamente, ela cruzou as mãos no colo.

'Pelo menos', disse ele gentilmente, sentando-se para frente em sua cadeira, 'aceite alguma ajuda para' se recompor '. É meu dever, Elsie, como seu irmão, cuidar de você. Você é tão corajoso que freqüentemente esqueço que você é um membro do sexo frágil. Você não foi construído para suportar essas coisas. '

Ela concordou com sua réplica, porque sabia que isso o machucaria. Aos vinte e três anos, ele queria se sentir adulto, o homem no comando.

- Você já cumpriu esse dever.

'Não, eu não tenho.' Sua sobrancelha se contraiu - ele estava falando sério agora. - Estou preocupado com você, Elsie. Precisamos ter cuidado. Depois de . . . ' Ele lutou por um momento, sua garganta trabalhando. - Depois do que aconteceu com mamãe.

Seus olhos se fixaram nos dele: as íris cor de avelã, movendo-se minuciosamente de um lado para o outro, e as pupilas encolhendo. Mas ela não conseguiu perfurar fundo o suficiente. Ele não revelou nada.

Ela percebeu que havia esquecido de respirar. 'Ma?' ela sussurrou. 'Por causa de como ela foi no final.'

- Você era muito jovem para se lembrar disso. - Garanto-lhe que me lembro bem disso.

Como ela poderia esconder isso - esse tremor inexplicável em seus dedos, a contração profunda em seus ossos? 'Eu não sabia. Sinto muito por isso, Jo. Foi uma época terrível. Eu teria poupado a você a memória. '

Houve uma longa pausa.

'Eu me lembro,' Jolyon disse, cuidadosamente, 'o quão ruim ela ficou. Vendo goblins e demônios. E então, no final, coisas terríveis. Ela costumava me sussurrar até a cama dela e acusar você de todos os tipos.

'Eu?'

'Oh, ela estava muito brava. Eu entendi *isso* , jovem como eu era. Mas ela era nossa mãe, Elsie, e essas coisas podem ser hereditárias.

Seu rosto estremeceu de volta à vida. - Ela estava com tifo! Uma febre assim mandaria qualquer um para a Queer Street.

"A confusão dela piorou com o tifo, mas não começou com ele. Você mesmo me disse. Você disse que ela era assim desde que o pai morreu.

'Sim. Eu disse isso. Claro, a dor a mudou. Mas ela não estava exatamente louca. Pelo menos acho que não. '

As pessoas sabiam quando estavam ficando loucas? ela imaginou. Eles sentiram a trama de sua mente se partindo? Ou foi como passar para um mundo de sonho suave ? Ela nunca saberia, pois ela e mamãe nunca haviam discutido o assunto. E se ela fosse honesta, naquela época, ela não se importava se Ma sofresse - na verdade, ela até desejava.

'Vale a pena correr o risco? Não é melhor consultar um médico? '

Uma estranha letargia tomou conta dela. O que Jolyon sabia sobre riscos?

'Você não pode fazer a comparação, minha querida Jo, mas se conhecesse melhor nossos pais, perceberia que não compartilho

nenhuma característica com eles.' A velha dor se alojou em sua garganta. - Nada, você entende?

- Você precisa, Elsie. Você não pode evitar. Eles estão sempre conosco, em nosso sangue, em nosso próprio ser. Quer queiramos ou não. '

Ela estremeceu. 'Sim. Sim, suponho que sim.

Seu coração estava batendo muito rápido. Isso fez seus olhos ficarem nublados, seus lábios secos. Um canto fraco começou. Ela não sabia dizer se eram seus ouvidos ou as mulheres que trabalhavam fora.

A luz do dia penetrava em meio à poluição, espiando as cortinas e sujando a bandeja de chá de amarelo. No momento em que tocou seu joelho, ela se levantou abruptamente. A xícara e o pires chocalharam.

Jolyon olhou para ela.

"Sinto muito", disse ela. Ela pressionou a mão na testa. Estava escorregadio de suor. - Perdoe-me, Jo. Eu vim terrivelmente mal. Acho melhor ir me deitar.

Janeiro passou para um fevereiro úmido e cru, com o vento soprando sobre os prédios da fábrica, soprando a fumaça da chaminé em um fluxo diagonal. Elsie mal percebeu os dias que passavam. Fosse com os soníferos prescritos pelo médico de Jolyon ou com a tintura de lavanda vermelha que ela tomava no vinho todas as noites, ela sentia uma sensação de bem-estar amortecido, separada das preocupações do dia-a-dia.

Ela percorreu a fábrica, mas não tinha responsabilidades reais. Ela poderia passar pela sala de mergulho e observar os meninos remando uma mistura fosforescente no fogão. Rajadas de vento geladas levaram a fumaça pelos portões e saíram para a névoa mais densa de Londres. De vez em quando, suas narinas encontravam resquícios do odor sulfuroso, mas isso não a incomodava como costumava fazer. O cheiro foi uma picada de agulha, um pequeno choque, ao invés de uma lâmina de faca.

Quando ele cresceu muito frio para espiar através vapor-up janelas, ela iria entrar na fábrica propriamente dita, onde foram feitas as talas. Aqui ela se movia e respirava livremente, um peixe colocado de volta na água. O vapor, o zumbido das máquinas, as lascas de madeira e a tagarelice da fábrica eram tão familiares para ela quanto a voz de Jolyon. Ela olhou para seus funcionários, correndo de um lado para o outro, e para o brilho fervente da serra, e sentiu que havia sido ressuscitada. Trazido de volta à vida.

Em março, ela foi restaurada e começou a ser mentora das três meninas que resgatou de Fayford.

- Aqui - disse Elsie à menor, uma garotinha com sardas que lutava para amarrar o embrulho. "Pegue esta medida e coloque sob a bica. Cada um é projetado para conter 1.800 talas. Essa será a quantia certa para o seu pacote. '

A amiga da garota parecia alarmada com a perspectiva de ter que contar até um número tão grande, mas Elsie a ajudou enquanto a garota sardenta disparava, ensinando-lhe o melhor nó para prender o embrulho.

"Eu costumava fazer isso", sorriu ela, "quando tinha a sua idade." Claro que ela não era tão hábil, atualmente, com suas mãos cheias de cicatrizes.

A garota não respondeu, embora fosse evidente em seu rosto que ela não acreditava em uma palavra daquilo. Talvez **fosse** estranho a filha do dono trabalhar entre os empregados, mas o pai disse que você não conhecia uma fábrica antes de trabalhar nela. Pelo que Elsie conseguia se lembrar, essa foi a única coisa verdadeiramente útil que o pai disse.

Quando Elsie se afastou das meninas, ela notou que seus sapatos deixavam marcas no chão, como uma pessoa caminhando na areia. A maquinaria zumbia e as talas espirraram na calha, lançando uma nuvem de poeira. A garota sardenta de Fayford tossiu. Gradualmente, a poeira baixou. E assim, os passos de Elsie se foram.

É curioso pensar em todos os degraus escondidos, em todos os momentos que o chão da fábrica conheceu, enterrados e depois varridos com uma vassoura.

Ela subiu as escadas que levavam ao escritório e parou no meio do caminho, encostada no corrimão de ferro, de onde podia ver toda a fábrica. Mulheres enchendo quadros e supervisionando as máquinas, toda sua vitalidade queimando com o vapor. Faíscas de fósforos desonestos que estouraram e morreram. A rapidez com que aconteceu, o ajuste e a transformação de um estado para o outro. Num momento, o fósforo era um palito com uma orgulhosa cabeça branca; no seguinte, uma coisa carbonizada e perdida com uma aparência desamparada. Enrugado.

Carrinhos de mão transportavam os pacotes de e para a sala de mergulho. Além disso, ficavam os galpões de secagem, não muito visíveis pelas janelas.

Lá. Aquele remendo ali, perto da serra circular, apenas escondido da vista. Se você esfregar até a superfície, verá que está preto e chamuscado. Foi aí que o incêndio começou. Onde o pai correu para apagá-lo, frenético. E depois . . . onde o sangue fluiu. Quantidades copiosas de sangue. Florescendo vermelho na serragem. Vermelho escorrendo entre as pernas da mesa. Um estranho vermelho profundo, como clarete. Grosso.

O vinagre e os esfregões haviam absorvido o pior, mas Elsie imaginou um resto sob a serragem. Marrom, não vermelho agora. Marrom como melaço.

Jolyon tinha apenas seis semanas quando isso aconteceu. O pai ainda não tinha mudado seu testamento para incluir um filho. Se Elsie tivesse sido determinada, ela poderia ter encontrado uma maneira de reter toda a propriedade desta fábrica até que seu casamento acontecesse. Mas não era natural guardar nada

de Jolyon. Ela precisava dele para ajudá-la a carregar o fardo de tal herança: um legado nascido de sangue.

Lentamente, ela esvaziou e sentou-se nos degraus, com a bochecha pressionada contra o corrimão frio. Sim, houve momentos terríveis na história deste lugar, mas de alguma forma o movimento da fábrica os corroeu, desgastando-os como o mar alisando uma pedra. Em seu lugar veio outra memória, muito mais doce.

Ela estava descendo esses mesmos degraus - não vestida de preto, então, mas vívida em magenta da moda - quando Jolyon conduziu três cavalheiros pelas portas principais. Um usava chapéu-coco, os outros dois chapéus de coco. Eles tinham mais ou menos a mesma idade - na meia-idade, ou um pouco mais velhos - mas foi Rupert quem chamou a atenção com seu rosto brilhante e ativo. Ele parecia mais um jovem, danificado por uma década difícil. Seus companheiros eram o que mamãe chamaria de **mal conservados**, com a pele enrugada, em conserva.

'Ah,' Jolyon disse quando a viu. Ele estava nervoso, mas tentando não demonstrar. Uma mancha escura apareceu sob sua axila enquanto ele gesticulava. 'Aqui está minha irmã que veio nos ajudar com a excursão. Sr. Bainbridge, Sr. Davies, Sr. Greenleaf, posso apresentar a Srta. Livingstone? Eles se curvaram. Apenas o Sr. Bainbridge sorriu. Bem, ela presumiu que fosse o caso - o Sr. Davies e o Sr. Greenleaf exibiam tais monstruosidades

de pêlos faciais que ela não tinha certeza se eles possuíam bocas.

O Sr. Bainbridge foi seu favorito instantâneo. Ele tinha um limpo, sal-e-

bigode pimenta, e era mais elegante do que os outros - até as calças eram xadrez, azul e verde. Ele tinha o hábito de brincar com a corrente do relógio enquanto caminhava.

Ela pegou o braço de Jolyon e mostrou ao trio a fábrica, dando instruções quando necessário e explicando o trabalho das mulheres. Jolyon falou sobre máquinas e taxas de produção. Entre eles, eles tiveram que ensaiar completamente como qualquer peça. Os atos correram de acordo com o roteiro; seus investidores potenciais acenavam com a cabeça nos momentos certos, faziam as perguntas que deveriam. Foi só quando eles foram ao escritório e

Elsie sentou-se diante de Jolyon na cabeceira da longa mesa de mogno que o primeiro problema surgiu.

- Perdoem-me, senhores, pensei que propuséssemos falar de negócios. O Sr. Greenleaf colocou seu chapéu-coco sobre a mesa, olhando de Elsie para um

garrafa cheia de conhaque e de volta.

- E é o que fazemos - disse Jolyon. "Por favor, prossiga." - Dificilmente galante, com damas presentes.

Elsie esboçou um sorriso. - Garanto, senhor Greenleaf, a fábrica é um assunto do qual nunca me canso. Você não precisa ter medo de me entediar. '

Ele inclinou a cabeça. Claro, a aborrecida Elsie não era o que ele temia - ela sabia, ele sabia.

- Querida senhora, deixe-me ser claro. A linguagem nessas reuniões pode ficar um tanto grosseira. Seria muito melhor se seu irmão simplesmente recontasse as partes adequadas para seus ouvidos mais tarde.

A risada de Rupert foi uma única respiração. - Palavra, Greenleaf, não sei que tipo de reunião você pretende ter. Aqui estava eu, preparado para ser educado e civilizado. '

Jolyon corou. Suas mãos começaram a pairar sobre os bolsos. - Você deve entender que esta fábrica é herança da Srta. Livingstone, assim como minha. Ela tem o direito, eu sinto, de estar presente em qualquer ...

- Pshaw, ninguém está contestando o direito dela, cara. Mas existe uma **necessidade** ? Poupe a pobre senhora dos horrores formais.

Ela podia sentir o coração batendo forte no pescoço, furiosa com aquele velho gordo, cheio de preconceito e dinheiro. **Horror** . O que ele sabia sobre terror? Apenas o pensamento de Jolyon segurou sua língua.

- Linguagem imprópria e horror formal - comentou Rupert, balançando o relógio. - Começo a duvidar se eu mesmo desejo ficar aqui.

- Bainbridge, você sabe muito bem o que quero dizer. Figuras de linguagem e formalidades de negócios que consideramos óbvias podem ser chocantes, para não mencionar cansativas, para uma senhora.

O pior de tudo é que Greenleaf nunca admitiria a verdade. Ele não iria insultar seu intelecto. Ele não iria discutir o lugar dela. Em vez disso, ele assumiu esta charada degradante, imitando o cavalheirismo, fingindo objetar pelo bem dela .

Greenleaf continuou. - Realmente não vejo razão, Livingstone, para que sua pobre irmã seja forçada a sofrer isso. Absolutamente nenhuma razão. '

- A menos que seja para você - Davies colocou maliciosamente. Jovem que você é, talvez precise da presença de um irmão mais velho? '

Jolyon ficou escarlate. Esse foi o gatilho. Ela se levantou e pegou a garrafa de conhaque.

- Bem, senhores, vocês deram sua opinião e tenho certeza de que gostaram. Quanto ao Sr. Livingstone e eu, temos negócios a tratar. Quem investir nesta fábrica terá de lidar com um patrão e uma patroa, e isso não está em debate. Ela serviu-se de um dedo de conhaque e jogou-o de volta. - Se você é muito melindroso para falar de negócios com uma senhora, é melhor sair agora.

O discurso parecia ter se falado. Elsie sentiu uma chama no fundo da garganta e olhou para o copo de conhaque, incapaz de entender como ele havia entrado em sua mão.

O Sr. Greenleaf e o Sr. Davies partiram. Rupert ficou.

E depois de toda aquela comoção, foi Jolyon quem falou durante a maior parte da reunião, detalhando seus planos de mudar de partidas de Lúcifer para partidas com cabeças de segurança, e suas propostas de melhorias para o bem-estar da equipe. Foi Jolyon quem explicou os ventiladores, Jolyon quem defendeu uma casa de secagem separada. Mas foi de Elsie que Rupert se lembrou.

- Uma mulher notável - disse ele a Jolyon, quando pensou que ela estava fora do alcance da voz. - Sua irmã tem grande perspicácia para este negócio, Livingstone, ouço isso em cada palavra que ela diz. Você está certo em envolvê-la.

"Elsie."

Mas não foi isso que Jolyon disse em resposta. Não era uma voz do passado, mas do aqui e agora.

"Elsie."

Ela piscou, fazendo um esforço para se voltar ao presente. A imagem de Rupert e Jolyon apertando as mãos se desfez. Em seu vazio surgiu outro Jolyon. Ele não tinha nenhuma semelhança com o jovem que ela acabara de ver; seu rosto estava distorcido, chocado; sua voz oca e irreal.

'Elsie, o que você está fazendo aqui? Tenho procurado por todo lado. '

Ela se levantou, descendo os últimos degraus para segurar suas mãos. Eles eram lisos e quentes. 'Qual é o problema? Você está horrível, Jo.

- É um negócio horrível. Arrume suas coisas. Você precisa voltar para a ponte. Hoje.'

O conteúdo de seu estômago mudou. 'Por quê? O que diabos aconteceu? '

"É a Mabel." Ele agarrou suas luvas com força. "Mabel está morta."

Ele vai morrer amanhã.

É minha culpa. Tudo isso. Todas as manhãs acordo com a sensação de culpa até a última gota do estômago. Mas não sofri o suficiente, nunca sofrerei o suficiente para agradar a Josias. Ele deve empurrar meu rosto para ele, como um cachorro que bagunça na casa de seu dono. Portanto, estamos realizando uma celebração.

Desde que Mark alcançou o fugitivo, meu marido decretou que os servos fossem recompensados com um banquete. O dia todo os espetos giraram, inundando o chão com fumaça. Meus olhos ardem com isso.

Josiah concedeu-lhes o uso do Salão Principal. Eles estão sentados lá agora, tilintando de copos, arrancando carne dos ossos com os dentes como se estivessem rasgando o próprio Merripen.

Eu me resignei à cozinha com Lizzy. É minha penitência sentar-me aqui na fumaça sufocante, com o suor escorrendo da minha testa, observando as peles dos animais empolarem e borbulharem enquanto passam por cima do fogo.

Tentamos puxar conversa, mas parece uma coisa muito simplista, uma ocupação muito comum. Essas tralhas podem continuar depois de tudo o que aconteceu?

- Não parece certo - Lizzy suspirou. Ela enxugou o rosto. "Continuando assim porque um rapaz vai se alongar de manhã. Mesmo um rapaz mau."

Ouvi a gordura pingando e chiando. Merripen assaria assim no fogo do inferno?

'Eu fui tão tolo em confiar nele. Mesmo assim, ele não parecia um menino mau. 'Sim. Mas o diabo assume muitas formas. A maneira como ele atacou aquele pobre cavalo. . . ' Ela veio e deu um tapinha na minha mão com sua palma suada e calejada. - Talvez seja melhor assim. Ponha um fim nele antes

ele pode transformar seu rancor em uma alma humana. ' Mas que fim.

Assistimos ao incêndio juntos. Aos meus olhos, as toras pareciam membros carbonizados; uma pobre alma queimada na fogueira. Queira Deus que nunca descubram a maneira como gerei Hetta. Se eles pendurassem, sacassem e esquentassem Merripen, o que fariam comigo?

- Como está Hetta? Eu perguntei finalmente. - Ela sabe o que vai acontecer com a amiga dela?

Lizzy se jogou em um banco. - Não contei a ela, mas ela é esperta. Sabia que haveria um grande banquete. Ela passou a manhã toda indo e vindo do jardim, colhendo ervas para Cook. Suponho que isso a ajude a se manter ocupada.

'E agora?'

Ela olhou para o relógio. 'Agora é melhor eu ir buscá-la. Não tinha coragem antes, então a deixei sentar onde estava em paz. Mas há um aperto vicioso naquele ar. Não posso fazer com que ela pegue um resfriado.

Eu levantei minha mão quando ela fez menção de se levantar. - Me solta, Lizzy. Ela assentiu em consentimento.

O ar congelado era impiedoso quando deixei o calor da cozinha. Não percebi como estava frio. Estava frio o suficiente para neve. A geada brilhava nos galhos que se quebraram sob meus chinelos enquanto eu caminhava para o canteiro de ervas.

Meu jardim outrora excelente havia se transformado em uma coleção de galhos ossudos varridos pelo vento. O céu se estendia acima, sem cor como o sal. Nenhum lírio cresceu, nenhuma rosa sobreviveu. Restou apenas a topiaria, um fantasma verde das minhas esperanças de verão. E as ervas de Hetta.

Eu pensei que estava com frio antes de vê-la. Mas no momento em que meus olhos pousaram em meu filho, meu coração congelou dentro de mim.

Ela se sentou na terra congelada com as saias agrupadas ao seu redor. Perfeitamente imóvel. Embora suas mãos enluvadas estivessem vazias, ela as segurou no colo com as palmas voltadas para o céu.

Sua cesta permaneceu no caminho. Ela não olhou para cima quando meus pés esmagaram ao lado dela. Seus olhos estavam fixos em frente.

'Hetta? Hetta, o que você está fazendo? Você vai pegar sua morte.'

Eu puxei seu ombro. Ela era como uma boneca na minha mão, mole e sem sentido. Cristais de umidade brilharam em seu cabelo. Por quanto tempo Lizzy a deixou sentar aqui na umidade?

'Hetta. Dê-me sua mão e levante-se.'

O último lampejo do crepúsculo dançou sobre as ervas geladas e deslumbrou meus olhos. Abaixei-me e senti que as luvas de Hetta estavam pegajosas, manchadas com o suco das plantas. Eles liberaram a fragrância de tomilho e algo mais profundo, algo amargo, quando eu os agarrei e a puxei para cima.

- Você tem colhido ervas com as mãos? Eu olhei para a cesta. Estava cheio de trepadeiras e cardos. - Onde está sua tesourinha?

Ela enfiou a mão no avental. A luz fria cintilou nas lâminas enquanto ela as movia, **corta, corta**. Eles pareciam enferrujados, uma substância marrom endurecendo as alças.

- Você terá que pedir ao garoto da faca para limpá-los.

Eu a empurrei em direção a casa. Ela parecia mais morta do que viva; sua pele tornou-se cera e seus olhos ficaram de um verde opaco e chamuscado. Minha respiração diminuiu e estremeceu com o ar antes de se desintegrar, mas sua respiração era superficial, quase imperceptível. Apenas uma vez um fio de cabelo saiu de seu nariz, fino como a fumaça de uma vela apagada.

Troquei de roupa e coloquei peles em sua cama. Eu encerrei seu fogo com minhas próprias mãos. Em seguida, cobri a gaiola de seu pardal e posicionei um dos companheiros de madeira ao seu lado, como ela gosta.

Enquanto o vento gemia pela chaminé, ficamos sentados olhando um para o outro, nós dois, cúmplices de nossa culpa. Juntos, havíamos arruinado a família. E ainda assim o vento uivava, alertando sobre mais tormentos por vir.

Hetta levantou a mão. Ela estava estendendo a mão, procurando por mim, querendo meu conforto. . .

Não. Ela nem me viu. Tudo o que ela queria era meu colar de diamantes.

Eu me afastei dela.

Quando finalmente Hetta dormiu, voltei sorrateiramente para a cozinha. Lizzy estava dormindo à mesa, a cabeça apoiada nos braços estendidos. Eu sento agora ao lado

seu corpo querido e quente e ouvir a respiração assobiando de seu nariz. Parece-me que essa velha com as rugas no rosto é a única conexão verdadeira entre Hetta e eu. Depois de todos os meus esforços para fazer uma filha e amiga preciosa, isso é tudo o que compartilhamos: o amor de uma serva e a morte de Merripen.

Quase adormeci quando gritos vieram do corredor. Seguiram-se passos pesados e irregulares. Toquei o ombro de Lizzy. 'Lizzy, acorde. Eles estão voltando para a cozinha. '

O fogo estava baixo. Um frio penetrou nas paredes de pedra. O vento estava forte agora, sacudindo a porta, batendo na janela. Eu olhei para cima e tentei ver do lado de fora, mas o gelo marmorizou o vidro.

"Lizzy."

Ela grunhiu e se mexeu. - Que horas são, senhora?

'Eu não sei. É hora de dormirmos. Venha, eu não suporto ficar aqui. Eles podem explodir cantando.

Estávamos quase na escada dos criados quando um golpe caiu na porta do pátio do estábulo. Eu congelo. Quem poderia estar nessa tempestade?

O vidro sacudiu nas molduras das janelas. A chaminé explodiu. A batida veio novamente.

Lizzy caminhou em direção à porta, seus hábitos de serva enraizados. Eu agarrei sua manga.

"Lizzy. . . ' Eu não poderia dizer o que temia. O pânico subiu do meu peito para a minha garganta.

O barulho dos criados ficou mais alto.

- Devo atender, senhora. Um corpo pode morrer congelado naquela nevasca! ' Sua manga de lã esfregou em meus dedos e sumiu.

Ela alcançou a porta do quintal no momento em que os criados irromperam da outra direção. Mark cambaleou para o assador com o rosto manchado de vermelho. Em seguida veio Jane, rindo, então Cook e uma fileira de lacaios que pareciam completamente estranhos para mim, de libré. Em seus calcanhares, assombrando cada passo, flutuava uma nuvem azeda de álcool.

'Lackaday! O que é isso? Senhora na cozinha?

Lizzy lançou um olhar para eles antes de se virar e abrir a porta. Ele soprou para dentro, batendo contra a parede. A neve caiu sobre

os ladrilhos, derretendo em um instante enquanto o fogo balbuciava, lançando sombras no teto.

Rugidos de desaprovação vieram dos servos bêbados.

- Por que você abriu aquela porta, droga? gritou Mark. - Está frio como o peito de uma bruxa lá fora.

Não consegui ver quem havia batido para entrar; a neve estava muito densa. Eu apertei os olhos, tremendo. Algo se moveu no flurry. Algo da altura da cintura de Lizzy.

'Oh! Deus nos salve, o que é? ' Lizzy recuou, tropeçando em Jane. Agora eu vi: a criatura mais estranha; preto como o diabo, mas todo pontilhado de branco. Ele cambaleou para a frente, murmurando em línguas. Jane gritou.

'Misericórdia.' Uma única palavra compreensível. Tudo ficou quieto. A criatura estendeu suas mãos escuras; a atmosfera formigava em torno dele. 'M -m-misericórdia.'

E vi que não era um demônio, mas uma criança magra, o cabelo solto e dilacerado pelo vento, pingando das pontas.

- Não há mendigos aqui! vociferou Lizzy. Eu nunca a tinha visto com tanto medo. - Não queremos sua espécie.

Abri a boca para dizer que ela poderia dormir no estábulo. Então me lembrei do que tinha acontecido da última vez que deixei um estranho entrar naquelas cabines.

A menina balançou a cabeça. Algo em seus olhos negros era familiar. 'Josiah Bainbridge', ela tropeçou no nome - estava claro que

ela não usava sua língua nativa. 'Estou vendo Josiah Bainbridge. Misericórdia.'

Mark cambaleou para frente, empurrando Lizzy atrás dele. - Você não chegará a lugar nenhum perto de meu mestre. Agora salte. '

Eu não pude me conter. A pergunta voou de mim. 'Misericórdia. . . Misericórdia para quem? '

Aqueles olhos escuros se voltaram em minha direção. Diamantes de neve grudados nos longos cílios. 'Irmão.'

O chão girou para longe de mim. A carne de ganso rastejou sobre minha pele e eu soube naquele momento o que realmente era ter a segunda visão. Não meus estranhos pressentimentos e sonhos, mas o poder nos olhos negros dessa garota. Não precisei ouvir o nome, mas ela o deu.

'Irmão. Merripen. '

Jane gritou novamente.

'Sangue de Deus! É aquele cigano - rugiu Mark. 'É a família daquele menino asqueroso!'

"Leve-a ao mestre", gritou Cook. Ela se firmou contra a parede e arrotou. - Ele vai amarrá-la ao lado dele.

Como um só, os servos surgiram. Havia menos de uma dúzia deles, mas haviam se tornado uma legião: uma massa de dedos ávidos e rostos vermelhos e furiosos.

Lizzy foi empurrada para o lado. Sua partlet preta se rasgou. Ela se agarrou à chaminé de tijolos, um apelo passando de seus olhos aos meus. **Detê-los.** Comecei a avançar, mas eles agarraram a criança, desajeitados e ásperos na bebida.

'Pare!' Lizzy se lançou da chaminé e tentou puxar suas mãos para longe. 'Corra, criança!' ela chorou. 'Corre!'

Eu adicionei minha voz. Eles não deram atenção a isso. Quem era eu para detê-los agora? A desgraçada amante, a esposa de Josias tratada como lixo em um canil de rua.

Lizzy conseguiu soltar um dos pulsos da criança. Coçando e sibilando, a garota puxou o outro para a liberdade. Nesse momento, um punho perdido atingiu o lado da cabeça de Lizzy. Ela caiu - não havia nada entre a garota e a multidão.

Nunca me movi tão rápido em toda a minha vida. Indiferente aos bancos, às minhas saias, disparei no espaço que Lizzy havia deixado e tomei minha decisão. Eles não ousariam me golpear, mas eu não poderia mantê-los à distância por muito tempo. Eu tinha que afastar a garota.

Plantando ambas as mãos em seus ombros ossudos, eu a empurrei de volta pela porta, para as garras da tempestade. Suas mãos se agitaram e se prenderam na minha garganta - senti meu colar de diamantes sair da minha pele. Nossos olhos se

encontraram novamente para o choque de um instante. Então ela se foi, obscurecida por um monte de neve.

Eu me virei e bati a porta atrás de mim. Minha coluna estava firme contra a madeira, meus braços abertos para barrar o caminho.

'Costas!' Eu gritei. 'Voltam!'

Mark encontrou meu olhar. Seu rosto se contorceu. - Vou contar isso ao Mestre.

Um por um eles caíram; para seus quartos ou para o chão. Jane mentiras agora, esticado ronco antes da queimada-out fogo. Está um frio mortal.

Mesmo assim, Lizzy e eu estamos sentados aqui juntos perto de uma única vela, incapazes de nos mexer.

Tudo o que podemos fazer é ouvir o vento que chia e bate pela floresta. A janela não mostra nada: ela está coberta de neve e nós estamos enterrados.

"Está muito frio", diz Lizzy, de vez em quando. "Está muito, muito frio."

Fim do primeiro volume

A PONTE, 1866

Elsie sentou-se como uma rocha sólida nas almofadas, olhando fixamente para a frente enquanto a carruagem seguia em direção a Fayford. Lá fora, o tempo estava ameno. A luz pálida e suave mostrou botões nas sebes e flores em todas as árvores. Mas neste ano a primavera foi uma zombaria maldosa.

Suas bochechas estavam duras, como cera endurecida. Um tordo vibrou na floresta e parecia o barulho mais doloroso e agudo que ela já ouvira.

Como isso pode ter acontecido?

Um acidente, disse a sra. Holt. Mabel estava lavando verduras para o jantar dos criados e não se preocupou em secar as mãos antes de preparar a carne. O cutelo deve ter escorregado.

Escorregou . Uma palavra conveniente: fora de controle; difícil de segurar, mesmo na boca. Muito rápido. Você não poderia provar um deslize. Elsie sabia disso muito bem.

Mas se a mão de Mabel escorregou, por que ela não correu para pedir ajuda? Por que ninguém a ouviu gritar? Como pode ser que ninguém soubesse sobre o acidente até que Helen a encontrou em uma poça de sangue no chão da cozinha, um corte vertical indo de seu pulso até o cotovelo?

Apenas uma resposta foi oferecida: ela não queria ajuda. Ela tinha pretendido isso. 'Isto é minha culpa.' Jolyon tinha tragado um charuto e exalado com força pelo nariz enquanto caminhava para cima e para baixo no escritório. 'Eu estava com raiva. Eu a acusei dessas coisas terríveis. A páscoa está chegando, ela deve ter ficado com tanto medo de voltar para o asilo que ela. . . ' - Não sei se você estava errado em acusá-la daquela maneira.

'Como você pode falar assim?'

- Pense, Jolyon. Esse suicídio - se é que foi suicídio - confirma, em vez de refutar, suas suspeitas. Frequentemente, esse tipo de coisa é um ato de remorso. Se ela pregasse uma peça em mim e matasse meu bebê. . . Bem, quem **poderia** viver com isso? '

Ele deu outra baforada forte. "De qualquer maneira", disse ele para a fumaça, "minhas palavras levaram uma garota ao suicídio. Há sangue em minhas mãos. ' E ele olhou para os dedos, tremendo na haste do charuto. - Você deve descer imediatamente, Elsie. Tenho negócios a terminar aqui, mas irei segui-lo assim que puder. '

Seja qual for a verdade, eles manteriam a conclusão da sra. Holt: um acidente. O mínimo que podiam fazer era garantir que Mabel fosse enterrada em solo sagrado.

Para pensar em toda aquela vida e bochecha corajosa, se foi. A morte emprestou à menina uma dignidade que ela nunca possuía na vida. Eles ficavam em volta de seu caixão em silêncio, respeitosos, esperando que ela acordasse a qualquer momento e perguntasse o que eles estavam pensando.

Uma mão fria torceu seu estômago enquanto se aproximavam da aldeia. O sol da primavera não fez nada para melhorar as casas. As ervas daninhas brotaram da palha mofada dos telhados. Ela se mexeu no assento, sentindo algo se desenrolar profundamente dentro dela. Ela estava voltando a todos os seus velhos medos, vestindo as superstições como uma velha capa.

Ela ergueu o véu e olhou para os castanheiros pairando sobre a igreja. A flor branca murchava entre as folhas novas dos galhos. Aquela era Sarah, pela entrada sul? Ela espiou pela janela, mas as figuras atrás da parede de pedra eram tão pequenas e borradas que ela não conseguiu distingui-las. Claro que era possível que Sarah estivesse na igreja, tomando providências. O que ela diria sobre a morte? O que o Sr. Underwood diria? Foi uma bagunça terrível.

Sua carruagem rodou pela ponte. A água borbulhava embaixo, parecendo rir de sua desgraça. Havia algo errado com a ponte. Em Londres, ela aprendera a zombar de seu medo como um absurdo, mas agora ela estava de volta ela podia sentir isso, rastejando, escorregando. Algo escuro e insidioso, até as raízes das plantas que cresciam no jardim. Não era apenas o passado, aqueles eventos estranhos Sarah

falou do diário de Anne Bainbridge. A própria estrutura do prédio era ruim. Elsie poderia enfrentar a fábrica de fósforos onde sofreu quando criança, mas isso. . . aquele lugar a deixava nervosa.

Quando Mabel fosse enterrada, ela levaria Sarah de volta para Londres com ela e fecharia a casa para sempre.

Quando a carruagem fez uma curva e desceu o caminho, o sol brilhou sobre as colinas, polindo a grama. Desta distância, tudo era feito de sombra e luz; os arbustos brilhavam, os tijolos escureciam, as janelas ardiam.

Só depois que Peters parou a carruagem diante da fonte é que as chamas morreram nas janelas e Elsie viu a cena que gelou seu coração.

Não poderia ser.

Ela abriu a porta da carruagem e tropeçou, piscando, no cascalho.

'Senhora?' Peters parecia ansioso. - Espere aí, vou ajudá-lo.

- Não - gemeu Elsie. - Não, você está morto.

Assistindo, como ela sempre fazia, apenas observando.

'Senhora?' Um estalo quando Peters saltou da caixa.

Mamãe não poderia ter, ela não **gostou de** assistir?

- Você não está bem?

Elsie não deu atenção a ele. Ela nunca tinha notado antes, mas ela viu agora - aquele lampejo de excitação mórbida nas pupilas. Era o olhar de alguém diante do cadafalso, vindo assistir a um enforcamento. Sanguinário.

- Oh, não, mãe. O pensamento era pior do que qualquer outra coisa, pior do que o próprio ato.

Peters estava sacudindo o braço dela agora, com a voz firme. - Sra. Bainbridge? Sra. Bainbridge? O que há de errado, o que você está olhando? '

'O companheiro. Veja!'

'Companheiro? Não Senhora. Eu os cortei em pedaços, lembra?

'Não aquele.' Ela estendeu a mão. Havia uma espécie de satisfação em apontá-la, como uma vítima acusando seu agressor no tribunal. "É minha mãe."

'O que?'

'Na janela! Olha, cara! '

Mas Peters recuou, balançando a cabeça. 'Há . . . não há nada na janela, senhora.

Não pode ser verdade. Ela agarrou a testa com as duas mãos. 'Olhe novamente.'

'Estou olhando. A janela está vazia. ' Peters estava se movendo lentamente, estendendo as mãos, do jeito que ele tentaria aplacar um cão perigoso. - Deixe-me buscar a Sra. Holt, senhora. Sente-se e pegue uma boa xícara de chá.

'Não. Não! Ela está aí, vou te mostrar. 'Por favor, senhora!'

Ela estava além da razão, além mesmo do medo. Ela subiu correndo os degraus até a porta da frente e entrou no Salão Principal vazio. A serragem perfumava o ar. Um fogo estalou e estalou na lareira.

'Ma! Ma! ' Ela marchou pela sala de visitas, chamando pela mãe. Milhares de ecos ecoaram naquele grito: súplicas infantis de anos atrás. Agora, como então, apenas o silêncio respondia.

A sala de música. 'Ma!' Sua voz ricocheteou no teto alto e moldado. Ela não deveria estar surpresa. Mamãe nunca veio ajudar, nem mesmo quando Elsie estava sangrando e desesperada e gritando seu nome. - Por favor, mãe, só desta vez!

Lágrimas queimaram seus olhos enquanto ela tropeçava na sala de jogos. Ela nunca deveria ter feito isso. Ela nunca teria **tido** a fazê-lo, se Ma só tinha

-

Uma voz irrompeu de dentro dela, retumbando, saindo de sua boca em um grito bruto. Ela caiu de joelhos.

- Sra. Bainbridge! As botas de Peters no tapete ao lado dela. - Sra. Bainbridge, o que ... oh, bom Deus!

Ele cambaleou contra a parede, segurando-a como suporte, quando viu o que ela viu.

A cabeça do cervo não estava mais pendurada na parede. Ele havia caído, os chifres primeiro. Mas não caiu desimpedido.

Helen estava lá embaixo. Empalado, espetado, penetrado.

O sangue jorrou de uma depressão onde antes estivera seu olho. Os músculos ao redor ainda se contraíam, como se pudessem piscar a lança do chifre enfiada no globo ocular, prendendo Helen no tapete.

O fluido escorreu de seus lábios. Eles estavam se movendo - tentando se mover - mas ela estava se afogando. Um gorgolejo horrível a deixou ao mesmo tempo em que Peters vomitou.

Elsie cambaleou. As imagens estavam borrando, desaparecendo. Ou melhor, **ela** estava desaparecendo - retirando-se da carnificina diante dela para se esconder em algum lugar, bem no fundo.

HOSPITAL DE SÃO JOSEPH

O lápis era afiado. O Dr. Shepherd havia aparado com seu canivete. Ela não gostou do jeito que escreveu agora: arranhando ao longo da página; snagging; ameaçando quebrar quando ela pressionasse muito forte. Ela teve que segurá-lo delicadamente, como se fosse feito de vidro.

Mas não era de vidro, era de madeira. Cheirava a madeira, depois do acabamento - ela reconheceu o cheiro perturbador de árvores rachadas.

Repetidamente, as mesmas palavras. Talvez eles atenuassem a liderança. Torne-o macio e brilhante para que ela pudesse retomar sua história. Ela se recusou a continuar enquanto as cartas pareciam assim: nítidas e surpreendentes em sua clareza.

Ela poderia embotar seus sentidos também? Era uma vez, as drogas fizeram isso. Ela se lembrava de ter cambaleado pelos corredores com o Dr. Shepherd, mal conseguindo ficar acordada. Mas agora seu corpo traidor estava se acostumando, como havia se acostumado a tantas provações.

Ela começou a sentir a tristeza enraizada nas paredes brancas e desoladas do hospital e nos ladrilhos frios. Toda a sua existência diminuindo para uma cela isolada e bloqueada. Por que os químicos fabricam remédios que despertam as pessoas, quando a realidade é sombria e sem esperança? Melhor os sonhos de láudano, os tranquilizantes. Por enquanto, ela se sentia como uma mulher na cama em uma noite de verão escaldante - desesperada para dormir, mas girando continuamente, incapaz de descansar. Escrevendo as mesmas duas palavras, repetidamente.

Jolyon. Proteja Jolyon.

Seu encantamento desde o dia em que ele nasceu, seu décimo segundo aniversário. ***Proteja Jolyon***. No entanto, ele não estava aqui e não tinha vindo visitá-lo. Isso só poderia significar uma coisa: ela falhou.

A escotilha de observação se abriu. - Sra. Bainbridge? Eu te incomodo? Posso entrar?'

Ela viu os óculos do Dr. Shepherd, brilhando por trás da abertura na porta. O lápis caiu de seus dedos.

Ele disparou o ferrolho do berço e entrou na cela, fechando a porta atrás de si. A pilha de papéis que ele carregava estava mais espessa do que nunca.

- Por que não se senta na cama, Sra. Bainbridge? Estou bastante disposto a ficar. '

Ela fez o que ele pediu. As cobertas ainda estavam quentes de seu corpo, misturadas com seu próprio perfume. Estranho, como uma cama passou a significar segurança e fuga para ela. Nem sempre foi assim.

- Achei melhor você se sentar, Sra. Bainbridge, porque temo que nossa conversa de hoje possa ser perturbadora. Sua história progrediu até o ponto em que comecei a entender o padrão de sua mente. Chegamos ao ponto crucial agora.

Suas palavras afundaram no fundo de seu estômago. Ela teve vontade de se jogar para fora da cama e correr. Seus olhos correram pela sala, da janela gradeada à pesada fechadura da porta. Nenhuma escapatória.

'Você escreveu sobre esses' companheiros ', como os chama. Você diz que tinha medo deles. Mas você sabe o que realmente nos assusta? Não são coisas que fazem barulho - ou mesmo assobiam - à noite. Nossos medos estão muito mais próximos do que isso. Temos medo das coisas dentro de nós - sejam memórias, doenças ou desejos pecaminosos. ' Ele inclinou a cabeça. Seus óculos deslizaram para a esquerda. - Você, deduzo, tem medo de se tornar igual a qualquer um de seus pais.

Eles estavam destinados a vir, é claro: as alfinetadas de luz em sua visão e o jato de água em seus ouvidos. Memórias infantis, pensamentos infantis, de que se ela fechasse os olhos com força, de alguma forma o Dr. Shepherd não seria capaz de vê-la.

'Eu entendo o que você está sentindo. Não posso fingir que ignoro as sugestões que você dá, por mais que a delicadeza natural preferisse colocar um véu sobre o assunto. E eu acho que é isso que você fez,

Sra. Bainbridge: puxou um véu. Primeiro por coerção e depois por uma espécie de necessidade mental, você escondeu o fato de que seus pais o maltrataram.

Se ela ainda tivesse voz, ela gritaria: **Não, não, fale de qualquer coisa, menos isso** . Ou ela faria? Uma parte dela, uma pequena parte traiçoeira, deve querer que seja conhecido ou ela não o teria escrito, ela não teria dito a ele.

Ele pigarreou. - Acredite em mim, Sra. Bainbridge, sinto muito por você. Uma traição de confiança em uma idade tão jovem, daqueles instintos nos leva a ter o mais caro. . . E uma mãe, que deveria nutrir e proteger, mas sim. . . '

Ela esperava sobreviver às lágrimas, ir além delas para uma paisagem árida onde nunca fluíam. Ainda assim, eles vieram; quente, deslizando até o queixo, restringindo a respiração. Estariam espreitando lá o tempo todo, apenas esperando para descongelar?

'Eu queria, mais do que tudo, dizer a vocês que este é um desenvolvimento **positivo**. Naturalmente, não parece - está forçando você a enfrentar um mundo de angústia. No entanto, você **está** enfrentando isso, Sra. Bainbridge. Você teve força suficiente para se lembrar desses abusos não naturais de sua confiança. Sei que você também encontrará forças para se lembrar do que aconteceu no The Bridge na noite do incêndio. Então podemos fazer nosso relatório. Podemos limpar seu nome.'

Surpresa, ela encontrou seu olhar: olhos do verde suave dos botões na primavera; flexível, indulgente. E ela percebeu, com um alívio tão forte que era quase dor, que ele estava ao seu lado.

A PONTE, 1866

A princípio a sala ficou afetuosa com Elsie. Os objetos recuaram a uma distância considerável, nebulosos nas bordas, retendo seu peso total. O pânico pairou em um lugar que ela podia sentir, mas não totalmente.

A luz brincou no teto em ondas. Ela agitou os cílios. "Elsie."

Pressão em sua mão. - Sra. Holt, faça um posset quente!

Rapidamente! Ela está acordada!'

Barulhento escada abaixo. Era muito nítido, penetrando na penugem macia. - Elsie, querida Elsie. Obrigado Senhor.' Gradualmente, as características fortes de Sarah

tornou-se definido.

'Eu não sou . . . ' Sua boca tinha um gosto metálico. Ela tentou novamente.

'Porque sou eu .

. . ' Nenhuma memória ficaria parada por tempo suficiente para ela agarrá-la. Ela viu um veado, depois um fósforo. . . Eles dispararam para longe novamente.

'Não tente falar. O médico disse que devemos mantê-lo quieto.

Mandei um telegrama para o Sr. Livingstone, ele virá imediatamente.

Ela olhou em volta. Estava tudo lá: as pesadas colunas da cama entalhadas com uvas e flores; o lavatório; o espelho triplo na penteadeira. Características da ponte retornando como um sonho há muito esquecido. Ela não conseguia processá-los.

Jolyon estava chegando. Jolyon, sua constante, seu lastro. Ela deve se agarrar a isso. Mas por que ele não estava aqui com ela agora? Ele estava chateado, não estava? Luto por algo. Ma. Não, Mabel. Mabel. **Helen**. Ela se endireitou, encharcada de suor frio. 'Helen! Ela era ... ela ...

A mão de Sarah pressionou seu ombro, colocando suas costas contra os travesseiros. 'Sussurro. Eu sei.' Ela engoliu em seco. 'Estávamos na igreja, a sra. Holt e eu, conversando com o sr. Underwood sobre o funeral de Mabel. Mas agora parece. . . Agora teremos que segurar dois. '

Elsie fechou os olhos. Ainda estava com ela: o rosto de morango de Helen olhando para cima do tapete em todo o seu horror mutilado. 'Como? Como isso pôde acontecer?'

Sarah respirou fundo, trêmula. - Mandamos o policial de Torbury St. Jude descer. Depois, alguns inspetores. Peters deu uma declaração. Por tudo o que podem conjecturar, foi algum tipo de acidente terrível. Helen devia estar limpando o cervo, disseram, quando. . . '

Luzes piscaram atrás de suas pálpebras. - Mas você não acredita nisso, Sarah. Eu posso ouvir em sua voz. Você não acredita em uma palavra disso.

Ela sentiu Sarah se aproximar. - Não, não quero. 'Conte-me.'

Sarah começou a chorar.

Os olhos de Elsie se abriram. O rosto de Sarah estava enrugado em uma bagunça vermelha e molhada. Ela lutou para respirar em meio aos soluços fortes. 'Sarah? O que é isso?'

'Isto é minha culpa. É tudo culpa minha. ' - Como você pode pensar isso?

A mandíbula de Sarah estremeceu. 'Eu - oh, como posso te dizer? Fui eu, Sra. Bainbridge. Eu t-tomou suas d-diamantes!'

O vômito subiu para o fundo de sua garganta. Mabel não roubou os diamantes: ela era inocente. Inocente e forçado a um ato desesperado por causa do erro de Elsie.

'Eu só queria algo f-da minha f-família. Então Mabel teve problemas e eu - eu não sabia o que fazer. Eu nunca pensei . . . '

Sangue correndo quente em suas mãos.

- Eu ia te contar na Páscoa - Sarah tagarelou. - Eu ia contar a verdade para todo mundo, juro. Mas então Helen decidiu que os companheiros deviam ter roubado o colar! Ela. . . ' Sarah apertou a

boca de dor. - Ela queria queimá-los novamente. Ela pegou Hetta de mim e jogou-a no fogo da cozinha! '

Fraca e doente, Elsie pressionou as mãos nas têmporas. 'Eu não entendo. Por que ela suspeitou dos companheiros?

- Isso é o que a sra. Holt não lhe disse. Havia uma companheira, Elsie, na cozinha com Mabel. Um que nunca vi antes, algum tipo de cozinheiro.

Picadas subiram pelos braços de Elsie. "Eu vi uma companheira de minha própria mãe, Sarah, parada na janela. Bem onde estava a marca da mão.

'Entende? Eles estão se multiplicando. Acho que o fogo só os torna mais poderosos. E nunca teria **havido** um incêndio, não fosse pela minha estúpida, estúpida ...

- Você poderia ter me pedido os diamantes - interrompeu Elsie. - Eu não teria recusado você.

Sarah baixou a cabeça. "Estou tão envergonhado. É quase como se. . . Eu não pude evitar. Mas não sou só eu. Hetta também era obcecada por eles, obcecada pelos companheiros e pelo colar de diamantes. Estive olhando os registros que o Sr. Underwood trouxe, descobrindo tudo o que posso sobre Anne. Normalmente há pouco material para uma mulher na casa dos dezesseis centenas, mas encontrei registros sobre Anne porque. . . por causa da maneira como ela morreu. '

Elsie não teve coragem de perguntar.

- Ela foi queimada - sussurrou Sarah. - Queimado na fogueira por uma bruxa. 'Uma bruxa? **Ela** é a bruxa que os aldeões ainda temem?

'Sim. E por um bom motivo. Os registros dizem que ela matou pessoas, Elsie. Mas no diário, ela não é má. Ela pensou que estava usando magia branca, os antigos remédios de ervas das mulheres sábias. Mas ela deve ter cometido um erro. Sua pobre filha nasceu sem uma língua adequada e outra coisa, algo do **mal** . . . '

Elsie não queria acreditar. Na fábrica, ela se convenceu de não acreditar. Mas aqui, nessa casa onde Rupert morreu, onde seus irmãos morreram, ela podia **sentir** . O velho, velho medo. Nenhuma razão ou lógica poderia apagar esse sentimento. Ela conhecia o mal desde criança - reconheceu sua voz de veludo.

Uma batida caiu na porta. Os dois pularam. "Posset quente." Sra. Holt.

- Entre - Elsie resmungou.

O vapor entrou primeiro, misturado com noz-moscada quente e melaço. A Sra. Holt apareceu carregando uma bandeja e uma xícara transbordando de nuvens de calor. Novas linhas se arrastavam em torno de sua boca e a faziam parecer articulada.

O branco de seus olhos, sempre com icterícia, agora estava salpicado de fitas vermelhas.

Elsie pegou a xícara. Aromas leitosos e doces brincavam em suas narinas. Seu estômago implorava por sustento, mas ela não conseguia beber. Ela não queria engolir nada desta casa. Ela não queria isso dentro dela.

- Srta. Sarah, acho melhor você deixar a patroa em paz por enquanto. Lembre-se de que ela precisa descansar. O médico disse isso. '

- Mas ... - Sarah começou.

'Eu realmente devo insistir. Perdoe-me, senhorita, mas o Sr. Livingstone jamais me perdoará se chegar e descobrir que não segui as ordens do médico.

Sarah acariciou o cabelo de Elsie. Inclinando-se perto do ouvido, ela sussurrou: - Volto mais tarde. Devemos dormir no mesmo quarto a partir de agora. Não me sinto seguro sozinho. '

Elsie assentiu. Ela não perguntou o que Sarah queria dizer com **sozinha** . Ninguém estava realmente sozinho. Nunca, não nesta casa.

Sarah levantou a saia e saiu do quarto. Elsie ouviu seus passos, pisando nas tábuas familiares até a biblioteca. A Sra. Holt permaneceu.

O olhar da governanta possuía uma dureza que Elsie não havia detectado antes. - Haverá mais alguma coisa, senhora? A **senhora** era um som forçado e horrível.

- Oh, Sra. Holt. Eu sinto muitíssimo. Não consigo imaginar o que você está sentindo. Primeiro Mabel e depois Helen.

'Eu amava aquelas meninas como minhas próprias filhas. Não havia mal neles. E agora eles estão duros e esticados na despensa fria, e terei que enterrá-los. Ambos!' A Sra. Holt desabou. Elsie desviou os olhos e a deixou chorar. O barulho sozinho era terrível.

- Eu estava errado em culpá-los - Elsie arriscou por fim. 'Eles não me enganaram ou mataram minha vaca. Eu sei disso agora. Há algo mais em ação, algo nesta casa.

Um espasmo cruzou o rosto da sra. Holt. - Tenho esta casa há quase quarenta anos. Nunca tivemos assombrações ou mortes antes de você aparecer.

- Antes de Rupert aparecer. - Elsie a corrigiu suavemente.

- Eles ainda estariam vivos se não fosse por você. Se você não tivesse entrado como um furacão, andando de um lado para o outro, abrindo portas que deveriam permanecer fechadas.

'O que você quer dizer?'

'Não importa.' A Sra. Holt desviou o olhar.

" Portas que deveriam permanecer fechadas? ' Eu não te entendo. Você está falando sobre o sótão? '

A caixa torácica da mulher mais velha subia e descia, sacudindo seu broche de camafeu. 'Eu deveria manter isso em segredo. O velho Sr. Bainbridge ordenou-me, desde o dia em que cheguei aqui, para manter o sótão trancado e nunca discutir o assunto.

'Mas por que?'

'Eu não sei. Ele disse que havia coisas ali, coisas que incomodavam sua esposa. Livros.'

'Um diário?'

Ao dizer isso, lembrou-se de que havia dois diários. Dois volumes. Sarah não mencionou se já havia recuperado o segundo. Talvez ainda estivesse lá.

'Talvez. Não me lembro que livros eram. Nunca tive motivo para me lembrar até que você apareceu.

O aperto de Elsie aumentou na xícara. 'O que - o que aconteceu com a mãe de Rupert? Como ela morreu?'

'Abençoado se eu sei.'

- Você deve ter uma ideia. Quais foram os sintomas dela?'

'Eu te digo, eu não sei! Por tudo que me disseram, ela ainda pode estar respirando.

Elsie ficou atordoada. - Você estava lá - disse ela, incrédula. 'Você disse. Você falou de **quando perdeu a amante** .

A Sra. Holt fechou os olhos, parecia lutar com suas memórias. 'Não. Não, ela não morreu. Ela era . . . '

'O que?'

- Perdemos a Sra. Bainbridge, mas não foi para a morte. Era sua mente. No final, sua própria mente a pegou.

As mãos de Elsie começaram a tremer. A xícara bateu no pires. - Você está dizendo que o marido dela a internou em um asilo?

A Sra. Holt olhou longamente para ela. - Nunca contamos a Mestre Rupert. Disse apenas que ela havia morrido, e era verdade, em certo sentido. Aquela lunática não era a Sra.

Bainbridge, não mais. Já vi histeria, senhora. Eu vi uma mulher enlouquecer com sua leitura de romances e suas febres cerebrais. Já vi essa expressão em seus olhos antes.

'Mas **eu** não estou louco!' A Sra. Holt não respondeu. - Você sabe que não. Você estava lá, Sra. Holt. Você viu os companheiros. Você os viu transformados em cinzas e reaparecer do nada.

A Sra. Holt balançou a cabeça. 'Talvez seja perder um filho que faz isso para sua pobre mente. . . Deus me ajude. Não dei ouvidos aos delírios da última Sra. Bainbridge e não vou ouvir os seus.

Girando nos calcanhares, ela saiu da sala e fechou a porta. Elsie ouviu seus passos agudos ecoarem pelo corredor e descer, descer, descendo a escada em espiral atrás da parede.

A noite caiu pesada e interminável. Sarah estava deitada ao lado dela na cama, o cabelo crespo espalhado no travesseiro. Seu peito subia e descia sob a camisola pregueada. Como ela poderia dormir?

Uma janela estava entreaberta, deixando um suspiro de ar entrar na sala abafada, mas não foi refrescante; cheirava quente e à base de ervas. Lá fora, uma coruja de celeiro gritou para seu companheiro.

A mãe de Rupert dançou em círculos ao redor da cabeça de Elsie. Ela tinha dormido nesta casa, caminhado nos jardins. Um lunático? Ou outra vítima? Ela se lembrou daquele berço esfarrapado e saqueado no berçário e estremeceu.

Sarah mudou de posição na cama. Seu corpo deixava os lençóis muito quentes, mas Elsie não se mexeu. Ela manteve os olhos abertos, esperando. Sabendo que isso aconteceria.

Sim.

Hissss . Era tão macio que poderia ter sido uma brisa passando pela sala. Mas não havia nenhuma brisa esta noite.

Hiss . Ela não aguentava mais. Ela tinha que descobrir. Ela precisava pegar o segundo volume daquele diário esquecido por Deus e descobrir o que a mãe de Rupert sabia.

Com cuidado, ela tirou os pés de debaixo das cobertas e os colocou no tapete. A cama farfalhou, mas Sarah não se mexeu. Elsie enfiou a mão embaixo do travesseiro para pegar os fósforos que guardava ali todas as noites, como um talismã.

Havia uma vela apagada no castiçal da penteadeira. Ela o pegou ao passar. Fazia mais sentido acender o pavio quando ela estava do lado de fora no corredor - então ela poderia deixar Sarah dormindo, protegida do perigo em que estava entrando.

Sibilo, sibilo.

Ela moveu uma perna após a outra, forçando-se a continuar, a mão estendida à sua frente, tateando o caminho. Esperando, a qualquer segundo, o toque nauseante da madeira.

Sua palma colidiu com algo. Ela se encolheu - era a maçaneta da porta do quarto, apenas a maçaneta. Ela se encostou nele e ouviu, esticando seus sentidos para localizar o próximo assobio, mas nada veio.

Ela lutou para abrir a porta, suas unhas clicando contra a maçaneta enquanto a agarrava. Ela empurrou para baixo e abriu a porta uma fração.

Uma parede de calor a encontrou. Foi como abrir a porta de um fogão de cozinha. Os aromas de rosa e tomilho se enredaram nela, insinuando-se no tecido de sua camisola. **Acenda a vela, acenda a vela.** Nem a luz nem o fogo a protegiam, mas ela precisava deles, precisava deles como o ar.

O fósforo acendeu em sua mão trêmula, enviando sombras serpenteando para o corredor. Ela não olhou para cima, não até que a vela fosse acesa. Foi preciso muita concentração para conectar a chama ao pavio. Por fim, ele pegou; ela sacudiu o fósforo e o deixou cair fumegando no chão.

Rapidamente, rapidamente . Ela teve que se mover, mas sua mão se recusou a levantar a vela, recusou-se a fazer qualquer coisa além de segurar o suporte de metal até que sua junta ficou branca. Quase chorando, ela finalmente conseguiu estender a vela à sua frente. A respiração se fechou em seu peito.

O corredor marrom se estendia diante dela, hachurado com sombras. Piscinas prateadas de luar pontilhavam o caminho para as escadas. Três companheiros estavam esperando, seus olhos brilhando com uma fome revoltante.

Ela não gritaria, ela não gritaria. Eles eram apenas pedaços de madeira.

Pedaços de madeira que se movem.

Ela teria que se mover mais rápido - isso era tudo. Ela poderia fazer isso, ela poderia fazer isso. Era como pular, como acender um fósforo. **1. Dois. Três.**

Seu passo era firme, muito mais estável do que seu batimento cardíaco acelerado. Cada vez que seu pé batia no chão, a vela sacudia e batia no suporte. A luz surgiu e se retraiu, mas a chama não apagou.

Serragem brotou do tapete quando ela se aproximou do primeiro companheiro. Através da névoa iluminada por velas, ela distinguiu a figura de uma mulher. Uma mulher sem braços.

Sua garganta apertou quando ela nivelou. A mulher tinha cabelos compridos e emaranhados e olhos iluminados por uma vivacidade medonha. Familiar, de alguma forma. Ela tinha visto aqueles olhos antes, os conhecia bem. . .

Rupert .

A mãe de Rupert, a outra Sra. Bainbridge. Um colete estreito escondia seus braços. Ela estava indefesa, implorando a Elsie com uma expressão tão viva que a cortou no coração. Sob o ritmo desajeitado do pulso de Elsie, veio um gemido, fraco e patético. Ela podia ouvi-la. Elsie podia ouvir a mãe de Rupert chorando.

Sua pele picou, tensa pelo choque do contato - não veio. De alguma forma, seus pés continuaram andando; ela passou, ilesa, e foi até o próximo companheiro.

Esta deve ser a cozinheira de que Sarah falou: ela segurava um cutelo com as mãos pastosas. O sangue manchava seu avental e a touca que cobria seus cabelos. **Tinta vermelha, apenas pinte** . No entanto, carregava o cheiro rançoso da coisa real. Combinado com o

perfume de rosas e tomilho era uma mistura nauseante, insuportável.

Mais uma vez Elsie alcançou o companheiro, essa pontada de medo mais profunda do que a anterior. Terror nocauteou sua visão. Ela mal viu o último companheiro, a velha com a criança no colo. Guiada pela memória, ela passou pela Galeria das Lanternas e caminhou até as escadas que levavam ao sótão.

A escada estava vazia. Aliviada, bêbada com o senso de sua própria bravura, ela começou a correr e subiu dois degraus de cada vez. As sombras giraram em torno dela, correndo de volta para os cantos. Ela os havia vencido. Ela pegaria aquele diário.

Quando ela contornou o poste e ganhou o pouso, um som a fez parar. Seus olhos voltaram descendo a escada. Eles estavam todos lá - todos os companheiros pelos quais ela havia passado - cambaleavam como

crianças em um jogo de passos da avó; um nos degraus, os outros dois em intervalos no corredor.

Eles a seguiram. **Hiss**

Seu olhar voou para cima: mais companheiros apareceram, atraídos por ela como moscas para um cadáver. Eles estavam guardando a passagem caiada que levava ao sótão. **Silvo**. De volta - o companheiro na escada havia se movido, muito ligeiramente.

Centímetro por centímetro, passo a passo, eles estavam vindo atrás dela. 'Deus me ajude, por favor me ajude.'

Ela não podia assistir todos de uma vez.

Com um grito de agonia, ela se desvencilhou do corrimão e disparou pelo corredor. A vela apagou-se, mas ela não parava, não conseguia parar; ela continuou, empurrando seu caminho. Eles não a queriam perto do diário, e era exatamente por isso que ela deveria lê-lo. Ela iria ler se fosse a última coisa que ela fizesse.

Ela empurrou os companheiros, acertando-os com os ombros, fazendo-os chocalhar contra os ladrilhos holandeses. **Quase lá, quase lá**. Ela bateu com o dedo do pé e quase gritou de alegria. Foi um degrau - a primeira escada até o sótão.

Ela procurou por outro fósforo. O pacote caiu no chão, mas ela conseguiu agarrar um pedaço de pau com força. Ela bateu na parede e reacendeu a vela.

A porta do sótão estava aberta.

Hiss. O som a deixou nauseada. Ela não conseguia parar - eles estavam vindo bem atrás dela. Ela subiu correndo os degraus, girou e fechou a porta do sótão. Na hora certa. Através da lacuna que se fechava, ela avistou um sorriso sinistro pintado e olhos grandes e vulpinos.

Seus pulmões queimaram em seu peito. Era difícil respirar com a poeira e aquele cheiro úmido do subsolo que manchava a atmosfera. Ela se sentiu à beira de desmaiar e ainda havia uma longa corrida de volta para o quarto. Se ela pudesse chegar lá. E se eles barrassem sua saída? E se eles entrassem pela porta?

Ela se virou freneticamente, procurando o diário. A poeira voou como penas em um galinheiro. Quando clareou, ela viu dois olhos esmeralda brilhantes.

'Jaspe!'

Ela nunca tinha ficado tão feliz em ver uma criatura em toda sua vida. Ela correu para a mesa onde ele estava deitado e pousou a vela. Avidamente, os dedos dela se cravaram em seu pelo. O calor de sua pele, a batida de sangue atrás de sua orelha, era reconfortante além da medida. Outra coisa viva - naturalmente viva. Ele não podia ajudá-la, mas ela preferia enfrentar os companheiros com ele a enfrentá-los sozinha.

Miando, Jasper se levantou e se curvou em um alongamento longo e luxuoso. Suas garras se estenderam e se retraíram novamente. Ao entrarem, fizeram um corte na superfície abaixo dele. Couro. Desgastado e desbotado, mas o cheiro era inconfundível. Jasper saltou elegantemente para o chão e revelou sobre o que estava dormindo: 'O Diário de Anne Bainbridge'. Elsie agarrou-o e apertou-o contra o peito. Ainda estava quente.

Ela deveria ler aqui - aqui, agora, enquanto ela teve a chance. Seus dedos folhearam as páginas, mas não adiantou. Ela não conseguia se concentrar, não conseguia ler. Era tudo uma confusão para ela.

Só então, ela o sentiu em seu ombro: afiado como a lambida de uma faca. Gritando, ela se virou. No instante antes de a vela se apagar, ela viu uma boca de madeira sorrindo para ela.

'Não! Jaspe!'

Seu miado soou do outro lado da sala; suas garras bateram quando ele abriu a porta e se afastou. Ele podia ver no escuro. Ela apenas tinha que segui-lo.

Cambaleando para a frente, ela agarrou o diário na mão e cambaleou de volta pelo caminho por onde viera, em direção à porta e a escada adiante. Ou, pelo menos, ela pensou que era por onde ela tinha vindo. Ela não conseguia ver um centímetro diante de seu nariz. Os companheiros devem estar reunidos em volta da porta

- ela os sentia no ar: a força pressionando para baixo; malévolo, cheio de ódio.

Sua mão bateu contra uma mesa - papéis escorregaram para o chão. Ela não podia ver, ela não conseguia respirar. . .

De repente, o chão se inclinou embaixo dela. Ela agarrou o ar e sentiu um grito saindo de seus lábios. Então ela caiu.

Um canto do diário bateu em suas costelas quando ela parou abruptamente. Suas pernas queimaram, seu peito se apertou. O que tinha acontecido? Gemendo, ela chutou com os pés. Ela poderia movê-los. Eles estavam livres, mas ela estava presa rapidamente.

A compreensão bateu nela: as tábuas do chão se abriram novamente. Ela foi pega no buraco que Mabel havia caído.

Sibilo, sibilo.

Preso, encurralado. E o tempo todo, os companheiros foram se aproximando.

Ela chutou descontroladamente. Ela teve que se levantar, mas uma das mãos estava presa com força ao peito, segurando o diário, enquanto a outra acenava inutilmente no escuro, incapaz de segurar qualquer coisa sólida.

Sibilo, sibilo. Ela mais ouviu do que viu se moverem: o raspar lento e doloroso da base de madeira contra o chão. Alfinetes desceram pelo pescoço. Algo duro pressionou contra sua nuca.

'Não não não!'

Com uma convulsão final desesperada, ela balançou as pernas.

Houve um rangido longo e baixo. Então, de repente, ela estava caindo, caindo, até que sua coluna se chocou contra o chão.

Ela ficou paralisada pelo choque e pela dor.

Por fim, com grande dificuldade, ela virou a cabeça e viu o cavalo de balanço balançar a seu lado. O chão cedeu. Ela estava no berçário.

HOSPITAL DE SÃO JOSEPH

Tudo começou com o sopro de um apito: estridente, nasal, arrancando-a do sono. O mundo estava nebuloso enquanto ela lutava para se levantar.

Os sons ecoaram: botas batendo no chão, gritos. Apenas o grito daquele apito foi distinto até a porta se abrir. Atendentes se amontoaram na sala; ela não sabia quais. Eles eram difíceis de distinguir, todos de rosto duro e marcados por resistência. Seus braços musculosos agarraram os dela e os puxaram para trás.

- Sra. Bainbridge. A voz do Dr. Shepherd. O alívio caiu sobre ela por um instante, mas ele balançou a cabeça arenosa. - Sra. Bainbridge, eu não esperava isso. O que aconteceu?

O **que** aconteceu?

Ele gesticulou para a esquerda dela. "O que aconteceu com a mesa?"

Ela se contorceu nas garras dos atendentes, girando para ver. Sua mesa implodiu. Gavetas espalhadas pelo chão; alguns de cabeça para baixo, alguns com a parte de baixo perfurada. Havia pontuações na madeira. Marcas de dente? Sim, marcas de dente. Mas de quem?

O Dr. Shepherd se aproximou e se agachou, como se estivesse inspecionando um espécime científico. 'Notável. Bastante notável. Como ficou assim? '

Essa era a questão. Outro paciente entrou em seu quarto enquanto ela dormia? Certamente ela os teria ouvido? teria que ser

alguém com uma chave, a habilidade de trancar e destrancar portas, de se mover silenciosamente quando—

Meu Deus, não.

Madeira; eles sempre vieram de madeira.

Uma enfermeira esquelética com maçãs do rosto como lâminas deu um passo à frente. - É o que ela faz, doutor. Ela quebra tudo em pedaços.

- Não tenho certeza se ela fez isso - murmurou o Dr. Shepherd. 'O que?'

A confusão cintilou em suas feições. Ela se lembrava bem: o momento exato em que começou a duvidar de seus próprios sentidos. - Para começar, não acredito que a Sra. Bainbridge seja forte o suficiente para causar tantos danos. E então, olhe para os braços dela. Não há lágrimas em seu vestido, nenhum sinal de sangue ou lascas nas mãos. Ele retirou um lápis e cutucou uma

gaveta. 'Eu não compreendo como uma pessoa pode fazer isso sem se machucar.'

- Então você está me dizendo que a mesa foi e fez isso sozinha?

'Não.' Ele desdobrou as pernas e mordeu a ponta do lápis. 'Não, isso é, claro, impossível. Mas você ouviu o estrondo? O que foi que levou o apito a nos chamar aqui?

"Eu apitei", disse a enfermeira, erguendo o queixo. - Eu ouvi um barulho estranho aqui, e ela geralmente está quieta como a morte.

'Um barulho de batida? Ela deve estar trabalhando nisso há um bom tempo, para colocar a mesa neste estado.

'Não, não uma batida. Eu só ouvi por alguns minutos. Soou como - Eu não sei. Um arranhão, como se ela tivesse algum tipo de serra.

Ele olhou diretamente para Elsie. - Você diria - perguntou ele, ainda se dirigindo à enfermeira - que talvez tenha soado como um chiado?

Seus joelhos dobraram.

- Sim, é isso, doutor. Uma espécie de chiado áspero.

Deus, o que ela fez? Ela nunca deveria ter escrito sua história, nunca deveria ter tentado se lembrar.

O Dr. Shepherd contraiu os lábios. 'Deixa pra lá. Apenas peça para alguém limpar essa bagunça. Até que o quarto esteja adequado novamente, teremos que encontrar alguma acomodação alternativa para a Sra. Bainbridge.

O hálito de um atendente queimava em seu ouvido, aceso com o cheiro de cerveja. - Quer que a apagemos, doutor?

"Não, não", disse ele. - Deixe a Sra. Bainbridge em paz. Vou levá-la ao meu escritório. '

"Para o seu escritório", repetiu o atendente, incrédulo.

'Sim. Solte-a, por favor. Ela vai pegar meu braço. '

Ele ofereceu seu cotovelo, imaculado e branco. Ela o agarrou como uma mulher se afogando.

A enfermeira e os atendentes murmuraram enquanto ele a tirava do quarto.

Já fazia muito tempo que ela não caminhava como uma dama, acompanhada por um cavalheiro. Ela não podia apreciar isso agora. O terror desgastou seus sentidos. Foi uma sorte o Dr. Shepherd ser forte e jovem, pois ele praticamente teve que carregá-la pelos intermináveis corredores até uma passagem onde os ecos eram opacos e a pintura descascada das paredes.

"Só aqui", disse ele.

Em sua história, ela fora desafiadora, lutando contra os companheiros. Agora o Dr. Shepherd teve que empurrá-la pela porta e empurrá-la para uma cadeira como se ela estivesse paralisada. Ela não conseguia falar e agora mal conseguia se mover. Restava alguma coisa dentro dela além de medo?

O escritório do Dr. Shepherd era menor do que ela imaginava. As paredes eram do mesmo verde e branco que permeou o resto do hospital. Alojava uma mesa boa e robusta e uma lâmpada de latão, mas nada mais. Ela notou um sino sob a abóbada, o tipo usado para convocar servos. Deve haver um relógio em algum lugar também, pois ela podia ouvi-lo tiquetaqueando, medido, muito mais lento do que sua pulsação martelante.

- Lamento que isso tenha acontecido, Sra. Bainbridge. Por favor, não se preocupe com isso. Olhando para trás, eu deveria ter percebido que algo dessa natureza poderia ocorrer. ' Ele se sentou do outro lado da mesa e exalou. Ele estava um pouco mais pálido, atualmente. Seus olhos afundaram ainda mais em sua cabeça. O hospital estava cobrando seu preço. 'As dicas estão lá no seu arquivo. Quando você não puder mais fugir de lembranças desagradáveis, seu instinto natural é lutar contra elas. Muito compreensível. A liberação da raiva, se dirigida de maneira adequada, pode ser purificadora. ' Ele tamborilou os dedos na superfície da mesa. - Mas é preferível que você e eu trabalhemos juntos sobre seus sentimentos, em vez de liberá-los. Devo incluir todas as minhas observações em meu relatório e. . . bem, atos violentos não se apresentam em uma luz favorável. '

Ela balançou a cabeça, incrédula. O assobio! Como ele explicou o chiado? E ele mesmo disse que ela deveria ter arranhões ou cortes se tivesse destruído a mesa. Ela estendeu as mãos para dizer a ele, mas elas estavam vazias - o giz e a lousa permaneceram em seu quarto.

- Sim - disse ele, notando sua ação. - Achei que poderíamos deixá-los para trás. Pelo que a enfermeira Douglas disse, você começou a se articular. Mesmo que sejam apenas ruídos de sua própria história. . . Estou começando a acreditar que esse "chiado" tem mais significado do que eu esperava. Você consegue repetir? '

Ele realmente acreditava que ela tentaria? Ela faria qualquer coisa para nunca mais ouvir isso, mas mesmo que ela se ensurdescesse, ainda estaria lá, esperando em seus sonhos.

- Sra. Bainbridge?

Para apaziguá-lo, ela abriu a boca, exalou e fechou-a.

O Dr. Shepherd suspirou. - Bem, talvez ainda não. Ele abriu uma gaveta. Deu um **baque** terrível de madeira que fez seus dentes rangerem. - Enquanto estamos aqui, tenho algo que quero lhe mostrar, Sra. Bainbridge. É um arquivo antigo nosso que encontrei enquanto localizava o seu. Na época, não achei importante que tratássemos de outro Bainbridge aqui. Mas quando seu relato tocou na mãe de Rupert, dei outra olhada. Ele puxou um arquivo e o colocou sobre a mesa. Sua capa estava manchada e parcialmente rasgada. - Esta, de fato, era ela. Julia Bainbridge. '

Uma pequena explosão em seu peito. A mulher chorando com os olhos de Rupert.

Ela estendeu a mão trêmula, mas o Dr. Shepherd colocou a palma da mão firmemente em cima do arquivo.

"Não há fotos, infelizmente. Não era comum naquela época. Mas eu li e estou preparado para fazer um resumo. '

Ele não queria que ela visse o interior. Por quê?

Distraidamente, o Dr. Shepherd começou a alisar as bordas do arquivo. - Em sua história, você parece preocupado porque a outra Sra. Bainbridge sofria de uma doença semelhante. Que as mesmas circunstâncias a perturbaram e, por fim, confirmaram seus medos fantasmagóricos. Mas achei que ajudaria você saber que Julia era, na verdade, um caso muito diferente. Ela era

atormentado pela melancolia toda a sua vida. A situação ficava particularmente ruim sempre que ela ficava confinada ao parto.

O teor daqueles soluços, tão diferentes dos de Sarah ou mesmo da Sra. Holt. Ela fechou os olhos, tentando esquecê-los.

'A ruptura fatal ocorreu em um verão em The Bridge. Seu filho, um menino de cinco anos, tentou pular uma cerca viva em seu pônei. Era muito alto. O animal foi ferido após a ajuda e teve que ser destruído. O menino demorou mais um pouco, mas havia muito inchaço no cérebro. . . Eventualmente ele faleceu. '

A colcha de retalhos. Ele deve ter ficado embaixo dela enquanto Julia pairava, torturada, ao seu lado.

"Foi um momento infeliz. Julia dera à luz uma filha apenas três meses antes. Seu estado permaneceu. . . instável. Ela desenvolveu uma mania peculiar em relação ao cavalo de balanço. Ela o encontrou arranhado, disse, dias antes do acidente, nos mesmos lugares em que o pônei foi ferido.

Isso já era ruim o suficiente, mas havia algo pior. Ela podia sentir isso pairando entre os lábios do Dr. Shepherd. Lentamente, ela abriu os olhos.

Ele estava olhando para o arquivo. Ele parecia estar olhando através dele, contemplando o passado conturbado de Julia Bainbridge.

'Depois disso, os detalhes são conflitantes. Tenho o relatório oficial, a correspondência um tanto forçada do marido da senhora. . . e o registro de uma conversa entre um de nossos médicos admitidores e Edna Holt.

Ela prendeu a respiração.

"Fiquei animado ao descobrir que a sra. Holt confirmou muitos detalhes de sua história. Por exemplo, ela não assistiu à morte de nenhum dos filhos, mas cuidou de Julia durante sua doença. Esse é, talvez, o único consolo a ser encontrado na triste história. O Dr. Shepherd encontrou seu olhar. Seus lábios se comprimiram, inseguros. Por fim, ele disse: "Oficialmente, foi asfixia. Os bebês

sufocam durante o sono, de vez em quando. Mas, pelas sugestões dadas pela Sra. Holt e pelo Sr. Bainbridge, deduzo que Julia afogou sua filha bebê na fonte.

Pulmões vazios, pressão no peito: ela também sentia. **Mãe me machucou.** "Trágico", disse ele. - Deduzo que o assunto foi abafado com sucesso até, é claro, seu próprio marido nascer. Tanto o pai quanto o

servo ficou preocupado com o bem-estar da criança. Julia falou em "protegê-lo". Essas foram as mesmas palavras que ela havia usado sobre a pequena Alice. Você não pode culpá-los por tomar medidas drásticas.

Ela pensou em seu bebê e no chifre espetado no olho de Helen. Talvez se afogar fosse mais gentil.

O Dr. Shepherd puxou o arquivo em sua direção e cruzou os braços sobre ele. Não havia necessidade real de trazê-lo para fora, ele parecia saber o conteúdo de cor. 'Apesar dos melhores esforços do hospital, não houve recuperação. Ela permaneceu aqui por vários anos. Julia morreu, ao que parece, como seu marido, por volta dos quarenta anos de idade, de um problema cardíaco.

Pobre mulher. Era uma maravilha que ela ainda tivesse algum coração para partir.

O Dr. Shepherd endireitou-se na cadeira. Seu comportamento sombrio sumiu. - Por mais estranho que pareça, Sra. Bainbridge, eu realmente lhe contei essa pequena história para levantar seu ânimo. Eu sinto que é a prova de que estamos tirando algumas memórias autênticas de você, qualquer outra. . . ' ele acenou com a mão, 'enfeites vêm com eles. Progresso está sendo feito. '

Ela pensou na mesa, no chiado. Bem dentro de seu quarto. Algo estava progredindo, certamente.

Ela só esperava que fosse ela.

A PONTE, 1866

Doía respirar. Por mais que tentasse, Elsie não conseguia mudar para uma posição confortável. Cada vez que ela se movia, uma adaga escorregava entre suas costelas.

Seu nariz parecia torto. Um de seus olhos estava inchado até que ela só pudesse ver uma fina faixa de luz através dele. Não havia dúvida em sua mente agora: ela não estava louca. Algo estava vindo para ela, tão certo quanto a maré avançando na costa. Mas não aconteceria rapidamente. Não. Eles gostaram de fazê-la correr.

Ela virou a cabeça. Um travesseiro estufado embaixo dele; ela não estava no berçário. Alguém deve ter ouvido o estrondo e a encontrado nos escombros. Ela não conseguia se lembrar. Tudo borrado sob fragmentos de dor.

Passos soaram no corredor, acompanhados por uma voz. Uma voz masculina - uma que ela reconheceu.

'Jolyon!' Seu nome resmungou, quase inaudível. Ela fez uma tentativa agonizante de se mover. Travesseiros a apoiavam em ambos os lados, ela estava apoiada sentada em um ângulo.

Os pés pararam do lado de fora de sua porta. Elsie esperou. Nada aconteceu. Ninguém entrou.

Esticando os ouvidos, ela ouviu Jolyon e Sarah conversando. - Ela ainda está dormindo?

'Acho que sim.' Sarah parecia exausta. - Deus sabe que ela já foi drogada o suficiente, Sr. Livingstone.

'Isto é minha culpa. Eu nunca deveria ter deixado ela voltar aqui, sozinha. ' 'Você não deve se culpar.'

Jolyon disse algo que ela não conseguiu entender. Então Sarah falou novamente. O médico disse que ela quebrou duas costelas e torceu muito o joelho esquerdo. É um milagre que nada foi quebrado. Há alguns danos no rosto, mas apenas estéticos. Muitos arranhões e contusões ...

- Não - disse Jolyon - ou talvez fosse outra pessoa, pois com certeza o tom era muito severo? "Não é isso que quero dizer. Você não pode fingir que esse é um comportamento aceitável, mesmo depois de tudo o que ela passou. O que ela estava pensando, saltitando pelo sótão à meia-noite?

Sarah murmurou incoerentemente. Deve ter sido algo em defesa de Elsie, pois Jolyon retrucou: "Você não deve encorajá-la, Srta. Bainbridge".

A porta rangeu nas dobradiças. Elsie fechou os olhos, sabendo que não seria capaz de esconder a dor queimando dentro deles.

Passos acolchoados pelo carpete. "Elsie? Você está acordado?"

Ela murmurou e moveu a cabeça na direção da porta, mas não abriu os olhos.

- É o Sr. Livingstone, Sra. Bainbridge, venha ver você.

Cegamente, ela estendeu a mão. Só quando Jolyon o pegou é que ela percebeu que suas luvas haviam sido substituídas por bandagens.

"Elsie. Como você está se sentindo?"

Ela molhou os lábios. Eles estavam inchados e ressecados. - Como se eu estivesse no ringue com Tom Sayers. Eu me saí melhor, no entanto. Você deveria ver o estado do berçário. ' Ela tentou um tom jovial, mas caiu no chão como um pássaro morto.

'Eu **já** vi isso', disse ele. "Danos terríveis."

Com cuidado, ela abriu seu único olho bom. Jolyon flutuou em sua visão. Ele parecia horrível. Cabelo não penteado despenteado atrás das orelhas e a barba por fazer cobria seu queixo. Marcas roxas estavam sob cada olho opaco.

- Oh, Jo. Uma lágrima escorreu por seu rosto. Ela queria estender a mão e acariciar sua bochecha, mas havia algo mais sob sua expressão preocupada, algo quente demais para tocar. 'Eu sinto muito que você teve que vir

aqui embaixo e lidar com isso. Não tivemos nada além de azar desde o dia em que Rupert morreu.

- Parece que sim. Seus lábios se apertaram. - O que você estava fazendo no sótão, Elsie?

'Procurando por algo. Havia um . . . ' Ela parou de falar ao ver Sarah atrás dele, balançando a cabeça e sinalizando loucamente com a mão enfaixada.

"Um o quê?"

Sarah estava certa - ela não poderia contar a ele sobre o diário. Ele a tiraria, diria que a excitava demais, e ela voltaria ao lavanda vermelho, de volta aos banhos frios .

"Um ornamento", ela improvisou. - Helen viu lá em cima e gostou disso. Achei que seria um belo gesto se. . . se enterrarmos com ela, no caixão.

'Oh.' Um som frio, impessoal. 'Eu vejo. E isso não podia esperar até amanhã?

Ela mentiu para ele durante toda a vida. Por que era tão difícil agora? Talvez as drogas que Sarah mencionou a estivessem diminuindo, entorpecendo suas faculdades. 'EU . . . não conseguia dormir. '

'Não?'

- Nenhum de nós consegue dormir - interrompeu Sarah, estridente.
- Não com o que está acontecendo nesta casa.

'Não. Eu espero que não. ' Ele soltou a mão de Elsie e enfiou dois dedos no bolso do colete. Ele olhou, mas não a viu. Seu olhar estava frouxo, insensível. O que estava acontecendo em sua mente?

Uma vez que ela o conheceu completamente. Seu querido menino. Só que ele não era mais um menino, certo? Ele era um jovem, seis anos mais velho do que ela quando mamãe morreu. Capaz de todas as coisas de que era capaz, naquela época.

Manter segredos de Jolyon era uma segunda natureza. Mas e se **ele** escondesse coisas **dela** ?

- Olhe para o relógio - em breve chegará a hora do jantar - disse Sarah. - Quer que a Sra. Holt traga uma bandeja para você, Sr. Livingstone?

- Não, vou descer e jantar com você. Só mais um momento. ' Seus olhos se ergueram, de repente, prendendo Elsie na cama. Para um macabro

momento, ele se parecia com o pai. 'Elsie, preciso que você me diga o que aconteceu com Helen.'

'Ela. . . Eu não sei o que aconteceu. Entrei na sala de jogos e ela estava lá. . . Curtiu isso.'

- Peters disse que você estava agindo de maneira estranha. Agitado.' 'Eu estava? Eu não me lembro. '

"Deve ter sido memorável", disse ele, ainda com aquela voz fria e morta. - Isso deixou Peters impressionado. Ele me avisou.

Bem, Peters nunca foi estúpido. Do jeito que as coisas estavam caindo para os criados em torno da Ponte, ele seria um tolo se não abandonasse o navio.

'É assim mesmo? Terei pena de perdê-lo. Ele tem sido um excelente motorista. '

Jolyon assentiu. 'Sim. O Sr. Stilford e os jardineiros também foram embora. Com todas essas mortes, dá para entender. Nossa casa está tristemente reduzida desde o inverno. '

- Sr. Livingstone. Sarah foi até a porta, enrolando ansiosamente uma mecha de cabelo em torno do dedo. - Acabei de ouvir a sra. Holt tocar o gongo.

- Mais uma palavra e pronto. Enterramos Mabel e Helen na sexta-feira, Elsie. Não podemos, em consciência, deixá-lo por mais tempo. Eu desejo que você fique aqui, descansando. '

'Mas-'

'Não há **mas** . Não vou permitir que você se esforce desnecessariamente. Ele moveu a boca, experimentando uma frase,

provando-a antes de falar. 'Você é minha irmã. Eu vou ser . . . obedecido.'

Obedecido . A palavra enrolada em sua garganta.

- Durma um pouco agora. Ele se curvou para beijar sua bochecha. Seus lábios estavam frios, secos. - A Sra. Holt vai levar algo para você comer mais tarde. Ele foi até a porta e ofereceu o braço a Sarah. - Vamos, Srta. Bainbridge?

'Sim certamente. Deixe-me apenas dizer boa noite à Sra. Bainbridge primeiro. Sarah avançou e repetiu o beijo. Sua respiração estava quente contra a orelha de Elsie. "O diário está debaixo do colchão. Não tive oportunidade de ler, apenas escondi da Sra. Holt quando te encontrei. Por favor, olhe enquanto jantamos. Descubra como podemos impedir isso antes que seja tarde demais.

A PONTE, 1635

Subi as escadas em direção à cama por volta das cinco horas. Mesmo assim, a neve caiu cruelmente. Não iria parar até que tivesse obliterado todos os objetos em uma mortalha branca.

Eu tinha ficado tão frio que não sentia mais. Entorpecido, por dentro e por fora, escalei como se estivesse em um sonho. Achei que fosse parte daquele sonho quando Josiah se materializou no patamar de camisola e pés descalços, olhando pela janela para a neve que caía. Mas ele era real; o sopro de vida saiu de suas narinas e embaçou o vidro congelado. Ele se virou ao som dos meus passos.

'Sangue de Deus! Anne, o que você está fazendo acordada a esta hora?

"Não consegui dormir", disse eu. Sua cabeça balançou para frente e para trás, de mim para a janela e vice-versa. Com uma pontada, conheci sua mente: ele estava olhando para a tempestade e se perguntando se eu a tinha assobiado. - O vento acordou você?

Ele não encontrou meus olhos. 'Não. Estou acordado de propósito. Eu vou embora dentro de uma hora. Pretendia partir um pouco mais tarde, mas este tempo vai nos atrasar.

'Sair?' Eu não tinha dormido - não estava pensando com clareza. Minhas têmporas latejavam de exaustão. - Aonde você vai?

'Você sabe onde.'

Ele voltou para mim: Merripen. Josias ia assistir enquanto o menino dançava na ponta de uma corda, enquanto cortavam sua barriga para fazer vapor

no ar do inverno. Tive uma visão de suas vísceras, apodrecendo até o carvão. 'Josiah, você não pode ir! Você não pode viajar com este tempo! Isto é loucura.'

'Eu devo tentar. Já enviei homens para cavar uma trincheira até a ponte. Estes são os homens que cavalgam com ele - não os criados domésticos convidados para o banquete da noite anterior. Uma circunstância feliz, pois tenho certeza de que se ele mandasse Mark sair com uma pá esta manhã, o homem tombaria de lado em um monte de neve. 'Quero ser o primeiro a dizer ao rei que a justiça foi feita.'

Minha mão pousou em seu ombro por um instante antes que ele se afastasse. 'Sinceramente, marido, não vale a pena arriscar para a sua saúde. Duvido que prossigam com a execução em um dia como hoje.

- Você gostaria disso, não é? O gelo estalando em sua voz parecia infinitamente mais frio do que o tempo. - Terminei, Anne. Eu estou indo e vou me certificar de que isso seja realizado. '

O medo envolveu meus dedos em volta do meu coração. Algo terrível aconteceria. Eu senti isso, tão certo quanto o senti ao meu lado. 'Josiah!' Eu implorei. 'Não aja tão precipitadamente! Você poderia morrer!'

Foi então que o vi: o antigo gesto que já vi mil vezes. Mas nunca dele. Nunca sonhei em ver meu próprio marido cruzar os dedos contra mim, como se eu fosse uma bruxa. - Não me deseje mal. Você já fez o suficiente, minha senhora.

Ele se virou e voltou para seu quarto.

Meu próprio quarto estava extremamente frio. Nenhum fogo tocou a lareira, com os servos se divertindo lá embaixo. Até a tinta que uso para escrever meu diário congelou no frasco, então eu o embalei entre as palmas das mãos enquanto subia, totalmente vestido, na cama. Os lençóis estavam tão frios que pareciam úmidos.

Devo ter dormido, pois acordei com uma sensação de queda que sacudiu meu corpo. Uma luz branca e fria brilhou através das janelas - eu tinha esquecido de fechar as venezianas. O sol estava nascendo, mas nenhum criado foi buscar minha bebida matinal.

Cansado, saí da cama, sabendo que não voltaria a dormir. Algo estava errado. Eu senti isso, me preocupando comigo, como uma

faixa de pele rasgada. Talvez eu fosse para a cozinha. Se houvesse um incêndio em qualquer parte da casa, seria.

Eu tropecei olhou turvo- descer os degraus. Tive sorte. Chamas laranja dançavam na lareira da cozinha e uma panela estava suspensa sobre elas. Jane não estava mais esticada no chão, mas sentada à mesa com um dos homens de Josias. Ambos pareciam pálidos como soro de leite.

'Qual é o problema?' Eu exigi. Eles pularam ao som da minha voz. 'Você', eu disse ao homem, 'por que não está cavalgando com seu mestre?'

Ele inalou. "Eu estava", disse ele. 'O mestre me mandou de volta aqui com uma mensagem. Há algo que deve ser. . . atendeu. '

Jane olhou para a mesa com cicatrizes de faca . 'O que?'

"Uma circunstância desagradável. Não se incomode, senhora, nós providenciaremos. . . '

Meu estômago embrulhou. 'O que?'

Um olhar passou entre ele e Jane. Estava gravado em suas sobrancelhas: sua desconfiança em relação a mim. Eles não sabiam o quanto podiam esconder.

"Há algo perto. . . algo **no** rio ', disse ele. A compreensão caiu dentro de mim, pesada como chumbo.

"Não", gritei. 'Não não!'

Eu tropecei até a porta. Era inútil, eu sabia, mas precisava ver por mim mesmo.

Eu abri a porta lentamente contra a neve e entrei no quintal. Nada mudou. Não houve nenhum som. Um feitiço branco caiu sobre tudo.

Apoiando-me contra o ar amargo, segui o caminho aberto pelos homens de Josias e seus cavalos, uma pátina de neve fresca já o cobrindo, passo após passo laborioso. Em poucos minutos, meus sapatos estavam completamente molhados. Embora eu segurasse minhas saias amontoadas em minhas mãos, bem acima dos meus tornozelos, elas encharcaram a neve e me pesaram.

Meus dentes batiam. Flocos de neve tão frios que picaram como cinzas batendo em meu rosto. Um vento rancoroso soprou em meu cabelo. Eu sabia que se ficasse fora por muito mais tempo, morreria.

Por fim, os leões de pedra da ponte se ergueram. Pingentes de gelo pendiam de suas bocas rugidoras. Eu cambaleei ao lado de um, meus nervos tensos e preparados para o horror.

Não havia nada. Apenas uma ponte vazia cintilando com a geada, e o rio, totalmente congelado.

Exausto, apoiei-me no leão de pedra. Estava tão frio que minha luva grudou nele.

Fiz uma pausa, ofegante, reunindo forças para voltar para casa. Meus pulmões estavam em carne viva. Eu estava cansado demais para sentir algo parecido com alívio.

Foi então que isso chamou minha atenção. Pisquei e olhei novamente para o rio. Espiou de perto através do gelo escuro e cinza-prata .

Um rosto olhou para trás sob a água sólida.

Dois olhos escuros se voltaram para o céu. Cabelo preto espalhado como gavinhas ao redor de seus ombros. Ela deve ter tropeçado nos arbustos esparramados ao lado do rio e caído, pois eles estavam ao seu redor, segurando-a. Seus lábios e mãos pressionaram contra o gelo em uma imitação horrível de uma criança espiando por uma janela. A boca aberta ofegou por ar que nunca viria. Eu ouvi falar, ~~enquanto caia~~ de joelhos em um banco de neve.

'Misericórdia.'

Eu fui um covarde. Incapaz de suportar a visão da pobre cigana, rastejei de volta para o calor, a vida e o conforto. Não dei nenhuma das minhas próprias instruções para recuperar o corpo. Com um silêncio covarde, deixei os eventos me tomarem conta. Os homens de Josias fizeram o que precisava ser feito.

'Eu vou voltar para a cama,' eu disse a Jane. Não dormir - se eu fechasse os olhos, aquele rosto perdido viria à tona diante de mim. Mas pelo menos na cama eu poderia me esconder, mergulhar sob o calor dos cobertores e trancar a porta.

Jane levantou-se desajeitadamente. Percebi que ela segurou a mesa como apoio. - Você vai precisar de mim para desamarrá-la, senhora?

'Não, eu vou lidar. Na verdade, não acho que você seria capaz de lidar com um corpete. Toquei suas mãos, que tremiam com pequenos tremores. Ela não parecia capaz de controlá-los. 'Você está com tanto frio, Jane?'

- Acho que sim, senhora. Minhas pernas estão dormentes. '

Eu fiz uma careta. O fogo estava alto. O calor voltou para minha própria pele congelada com golpes dolorosos. - Sente-se perto do fogo e aqueça um pouco de vinho com especiarias. Eu não posso permitir que você pegue um resfriado. '

Ela me agradeceu, me chamou de amante gentil. Eu gostaria de poder dizer que minha bondade veio de algum estoque interno de

boa vontade, mas foi o medo terrível que me tornou generoso. Medo de já ter deixado uma garota congelar até a morte e não poder suportar outra na minha consciência.

Minhas saias deixaram um rastro escorregadio sobre as pedras da bandeira enquanto eu as arrastava pelo Salão Principal e subia as escadas. A exaustão começou a me dominar. Com febre e tremendo, eu escalei a casa vazia. Nenhum servo se mexeu. Tudo o que restou das festividades da noite anterior foram as tosses que vinham do sótão e o som de vômito ocasional. Jane me informou que um ou dois dos homens lançaram vômito durante a noite. Eu detectei o cheiro - forte, azedo e nocivamente cremoso. Uma vassoura e um balde estavam abandonados no patamar do primeiro andar, mas não pude ver seu dono.

Talvez, em outra ocasião, eu teria ficado irritado. Afinal, Josias só lhes dera um feriado no dia da festa - ele não os havia dispensado de seus deveres no dia seguinte. Mas quem sou eu para falar de dever agora? Nossa família está em ruínas e duas crianças ciganas estão mortas - tudo por minha causa. Não posso repreender meus servos.

Lamentei minha compaixão por Jane no momento em que ganhei meu quarto. Era um negócio abominável, manobrar meu corpo entorpecido para fora das roupas encharcadas. Eu os deixei cair no chão em uma pilha e olhei para minha pele - ainda molhada, com um brilho leve. Sequei meus braços com uma muda limpa, guardei o corpo e acendi o fogo, depois voltei para a cama com meu diário. Eu permaneci aqui desde então.

O livro não me conforta como de costume. Achei que seria capaz de escrever longamente sobre o remorso que me consome, centímetro a centímetro; explicar como os detalhes agulhados da noite passada giram e giram em minha cabeça. **Se eu tivesse feito isso.** Mas agora acho que alguns arrependimentos são muito profundos para serem expressos em palavras. A linguagem é insuficiente. Não posso fazer mais do que lembrar aquele rosto. É a **imagem de** que preciso para confessar meu crime. Toda a minha culpa insondável e extensa é expressa naqueles dois olhos vidrados.

Ela deve ter tropeçado. Ela deve ter tropeçado nos cardos e caído no rio. Eu a vejo quando fecho meus olhos: tropeçando na neve; plantas rastejantes enroladas em seus tornozelos. Ela levou meus diamantes com ela para seu túmulo aquoso? Aquelas pedras que Josias escolheu com tanta esperança e orgulho? É apropriado se ela o fez. O homem que

comprei aqueles diamantes e a mulher que os usava sumiu. Eu não os conheço mais.

Um silêncio enervante enche a casa. Cada vez que um som é ouvido, ele ecoa como se tivesse algum significado profundo. Gotas

caem da janela enquanto o gelo derrete. Acima de mim, batidas esporádicas do sótão. Ouve-se um barulho lá embaixo - Jane deixando cair uma panela com os dedos trêmulos, imagino.

Eu me pergunto o que Hetta está fazendo no quarto das crianças com seus companheiros de madeira. Eu deveria ir até Lizzy, eu sei, e contar a ela o que aconteceu com a cigana. Ela merece ouvir isso de mim. Mas, meu Deus, não suporto testemunhar seu desânimo.

Eu realmente deixei lá? Seguro e cansado na minha cama? É onde eu deveria ter ficado. Olhando para trás, eu estava feliz naquela época.

Eu daria reinos para não olhar por cima do ombro e ver os eventos das últimas horas. Mas eu não tenho reinos; apenas fardos que devo abandonar. A verdade deve ser colocada aqui.

As imagens rodam e não consigo classificá-las em ordem. Eu devo pensar. Onde eu estava? Na cama? Sim: dormindo na cama, pois a tensão da minha noite e a caminhada na neve finalmente me dominaram. Acordei com o som de soluços; comovente em sua suavidade.

Eu pulei para fora da cama. O ar gelado me acordou imediatamente. Peguei um manto seco da prensa, lancei-o sobre os ombros e abri a porta. Ninguém se mexeu. Os gritos aumentaram e diminuíram em uma maré suave.

Com um vazio cada vez menor por dentro, concluí que era Hetta. Chorando por Merripen, ou apenas por sua própria existência solitária.

Um pequeno pedaço do meu coração rachou com cada suspiro que ouvi. Mas, mesmo então, eu era muito egoísta, com muito medo. Não fui confortar minha filha - não pude encará-la. Voltando para o meu quarto, vesti uma camisola e desci as escadas.

Ainda nenhum servo se moveu. Isso me incomodou. A julgar pelo sol, era bem depois do meio-dia. Ninguém tinha me alimentado ou verificado se eu precisava de atendimento. Não era como minha casa.

Antes de chegar à cozinha, ouvi um baque e um barulho como o som de panelas. Deve ser Cook, pensei. Meu estômago roncou -

já haviam se passado muitas horas desde a última vez que comi. Mas, para minha surpresa, quando destravei a porta e saí para o brilho quente do fogo, encontrei o quarto vazio.

Eu cheirei - um cheiro estranho e bolorento pairou.

A cozinha dava sinais de ocupação recente: um bloco com as ervas de Hetta jazia na lateral, as hastes meio picadas e a faca ainda molhada, esverdeada e reluzente. Talvez Cook tenha descido para a despensa?

Passei pela porta interna para uma passagem úmida. Eu me senti como se estivesse em uma caverna. Eu tinha esquecido de trazer a lanterna e estava difícil de ver. Abri caminho de uma maneira estranha e hesitante, incapaz de me mover com pressa.

A porta da despensa fria estava aberta. Nenhum som de movimento veio de dentro. Eu dei uma batida curta. Nada.

Eu coloquei minha cabeça para dentro. Era uma sala cavernosa com uma fileira de ganchos de carne na outra extremidade. Animais mortos olhavam para mim com seus olhos de seixo sem brilho e havia um cheiro tão forte, tão primitivo, que me arrepiou pelos braços.

Não pude ver Cook. Eu
avancei para dentro.
'Olá?'

A caixa torácica aberta de uma corça ocupava a maior parte do espaço na mesa. Notei o cutelo, ainda impressado em um pedaço de carne.

Outra etapa. Minha cabeça bateu em um pássaro morto suspenso no teto. Eu vacilei e o empurrei, cuspiendo penas. A criatura era meio mole, meio enrolada, como se alguém tivesse começado a arrancá-la, mas desistido. E agora que refleti, havia muitas tarefas assim pela casa hoje: o balde abandonado; as ervas parcialmente picadas.

Uma carcaça rangeu enquanto
balançava no gancho. 'Olá? Cozinhar?'

Sem resposta. Quase assustado agora, caminhei na direção dos ganchos. Não sei o que esperava - alguém pular em cima de mim por trás de uma carcaça, talvez, ou um dos animais se contorcer vivo de repente. Focado nesses medos, não pensei em olhar para baixo. Meu pé escorregou em algo macio e, em um instante, meu corpo bateu no chão de pedra.

Tirou o vento de mim. Fiquei deitado por um momento, confuso.

Uma forma longa e irregular se esticou ao meu lado. Revoltado com a ideia de que poderia ser uma vaca morta, caída do anzol, chutei um pé para afastá-la. Mas a massa negra simplesmente rolou, um braço se desdobrando.

Foi humano.

Meu grito ecoou. Eu me coloquei em uma posição sentada, lutando para trás com meus braços. Eu vi o rosto agora: era Cook.

Empurrando minha garganta, estendi a mão trêmula e bati meus dedos contra sua bochecha. A pele estava fria como mármore. Não haveria como salvá-la.

Eu tive que sair da sala. Agarrando a mesa ensanguentada, me pus de pé. Eles tremeram, mas não cederam. **Busque ajuda**, minha mente gritou. **Jane, Mark, qualquer um**.

Corri de volta pelas passagens de pedra para o calor da cozinha.

Ainda assim, aquele cheiro de mofo contaminou o ar.

'Socorro!' Eu gritei. 'Alguem AJUDE! Eu estou na cozinha.' O silêncio reinou.

Foi então que o pensamento astuto e terrível rastejou por minha mente? Alguma parte de mim deve ter sabido, pois meus pés me levaram pela passagem servida até a copa.

O cheiro me atingiu primeiro: vômito e o fedor acre de esterco. Em uma poça de fluido viscoso jaziam pedaços de louça quebrados, facas manchadas e, ao lado deles, minhas duas jovens copeiras.

Olhos injetados de sangue olhavam cegamente para o teto. Marcas escuras manchavam seus lábios e um padrão amarelo e vermelho manchava sua pele.

'Não,' eu engasguei, 'não.'

Sem saber o que fazia, corri de volta para a cozinha. Parado. A sala ondulou como água ao meu redor. Quando meus olhos clarearam, o bloco de corte ganhou um foco terrível. Nas ervas cortadas pela metade, vi o que não havia notado antes.

'Não.' Meus dedos viraram as hastes molhadas. Eles estavam cheios de manchas roxas.

Peguei a faca e tateei à procura da porta. Não pode ser verdade. Se eu tivesse que correr dezesseis quilômetros na neve com o vento cortante rasgando meu vestido, provaria que não era verdade.

O jardim de Hetta estava coberto de neve e geada. Mergulhei minhas mãos nuas nas ervas. O cardo enredava tudo. Do canto da minha mente, as palavras de Harris ecoaram de volta para mim: **arrepia-se**. Eu empunhei minha faca e abri meu caminho.

Arranhada e sangrando, eu agarrei até que toda a neve caiu. E lá, escondidas sob o cardo cinza-azulado, cresciam as plantas que eu não tinha visto - eu, que me orgulhava de ter visto uma segunda vez. Meimendo venenoso, monge e pennywort de água. Vervain para feitiçaria. Por último, crescendo atrás, os frutos escuros da beladona.

Meus dedos caíram; a faca caiu sem fazer barulho na neve.

Ele **foi** verdadeiro. E foi pior do que jamais imaginei.

A memória me inundou com uma força que não poderia ser negada. Vi imagens cintilantes: a poção; tesouras enferrujadas; O rosto frio e impassível de Hetta; um antimasque de fumaça e luzes vermelhas, e saltando por tudo isso, o demônio mascarado da altura de uma criança.

- Meu Deus - sussurrei. '~~Querido Deus.~~'

Não me lembro quanto tempo fiquei ajoelhado ali com os verdes amargos que minha filha havia semeado. Eu mal senti o frio beliscando meu rosto, ou o gelo caindo na água sob minhas saias.

Josias estava certo o tempo todo. Por meio de minhas poções e feitiços, invoquei algo perverso. Eu a **criei** . Eu sou pior do que uma bruxa.

Meu bebê. Podre até a raiz. Cada lembrança de sua infância assume uma aparência sórdida e vergonhosa. Ela era um demônio desde o útero? Mas é claro que ela estava. O que mais ela poderia ser, ao mesmo tempo não natural e mal concebida?

Agora ela tem nove anos, seu poder está completo. A nona hora, a hora em que Cristo morreu. No entanto, mesmo antes disso, ela já estava tramando. O que eu confundi com amizade com o cigano deve ter sido uma isca. Ela armou para ele assumir a culpa enquanto ela matava o cavalo. E agora ela matou meus servos.

Não sei se uma criança criada por mãos humanas possui alma. No entanto, isso eu sei - a penalidade pelos pecados de Hetta será exigida de **mim** em

Dia do julgamento. **Eu** matei aqueles criados quando preparei minha poção: era apenas uma combinação diferente de ervas.

Devo ter cometido um erro. Uma proporção de uma mistura, uma palavra no feitiço. Eu não criei um filho. Eu fiz um monstro.

Eu gostaria de poder dizer que criei coragem para entrar e enfrentar Hetta, mas foi o frio que me conquistou no final. O sol se pôs cedo, pulverizando as nuvens de rosa e cinza como madrepérola. Meus dedos trêmulos procuraram a faca ao meu lado.

Minhas saias estavam congeladas. Era como se eu arrastasse uma corrente em volta da cintura enquanto cambaleava de volta para a casa, e meus pensamentos também se arrastaram, incapaz de traçar o curso que devo seguir. O que eu diria para minha família? Lizzy adorava a garota, ela nunca acreditaria em mim.

Então o pensamento me jogou para o lado. **Lizzy** .

Eu corri. Tropeçando, tropeçando, incapaz de controlar meus membros, corri pela porta do quintal. A casa cheirava a morte. Tossindo contra minha manga, me arrastei para o Salão Principal.

Minhas saias jogaram cacos de gelo enquanto eu subia as escadas. O medo apertou em meu peito enquanto me aproximava do berçário.

Eu alcancei a porta. O pardal de Hetta gorjeou de dentro. Antes era doce ouvir o canto do pássaro, mas agora ele estava chamando, chamando os mortos, chamando suas almas para que pudesse levá-los embora.

Eu hesitei. Então eu empurrei a porta aberta.

Meus olhos não queriam processar o que viam. Eles pegaram as folhas no chão, os companheiros silenciosos perambulavam pela sala como uma platéia na peça e Lizzy, deitada de costas. **Dormindo**

, meus olhos diziam. **Dormindo** . Mas com algo envolto em seu pescoço. Vines. Uma corda feita de vinhas e trepadeiras.

Lembrei-me da falta de ar que ouvira antes. Não era Hetta chorando, ofegante - era Lizzy.

Hetta se virou para mim. Quando seus olhos encontraram os meus, tudo entrou em foco. Eu vi minha amiga mais antiga, a mulher que eu amei como uma mãe, com a vida estrangulada de seu corpo, e parada sobre ela, o duende que eu chamei de **filha** .

Não havia desculpas em seu rosto - apenas um triunfo repulsivo e exultante.

Eu ainda segurava a faca na
minha mão. Deus me perdoe.

Agora está tudo quieto. O pardal fica imóvel em sua gaiola. Em torno da casa, os corpos endurecem e se corrompem, enquanto o sangue de Hetta rasteja pelas tábuas do chão até os pés dos companheiros, seus únicos amigos verdadeiros. Observo a poça vermelha coalhar com as trepadeiras e se transformar em um marrom enferrujado - o mesmo marrom da poção que bebi há muito tempo.

Eu sei o que vai acontecer comigo: Josias e seus homens vão me encontrar sozinho em uma casa de morte. Eles vão mandar chamar o descobridor de bruxas. Os sussurros me seguiram por tempo suficiente. Eu devo queimar.

É a mais horrível de todas as mortes. Eu poderia evitar - a faca ainda está afiada. Eu deveria passar a lâmina pegajosa em meus pulsos agora e me salvar. Mas isso seria bom demais para mim.

Eu convoquei o demônio. Eu preciso do fogo purificador da ira de Deus. Eu preciso sentir as chamas.

A PONTE, 1866

A manhã chegou e o relógio no Salão Principal bateu dez horas antes de Sarah retornar. A luz do sol penetrava pelas cortinas abertas e estendia sua sombra, curvando-a na parede. Em seu vestido lilás, seu corpo parecia encolhido. Ela não sorriu quando entrou na sala, arrastando ataduras como se fosse uma múmia estourada do túmulo e segurando uma tigela de água.

- Sarah, graças a Deus. Achei que nunca deveria ver você. '

- Vim trocar suas bandagens - Sarah respondeu em voz alta. 'Deve ser feito para evitar infecção.' Ela chutou a porta e baixou a voz para um sussurro. - Pronto, isso vai nos dar um pouco de tempo.

Elsie observou-a colocar as tiras de linho e a tigela na penteadeira. - O que foi, Sarah?

Sarah olhou para a porta. "Em um momento. Venha, me dê sua mão. ' Ela se sentou ao lado da cama e pegou a mão de Elsie em seu colo.

Elsie estremeceu quando Sarah tirou um pedaço de tecido, seco com sangue, de sua palma. "Eu li o diário", ela sussurrou.

'E? Conte-me!'

Ela fez uma pausa, sabendo que nunca seria capaz de transmitir o desespero e a culpa arrepiante daquelas últimas páginas. A voz de que ela precisava pertencia a Anne, pertencia a outro tempo. - Você estava certo. Sobre Anne. Ela nunca teve a intenção de causar dano. Foi tudo uma terrível sequência de eventos que ela não conseguiu controlar. Sua respiração ficou presa, mas ela não precisava esconder

isso - no mesmo momento, a bandagem caiu, expondo suas feridas ao ar. A maioria tinha cicatrizes, mas um ou dois ainda choravam.

Estranho, as mãos de Elsie estavam curando mais rápido do que o único corte de Sarah. Até mesmo uma infecção deveria ter se curado agora.

- Mas o que aconteceu com a pobre Hetta? "Anne. . . Anne matou Hetta. - Ela matou o próprio filho!

'Ela teve que!' Um sinal defensivo que nada tinha a ver com Anne. - O mal de que você falou. Algo sobre uma poção e um feitiço? Foi em Hetta. Preso nela. Anne teve que matá-la e salvar o que restava de sua família. Ela teve que salvar seus meninos. '

Sarah franziu a testa, pensativa. Ela molhou um pano na tigela de água e passou suavemente sobre a palma da mão de Elsie. As feridas suspiraram de alívio. - Então não é o fantasma de Hetta nos assombrando?

- Não exatamente. É mais do que isso. Eu acho que . . . Os companheiros estavam lá quando Hetta morreu. Anne escreveu que seu sangue fluíu para os pés deles. Eles absorveram, entende? O mal se moveu para eles. '

- Mas o que ele quer?

'Eu não faço ideia.' O mal tem desejos e necessidades? Certamente não, certamente isso o tornaria muito humano. Não é mais um puxão das profundezas do abismo, mas algo sensível que pode vir à tona em qualquer um. Nela.

'Talvez o mal esteja procurando algo.' A respiração de Sarah ficou quente contra sua pele. 'Procurando. . . um hospedeiro mais permanente. '

Um silêncio constrangedor caiu enquanto eles consideravam as implicações disso. Lascas. Em Rupert, no bebê. Algo tentando entrar.

Sarah desenrolou uma bandagem nova e pressionou-a no centro da palma da mão de Elsie. 'Enquanto permanece nos companheiros, fica preso dentro da casa.'

- Então temos que detê-lo, antes que possa escapar.

Sarah enfaixou as feridas de Elsie e deu um nó na bandagem. Então, finalmente, ela exalou. 'Não podemos pará-lo. Não temos tempo. Tudo o que podemos fazer é fugir. '

'Fugir?' Elsie chorou. 'Não podemos simplesmente correr! E se machucar outras pessoas?' 'Talvez ele *vai* machucar outras pessoas, Elsie! Mas não estou preocupado com outras pessoas. Eu só estou preocupado com você. ' Elsie queria retirar a mão. Havia algo nos olhos de Sarah que exigia muito. 'Escute-me por favor. Estive sozinho toda a minha vida. Você não podia

chame a Sra. Crabbly de família, não com sua repreensão e seus horríveis modos cruzados. E Rupert. . . Bem, houve um tempo em que pensei que Rupert poderia se casar comigo. Achei que ele poderia invadir e me salvar da vida de companheira de uma dama. Mas você sabe o que aconteceu lá.

Elsie não sabia o que dizer.

'Então eu conheci você. E você foi gentil comigo. Comecei a pensar que talvez. . . você pode me deixar ser seu amigo, afinal. Que eu poderia ser útil para você.

- Você esteve, Sarah. Você é a única pessoa no mundo que acredita em mim, que me entende. Você tem sido o melhor dos amigos. '

'Eu nunca tive um amigo antes.' Seu aperto na mão ferida de Elsie era dolorosamente forte. - E maldito seja se os deixo tirar você de mim.

"Os companheiros?"

'Não os companheiros! Os doutores!'

Seu corpo enrijeceu sob os lençóis. 'Por que iria. . . por que os médicos me levariam embora? '

- Sinto muito, Elsie. Eu não queria dizer a você, mas o Sr. Livingstone já se decidiu. Ele mesmo disse isso no jantar ontem à noite. Ele foi enviado para um asilo.

O pânico esticou os braços profundamente em seu peito. Deve ser um engano. Claro, deve ser - Jolyon nunca a internaria! Mas os olhos castanhos profundos de Sarah contavam outra história.

- O que exatamente ele disse a você?

- Que você estava muito doente. Gentilmente, ela colocou a mão de Elsie de volta na cama. - Ele disse que já suspeitava disso há algum tempo. Então ele me pediu para empacotar todas as suas coisas porque alguns homens estavam vindo, alguns médicos, para examiná-la. Que eles o levariam com eles e você provavelmente ficaria fora por um bom tempo.

Caindo - era assim que parecia. Caindo da encosta de um penhasco com nada além de pedras abaixo. **Jolyon** , traí-la? O menino pelo qual ela havia sangrado, entregou sua juventude para criar. Não, ele nunca faria. . . A não ser que. A menos que ele não estivesse dormindo, afinal.

- Você tem certeza disso, Sarah? Você tem certeza **absoluta** ? '

Sarah acenou com a cabeça. Fios de cabelo caíram, apáticos, soltos de seus grampos. 'Eu fui a livraria. Eu vi as cartas que ele escreveu. '

- Mas **você** sabe que não estou louco!

'Claro que eu faço. E é por isso que decidi. Ela ergueu o queixo, desafiadora. - Vou tirar você daqui. Esta noite.'

Elsie teve uma vontade terrível de rir. Aquela risada chocada e histérica que só veio quando toda esperança se foi. 'Como você pretende fazer isso? Pense na minha perna. '

- Encontrei uma bengala. Você pode usá-lo para se apoiar. ' "Vai fazer barulho. Eles vão ouvir nas escadas.

Rosas floresceram nas bochechas de Sarah. 'Há algo . . . algo que posso fazer no jantar. Eu costumava fazer isso pela Sra. Crabbly, quando ela estava reclamando. Elsie olhou para ela. - Uma gota nas bebidas, para fazê-los dormir pesadamente.

Elsie teve a sensação de que havia julgado Sarah mal o tempo todo. 'Você realmente? Você realmente drogou a Sra. Crabbly só para conseguir um pouco de paz?

Um sorriso maroto se espalhou pelo rosto de Sarah. - Todos nós fizemos coisas das quais nos envergonhamos, Sra. Bainbridge.

A noite caiu rapidamente. A chuva toda a tarde bateu nas janelas. Cada vez que Elsie acordava de um cochilo, as nuvens ficavam um pouco mais escuras. Ela fechou os olhos para o céu de pólvora e os abriu para descobrir que se tornara escuro como alcatrão. Já era tempo.

Elsie cambaleou para fora da cama antes de ter a chance de voltar a dormir. Com grande dificuldade, ela amarrou a capa que Sarah havia deixado para ela e colocou uma nova caixa de fósforos no bolso. Uma névoa de láudano encheu sua visão. Cada músculo protestou contra sua loucura. Como ela conseguiria descer as escadas?

O pedaço de pau era muito frágil, tremendo sob seu peso enquanto ela mancava para a porta. Se os companheiros viessem, ela não poderia correr.

Mas que escolha ela tinha?

Duas batidas leves na porta. A cabeça de Elsie se ergueu. - Entre - sussurrou ela.

A porta se abriu silenciosamente e Sarah entrou, trazendo com ela uma aura de luz dourada. Ela carregava um lampião a óleo em cada mão.

'Aqui.' As sombras se agitaram em seu rosto enquanto ela entregava uma lanterna para Elsie. Suas pupilas refletiram a luz.

- Os dois estão dormindo?

"Houve um pequeno problema", disse Sarah. "O Sr. Livingstone foi à biblioteca. Receio que ele tenha adormecido lá. Ele vai ficar com o pescoço duro quando acordar.

A preocupação se amontoou em seu peito. Agora se tratava disso, ela estava fraca. Ela não queria deixá-lo para trás. "Sarah. . . Talvez devamos esperar. Precisamos planejar isso. Para onde iremos, o que faremos? "

Sarah olhou para ela. 'Não há tempo. Temos dinheiro suficiente para entrar no trem.

'Mas . . . Não posso simplesmente abandonar Jolyon. E se os companheiros forem atrás dele? E se eles o usarem como hospedeiro?

- Você será capaz de detê-los se estiver aqui?

'Não . . . Mas-'

'Você será capaz de protegê-lo de dentro de um asilo?'

Elsie fechou os olhos. Não havia como vencer. Qualquer escolha que ela fez, ela perdeu Jolyon. E o que era sua vida, então?

'Eu não posso. . . '

- Você não o está traindo, Elsie. Foi **ele** quem desistiu de **você** . '

Relutantemente, ela assentiu. Melhor arriscar com Sarah do que passar a vida inteira presa atrás de muros altos. Ela não deixaria ninguém forçá-la, nunca mais.

Sarah foi à frente. Elsie mancou atrás dela. Tudo estava sombrio. Nem mesmo as lâmpadas de gás queimaram.

Tudo o que ela podia ouvir eram os passos de Sarah e o **toque** constante de sua bengala. A lanterna em sua mão quicou em seu andar irregular, iluminando os lampejos do tapete marrom.

De repente, Sarah congelou. Elsie não conseguiu parar a tempo. Houve um baque e o som de vidro quebrando, óleo derramando. As sombras surgiram conforme o corredor ficava mais escuro. Sarah deixou cair sua lanterna.

'Rápido.' Ela se virou e arrebatou a luz restante de Elsie. No momento em que ela o ergueu, eles engasgaram.

Sete companheiros se esgueiraram ao lado da escada.

Estava muito escuro para ver seus rostos. Apenas silhuetas surgiram, grandes contra a parede enquanto a lanterna tremia nas mãos de Sarah. Elsie lançou um olhar por cima do ombro, lembrando-se de como eles vieram antes, de ambos os lados, como uma matilha de lobos. Ela não conseguia ver nada sólido, apenas

um fio amarelo escorrendo do teto no final do corredor.

- Sarah, o que ... Antes de terminar, ela ouviu o ronco de Jolyon. Imagens confusas se encaixaram e então ela percebeu: a faixa amarela era uma lâmpada acesa na biblioteca. A porta da biblioteca estava aberta. Ela agarrou o vestido de Sarah. - Ele está sozinho. Não posso deixá-lo, não com eles aqui.

Os olhos de Sarah estavam fixos nos companheiros. 'O que você quer dizer?' 'Jolyon!'

- Mas você estar na casa não vai impedi-los!

Sua perna machucada começou a tremer. "Ele deixou a porta aberta." 'Que diferença faz?'

Ela estava certa. Havia lógica, mas também havia o coração: o coração de uma mulher que criou um menino sozinha desde os cinco anos de idade. Elsie não podia deixá-lo. No mínimo, ela teve que fechar a porta.

- Continue observando - gritou ela, girando em seu bastão. Pensando apenas em Jolyon, ela voltou para o corredor.

Sua vara bateu no ritmo de seu pulso frenético. Ela ouviu o grito de alarme de Sarah, mas já parecia distante. Ela estava se afogando na escuridão. Seus olhos voaram, procurando alívio do preto implacável. **Jolyon . Apenas se concentre em Jolyon** . Apesar da dor escaldante em suas costelas, apesar da fraqueza entorpecida de sua perna esquerda, ela avançou em direção à fenda de luz.

Ela pensou que iria cair. Dor, medo e láudano a engolfaram. Apenas o frio não natural rolando para fora da biblioteca e o cheiro úmido e mofado cortou a névoa. Ela tropeçou ofegante na soleira. Jolyon sentou-se afundado na mesa da alcova, a cabeça apoiada na superfície polida.

Mancando mais perto, ela viu o movimento de seus olhos sob suas pálpebras e a batida lenta de uma pulsação em seu pescoço. Vivo. Ele estava apenas dormindo. Sua respiração agitou o papel sob sua bochecha.

Só por acaso ela notou o timbre. Ela estava a ponto de se virar, mas seus olhos se fixaram no roteiro, impresso como um grito.

Hospital de São José para Insanos

Por um momento, tudo ficou quieto. Então seu coração bateu de volta, batendo sangue em sua cabeça com batidas dolorosas. Ela cambaleou para fora da sala.

Aquela palavra ricocheteou em seu crânio: ***louco***.

Ela não podia mais duvidar de Sarah. Jolyon realmente achava que ela estava louca. Ele havia desistido dela. A dor disso era pior do que as costelas quebradas. Batendo a porta, ela se virou e lutou para abrir caminho na escuridão, de volta ao corredor.

- Por favor, Elsie! A voz estrangulada de Sarah a conduziu para frente. 'Você está aí? Não consigo mais olhar para essas coisas.

- Eles se mudaram?

'Apenas seus olhos. Eles estavam observando você. Elsie estremeceu.

Se ela pudesse ver claramente. Ela não conseguiu reacender a lanterna quebrada, pois o óleo havia empapado o carpete. Ela se atreve a acender uma lâmpada de parede? Certamente a luz de apenas um não acordaria Jolyon?

Com a mão livre, ela puxou a alavanca.

- Aqui, Sarah, pegue meus fósforos. Vou segurar a lanterna enquanto você acende o gás.

Sarah obedeceu e a chama ganhou vida. A luz espirrou no papel de parede vermelho flocado, nos bustos de mármore. 'Oh meu. Eles parecem um pouco mais próximos.

- Não podemos parar de assisti-los - Elsie disse a ela. - Vou descer as escadas primeiro com a lanterna, para cuidar de alguma no Salão Principal. Você anda para trás e fica de olho nesses aqui.

Os dedos de Sarah se apertaram ao redor da caixa de fósforos. 'Para trás? Por que eu?'

Elsie bateu o taco com impaciência no chão. 'Vai ser bastante difícil para mim ir para a frente.'

Eles ficaram de pé, costas com costas. Graças a Deus, eles estavam vestidos com simplicidade, sem crinolinas infladas. Elsie

sentiu os ombros de Sarah contra os dela, o suor úmido em seu vestido. 'Pronto?'

A respiração ofegante de Sarah. 'Pronto.'

Ela colocou a saia na mão que segurava a bengala, o material dando aderência à palma da mão escorregadia. 'Venha, então.'

Suas pernas tremiam - não apenas a perna ruim. Um passo. Dois. Lentamente, lentamente, os calcanhares de Sarah batendo nos dela. A nuvem de luz da lanterna percorreu a escada, mostrando lampejos de carpete e papel de parede. Sem companheiros.

- O último - sussurrou Elsie, e eles chegaram a um pequeno patamar. Um vôo para baixo, outro para ir.

Sibilo, sibilo.

Os ombros de Sarah ficaram rígidos. - Não consigo mais vê-los. A lâmpada de gás. . . fica muito longe.'

'Acender um fósforo. É só um pouco mais longe. '

Acima deles veio um arranhão lento. Elsie os imaginou, arrastando suas bases monstruosas pelas tábuas do chão.

A exaustão ameaçou inundá-la, mas ela não podia se render a ela. **Thump, thump** fez seu bastão na escada, sua perna quase dobrando. A cada passo, Sarah esbarrava nela, enviando uma espiral de dor por seu peito. E o tempo todo, sombras rolavam atrás deles.

Sibilo, sibilo.

Finalmente, a lanterna brilhou no metal e piscou sobre o brasão Bainbridge azul e dourado. O Grande Salão estava à vista. Eles estavam quase lá.

'Elsie! Elsie, estou **sentindo** algo! '

Eles estavam na última etapa. Elsie correu para alcançar a segurança do chão, mas tropeçou.

Não, não . Sua vara derrapou, a lanterna oscilou. O fogo atingiu sua perna machucada. Sarah gritou. Lá estava: o chão, duro e nivelado sob seus sapatos. Elsie cambaleou e de alguma forma conseguiu recuperar o equilíbrio.

Eles haviam chegado ao Salão

Principal. 'Caro eu! Srta. Sarah! '

Luz, esgueirando-se do outro lado do Salão Principal. O coração de Elsie saltou para a garganta.

'Como você pode?'

Ofegando, apertando os olhos, ela se virou para enfrentar a voz. A porta de baeta verde para o lado dos criados estava aberta. A Sra. Holt delineada pelo fogo, iluminada por trás. Ela se atrapalhou, houve um estouro e, em seguida, uma lâmpada ganhou vida.

'Bem bem.' Os passos da Sra. Holt soaram nas bandeiras, cortados, críticos. 'Quem teria pensado? Eu poderia ter esperado isso de

você - ela deu um aceno de cabeça na direção de Elsie. - Mas Srta. Sarah! Você deveria saber melhor. '

Desorientada, Elsie deixou a lanterna cair de sua mão. A Sra. Holt acendeu outra lâmpada.

'Vocês!' Sarah, estridente, atrás dela. - Você está destinado a ser. .
. Por que você não está dormindo? '

- Deus te perdoe, garota, você não acha que eu reconheço o chá de papoula quando o cheiro? Eu sabia que você estava tramando alguma coisa, mas nunca imaginei que você tentaria matá- **la** ! O que te possuiu? '

Onde estavam os companheiros? O Grande Salão se materializou ao redor dela. Trajes de armadura, espadas, tapete oriental. Não havia companheiros. Havia apenas a sra. Holt e o barulho das lâmpadas a gás.

- Você está tentando afastá-la de mim! Sarah gritou. Sua mão agarrou o braço de Elsie. 'Eu não vou deixar você. Ela não é lunática! Eles estavam bem aqui, você não os viu? Você não os **ouviu** , sua velha tola?

A luta ainda estava em Sarah. Não Elsie. O sentimento diminuiu, deixando-a com uma concha vazia. Lá se foi a decepção. O medo se acumulou a seus pés. Os últimos resíduos restantes foram algo como alívio. Pelo menos agora, ela não iria deixar Jolyon.

'Eu não ouvi nada. Não **havia** nada. ' A repulsa torceu os traços da sra. Holt. 'Céu acima! Você é tão louco quanto ela! '

A mandíbula de Sarah se projetou. Por um momento, realmente parecia que ela iria bater na Sra. Holt, mas então a mobília se espatifou no andar de cima e os passos ecoaram, instáveis, até que Jolyon apareceu na galeria. Ele parecia um homem em suas xícaras: corado, os cabelos em ângulos. 'O que é isso?' Ele piscou para eles, lutando contra as palavras de seu sono drogado. - Eu ouvi um grito e ... Elsie? Isso é você?'

- São as duas senhoras, Sr. Livingstone - gritou a Sra. Holt. - Eu os peguei tentando escapar.

'Escapar!'

- Receio que o tenham drogado, Sr. Livingstone. Eles são astutos. Muito mais perigoso do que tínhamos.

Elsie nunca esqueceria a expressão em seu rosto: a mistura de medo e fúria. Pois não era mais Jolyon olhando para ela por trás daqueles olhos castanhos avermelhados. Seu querido menino deixou de existir com a Sra.

Palavras de Holt. Em seu lugar estava outra pessoa, alguém que ela rezou para nunca ver novamente enquanto vivesse.

Foi o pai.

- Me deixe sair! A palma da mão de Elsie bateu na madeira uma e outra vez, sacudindo a porta nas dobradiças. Cada golpe vibrava em suas costelas com uma dor incandescente, mas ela não parou. Ela não **consequia** parar. - Jolyon, destranque a porta agora mesmo!

'Eu não posso fazer isso.'

'Por favor! Me deixe sair! Eu estive aqui a noite toda! ' Sua voz saiu do tom. Histérico, enlouquecido. Até mesmo para seus próprios ouvidos, parecia a confirmação do diagnóstico dele. 'Jolyon!'

'Você não está bem. Eu deveria saber.' Ela ouviu seu ombro se mover contra a porta. "Eu deveria ter suspeitado há muito tempo."

Sua mão pairou a alguns centímetros de distância da madeira. Ela estava se enchendo de fumaça; atrás de seus olhos, seu estômago, debaixo de sua língua. Fumaça amarga e sufocante que era o passado e o presente, envolvendo-a com vapores acre.

'Do que você está falando?' Como parecia falso. Uma fala dada a uma atriz em uma peça.

- Depois de
mamãe ... -
Não!

- Eu vi você, Elsie. Eu vi você colocar o travesseiro sobre o rosto dela ...

'Não foi assim!' ela gritou, sacudindo a maçaneta novamente.

'Ouça-me, eu posso explicar-'

- Não acredito em uma palavra do que você diz!

'Ela estava com muita dor. Ela já estava às portas da morte, não era pecado. '

'Não é um pecado!' ele explodiu. 'Bom Deus. Talvez a pobre mãe estivesse certa o tempo todo. Talvez ela não estivesse brava. As coisas das quais ela te acusou. . . '

- Tudo o que fiz, fiz por você.

Ela ouviu um soluço quebrar dele. - Você não fez isso em meu nome. Você não matou minha mãe por minha causa.

- Jolyon, olhe. Há coisas que eu nunca te disse, coisas ...

'Pare!' Sua mão bateu para trás do outro lado. 'Por favor, não me faça ouvir isso. Suas palavras vão me deixar louco também. A ajuda está chegando. Só preciso mantê-la segura até que os homens cheguem.

- Homens de St. Joseph's?

- A Sra. Holt saiu com o telegrama agora. É o melhor lugar para você. Eles podem ser capazes. . . ' Ele parou.

Lágrimas escorreram por seu rosto. Como isso pode estar acontecendo?

A cada dia o impossível se tornava realidade, mas era mais fácil acreditar em assassinos de madeira do que aceitar que Jolyon, seu Jolyon, estava contra ela.

Ela pressionou a testa contra a porta. Sob a tinta branca, ela podia distinguir o padrão e os nós na madeira, como se não fosse apenas

uma barreira entre eles, mas uma coisa viva, completa com veias e tendões.

- Jolyon, considere novamente. Ela lutou para manter a respiração estável, para soar como uma pessoa sã. - Você sabe que isso não condiz com meu caráter. Com seus próprios lábios, você disse a Mr. Underwood que arriscaria sua vida aos meus nervos.

'Eles estão quebrados, e meu coração está com eles.'

Ela pousou a palma da mão, imaginando a cabeça dele pressionada contra a madeira. Se ao menos ele olhasse para ela. Se ele olhasse nos olhos dela, saberia que ela estava dizendo a verdade. 'Você é muito apressado. Pergunte a Sarah—'

- Mande Sarah para sua suíte! Não posso permitir que ela vá ao seu quarto, encorajando-o em seus delírios.

Ela escorregou para o tapete, caindo dolorosamente no joelho machucado. - Você não pode confinar Sarah - ela tentou novamente. - Você não tem autoridade sobre ela. Você não pode nos tratar como prisioneiros.

"É para sua própria segurança. Eu sei o que é melhor para você. ' Mas ele nem sabia quem ela era.

Ela permaneceu no chão, vazia e exausta. Nesse momento, os passos de Jolyon soaram no corredor. A porta da biblioteca abriu e fechou.

Sombras de árvores caíam no tapete perto da janela. Centímetro por centímetro, eles se alongaram no chão. Uma parte separada dela se perguntou o que a pegaria primeiro - os companheiros ou o asilo. Talvez a sra. Holt já tivesse selado seu destino; soletrou sua desgraça em fios e estalos

e cliques. Ela já sentia o frio de um dormitório de hospital se fechando em torno dela.

Ela merecia isso? Talvez ela tenha. Não pelos companheiros, mas pelas outras coisas. Pai, mãe. Ela poderia apagá-los, mas eles nunca a deixaram; eles correram, escuros, em sua corrente sanguínea. Em Jolyon.

Foi talvez uma hora depois quando ela ouviu o barulho: suave, a princípio, um estalo como troncos cedendo a uma chama. Ela lançou um olhar para o fogo, mas a lenha havia queimado. De novo veio: um som de arranhar e sussurrar. Bem na porta dela.

Elsie inclinou a cabeça, ouvindo. Desta vez, ela ouviu pequenos cliques. Então uma porta se abriu com um rangido.

A exclamação muda de Jolyon a fez pular. Talvez tenha sido a Sra. Holt que voltou? Mas não houve passos, nem vozes. Apenas aquele farfalhar distante, como galhos se partindo. Ou ossos minúsculos.

Ela deitou-se desajeitadamente no chão. O raio de luz sob a porta revelou apenas um pedaço de tapete marrom.

Jolyon gritou.

Ela se endireitou, estremecendo quando a dor queimou suas costelas. 'Jo?' Ela tentou a maçaneta da porta. Ainda trancado. Ele gritou de novo, uma palavra estrangulada que parecia o nome dela. 'Jolyon!'

Agora os sons foram amplificados. Torcendo, deslizando. Ela pensou em animais se debatendo na vegetação rasteira, presos por galhos. Meu Deus, o que estava acontecendo?

'Elsie!' Um grito angustiado, borbulhando com líquido.

Furiosamente, ela puxou a maçaneta e bateu na porta. Ela não conseguia chegar até ele. Ela não conseguia sair.

Nenhuma tortura poderia ser mais enlouquecedora: ouvir e não ver; ficar impotente enquanto ele uivava. O ar ficou sufocante, impossível de respirar, pressionando cada vez mais perto.

Elsie procurou pela sala um objeto para bater na porta. Seus olhos errantes pousaram na penteadeira e ela fez uma prece de gratidão. Por que ela não tinha pensado neles antes?

Ela correu, ignorando a dor no joelho, e agarrou um punhado de grampos de cabelo. Com as palmas das mãos suadas, ela entortou o primeiro alfinete e tentou enfiá-lo no buraco da fechadura. Ele errou. Mais uma vez, ela o alinhou e novamente saiu do controle. 'Maldito!' Suas mãos tremiam como se ela estivesse com febre.

Vidro estilhaçado.

'Vamos! Vamos.' Por fim, ela enfiou o pino no buraco, mas ele estremeceu e ela não conseguiu sentir os ganchos. 'Por favor!'

Hiss . O alfinete caiu de sua mão. **Hiss** .

Houve outro grito e a voz de Jolyon morreu. O silêncio foi ensurdecedor.

Pegando outro alfinete, ela o dobrou com os dentes e o enfiou na fechadura. O alívio surgiu quando as linguetas clicaram e se moveram, e a porta cedeu à sua mão.

No corredor, tudo estava parado. Ela saiu mancando, cerrando os dentes. Passos bateram à sua esquerda. Quando ela se virou, viu Sarah arremessando-se em sua direção, olhos arregalados, Jasper em seus calcanhares.

'Elsie! O que aconteceu? Eu ouvi gritos. ' -

Jolyon. - ela engasgou. "Jolyon."

Os olhos de Sarah se arregalaram. - **Eles** não ?

Um ruído explodiu de seus lábios: lamento, animal. Ela nunca tinha conhecido uma dor como essa. 'Não! Por favor, Deus, não. '

Sem outra palavra, Sarah cutucou seu ombro sob a axila de Elsie e a ajudou a ir para a biblioteca.

Foi um desastre. Os livros estavam espalhados no chão, com as páginas soltas. O tapete era um cemitério de papel, vidro e folhas murchas. Enquanto eles tropeçavam mais para dentro do quarto,

Elsie viu rasgos nas cortinas que balançavam e dançavam com a brisa.

"Jolyon?" Não soava como a voz dela - não soava como o nome dele.

A tinta respingou na mesa, estilhaçou-se com os cacos de vidro verde da lâmpada, mas a cadeira atrás estava vazia.

'Elsie! Lá!'

Ela se virou. O menino cigano com seu cajado apareceu diante do fogo. Algo desumano cintilou em seu rosto plano. Seus olhos seguiram a direção de seu cajado.

A janela do meio foi quebrada em uma teia de aranha. Rachaduras irradiaram de um buraco central e irregular. Algo prendeu em um dos pontos. Material. Cabelo?

As cortinas esfarrapadas acenaram frenéticas, mandando-a embora. Mas seus pés se moveram sem sua permissão, irremediavelmente desenhados no tapete,

esmagando o vidro, para ficar onde o vento pudesse bater em seu rosto.

Dezenas de Elsies olharam para ela da janela quebrada, cada um uma forma diferente. Bocas alongadas, comprimidas e faltando; seu rosto derretendo. E ela viu que as rachaduras estavam marcadas com sangue.

Respirando fundo, ela olhou para baixo do peitoril.

Seu Jolyon, seu filho, estava deitado de bruços no cascalho, o pescoço em um ângulo impossível. Morto.

As cortinas se agitaram, envolvendo-a enquanto ela gritava.

Uma vez, quando ela era muito jovem, o pai tinha estourado seu tímpano. Isso criou um ruído, um ruído tão intenso que era de alguma forma mais do que som, afogando tudo, exceto seu toque insistente.

Depois que o barulho veio uma dor forte. Enterrando sua cabeça e deixando-a tonta, afrouxando o rosto. Ela sentiu tudo e nada.

Deve ter acontecido de novo, pois ela não podia ver ou ouvir. O tempo passou por ela como se ela não estivesse mais lá.

De repente, ela bateu de volta em si mesma, encontrando-se apoiada atrás da mesa nos restos da cadeira de couro. Crina de cavalo arrepiou-se através dos cortes no tecido, ásperos contra sua pele tenra.

Sarah estava à sua esquerda, agitando uma garrafa de sais aromáticos sob o nariz. À direita estava a Sra. Holt.

- Outro acidente terrível? ela estava dizendo. 'Meu olho! É ela, sua garota maluca. Ela não está bem da cabeça. Estou indo para a polícia.'

- Foram os companheiros, sra. Holt! Elsie acabava de sair do quarto e vi a porta aberta. Não há nenhuma maneira concebível de ela ter entrado aqui e. . . ' Sarah viu Elsie voltando à vida e largou os sais aromáticos.

- Acho que o Sr. Livingstone errou um truque ao escrever o telegrama - murmurou a Sra. Holt. - Ele deveria ter internado vocês dois.

Até mesmo seu nome foi um golpe no estômago. Não havia nenhum Sr. Livingstone agora, nada de bom surgindo de toda a sua tristeza: havia apenas os destroços de um belo jovem esparramado no cascalho como um pássaro caído. - Meu bebê - seus lábios entorpecidos disseram. "Meu garoto."

'Vejo?' A Sra. Holt sacudiu a cabeça. 'Biscoitos.' Ela se aproximou para que Elsie pudesse ver as redes de rugas ao redor de seus olhos e sentir o cheiro de seu hálito velho e apimentado. - Você pode ter perdido um bebê, senhora, mas isso não significa perder uma filha adulta, a esperança de sua vida. Vê-la espetada como um pedaço de carne em um assado! Seu rosto parecia assustador, distorcido pelas lágrimas. - Deus sabe que eu deveria ter pena de você por sua doença, mas não posso. Eu não consigo fazer isso. Só rezo para ver você balançar pelo que fez com ela.

Em qualquer outro momento, sua mente pode ter colocado as peças juntas. Mas Elsie se viu olhando para a sra. Holt com a mesma confusão que revestia a testa de Sarah. 'Do que você está falando? Que filha?' A Sra. Holt passou a mão no rosto devastado. - Suponho que não haja necessidade de guardar segredo agora. Havia uma razão para o Sr. Bainbridge me chamar de anjo. Também houve uma razão pela qual eu vim aqui para o meio

de lugar nenhum. '

'Oh!' Sarah respirou. - Você estava carregando o filho dele.

Ela fechou os olhos e acenou com a cabeça. 'Eu fui. Veja, minha amante não estava bem e ele precisava. . . Ele não era um homem mau. Ele queria fazer a coisa certa por nós dois. '

- Então ele promoveu você. Dei a você uma casa onde você ficasse livre de fofocas.

- Eu escondi o bebê no começo. Mais tarde, treinei-a para trabalhar ao meu lado em casa. Eu não era idiota, nunca esperei que Helen fosse criada com Mestre Rupert.

« **Helen** . Helen era sua filha? E então . . . ' Sarah colocou a mão no peito. 'Meu primo?'

'Ela era. Aquela mulher miserável sentada diante de nós tirou família de você também, Srta. Sarah. Você deve me deixar ir para a polícia. '

Elsie não temia o ódio da sra. Holt. Ela ansiava por se agarrar a ela como alguém que sentiu essa mesma dor e sobreviveu. Ou ela

tinha? A mulher que protestava com Sarah não era a mesma sra. Holt que ela conhecera na primeira noite. Ela era uma versão endurecida, uma versão de ferro, com um coração amargo.

- Vá - disse Elsie. 'Por favor. Vá para a polícia.' A Sra. Holt piscou os olhos lacrimejantes.

- Não - gritou Sarah. - Não, Elsie, você não está pensando direito. Você tem que sair daqui antes que as pessoas do asilo venham e ...

'Deixe que venham. O que isso importa agora?' 'Isso importa a mim! Eu preciso de você!'

Elsie encostou a cabeça na cadeira. 'Eu não vou deixar Jolyon. Não terei mãos estranhas lavando-o e colocando-o para fora. Eu estarei lá quando ele for enterrado como eu estava lá quando ele nasceu.'

Sarah exalou, seus ombros caindo. - Então, suponho. . . A Sra. Holt está certa. Temos que ir atrás da polícia, ou o asilo vai mandar buscá-los assim que chegarem. Será pior para todos nós se isso acontecer.'

"Três corpos na casa", disse a sra. Holt. 'Três.'

"Um deles lá fora. Venha, vamos trazê-lo antes que eu vá buscar o policial.

'Vocês?' cuspiu a Sra. Holt. - Por que eu confiaria que **você** iria chamar a polícia? Ontem à noite, você estava tentando libertá-la!

Sarah pôs a mão no ombro da Sra. Holt e a afastou de Elsie, na direção da lareira. "É uma longa jornada até Torbury St Jude. Você já esteve lá e voltou hoje.'

- Mas você vai honestamente ... A frase terminou abruptamente. Algo estava mudando, mudando sob sua expressão. 'Você fez isso?' ela assobiou.

'Fazer o que?'

'Que!' O braço da sra. Holt se esticou na lareira. - Era você ou ela?

'Eu não entendo você.'

Mas Elsie sim. Ela viu a mudança que ocorrera enquanto eles estavam de costas para a lareira. Sua pele se arrepiou.

- Não foi assim quando entrei na sala. Olhe só! ' Linhas brancas frenéticas marcavam a madeira. Cortes profundos e raivosos. Os olhos do menino ~~cigano~~ foram arranhados.

Agulhas de chuva passavam pela porta aberta. O ar da tarde tinha um cheiro estranho: turfoso e rico. Elsie tentou se concentrar no cheiro, para se perder

iniciar; qualquer coisa para se distanciar da terrível cena que se desenrolava diante de seus olhos.

Nem a Sra. Holt nem Sarah eram fortes. Eles meio empurraram, meio arrastaram o corpo de Jolyon através da soleira. Sua cabeça pendeu grotesca. Manchas de cascalho grudaram em suas bochechas e os cílios emoldurando seus olhos castanhos abertos.

Ela sempre tentou salvá-lo. Deus, como ela havia tentado.

Eles o deitaram como uma marionete quebrada no mesmo tapete oriental onde o caixão de Rupert estava. A Sra. Holt cruzou os braços esparramados de Jolyon de modo que as mãos repousassem, sobrepostas, em seu estômago. Ela franziu o cenho. - Seus dedos estão estilhaçados.

Elsie encolheu-se.

"Havia estilhaços em Rupert", disse Sarah. - E o bebê.

Os lábios da governanta se contraíram. Elsie podia vê-la lutando com a verdade intragável: acreditar; não querendo acreditar; tentando provar que estava errada.

- Mabel ou Helen tinham farpas? Sarah perguntou.

'Eu não vi. Eu não verifiquei.' A Sra. Holt deu um passo. Parado. 'Eu devo . . . vá e olhe.' Ela lançou outro olhar para Elsie.

Elsie entendeu. A governanta queria odiá-la. Ela preferia encontrar as impressões digitais ensanguentadas de Elsie em volta do pescoço de Helen do que um borriço de farpas.

Pobre Sra. Holt. Muito melhor acreditar que seu filho foi assassinado rapidamente do que perseguido, vivendo seus últimos momentos em um paroxismo de medo. Ela viu a velha desaparecer atrás da porta de baeta e seu coração foi com ela.

'Eu não entendo.' Sarah mordeu uma mecha de cabelo, agitada. 'O que essa coisa quer? O que não encontrou em Rupert ou no bebê? O que é necessário, exatamente?'

Ela balançou em seus pés. "Não sei, Sarah, e não quero saber. Só estou grato por Jolyon estar livre disso agora. Não vou dar outra chance. Traga-me um pouco de água, por favor. Eu vou lavá-lo.'

Sarah hesitou. - Não tenho certeza se você pode. Se a polícia vier para

investigar, eles vão querer vê-lo. . . como ele era.'

'Como ele era!' Um soluço seco saiu. 'Querido Deus, todos nós queremos isso.'

Sarah baixou a cabeça. 'Você faz . . . Você ainda quer que eu vá para a polícia?

'Sim! Alguém tem que nos ajudar. Não podemos enfrentar isso sozinhos.'

'Mas eles não vão acreditar nos companheiros! E se eles nos prenderem?' Prisão, o asilo. Era tudo igual, sem Jolyon. 'Então deixa

eles nos prendem. Pelo menos estaremos fora desta maldita casa.

Sarah foi buscar o chapéu e amarrou as fitas apressadamente sob o queixo. Enquanto vestia as luvas, Elsie olhou para a porta de baeta. A Sra. Holt não emitia nenhum som desde que passara por ele.

- Não se preocupe, Sra. Bainbridge. Nós vamos superar isso, você e eu. Parece impossível agora, mas. . . De alguma forma, reconstruiremos nossas vidas. Juntos.' Sarah apertou o ombro de Elsie. - Acho que Rupert gostaria disso.

Sem dúvida, Sarah foi gentil, mas Elsie não suportou suas palavras melosas. Ela se afastou.

Sarah abriu a porta novamente, deixando entrar uma rajada de chuva fina. Os jardins estavam encharcados. As sebes gotejavam e a água caía em cascata da papada do cão de pedra como baba. Sarah colocou um pé fora da porta.

'Esperar!' Elsie enfiou a mão no bolso e deu a bolsa a Sarah. - Pegue isso, caso tenha problemas. Vai pagar por hospedagem ou transporte para casa.

Dando uma última olhada nela, Sarah aventurou-se na chuva. Elsie a observou partir: uma figura acinzentada e curvada esmagando o cascalho, ficando cada vez mais escuro à medida que a sombra da casa caía sobre ela. Ela cruzou as colinas e desapareceu de vista.

Menos de dez minutos depois, a névoa desceu.

Ela desabou perto da lareira e sentou-se com as pernas esticadas, ao lado de Jolyon. Ou o que se passava por Jolyon: a cruel paródia cinza-azulada dele. Ela não queria armazenar esta imagem de seu filho: ceroso e inchado; características impressas com horror; cortes violentos em sua querida pele. Mas ela sabia que isso iria invadir, furtivamente, e substituir todos os tempos mais felizes. A morte, uma vez concebida, era voraz. Levou tudo junto.

Cada tique-taque do relógio de pêndulo ecoou pelo Salão Principal. A chuva tamborilou em contraponto. Elsie sentiu as nuvens pressionando

para baixo, bloqueando o sol. Pegando a cabeça nas mãos enfaixadas, ela esperou.

Ela não se atreveu a fechar os olhos. De costas para a parede, ela manteve uma vigília. Os companheiros poderiam tirar a vida de Jolyon, mas ela estaria condenada se profanassem seu corpo com mais lascas. Ela sabia como se sentia - ser invadida, contra sua vontade. Ela nunca, nunca deixaria isso acontecer com ele.

O tempo se arrastou. Nada mudou. Tudo o que ela viu foi uma imobilidade cinzenta; tudo o que ela ouvia era o tamborilar constante nas janelas. Foi uma espécie de tortura.

Sua mente vagou pelos caminhos enevoados de Torbury St Jude; viu Sarah perdida, caindo no rio, arrastada pela corrente por suas saias encharcadas como a cigana do diário de Anne. Ela deu um

tapa no rosto e tentou direcionar seus pensamentos para uma direção melhor. Eles giraram por um momento e então, tontos, cambalearam na direção de Jolyon. **Não** .

Depois de duas horas se passaram, ela pensou que iria enlouquecer. Rígida nas juntas, ela se levantou com um gemido. Mesmo assim a chuva caiu, leve mas insistente. Tudo parecia igual ao de manhã. Ela sentiu que tinha vivido dez vidas desde então.

O ar estava girando. O odor subiu lentamente, como o rubor do cadáver de Jolyon, roubando o cheiro de folhas de louro e limão que sempre fizeram parte dele. Ele parecia tão sujo e abandonado: manchas de lama em suas mãos, fragmentos de vidro cintilando em seu cabelo emaranhado. Polícia ser enforcada

- ela ia lavar o menino.

Ela mancou pela porta de baeta para os aposentos dos criados. Ele se fechou atrás dela, envolvendo-a em uma pedra fria.

A última vez que ela entrou nesta passagem havia uma equipe de cinco pessoas. Agora os corredores carregavam um ar de abandono. O som do fogão da cozinha e o cheiro de sabonete se foram. Nenhuma lâmpada de óleo brilhava.

Enquanto ela se dirigia à cozinha para buscar água, ela passou pelo quarto da governanta. A porta estava fechada. A Sra. Holt ficara sentada sozinha, todo esse tempo, no escuro?

Sua mão pairou sobre os painéis, insegura. Se a Sra. Holt queria ficar sozinha, ela não tinha o direito de perturbá-la. Ela tinha acabado de se decidir a ir embora quando ouviu um som de dentro.

Nem um soluço, como ela esperava. Algo mais baixo, prolongado. Um gemido ou um rangido, como ossos velhos.

Ela estendeu a mão para a maçaneta, mas não a girou. A pulsação martelou em sua garganta.

Creeeak . Uma corrente de ar passou por baixo da porta e tocou seus tornozelos. Ela tinha que voltar para Jolyon, ela tinha que ...

Assim que ela se virou, Jasper gritou.

Isso a imobilizou. Aquele som patético e agudo, tão parecido com o choro de um bebê. Ela tentou empurrá-lo para o lado e endurecer o coração, mas ele veio de novo, mais alto desta vez. Piercing. Em seguida, o mesmo rangido.

'Droga, Jasper.' Repreendendo a si mesma, ela girou a maçaneta e empurrou. A sala deslizou à vista. Elsie apertou os dedos feridos o batente, cravando as unhas na madeira.

Todas as gavetas da escrivaninha da Sra. Holt estavam abertas. Papéis cobriam a mesinha com o pano fl oral. Jasper sentou-se nele, choramingando, enquanto os vários recibos e receitas balançavam embaixo dele. Diamantes de chuva manchavam seu pelo preto. A janela estava totalmente aberta.

'O que . . . ?' Uma das cadeiras estava faltando. - Jasper, onde está a Sra ... O rangido soou bem perto de seu ouvido. Ela se virou. O ar entupido em sua garganta.

Foi o movimento que ela viu primeiro - suave, como uma árvore balançando ao vento. Só então ela começou a entender: o rangido, não de madeira, mas de cânhamo; os pés balançando. Seu olhar viajou do vestido preto para os ombros caídos e um rosto que não pertencia a ninguém: vermelho-azulado; os olhos saltando; a língua pendurada para fora. A governanta havia amarrado um laço em torno de um gancho no teto. Tudo o que um dia fora a sra. Holt pendurado ali, suspenso como um saco de grãos.

A náusea subiu de seu estômago. Enquanto as saias balançavam para frente e para trás, ela percebeu o brilho de um rosto de madeira atrás delas, o rosto de uma empregada tornado terrível pelo medo. Helen.

Ela estendeu a mão e pegou Jasper da mesa.

O medo dominou sua dor enquanto ela deslizava para fora da porta, através das passagens, para a cozinha. **Sibilo, sibilo** . Oh sim, eles estavam vindo agora. Eles apenas esperaram que ela visse o pesadelo da Sra. Holt antes de começar o seu próprio.

Sua mão se atrapalhou com a porta do quintal. 'Vamos! Vamos.'

Jasper coçou com ela.

Ele rangeu e gemeu, mas não se mexeu. A porta estava trancada.

Hiss .

O quarto da governanta - a Sra. Holt estava com o molho de chaves. Ela só precisava entrar lá e - não, droga, ela não precisava roubar um cadáver de chaves, ela podia sair pela janela aberta do quarto. Por que ela não tinha pensado nisso antes?

Sibilo, sibilo. Dentro de seu cérebro, zumbindo ao longo de seus pensamentos. **Hiss** . 'Cale-se!' ela gritou. 'Cala a boca!'

Ela foi forçada a se abaixar e colocar Jasper a seus pés. A dor queimou: agulhas quentes subindo e descendo por sua perna, chamas ardendo em seu peito. Em seguida, aquela sensação dentro de sua cabeça quando o chiado veio novamente, um incêndio disparando.

Jasper miou e trotou para frente, voltando-se para ver se ela o seguiria. Com grande dificuldade, ela saiu mancando atrás dele.

Sibilo, sibilo . Diferente do som que assombrava seus sonhos: agora ela ouvia o vapor da fábrica nele. Uma serra também, mas não cortando madeira. Rasgou alguma outra substância, espalhando líquido.

'Não.'

As letras de tinta branca com a palavra **Governanta** surgiram à vista. Essas cartas estavam na frente da porta - mas ela não a tinha deixado

aberta?

Hiss .

Bloqueado. Outra porta, trancada. Ela jogou o ombro contra os painéis, gritando de dor e frustração. Seus punhos golpearam, inúteis, a madeira.

Sibilo, sibilo.

Jasper sibilou de volta. Ele rondou pela passagem de pedra.

Caçando. 'Esperar.'

Ela tropeçou atrás dele. A dor inflamou e lançou formas pretas diante de seus olhos. Ela tinha que ignorar isso, ela não podia ceder agora. Esta agonia não era nada comparada a -

Hiss .

O choque a chutou no estômago e depois no peito. Ela **fez** reconhecer o som. Estava nela, era parte dela, mas seu cérebro estava sufocando e se recusando a deixar a memória crescer.

Hiss .

Objetos batendo na calha. Sem talas. Mais suave, mais úmido. Eles alcançaram a porta de baeta.

Jasper se recompôs e atacou. A porta se abriu, ampliando o som e o cheiro - não rosas desta vez, mas fósforo, madeira queimando e metal chamuscado. Uma nota aguda e doentia elevando-se acima de tudo. Sangue.

Ela cambaleou para o Salão Principal. O vento soprava, jogando chuva alegremente contra as janelas. A luz estava sumindo rapidamente. O fogo morrendo tocou o rosto de Jolyon com listras laranja, e ao lado dele -

'Não!' A palavra saiu dela, levando-a por dentro. Jasper gritou e arqueou as costas.

Outro companheiro: um que ela carregou por muito tempo. Seu rosto malicioso, o músculo forte e brutal dele.

Pa.

Hiss .

Ela não conseguia mais sentir a dor nas costelas. Outras sensações assumiram o controle. Era muito pior do que ela se lembrava; não apenas o terror, mas a raiva, impotência e nojo.

Hiss .

- Você não pode ficar com ele! Cai fora!'

Ela começou a se mover, mas sua perna machucada cedeu e ela ficou de joelhos, com ânsia de vômito.

'Fique longe dele!'

Hiss .

Ela olhou para as próprias mãos, espalhadas nas bandeiras cinza e preta. Suas bandagens estavam descascando. Lá, sob as feridas recentes, estavam as cicatrizes do passado - o pecado queimou sua pele.

Hiss .

A barragem cedeu. Ela se lembrava de tudo. E ela não se arrependeu.

Ela estava lá na fábrica, com 12 anos, agachada com sua caixa de fósforos, as veias pulsando com as batidas do coração. Acendendo o fogo, muito rápido, todos os dedos e polegares. Mais uma vez, ela sentiu seu calor vingativo respondendo à fúria que a assolava. E ela não se importou que tivesse queimado suas mãos, porque então ela se tornou a chama, tornou-se

as chamas se tornaram a isca para seu pai, que correu como um louco para tentar apagá-las.

Ele a viu? Ela esperava que ele a visse, como a mãe, naquela fração de segundo antes de cair. A criança de quem ele abusou se atirou contra sua perna, empurrando-o direto para a serra circular.

Sibilo, sibilo. O maquinário lutando para resistir, as lâminas entupidas. Gore caindo na calha. Uma espécie de espasmo quando o sangue espirrou pelo chão, fazendo as meninas do fósforo gritarem. Mas então o barulho se transformou em um zumbido, um estalo quando os ossos se chocaram contra os dentes. O vapor saiu ofegante da máquina. A serra deu um estalo mortal. Tudo ficou quieto e Jolyon estava seguro.

Até agora.

'Vocês . . . não pode. . . ter . . . ele!'

Jasper saltou antes dela, as garras cintilando nas brasas do fogo. O companheiro Pa tombou, ainda olhando de soslaio, para a lareira.

Uma nuvem de fumaça, um estalo. Então ele pegou fogo.

Jasper saltou de volta do fogo. Estava indo rápido demais; serpenteando por todo o comprimento do companheiro, lançando faíscas como pulgas luminosas. Nenhum fogo natural poderia queimar assim.

A fumaça ardeu em seus olhos. Ela agarrou Jasper e ficou de pé, instável.

Uma tora estourou e o tapete oriental pegou fogo. 'Jolyon!'

Mas o tinha em suas mãos. As línguas laranjas pularam e se contorceram, refletindo nas espadas penduradas na parede. Ela o viu dançar, fascinada, horrorizada, até que começou a tossir.

Ela se virou e viu os contornos ondulantes de companheiros em todos os lugares: nas escadas, espiando da galeria, parados em todas as portas. Barrando seu caminho.

Estava quente. Tão quente. O pelo de Jasper fez seus braços suarem.

Flocos de neve carbonizados de cinzas voaram no ar. Ela não conseguia mais distinguir qual companheiro era qual; ela não conseguia nem ver a porta da frente.

Não havia nada além das chamas.

Uma janela. Gaguejando, ela abriu caminho em direção a um retângulo brilhando através da fumaça. A janela com vista para a unidade. Esta

era onde eles haviam estado, Hetta e o menino cigano, olhando para ela. Saber que isso aconteceria.

Embalando Jasper em um braço, ela bateu na janela com a mão livre. Vidro quente - insuportavelmente quente.

'Vamos!'

Aquela velha e familiar queimadura em suas palmas. Foi assim que ela ganhou antes - lutando contra a dor. Ela poderia fazer isso. Ela poderia fazer seu corpo fazer qualquer coisa. Ela havia aprendido da maneira mais difícil.

Ela bateu no vidro novamente. Novamente. Os nós dos dedos gritaram e ela os trouxe de volta, pingando sangue. Novamente. O vidro estalou.

O fogo rugiu atrás dela. Ela sentiu seu hálito, torcendo o suor de sua nuca. Claro, ela deixou o ar entrar nisso. Ela tinha tornado tudo pior.

'Rápido, Jasper, rápido!'

Ele era uma confusão de membros e garras ondulantes, tentando pressionar as patas de cada lado do buraco e impedir que ela o colocasse através dele. Mas ela era rude, impenetrável para ele. O vidro estalou novamente e ela o empurrou para fora com ele, uivando furiosamente.

O calor subiu por suas costas. Ela sentiu sua pele se erguer e apertar. A dor. A **dor**, vasculhando suas roupas com as mãos em chamas.

Ela não pensou. Não houve tempo para pensar - ela deu alguns passos para trás e correu, como Jolyon deve ter feito, direto para o vidro. Com os braços protegendo o rosto, ela se lançou contra a janela e a quebrou em pedaços.

Um garfo de fogo chicoteou atrás dela, mas ela já estava no chão, batendo em seu vestido, rolando no cascalho e sufocando as chamas. A chuva caiu e extinguiu o resto. Muito tarde. O dano estava feito - ela podia sentir sua pele formar bolhas e estalar no ar implacável.

Jasper subiu correndo na árvore mais próxima. Seus olhos verdes olharam para ela enquanto ela rastejava, fumegante e meio morta, para os jardins úmidos. Ela precisava fugir do fogo. Da casa.

Seus músculos estavam estridentes. As manchas pretas dançaram em sua visão e ameaçaram assumir o controle. Esse era o limite: a fonte. Seu corpo não iria mais longe. Ela caiu sobre a borda, os braços em carne viva balançando na bacia.

Uma rajada de vento soprou nas colinas. Ela sentiu o cheiro na brisa: rosas e tomilho, salpicando a fumaça. Ela tossiu.

- Sra.

Bainbridge!

Sarah?

Ela olhou através do jardim cintilante e nublado pelo calor . Mas não foi Sarah que ela viu. Havia um companheiro, pela topiaria. Aquele que começou tudo: Hetta.

- Sra. Bainbridge! Bom Deus!

Ele **soou** como a voz de Sarah, vindo da outra extremidade dos jardins, embora ela não podia ter certeza. Ela podia ouvir duas vozes ao mesmo tempo, uma se sobrepondo à outra.

Enquanto ela olhava fixamente para Hetta, uma forma escura, uma forma mais alta, correu pelos jardins, sobre o cascalho em sua direção. Humano. Se era homem ou mulher, ela não sabia. Pareceu-lhe que dois estavam se mudando para lá, não um. Ambos estendendo as mãos para ela.

- Sra. Bainbridge!

Quando ela acordou, havia outra chamando seu nome, uma enfermeira com uma cara de rato. Seus arredores eram brancos e estéreis. Ela sentiu o cheiro de sabonete carbólico. Urina. A dor foi costurada em sua pele.

Ela abriu a boca ressequida para falar, mas apenas um resmungo saiu de seus lábios. Sua voz se foi - se foi com a memória e a fumaça.

HOSPITAL DE SÃO JOSEPH

Quando acabou de ler, ele permaneceu curvado sobre a mesa, olhando para a última palavra. Então ele se empurrou para trás e se recostou na cadeira, fazendo um som vazio com a garganta. Aquele som pareceu passar por ela, como uma moeda em um poço, ecoando quando atingiu as bordas e aterrissou com um baque surdo na boca do estômago.

Falha. Todo aquele trabalho, lavrando memórias e emoções até que fossem sementes no topo do solo para os corvos bicarem, e ainda assim - fracasso.

Ou foi? Ela o observou atentamente, alerta para a menor mudança em seu semblante. Seus olhos verdes não se moveram, eles estavam treinados no papel. Passaram-se bons três minutos. O espaço entre eles se espessou, carregado de expectativa.

Ela imaginou sua mente como uma grande máquina, os pistões bombeando, montando seu passado. . . o que? Ela queria mesmo saber?

'Bem,' ele suspirou. 'Bem. Deve ter sido o Sr. Underwood que você ouviu, chamando seu nome. Ele encontrou você.'

Apenas uma migalha de informação, mas ela se inclinou para frente, ansiosa para pegá-la. - Embora - continuou ele, mexendo-se na cadeira - tenha sido consideravelmente mais tarde do que você escreveu aqui. Noite inteira. Ele viu o brilho do seu casa no horizonte e disparou o alarme. '

Ninguém havia dito isso a ela. Ninguém disse nada a ela.

Flashes de memória dolorida vieram: não apenas fotos sépia de pessoas, mas suas vozes, seus cheiros, os sentimentos que inspiravam. Sr. Underwood, Sarah, Jasper. O **que** aconteceu com eles?

Ela considerou a história como seu segredo. Agora ela o viu diante de si na escrivania, páginas e mais páginas cobertas com sua letra grande e quadrada, e percebeu que estava incompleto. O fim não estava em seu poder. O Dr. Shepherd realizou o último ato, trancado dentro dele.

Hesitante, ela pegou o lápis e escreveu uma palavra no final da última página.

Sarah?

'Essa é a questão. O que aconteceu a Sarah Bainbridge? '

Ela inclinou a cabeça, tentando ver a expressão em seus olhos, mas a luz estava errada. As lentes de seus óculos eram opacas, escondendo-o de vista.

'O que você escreveu. . . Acho, talvez, que posso usá-lo. Mas possivelmente não da maneira que você esperava. Não prova sua inocência, nem mesmo nada, exceto uma grande facilidade para invenções. E se a imaginação fosse uma doença, o Sr. Dickens seria um residente permanente aqui.'

Imaginação! Pelo menos a **loucura** tinha poder. Isso não a tornava pueril, uma garota sonhando com fadas e unicórnios.

Sarah? Ela sublinhou a palavra, arranhando o papel.

'Sim. Ela é a única pessoa capaz de colaborar com sua história. Se o que você escrever for verdade, ela pode confirmar seu paradeiro no momento da morte de Jolyon Livingstone.

Uma lágrima molhou sua bochecha com a menção do nome de Jolyon.

- Aqui alcançamos nossa dificuldade, Sra. Bainbridge. Desde que você começou a escrever, tenho vasculhado registros em busca de Sarah Bainbridge. Você arriscaria adivinhar o que eu encontrei? Ele estendeu as mãos, mostrando-as vazias. 'Nada. Não consigo rastrear uma entrada do censo, uma morte - nada. Até tirei um anúncio pedindo informações. Sarah Bainbridge desapareceu.

Outra lágrima, caindo para se juntar e acelerar na primeira. A pobre Sarah nunca alcançou a polícia. Eles não haviam encontrado seu corpo. Pode estar caído em alguma vala, corrompendo-se, moscas entrando e saindo de seus lábios. Oh, Sarah. Ela merecia muito mais do que isso.

O Dr. Shepherd tossiu - não uma tosse de verdade, mas um modesto pigarro de garganta. Um precursor. Estava chegando agora: sua teoria.

- Uma coisa está clara para mim em sua escrita, Sra. Bainbridge. Você tem tendência a reprimir emoções desagradáveis. É a sua defesa, a sua estratégia para enfrentar. Os - incidentes - com seu pai, por exemplo. Em seguida, episódios ausentes da história. Elsie - isto é, a Elsie destas páginas - desmaia várias vezes. Não posso deixar de sentir que cada um representa um pedaço do passado que você se recusa a lembrar.

No corredor, uma campainha tocou.

'Vamos considerar, por um momento, que você está ativamente submergindo suas memórias prejudiciais. Sua raiva por seus pais, a culpa que você sente pela morte deles - qualificado ou não, não posso dizer neste estágio. Todas essas emoções sombrias devem ir a algum lugar. Eu li sobre eles virando-se contra o corpo do paciente e fazendo-os ficar mal. Mas também há casos em que eles se fragmentam, por assim dizer, no que só podemos chamar de dupla consciência.

- Você consideraria uma possibilidade para mim, Sra. Bainbridge? Sem dúvida, será alarmante, mas quero que você se abra para a possibilidade de que Sarah Bainbridge não existiu. Que ela era, na verdade, um aspecto de você.

Ela agarrou o lápis, tentando manter a mão firme. **As pessoas a viram. Eles falaram com ela.**

- Então você acredita. Sua voz era suave, mas não gentil. Insinuando, fazendo cócegas dentro de suas orelhas. - Mas não podemos verificar isso. O elenco de sua história se foi. As únicas

peessoas que podem atestar a existência de Sarah Bainbridge agora estão mortas e enterradas.

Sr. Underwood.

"Ah." Ele cruzou as pernas. - Lamento dizer que o Sr. Underwood também morreu.

Seus dedos se moveram, mas tudo o que ela sentiu foram as vibrações do lápis.

Como?

'Por fogo. Parece que quando a equipe de resgate chegou de Fayford, o Sr. Underwood enviou alguns aldeões a Torbury St Jude para obter ajuda. Mas ele não esperou pelo retorno deles. Testemunhas dizem que ele falou de outras pessoas, presas dentro do prédio. Isso está de acordo com a sua história - ele não saberia sobre as mortes do Sr. Livingstone ou da Sra. Holt, ele saberia

imagine-os ainda lá dentro. Ele correu para a ponte para tentar resgatá-los, mas, infelizmente. . . Pobre homem.'

Jaspe?

Um sorriso aliviado apareceu em seu rosto. "Pelo menos aí, tenho boas notícias. O pequenino não te deixou com seus ferimentos. Ele protegeu você de forma justa. Ao amanhecer, nosso povo havia chegado em resposta ao telegrama do Sr. Livingstone. Dada a sua condição, a polícia se dispôs a deixar que a levássemos ao nosso consultório, e o gatinho tentou segui-la. Um dos auxiliares teve pena dele e o trouxe de volta para cá. Ele tem morado com nosso superintendente-chefe desde então. Eu o vi. Muito gordo, ele parece, e muito feliz também.

Nove , ela
escreveu. 'Eu
sinto Muito?'

Nove vidas .

'Ah! Sim, bastante. O Dr. Shepherd descruzou as pernas e inclinou-se para a frente para pousar as mãos na secretária. Ele tinha unhas curtas e regulares. Cabelos loiros cresceram em seus nós dos dedos. Ao lado dele, sua própria mão queimada parecia a pata de um monstro. 'Felizmente, não temos nove vidas para contabilizar. Só dois. Sr. Livingstone e Sra. Holt.

Por fim, seus olhos se encontraram com os dela.

- Sra. Bainbridge, não acredito que você os matou. Eu nunca fiz. E enquanto eu não posso acreditar que todos os aspectos da sua história, quer, eu **fazer** acreditar que seu amor para o Sr. Livingstone. Você não iria machucá-lo. Parece-me que o incêndio foi um acidente, como tantos incêndios. Isso consumiu a vida de dois, e quase te consumiu, até que a Providência ajudou você a escapar. Mas você deve compreender, minha crença é irrelevante. Um júri examinará isso e verá uma mulher cujo pai morreu em circunstâncias suspeitas, cujo marido morreu um quarto do

casamento, para sua vantagem considerável. Dois servos mortos em acidentes misteriosos. Então, no mesmo dia em que um telegrama é enviado a um asilo para dizer que você está incontrolável e precisa de contenção. . . Você vê como fica. '

Assassina . O nome não combinava com o da Elsie da história, mas ela tinha rosto para ele agora: a carne rosa e brilhante; cabelo curto; olhos que pareciam ter sido parafusados nas órbitas. Um monstro dotado para as multidões. Como eles a devorariam, escreveriam sobre ela, deliciar-se com gritinhos afetados enquanto ela cambaleava de e para o cais.

- Tenho poucas opções, Sra. Bainbridge. Devo fazer meu relatório, e logo. ' Seus dedos se contraíram. Eles escreveriam as próximas palavras, as palavras que decidiram seu destino. Ela olhou para eles, cautelosa. Será que esses dedos finos e afilados poderiam manter sua vida segura?

- Pelo que posso ver, só há duas maneiras de mantê-lo longe da prisão. A primeira é que você se submeta à minha teoria. Aceite que você é um indivíduo perturbado, prejudicado por dois pais cruéis e insensíveis. Você me permite dizer que Sarah é uma parte separada do seu subconsciente, que você pode ter matado, mas não pode aceitar o que fez, então você inventou esses fantasmas, esses **companheiros** , para levar a culpa por você. O veredicto será sem dúvida culpado, mas pelo menos temos a chance de alegar insanidade criminoso. Isso significa Broadmoor em vez de Newgate.

Deixar todos acreditarem que ela matou Jolyon? O nome dela ficou registrado como o destruidor de sua vida? Ela balançou a cabeça, veemente.

- Você deve pensar nisso, Sra. Bainbridge. Me prometa que você vai. Pode não ser toda a verdade, mas. . . É a nossa melhor esperança. '

O lápis escorregou em sua mão suada. **Outra opção?**

Sua boca se torceu. - Bem, existe um, mas temo que não

seja provável. **Sim** .

- Minha cara Sra. Bainbridge, sua única outra opção é rezar para que Sarah Bainbridge entre ~~por aquela~~ porta, pronta para jurar por sua inocência.

Ela sonhou com Sarah naquela noite. Vestido lavanda, capa cinza, balançando na chuva. Galhos se contorceram acima de sua cabeça, estendendo-se para ela com um apelo mudo. Suas botas correram ao redor das poças que borbulhavam no chão.

A paisagem se estendia à sua frente; valas, outeiros negros e a massa indisciplinada de sebes. Atrás dela ficava a vila de Fayford

em tons de prata e cinza, um daguerreótipo do lugar que Elsie conheceu. Não havia luz.

Sarah tropeçou. A lama grudou na barra de sua saia. Seus tornozelos estavam encharcados e seu vestido estava molhado, grudando em suas pernas. Ela parecia totalmente

perdido, totalmente sozinho. Se afogando.

Um rangido; longo e baixo, como um gemido de dor no escuro. Duas batidas pesadas - **thump, thump** . Então o rangido novamente.

As pálpebras de Elsie piscaram. Era o som de seu sonho? Ou estava na sala? Ela ainda podia ver Sarah, intimidada pelas agulhas de prata chovendo sobre ela, mas ela não podia sentir o cheiro de grama úmida, ou o odor metálico da chuva; um perfume mais doce e pesado encheu seu nariz. **Rosas** .

Ela acordou de repente. Instintivamente, ela contraiu os braços. Eles estavam presos em seus lados, pressionados pelos lençóis dobrados. Ela tentou olhar em volta, mas viu apenas preto.

As tábuas do chão gemeram. Elsie ouviu de cima a baixo em sua espinha. Pequenos tapinhas, como passos de um animal.

Jaspe?

Mas não; Jasper não estava aqui. Ela não estava na ponte. Ela soltou a respiração, aliviada por um fato: ela não estava lá.

Bang, bang. Ela deu um pulo. Alguém está na porta.

Ela não iria responder, ela pensou descontroladamente, eles não poderiam fazê-la. Ela tentou se esconder sob as cobertas, mas estavam apertadas, muito apertadas. A batida veio novamente.

Quem poderia ser? Enfermeiras, atendentes, médicos - nenhum deles **bateu** para a admissão.

As tábuas do chão a seus pés gemeram. O som vinha de dentro da sala.

O medo apertou sua garganta. Ela não podia gritar, ela não podia gritar; ela só podia arranhar as pernas no final da cama à medida que o rangido se aproximava. Mesmo assim, os lençóis se recusavam a ceder e estava quente; escaldante como um sopro do inferno.

Ela se sentiu mal. Ela queria chorar. Fortalecida pelo desespero, ela soltou os braços dos lençóis e apalpou o travesseiro. **Por favor, esteja lá, por favor, esteja lá.** Mas não, isso era passado. Eles não a deixaram manter fósforos aqui.

Algo tocou seu pé.

Queimou como uma marca. Flechas em brasa perfuraram sua pele, subindo por suas veias. Eles cortaram a garganta bloqueada de Elsie e soltaram seu grito.

Passos soaram do lado de fora. Vozes, pessoas reais, vindo para ajudar. Ela manteve os olhos fechados e gritou mais alto. Eles não podiam vir rápido o suficiente.

Ela os ouviu sacudindo a corrente, disparando parafusos de seus berços. Por que demorou tanto?

Outra marca em sua perna. Até a canela, agora.

Bang . A porta bateu na parede. Lâmpadas a gás estavam acesas no corredor; a luz deles refletiu na sala.

Foi apenas um vislumbre, capturado nas sombras, mas Elsie viu: Sarah. Madeira pintada.

Ela gritou novamente.

"Cuidado." A voz baixa de um atendente.

Algo assobiou, então um raio de luz rasgou sua visão. Ela fechou os olhos, cega. Era a lâmpada do quarto dela - eles a acenderam. Devagar, devagar, ela conseguiu abrir os olhos semicerrados. Sarah se foi. Em seu lugar estavam dois atendentes corpulentos e um homem usando algemas de papel.

'Agora!'

Eles atacaram, agarrando a carne macia de seus pulsos. Mais dois atendentes seguraram seus tornozelos. Os lençóis caíram facilmente agora, não mais tensos e sufocantes.

Ela chutou e se debateu, mas o aperto não cedeu. Eles eram insensíveis aos seus golpes, surdos aos seus gritos. Ela tentou morder. Um gosto acre e seco encheu sua boca enquanto eles a enchiam com um pano. Engasgando, ela tentou cuspir, mas algo cobriu seu rosto, passando por seus olhos; algo áspero e duro e cheirando a terror.

A pressão apertou em torno de suas costelas. Suas mãos em garras estavam enfiadas em mangas sem fim. Por um momento, ela foi uma figura macabra com braços longos e arrastados, mas sem mãos. Em seguida, as mangas foram cruzadas sobre o peito e presas com firmeza nas costas. Um cadáver: ela foi amarrada na posição de um cadáver.

O homem com algemas de papel deu a ela um sorriso horrível. Seus dentes estavam podres. - Melhor chamar o médico. Diga a ele que é um maldito milagre. A assassina pode falar. '

Ela tentou. As palavras estavam todas lá, enfileiradas em sua garganta, clamando por liberação: **corra** ; **Sarah** ; **companheiros** ; **vindo** . Mas ela seca,

a língua inchada recusou-se a se mover.

Ela fez um som ofegante e isso foi tudo. Um eco patético do chiado dos companheiros.

"Parece que ela não pode falar comigo", disse um atendente.

O homem olhou para ela. Seu sorriso se transformou em um olhar malicioso. - Bem, de qualquer forma, ela pode gritar.

A sala acolchoada novamente. Deve ser. Ela podia sentir o cheiro de palha sob a tela imunda nas paredes. Palha, odor corporal e medo: um aroma pungente que não se esquece facilmente.

Pele oleosa cobriu o chão e guinchou enquanto seus pés descalços andavam de um lado para o outro, para frente e para trás. Ela podia ouvir; podia sentir as fivelas do colete estreito roçando em seu torso. Eles se opuseram à mãe de Rupert também? **Não, não, não**. Tudo o que ela queria era voltar ao tempo em que o mundo era tranquilo e seguro. Por que ela começou a escrever em primeiro lugar?

Em algum lugar dentro do hospital, um sino tocou. Muito alto, muito real, mesmo através do canudo.

Ela precisava ver o Dr. Shepherd. Se ele a tivesse acordado, talvez pudesse fazê-la voltar a dormir. Então ela não teria esses pesadelos horríveis com Sarah, nem seria forçada a suportar as próximas etapas do processo. Um inquérito? Um julgamento? Ele iria se levantar em uma plataforma e falar sobre ela como se ela fosse uma espécie rara de planta, expondo tudo o que ela havia escondido sob o solo. Homens como o potencial investidor da fábrica, Sr. Greenleaf - gordo, privilegiado e com pelos faciais eriçados - sentariam para ouvi-lo e decidiriam o destino dela entre eles.

E que destino foi esse? A Dra. Shepherd disse que o melhor que ela poderia esperar era Broadmoor: fortaleza para os criminosos insanos. Ela achava que isso faria o St Joseph's parecer o hotel do Claridge.

Talvez se o remédio fosse forte o suficiente, como era antes, ela pudesse suportar. Mas sobreviver como ela estava agora - alerta, lembrando? Impossível.

Uma fechadura cluncou. O Dr. Shepherd entrou voando na sala.

Algo aconteceu com ele. Ele não usava paletó ou colete, apenas mangas de camisa com um par de suspensórios bege em exibição. O cabelo dele era

despenteado. Ela notou uma impressão digital nas lentes dos óculos dele e manchas de tinta nas pontas dos dedos.

- Sra. Bainbridge, me perdoe. Eu deveria ter vindo muito antes quando soube de sua pequena explosão, mas os acontecimentos me surpreenderam. Ele a olhou de cima a baixo, vendo-a verdadeiramente pela primeira vez. "O colete estreito? Eu não sabia que eles tinham feito isso. Minhas desculpas, Sra. Bainbridge, farei com que eles removam e a coloquem de volta em uma sala apropriada. Por que eles acham que tudo isso é necessário? Pelo que entendi, você só teve um pesadelo?

Ele olhou para ela. Ela olhou de volta.

'Oh, claro, você não pode escrever - seus braços. Eu imploro seu perdão. Não estou pensando coerentemente.'

Quase como uma reflexão tardia, ele fechou a porta atrás de si. Seus olhos estavam injetados: não parecia que ele havia dormido. Mas então, ela não tinha certeza da hora nesta cela sem janelas. Ainda pode ser o meio da noite.

'Eu estava escrevendo meu relatório', disse o Dr. Shepherd. Percebendo seus dedos manchados de tinta, ele distraidamente os enxugou nas paredes. 'Você vê as marcas disso! Eu estava apresentando a teoria que discutimos sobre seus pais e a Srta. Bainbridge quando ... Bem, vou precisar refazê-la. Ou nem mesmo escrever, mal posso dizer. Isso é extremamente irregular.

Ela nunca sentiu tanto a falta de sua voz. Ontem à noite ela gritou, mas parecia que era tudo o que ela podia fazer. Ela se lembrou do diário de Anne, o demônio segurando a língua de Hetta. Era assim que parecia: um colete estreito na língua, sem ninguém para afrouxar os laços.

O Dr. Shepherd tirou os óculos e limpou-os na camisa. "Devo dizer que é um duro golpe para o meu orgulho. Achei que tinha descoberto, e o relatório leu muito bem. Mas, nesses casos, a pessoa fica feliz em saber que está errada. Você fica olhando. Mas é claro, nem comecei a explicar. Ele colocou os óculos de volta - eles ainda estavam manchados. - Gostaria de lhe pedir que se sentasse, mas parece que meus colegas impensados não providenciaram uma cadeira. Não importa. Terei apenas que lhe pedir, Sra. Bainbridge, que se prepare para algo maravilhosamente estranho.

Ele estava falando sério? **Maravilhosamente estranho?** Ele tinha lido a história dela?

- Na noite passada, ou melhor, no início da manhã, recebi um telegrama. Foi em relação ao anúncio que coloquei pedindo informações sobre Sarah Bainbridge.

A sala pareceu se dilatar. Ela prendeu a respiração.

- Você não acreditaria, depois de todo esse tempo, mas era **de** Sarah. Ela existe, ela está viva. '

Vivo . Tantas possibilidades em uma palavra - era uma porta se abrindo de sua cela, abrindo da cripta.

Ela deve ter ficado pálida, pois ele a agarrou pelo ombro com força. 'Sim, posso ver o que você está sentindo. É um milagre. Estou muito, muito feliz por você, Sra. Bainbridge. Parabéns.'

Sarah poderia jurar que a morte de Jolyon foi um acidente. E embora ela não estivesse lá para ver a Sra. Holt ser enforcada, ela pôde testemunhar seu estado de espírito na época, a raiva e o desânimo que demonstrara após a perda de seu único filho.

Ninguém poderia chamar Elsie de insana criminal depois disso. Ela não era uma assassina. Ou pelo menos não nesse aspecto. O Dr. Shepherd revelaria sua estranha narrativa e a confissão sobre a morte de seus pais? Ela achava que não. Ele sorria de orelha a

orelha, olhando para o mundo inteiro como se a tivesse salvado pessoalmente do laço.

“A comunicação por telegrama é naturalmente um tanto atrofiada. Não poderia fazer muitas perguntas a Sarah, mas posso fazer isso pessoalmente. Ela está vindo, depois de amanhã. O hospital concedeu a ela uma entrevista com nós dois. Sei que ela pretende se dar a conhecer à polícia, mas queria ver você primeiro.

Sarah. Não mais apenas um personagem em sua história, mas uma pessoa de carne e osso que se importava com ela. O pensamento a sufocou de alegria.

O que ela disse antes de partir para Torbury St. Jude? Algo sobre reconstruir suas vidas juntos. Sim, eles realmente poderiam. Com as evidências de Sarah, Elsie pode ser libertada. Haveria alguém para cuidar dela, alguém por quem viver. Ela não trataria Sarah como a Sra. Crabbly tratou, uma mera companheira paga. Eles iriam começar de novo como iguais.

'Agora', disse o Dr. Shepherd, 'é melhor eu me tornar apresentável antes de começar minha ronda. Aguarde firme, Sra. Bainbridge, e mandarei alguém desamarrá-la. Os funcionários agora não têm desculpa, nenhuma desculpa, para tratá-lo como um criminoso.

Ela não se importou quando ele fechou a porta, mergulhando-a na escuridão. Ela nem se importou com o colete estreito que restringia o fluxo de sangue para seus braços. Ela poderia suportar qualquer coisa agora. Isso era apenas temporário.

Eles a banharam. O Dr. Shepherd até persuadiu as enfermeiras a trocar seu vestido de hospital por um mais novo, ainda não desbotado pela roupa. Um lenço azul foi amarrado em volta do pescoço - de aparência respeitável, como eram lunáticos. Mas Elsie não conseguia conter sua ansiedade de cólicas. Como Sarah reagiria quando finalmente chegasse? Com seu piso de ladrilhos e luz aquosa, a longa sala lembrava a Elsie um necrotério. Uma mesa de metal havia sido colocada no centro. Ela e o Dr. Shepherd sentaram-se de um lado; uma cadeira estava pronta para Sarah na outra. Elsie tinha uma vista da porta no canto esquerdo da sala e, do lado oposto, um espelho redondo pendurado logo abaixo do teto. Era inclinado para que um médico ou atendente que entrasse pudesse ver os cantos mais distantes - poderia ver, em resumo, se um lunático estava prestes a atacá-los.

O espelho não mostrou uma visão distinta do rosto de Elsie. Apenas refletia a cor da pele, como a carne de linguiça. Ela parecia diminuída, uma ruína da mulher que Sarah conhecera. Um boné branco cobria sua cabeça, escondendo os tufos desgrenhados de seu cabelo.

Haviam preparado Sarah para o choque de vê-la?

O Dr. Shepherd colocou a mão sobre a dela. - Coragem, Sra. Bainbridge. Ela estará aqui em um momento. '

Seu estômago agitou-se com o nervosismo. Ela meio que temia que Sarah desse uma olhada para ela e gritasse. Mas essa era Sarah, que gostava de mulheres idosas, que até tinha pena de Hetta. Ela foi gentil. Ela veria além da desfiguração. Assim que a perturbação inicial acabasse, eles continuariam como antes - só que desta vez, eles estariam livres do medo.

O que Sarah disse uma vez? ***O fogo os torna mais poderosos*** . Não tinha. A ponte foi queimada e destruída, e o mal junto com ela. Nenhum companheiro foi encontrado nos escombros, o Dr. Shepherd confirmou isso. Apenas ossos e cinzas.

As juntas da porta rangeram. O Dr. Shepherd levantou-se de um salto. Elsie não podia confiar em suas pernas para ficar de pé - ela simplesmente agarrou a borda da mesa.

"Senhorita Bainbridge para você, doutor", disse um atendente.

Elsie estava tão preocupada com sua própria aparência que não havia parado para pensar como seria a aparência de Sarah. Ela esperava a mesma garota mal vestida e sem graça que ela dispensou. Mas a senhora que entrou na sala usava um vestido de seda verde-arsênico abotoado até a garganta. Sua azáfama franjada farfalhou atrás dela. O cabelo castanho-avermelhado que sempre caía dos grampos estava penteado para trás e limpo de seu rosto e arrumado em uma pilha de cachos de salsicha em cascata. Empoleirado ao lado de sua cabeça estava um chapéu preto com uma pena verde e um véu de rede.

Um impostor.

Mas não - o rosto era o mesmo. Um pouco mais gordinho, talvez, e melhorado com cosméticos, mas as maçãs do rosto ainda estavam muito salientes e a boca, que sorriu ao saudar o Dr. Shepherd, ainda estava muito larga.

'Oh! Sra. Bainbridge! Ela avançou para agarrar as mãos de Elsie nas suas. Eles eram macios, envoltos em luvas de pelica justas . - Meu Deus, não fazia ideia de que era tão ruim. Seu pobre rosto! O que você deve ter passado. '

Havia uma nota em sua voz que Elsie não havia percebido antes - mais feminina agora e flutuante. Mas talvez ela não tenha se lembrado corretamente.

Ela apertou as mãos de Sarah, tentando transmitir todas as suas emoções através da pressão. Ela não conseguia olhar Sarah de frente, ainda não. Ela não queria ver a pena e a repulsa ali.

- Acho que talvez tenha mencionado a você, Srta. Bainbridge, que meu paciente tem tido dificuldade para falar desde o incidente. Eu agirei como seu intérprete, se você concordar. '

'Sim, claro.' Sarah retirou as mãos e sentou-se na cadeira que o Dr. Shepherd puxou para ela. A desossagem de seu vestido deu-lhe uma postura ereta. "Não é surpreendente depois de tudo o que aconteceu."

O Dr. Shepherd voltou para o seu lugar. Elsie deu uma olhada rápida no rosto de Sarah, mas ela estava observando o médico.

"Na verdade, é comum quando um paciente passou por um trauma", disse o Dr. Shepherd. - Mas, neste caso, foi bastante inconveniente. Sem poder questionar a Sra. Bainbridge, a polícia recuou um pouco em sua investigação. As especulações sobre o que aconteceu em The Bridge ficaram fora de controle.

'É por isso que estou aqui. Para dizer o que eu sei. ' Sarah sorriu para ele. Era de alguma forma assustador.

- E nem um minuto antes! O inquérito está quase chegando. Posso perguntar, Srta. Bainbridge, perdoe a impertinência, o que foi que a impediu de se apresentar por tanto tempo?

- Achei que isso fosse óbvio, doutor. Eu estava com medo.'

'Receoso? De qualquer forma? '

- Oh, sem dúvida isso vai parecer tolice para um homem inteligente como você. Ela jogou um cacho sobre o ombro. 'Mas houve tantas mortes na Ponte! Então o Sr. Livingstone decidiu colocar a irmã no asilo e me pareceu que eu deveria me afastar do lugar.

O ar se reorganizou em torno deles. O que - o que ela disse?

O Dr. Shepherd fez uma pausa, a boca ligeiramente entreaberta. 'Vocês . . . fugiu, então? Você não se perdeu ou se machucou indo buscar a polícia? '

- Eu sei o que você deve pensar de mim, doutor. Eu fui um terrível covarde. Mas estou disposto a ser corajoso agora. Depois de todos esses anos, finalmente encontrei minha voz. '

Elsie olhou para ela. Seu contorno flutuou, oscilando sob as lágrimas que encheram os olhos de Elsie.

Sarah a havia deixado? De **propósito** ? Ela mentiu na cara dela, pegou sua bolsa e saiu correndo para deixá-la para os companheiros? De todas as pessoas, **Sarah** ?

A sensação de traição cresceu tão escura e forte que ela podia sentir o gosto. Suas próprias palavras voltaram para ela. **Isso é o que acontece comigo, Jo. Eu confio nas pessoas e elas abusam dessa confiança.**

O Dr. Shepherd estava remexendo em suas anotações, agitado. 'Mas você - er - você não achou que era seu dever se dar a conhecer depois do incêndio? Quando a polícia pediu informações?

"Não estava claro naquela fase se a Sra. Bainbridge iria sobreviver ou não. Li sobre os ferimentos terríveis da pobrezinha.

Outro golpe. Ela sabia. E embora os jornais tivessem dito que A ponte estava totalmente queimada, sem companheiros para sempre, ela não se preocupou em visitá-la. Elsie estava lutando por sua vida e Sarah não levantou um dedo.

Essa era a garota com quem ainda ontem Elsie esperava viver, viver para ela! Como ela poderia ter entendido Sarah tão mal?

- Bem, sim, mas certamente não. . . Quer dizer, independentemente da sobrevivência da Sra. Bainbridge, você tinha informações. Informações sobre a morte do Sr. Livingstone.

'Sim, Deus me ajude.' Sarah tirou um lenço e enxugou os olhos. Seu vestido era tão brilhante que refletia em suas íris, emprestando um tom verde ao marrom. 'Eu não queria dizer isso a menos que fosse necessário. Mas agora é meu dever, eu vejo isso. Outras pessoas podem estar em perigo. '

- Em perigo de ... ?

Sarah olhou para Elsie. Seu rosto se enrugou. 'Oh, me perdoe! Você sabe que devo contar a eles! '

Diga a eles? Sobre os companheiros, ela quis dizer? Ela trocou um olhar perplexo com o Dr. Shepherd, cujas bochechas estavam ficando mais vermelhas a cada instante.

- Parece que estamos conversando com propósitos contrários , Srta. Bainbridge. Não dei muita importância a isso, mas a Sra. Bainbridge me contou sobre uma mobília que vocês dois pareciam temer, algo que ela chamava de companheiro. É a isso que você alude? '

- Coitadinho - sussurrou ela -, coitadinho. -
Senhorita Bainbridge?

"Foi por isso que o Sr. Livingstone escreveu para o seu hospital em primeiro lugar, doutor. Ela ficava vendo esses companheiros em todos os lugares, quando ninguém mais conseguia.

O Dr. Shepherd inclinou a cabeça. 'Eu pensei . . . ela escreveu que você poderia? '

- Posso ter concordado, doutor, para acalmá-la. Sarah torceu o lenço. 'Eu não sabia mais o que fazer. Eu estava com tanto medo de que, se a cruzasse, seria o próximo. '

'Próximo?'

'Essa . . . acidentes. Era tão claro o que realmente estava acontecendo, mas ninguém queria admitir. A vaca, bebê Edgar, Helen. O Sr. Livingstone não conseguiu encarar a verdade até que fosse tarde demais para ele.

- Você ... você ... O Dr. Shepherd começou a gaguejar. Elsie viu sua própria confusão e consternação estampada nele. 'Você esta falando . . . '

'Eu vi ela. Eu a vi empurrá-lo daquela janela com as próprias mãos. E não tenho dúvidas de que ela matou a pobre sra. Holt também,

antes de começar o incêndio.

Não . Como eles não podiam ouvir - como sua língua não estava dizendo isso? A palavra retiniu tão alto em sua cabeça que deveria estar ecoando nas paredes, saltando pelos corredores. **Não!**

Não era verdade, ela nunca machucaria Jolyon! Ela não era uma assassina!

Mas então por que Sarah olhou para ela assim?

Ela viu a certeza do Dr. Shepherd desmoronar, sua coragem se esvair. 'Oh! Ah eu vejo . . . '

Eles ainda estavam sentados no mesmo lado da mesa, mas não eram uma equipe agora. O espaço entre seus ombros formigou como estática. Sua mente deve estar correndo com os mesmos pensamentos de Elsie: por que eu confiei nela; como pude ser tão tola; por que ela me trairia assim?

- Você entende, agora, por que me segurei - disse Sarah. - Eu amava a Sra. Bainbridge, realmente amava, e fiquei horrorizado quando. . . Eu não queria falar contra ela se pudesse evitar. Mas agora chegou a hora.

'Sim.' O Dr. Shepherd tirou os óculos e esfregou os olhos. Ele não olhou para Elsie. - Sim, acredito que o inquérito deve ocorrer na próxima semana. Devemos consultar a polícia. Você iria . . . '

'Estou preparado para testemunhar. Devo colocar meus sentimentos pessoais de lado por justiça. ' Ela deixou escapar um pequeno suspiro. - Mesmo que isso signifique ver a viúva de meu pobre primo ser enforcada.

'Aguentar!' Dr. Shepherd repetiu.

Elsie sentiu em volta do pescoço: cânhamo apertando com força. Madeira, sempre madeira, sob seus pés até que puxaram uma alavanca e o alçapão se abriu.

"É uma possibilidade, não é, doutor? Quatro pessoas morreram. '

'Bem . . . sim, em teoria a sentença de morte poderia ser concedida. Mas você disse que ela não está em seu juízo perfeito. Certamente um júri a consideraria inocente por meio de insanidade.

"Esse é o meu maior desejo." Sarah olhou para Elsie por baixo de seu nariz comprido. O olhar a deixou fria. - Mas suponho que depende do que for dito no julgamento.

Nada disso era real. Esses eram atores em pé e apertando as mãos, a conversa girando em torno dela. O barulho das pernas da cadeira contra os ladrilhos; Sarah está ofegante 'Deus te salve, querida Sra.

Bainbridge! ' - essas coisas não poderiam estar acontecendo. Aqui não. Não para ela.

Ela olhou para o espelho no canto da sala. Uma mulher esquelética e de pele manchada estava sentada debruçada sobre a mesa, sozinha. Suas mãos pareciam cascos fendidos. Ela parecia uma assassina.

Jolyon. Na mais louca das crises, na mais forte das drogas, ela sabia que nunca poderia machucá-lo. Sra. Holt, Mabel - bem, talvez. In extremis. Mas nunca, nunca Jolyon.

O Dr. Shepherd e Sarah foram para a porta. Eles ficaram lá conversando.

- Posso acompanhá-lo até a estação depois de minha ronda aqui. Tenho certeza de que você não desejará ir sozinho. '

- Isso é muito gentil de sua parte. Agradeço seu tempo, Dr. Shepherd.

'De modo nenhum. E você pode desejar algum apoio quando eles o questionarem. Os inspetores podem ser pessoas pegajosas. Eles podem ficar um pouco ásperos quando

eles perguntam onde você esteve todo esse tempo. '

'É uma pergunta válida. Eu só posso culpar a mim mesmo. ' Sarah deslizou um dedo sob o colarinho. Algo cintilou ali.

'Compreensível, considerando.'

- Espero que a trate bem, doutor. Enquanto você puder. Eu sei que ela fez coisas terríveis, mas. . . Não gosto de pensar que ela está sofrendo desnecessariamente. '

Diamonds. Havia diamantes na garganta de Sarah.

'Eu farei o meu melhor. Não posso responder por Broadmoor, ou Newgate, ou aonde quer que eles a enviem em seguida.

Sarah se virou para chamar para a sala. - Adeus, Sra. Bainbridge. Deus lhe conceda algum descanso. Oro para que com o tempo você compreenda o que fiz. Não posso manter meu silêncio para sempre. Eu devo estar livre. ' Ela suspirou. - Você não vai, pelo menos, acenar para mim, minha querida?

Mas Elsie não estava olhando para Sarah. Seus olhos estavam focados no espelho e nas duas figuras refletidas na porta.

Tudo foi revertido. O vestido verde-arsênico, a azáfama, o chapéu. No entanto, o rosto que espiava por baixo da aba não era uma imagem espelhada de Sarah. O nariz era mais curto, as bochechas mais cheias.

O cabelo ruivo dourado substituiu a pilha de cachos de rato de Sarah. Não se parecia em nada com Sarah. Parecia com-

- Bem, adeus, Sra. Bainbridge. Obrigado por tudo o que você fez por mim. '

Ao se virar e fechar a porta, Elsie se lembra de onde vira aquele rosto antes.

Hetta.

Reconhecimentos

Existem muitos 'companheiros silenciosos' escondidos atrás do meu nome na capa deste livro. Gostaria de aproveitar esta oportunidade para estender meus sinceros agradecimentos a todos eles.

Juliet Mushens, minha maravilhosa agente, a quem o livro é dedicado. Você acreditou na minha ideia desde o início. Eu nunca poderia ter chegado tão longe sem seu conselho e encorajamento. Obrigado, obrigado, obrigado.

A equipe da Raven Books, particularmente meus editores Alison Hennessey e Imogen Denny. Vocês são as pessoas mais inteligentes e amáveis com quem eu poderia esperar trabalhar. Seu

entusiasmo pela história me manteve à deriva e tornou a experiência da publicação uma delícia. Para David Mann - aquela capa! Sempre serei grato por você ter embalado minha escrita de forma tão bonita.

Meus agradecimentos a Hannah Renowden por me alertar sobre a existência dessas assustadoras figuras de madeira e por fazer minha mente rolar. Leitores iniciais Anna Drizen, Laura Terry, Sarah Hiorns e Jonathan Clark - seu feedback foi inestimável.

Estou em dívida com Mimi Matthews e Past Mastery pelos blogs abrangentes que ajudaram em minha pesquisa mais ampla. Também à equipe da Harris & Hoole, Colchester, por me manter com cafeína todos os dias!

Por último, e mais importante, meu marido Kevin. Você ajudou com pontos de virada, brainstormed idéias e me apoiou em vários colapsos relacionados a livros . Eu te amo com todo o meu coração.

Uma nota sobre o autor

Laura Purcell é uma ex-livreira, ela mora em Colchester com seu marido e porquinhos-da-índia de estimação. Seu segundo romance para a Bloomsbury, o chiller gótico ***The Corset*** , será publicado em 2018.

laurapurcell.com
[@spookypurcell](https://twitter.com/spookypurcell)

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha 2017

Esta edição eletrônica publicada em 2017 pela Bloomsbury Publishing Plc

© Laura Purcell, 2017

Laura Purcell fez valer seus direitos sob a Lei de Direitos Autorais, Projetos e Patentes, 1988, para ser identificado como Autor deste trabalho.

Esta é uma obra de ficção. Nomes e personagens são produtos da imaginação do autor e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

O direito moral do autor foi afirmado

Todos os direitos reservados. Você não pode copiar, distribuir, transmitir, reproduzir ou disponibilizar esta publicação (ou qualquer parte dela) em qualquer forma ou por qualquer meio (incluindo, sem limitação, eletrônico, digital, óptico, mecânico, fotocópia, impressão, gravação ou outro), sem a permissão prévia por escrito do editor. Qualquer pessoa que praticar qualquer ato não autorizado em relação a esta publicação pode estar sujeita a processo criminal e ações civis por danos

Bloomsbury Publishing Plc
50 Bedford Square
Londres
WC1B 3DP

www.bloomsbury.com

Bloomsbury é uma marca comercial da Bloomsbury Publishing Plc

Bloomsbury Publishing, Londres, Oxford, Nova York, Nova Delhi e Sydney

Um registro de catálogo CIP para este livro está disponível na Biblioteca Britânica

ISBN 978 1 4088 8810 0
eISBN 978 1 4088 8811
7

Para saber mais sobre nossos autores e livros, visite www.bloomsbury.com. Aqui você encontrará trechos, entrevistas com autores, detalhes de eventos futuros e a opção de se inscrever em nossos [boletins informativos](#).